

Universidade do Estado de Minas Gerais  
Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana  
Faculdade de Educação

PRISCILA LIMA E SILVA

**PERCURSOS LINGUAGEIROS NOS PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS  
DE LETRAMENTO DE JOVENS POETAS PARTICIPANTES DO SLAM  
INTERESCOLAR**

Belo Horizonte  
2019

PRISCILA LIMA E SILVA

**PERCURSOS LINGUAGEIROS NOS PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS  
DE LETRAMENTO DE JOVENS POETAS PARTICIPANTES DO SLAM  
INTERESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação stricto sensu Mestrado em Educação e Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Culturas, Memórias e Linguagens em Processos Educativos.

Orientadora: Profa. Dra. Cirlene Cristina de Sousa

Coorientadora: Profa. Dra. Andréa Lourdes Ribeiro

Belo Horizonte  
2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**FICHA CATALOGRÁFICA**

S586p Silva, Priscila Lima e.

Percurso linguageiros nos processos e experiências de letramento de jovens participantes do slam interescolar [manuscrito] / Priscila Lima e Silva. - 2019.

205 f. il. color.

Orientadora: Cirlene Cristina de Sousa

Dissertação (mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em Educação e Formação Humana. Universidade do Estado de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Referências: 200-205.

1. Slam interescolar. 2. Letramento social. 3. Escrita poética. 4. Culturas juvenis. 5. Linguagem. I. Sousa, Cirlene Cristina de. II. Universidade do Estado de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

Ficha catalográfica: elaborada pelo Bibliotecário Daniel Henrique da Silva CRB-6/3422

# **Percursos linguageiros nos processos e experiências de letramento de jovens participantes do *slam interescolar***

Priscila Lima e Silva

Dissertação defendida em 29 de abril de 2019 e aprovada pela banca examinadora constituída pelas professoras e professores:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirlene Cristina de Sousa – Orientadora  
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Lourdes Ribeiro – Coorientadora  
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Batista dos Reis  
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. José de Sousa Miguel Lopes  
Universidade do Estado de Minas Gerais

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Licínia Maria Corrêa  
Universidade Federal de Minas Gerais (Suplente)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Welessandra Aparecida Benfica  
Universidade do Estado de Minas Gerais (Suplente)

*Vou mostrando como sou  
E vou sendo como posso,  
Jogando meu corpo no mundo,  
Andando por todos os cantos  
E pela lei natural dos encontros  
Eu deixo e recebo um tanto.*

*(L. Galvão e M. Moreira)*

*Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.*

*(Guimarães Rosa)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Cirlene e à professora Andréa, que ao longo dessa caminhada me fizeram ver por outros olhares e horizontes as artimanhas do pesquisar e por terem acreditado no meu trabalho e na relevância desta pesquisa.

Aos colaboradores de pesquisa, Luiza, Ivan, Karol e Lucas que escreveram e sentiram juntamente comigo algumas das experiências que materializei em palavras nas próximas páginas.

Aos meus pais pela vida e oportunidade de escrever tão gratas linhas.

À FAPEMIG pela bolsa de mestrado, que oportunizou maior dedicação ao trabalho.

Aos grandes amigos que fiz nessa jornada, Glau e Paulo. Amigos, obrigada pelas longas conversas, sugestões e conselhos, vocês são para toda vida.

Agradeço a minha companheira, Ana Cláudia pelo incondicional apoio e compreensão no decurso desses anos de estudo. Você é a "menina que me ensinou quase tudo que eu sei" e ao seu lado é onde permaneço vivendo "presa por vontade".

## RESUMO

Esta dissertação busca compreender as experiências com a linguagem de jovens poetas participantes do movimento literário cultural *slam interescolar* – um projeto educacional que realizou oficinas de escrita criativa e competições de poesias faladas entre estudantes da rede pública de ensino da cidade de Belo Horizonte -, percebendo como esses jovens utilizam e dão sentido a sua relação com a linguagem. O estudo enfocou campos de possibilidade entre a arte literária, os processos de letramento sociais e as culturas juvenis. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir das sociologias da experiência (DUBET) e do cotidiano (PAIS), perspectivas que permitiram compreender os singulares processos de socialização de três jovens poetas por meio de suas diversificadas experiências cotidianas com práticas e eventos de letramento. A metodologia também foi composta por entrevistas, as quais denominei de “conversas biográficas” e de observações nos eventos culturais do *slam*. Foram realizadas três entrevistas com jovens poetas com idades entre 15 e 18 anos, assim como uma entrevista de caráter documental com o idealizador do projeto. Além das narrativas geradas nas entrevistas, as poesias dos jovens também figuram como corpus da pesquisa de campo, que foi realizada no segundo semestre de 2018. A análise revelou diferentes percursos languageiros, onde notamos que os encontros e as dinâmicas socializadoras em diversos espaços e instituições, foram trazendo distintas experiências e processos formativos de letramento. Processos esses que permitiram aos jovens pesquisados, colocarem-se como autores de sua própria história ao ressignificarem os usos da linguagem, no sentido de que foram conhecendo outras visões de mundo, reconhecendo a si mesmos, (re)criando pertencimentos identitários, guiando conflitos, gestando modos de representação, sensibilidades, subjetividades e sociabilidades, aperfeiçoando técnicas de escrita, articulando e mobilizando ações por meio da poesia. Nesse cenário, notamos que os/as jovens narraram uma ampliação da relação com a linguagem por meio da arte, da escrita criativa e dos movimentos culturais.

**Palavras-chave:** slam interescolar, letramento social, escrita poética, culturas juvenis, linguagem.

## ABSTRACT

This dissertation seeks to understand the language experiences of young poets participating in the *inter-school poetry slam* cultural literary movement - an educational project which organizes creative writing workshops and competitions of spoken poetry among students of the public school in the city of Belo Horizonte - realizing how these young people use and give meaning to their relationship with language. The study focused on fields of possibility between literary art, social literacy processes and youth culture. The methodology was based on the sociology of the experience (DUBET) and the sociology of daily life (PAIS), perspectives that allowed to understand the unique socialization processes of three young poets through their diverse daily experiences with practices and literacy events. The methodology was also composed of interviews, which in this work were named as "biographical conversations" and observations in the slam cultural events. Three interviews were conducted with young poets between the ages of 15 and 18, as well as a documentary interview with the founder of the project. In addition to the narratives generated in the interviews, the poetry of the young poets also appears as a corpus of the field research, which was done in the second half of 2018. The analysis revealed different linguistic paths, where we noticed that the meetings and the social dynamics in different spaces and institutions were bringing different experiences and formative processes of literacy. These processes allowed the subjects to put themselves as authors of their own history by re-signifying the uses of language in the sense that they came to know other worldviews, recognizing themselves, (re)-creating identity belongings, guiding conflicts, creating modes of representation, sensibilities, subjectivities and sociabilities, perfecting writing techniques, and articulating and mobilizing actions through poetry. In this scenario, we noticed that the young people narrated the growth of the relationship with language through art, creative writing and cultural movements.

**Keywords:** *inter-school poetry slam*, social literacy, poetic writing, youth culture, language.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – O <i>slam interescolar</i> .....	24
FIGURA 2 – <i>slam clube da luta</i> .....	45
FIGURA 3 – teatro <i>espanca!</i> .....	46
FIGURA 4 - Evento <i>slam interescolar</i> no Facebook.....	49
FIGURA 5 – Cartaz de divulgação <i>slam interescolar 2017</i> .....	75
FIGURA 6 – Poema ~Evans .....	128

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS DAS DISSERTAÇÕES QUE SE APROXIMAM DESTA .....	29
QUADRO 2 – OBJETIVOS DO PROJETO SLAM INTERESCOLAR .....	77
QUADRO 3 – OS CINCO MOMENTOS DO SLAM INTERESCOLAR .....	78

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 Delineando a pesquisa: tecendo as tramas, urdindo os fios .....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo 2 Trajetos metodológicos: os modos de se pensar e fazer o pesquisar .....</b>	<b>34</b>
2.1 Pelos itinerários e horizontes da sociologia.....	34
2.1.1 <i>Sociologia da experiência</i> .....	37
2.1.2 <i>Sociologia do cotidiano</i> .....	39
2.2 Perspectivas da pesquisa: encontrando e colhendo experiências .....	42
2.2.1 <i>Primeiro momento: aproximando de lugares, contextos, pessoas e poesias</i> .....	45
2.2.2 <i>Segundo momento: traçando perfis e maneiras de escuta</i> .....	50
2.3 Interpretando experiências e sensibilidades artísticas .....	54
<b>Capítulo 3 Culturas no plural: a juventude e as práticas culturais e literárias .....</b>	<b>57</b>
3.1 Colocando um S na cultura .....	57
3.2 Culturas e Identidades Juvenis .....	62
3.3 Contextualizando o <i>slam</i> : as raízes e os ecos .....	66
3.4 O <i>slam</i> interescolar 2017 .....	73
<b>Capítulo 4 Entre as curvas da linguagem: trajeto pelas perspectivas dos letramentos ...</b>	<b>82</b>
4.1 Por que novas pedagogias e letramentos no espaço escolar? Os novos sujeitos dizem.. ..	82
4.2 A perspectiva social e ideológica da linguagem .....	87
4.3 O olhar dos letramentos sociais .....	90
4.4 As diferentes facetas dos letramentos .....	94
<b>Capítulo 5 As experiências e os processos languageiros .....</b>	<b>99</b>
5.1 Ivan: nos trilhos da música, da fé, da rádio e dos versos no improviso .....	103
Primeiras lembranças com as palavras: entre o <i>rap</i> , a família e a igreja .....	107
Quando a escrita renasce .....	112
“ <i>Quero entender o que tô fazendo</i> ”: construindo sentidos e formas para a escrita .....	121
Perspectivas de futuro: entre parcerias e as linguagens tecnológicas.....	127
5.2 Karol: resistindo às adversidades pelos trânsitos entre as letras e o ativismo poético .....	131
Andanças iniciais: leitura e escrita como arte terapia .....	132
A escrita na vida e na escola .....	139
Os encontros e aproximações identitários pela linguagem artística .....	146
As inspirações e temáticas poéticas.....	149
Caminhos e escolhas nas trilhas do ser poeta e do ser ativista .....	157
5.3 Luiza: descobrindo pertencimentos pelas palavras: o reconhecimento de si e da poesia ..	164
O que marcou os primeiros trânsitos? .....	165
O andar das inspirações languageiras .....	168
Mundos que se abriram: o reconhecimento de si .....	176
Ativista pelas palavras.....	186

**CONSIDERAÇÕES:** Terreno do temporário, distante de um fim, almejando porvires ..... 194

**REFERÊNCIAS**..... 200

## Introdução

Os caminhos da literatura, das narrativas e das palavras me trouxeram a esta pesquisa e teceram meus percursos ao desejo de ser uma educadora: “o sujeito se constitui pela linguagem” (LARROSA, 2004). As histórias que vivi, as que ouvi e as histórias que contei se relacionam com tantas outras que, em um contínuo movimento de intertextualidade, me conduzem a outras tantas histórias, sujeitos e suas interpretações sobre a vida. Por isso, não tenho dúvidas de que o encontro com o tema de pesquisa é um encontro autobiográfico, que foi e vai sendo arquitetado em meio às vivências. Nessas andanças, os momentos em que a semente do conhecimento melhor floresceu em mim foram aqueles que passei juntando as palavras e (re)construindo os sentidos.

Redemocratizada<sup>1</sup> pelas novas tecnologias nos últimos anos, a linguagem – seus usos e formas – tem acentuado seu processo evolutivo, adequando-se às necessidades de tempos e contextos. Vivemos momentos em que cada vez mais as relações sociais demandam habilidades de comunicação. Talvez ainda mais imprescindível que se comunicar, seja saber escutar e interpretar o que o outro quer comunicar. Sendo assim, mesmo que de maneiras diferentes ao longo do tempo, a linguagem, na qualidade de sofisticado instrumento de interação, atua para as metamorfoses sociais, emancipa construções culturais, protagoniza disputas políticas, educa, aliena, permite a experimentação de novas estéticas e dentre tantas outras inúmeras possibilidades de uso, movimenta vidas, cria mundos e ressignifica histórias.

De Capitu<sup>2</sup> à Pociá Vicêncio<sup>3</sup>, de Chico Science<sup>4</sup> à Chico Buarque<sup>5</sup>, do modernismo à literatura contemporânea, a identificação com a linguagem literária tornou-se mais estreita a partir do encontro com as artes e poesias de resistência<sup>6</sup>. Em meio a essas obras desenvolvi criticidade para reinterpretar fatos de minhas experiências e vivências como mulher:

*Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,*

<sup>1</sup> Abordamos aqui a redemocratização tomando os devidos cuidados, pois sabemos que o acesso não é o mesmo para todos.

<sup>2</sup> Personagem do livro “Dom Casmurro”, escrito pelo autor brasileiro Machado de Assis em 1899.

<sup>3</sup> Personagem do livro “Ponciá Vicêncio”, escrito pela autora brasileira Conceição Evaristo em 2003.

<sup>4</sup> Foi um cantor e compositor pernambucano, um dos principais colaboradores do movimento manguebeat.

<sup>5</sup> É um músico, dramaturgo, escritor e ator brasileiro.

<sup>6</sup> Poesia de resistência vai ser tratada ao longo do trabalho como uma vertente poética que pauta e discute o mundo em que vivemos por um olhar distinto do que está posto como norma e que perpassa diálogos entre as diferenças e contextos socioculturais.

*rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.*

*(Conceição Evaristo, Poemas da recordação e outros movimentos)*

Nas últimas décadas, a arte das palavras tem ancorado diversas práticas culturais de participação juvenil. Os saraus, os *slams* e as batalhas de poesia destacam-se como movimentos literários que se firmaram enquanto espaços de construção, socialização e representação de visões de mundo. Nesse cenário, o *poetry slam* ou simplesmente *slam* é elemento importante nas reflexões desse texto e preliminarmente pode ser definido como um campeonato de poesia em que jovens se reúnem para declamar e escutar versos poéticos. O *slam* nasceu em Chicago por iniciativa do operário e poeta Mark Kelly Smith e já faz parte da cultura brasileira desde 2008, quando a poeta, atriz e apresentadora Roberta Estrela D'alva trouxe a prática cultural para a cena da literatura marginal<sup>7</sup> do país. D'alva caracteriza o *slam* como um lugar em que as questões sociais e culturais são abordadas por meio da poesia falada (D'ALVA, 2014). O também chamado “esporte da palavra” já abarca mais de 80 comunidades de *slam* pelo Brasil e a prática consolidou-se também na modalidade escolar.

O *slam interescolar*, uma das vertentes dessa prática literária e cultural, foi um projeto educacional que promoveu competições de poesia falada entre alunos/as da rede pública de ensino de Belo Horizonte. Além das competições poéticas entre os/as estudantes, a iniciativa também abarcou oficinas de escrita criativa e momentos de reflexão e discussão sobre temáticas da juventude. Esse projeto, visando tornar-se um espaço de formação crítica e reflexiva para os/as alunos/as, proporcionou o desenvolvimento da escrita, da leitura literária e do debate democrático. É nesse contexto que iniciei a busca pelos/as jovens colaboradores da pesquisa.

O estudo pretendeu compreender a relação que os/as jovens alunos/as, participantes do projeto *slam interescolar* no ano de 2017, estabelecem com palavras e poesias. Isso porque, ao participarem desse movimento cultural, os/as jovens criaram vínculos com a escrita de poemas, com a recitação e com a escuta de textos poéticos. De olho nesses trânsitos, fiquei pensando... Quais os usos que esses/as jovens poetas realizam e desenvolvem com e por meio da

---

<sup>7</sup> Diferentemente da literatura marginal dos anos 70, onde os autores – dentre os quais figuraram Ana Cristina César, Paulo Leminski e Torquato Neto - utilizavam a literatura como forma de resistência a ditadura militar, a literatura marginal ao longo do trabalho referida diz respeito aos autores e obras que retratam uma vivência na periferia e que teve seu estopim com o lançamento do livro *Capão Pecado* do escritor Ferréz em 2000 e também com os saraus idealizados inicialmente pelo poeta Sérgio Vaz, em São Paulo e vem se expandindo cada vez mais nos dias atuais, com os *slams* e os movimentos independentes de publicação e divulgação das obras.

linguagem? Como significam sua relação com a linguagem? O que escrevem nas linhas do caderno ou no bloco de notas do *smartphone*?

Nessa busca por singulares e multifacetados modos juvenis de vivenciar e experienciar o mundo pelo viés da experiência (DUBET, 2014) e do cotidiano (PAIS, 2009), encontrei, no contexto do *slam interescolar*, o motor da pesquisa: os/as alunos poetas e suas experiências, seus escritos e reflexividades sobre o escrever. No âmbito contemporâneo, as transformações sócio históricas e culturais, as tensões advindas destas e o crescente processo de subjetivação dos indivíduos colocam novos desafios para a pesquisa social e educacional (MELUCCI, 2005; MARTUCCELLI, 2006), uma vez que essas intensas reviravoltas sociais multiplicaram e tornaram únicas as experiências e as perspectivas de socialização, principalmente da juventude.

Nesse ínterim, ganham especial importância estudos acerca das culturas juvenis, a fim de perceber os sentidos que constroem a partir de suas práticas culturais e compreender as habilidades, sensibilidades e saberes que os/as jovens têm tramado para construir seus percursos, desenvolver subjetividades e intensificar seus vínculos de pertencimento e sociabilidade (SPOSITO, 2000) por intermédio da linguagem. O desejo de aprofundar os conhecimentos sobre as práticas de letramento desses/as jovens têm intrínseca relação com meu interesse e encontro com a arte das palavras, o qual fez-se mais significativo na juventude, quando a literatura se tornou morada basilar para compreensão e formação de minha identidade. Era quase século XXI: 1999. Tinha cerca de oito anos quando as lineares estruturas sociais daquela época começaram a se fazer presentes e a influenciar minha existência, deixando marcas e, na mesma medida, fortalecendo pertencimentos.

Naqueles tempos, demonstrava estima por brincadeiras e objetos atribuídos aos meninos. São ainda frescos na memória momentos de insistência para jogar futebol no lugar das entediadas aulas de balé. Lembro que essa fase foi marcada por instantes de confusão, reforçados pelas crianças mais velhas, que se referiam a mim como “hominho”. Por alguma atração cósmica, identificava-me com os colegas que pareciam ter “desvios” semelhantes aos meus. Infelizmente, ainda não tínhamos maturidade para partilhar e tentar entender porque éramos vistos como “diferentes”.

Entre os onze e doze anos me esforçava em esconder ou disfarçar meus sentimentos e o orgulho nos livros e personagens pareceram ser a defesa mais acolhedora naquele momento. Sempre me dei bem com os livros, o coração disparava de ansiedade quando chegava o dia de trocar por outro. Sentia o cheiro dos livros. Eram companhia. Dormia com eles ao lado. Nessa

época, em peregrinações pela biblioteca descobri a série de livros *Vaga-lume*<sup>8</sup>. Desde então, buscava sempre aqueles títulos que intrigavam e que, de certa forma, estabeleciam relação com os conflitos que me afligiam. Rodeada pelos “vaga-lumes” abriam-se para mim as luzes das palavras, mas ainda se mantinha ininteligível a compreensão de aspectos que influenciariam quem eu era e, conseqüentemente, quem eu iria me tornar, no eterno rasgar-se e remendar-se de que nos fala Guimarães Rosa.

Aos treze, envolta por sensações de curiosidade e angústia, em uma tarde qualquer me coloquei frente a contos literários que versavam sobre o amor entre meninas. Foi ali que percebi que as histórias daquelas meninas se aproximavam da minha e tinham como temática os mesmos conflitos, experiências e expectativas. O encontro e a partilha de sentimentos que se pareciam com os meus criaram um novo mundo que era acolhedor e, ao mesmo tempo, reflexivo e de fundamental relevância para a constituição e compreensão de minha identidade homossexual. A possibilidade de interação foi primordial. Mantive contato e amizade tanto com as escritoras quanto com outras leitoras, já que as narrativas eram postadas *online* em comunidades da rede social *Orkut*. Durante anos minhas leituras fizeram morada nesses contos.

Essas ligações com as palavras me guiaram ao curso de Letras na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e fizeram-me compreender a importância da linguagem e da arte literária como um laço para a construção de identidades, desenvolvimento da criticidade e a pautar oportunidades para problematizar e refletir sobre as questões contemporâneas. Durante a graduação, entre os autores, escolas literárias, correntes críticas e contextos históricos, tive a singular oportunidade de ingressar no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID). No PIBID aprofundi leituras sobre o ensino da linguagem e expandi conhecimentos acerca do planejamento, elaboração e execução de atividades voltadas ao estímulo e desenvolvimento da escrita dos alunos do ensino fundamental e médio. Posteriormente, comecei a trabalhar com correção de redações para concursos, aproximando-me ainda mais da prática escrita. Tais experiências influenciaram e estreitaram minhas relações com os processos de escrita, com a escola e com os jovens.

Destarte, observei que nos últimos anos a cidade de Belo Horizonte tem sido palco de diversas intervenções culturais que, em sua maioria, se atrelam a cultura de rua, dentre eles os duelos de *mc's*, os shows de *hip-hop* e *funk*, o *graffiti*, os saraus e *slams* de poesia. Inclusive, os múltiplos eventos em torno da chamada poesia marginal mineira desencadearam a criação

---

<sup>8</sup> A série Vaga-Lume foi lançada pela Editora Ática na virada de 1972 para 1973, e é composta de romances voltados ao público infanto-juvenil. Informação disponível em: <<https://homoliteratus.com/17-curiosidades-sobre-a-colecao-vaga-lume/>>.

de um Circuito Metropolitano de Saraus<sup>9</sup> que, por meio de uma página *online*, conecta os frequentadores, informando quando e onde os eventos poéticos irão acontecer. Esses movimentos mobilizados pela juventude vêm chamando a atenção dos atores e espaços educacionais para a necessidade de se compreender o/a jovem aluno/a como um sujeito que carrega experiências socioculturais. E que é, além disso, um articulador de práticas culturais, sociais e de aprendizagens e conhecimentos arquitetados nos entrecruzamentos dos fluídos e plurais modos de ser e criar das diferentes culturas juvenis (DAYRELL, 1996).

Pelo percurso, aproximei-me do *slam interescolar*, um movimento cultural ancorado na escuta e partilha de subjetividades pela poesia e mergulhei em uma proposta investigativa sobre a experiência de jovens poetas com as palavras. O ponto central da pesquisa foi perceber como os diálogos e a interação pela linguagem acontecem dentro e fora do *slam* e como essa dinâmica pode modificar o modo como esses/as jovens poetas utilizam e interagem por intermédio da linguagem. Será que quando ligadas a atividades culturais como o *slam* as práticas de leitura e escrita podem ser recriadas? Isso nos levou a refletir sobre as dimensões socioculturais dos letramentos<sup>10</sup>.

Ao vivermos tempos em que a literatura é colocada na berlinda, estar “atento e forte” para questionar e intervir contra o avanço de retrocessos educacionais torna-se um compromisso. Isso porque nos últimos meses de 2018, alguns livros foram censurados em instituições escolares, como a obra *Meninos sem pátria*, do autor Luiz Puntel, que foi acusado de propagar “ideologia comunista”. Escrito em 1981, o título narra as idas e vindas de uma família de exilados brasileiros durante a ditadura militar. Esse avanço de uma onda conservadora relacionada ao âmbito educativo no país está associado ao “Escola sem partido”<sup>11</sup>, um projeto de lei que pretende fiscalizar a conduta do professor e deixa entender, em suas entrelinhas, a coibição nas salas de aula de discussões de temas como política, sexualidade e gênero, assuntos com os quais os/as jovens lidam em seu dia a dia.

---

<sup>9</sup> Endereço eletrônico do Circuito Metropolitano de Saraus de Belo Horizonte e região metropolitana: <https://www.facebook.com/Circuito-Metropolitano-de-Saraus-755345657976611/>

<sup>10</sup> O termo letramento é aqui compreendido na perspectiva de autores como Magda Soares, Ângela Kleiman e Brian Street, quando as questões sociais e culturais influem no modo como os sujeitos se apoderam dos letramentos, como aprofundaremos no capítulo 4.

<sup>11</sup> O Movimento Escola sem Partido surgiu em 2004, através da iniciativa do então procurador do Estado de São Paulo, Miguel Nagib. O procurador entende que muitos professores sob o pretexto de despertar a consciência crítica dos estudantes acabam deixando o processo educativo de lado em prol da disseminação de propaganda partidária e de ideais de esquerda. Em linhas gerais, o movimento reivindica a imparcialidade e a objetividade do professor em sala de aula alegando que, caso contrário, será negado ao aluno o acesso a outras explicações e abordagens alternativas para os fenômenos estudados. Atualmente, o projeto tem mais 147 propostas tramitando em diversos estados brasileiros, tendo sido aprovado, até então, em 17 cidades brasileiras. Informações disponíveis em: < <https://www.infoescola.com/educacao/escola-sem-partido/> > Acesso em 20/03/19.

Nesse contexto, professores articularam o movimento “Escola sem mordação”<sup>12</sup> que surgiu em resposta ao anterior, em defesa da liberdade de expressão de professores/as e alunos/as nas escolas. Alinhada a essas questões acredito na luta por uma escola livre para promover debates sempre pautados na pluralidade de ideias, prerrogativa fundamental para os espaços de construção do conhecimento em países democráticos. Preservada nos livros, penso a literatura como a arte que convida a ver a vida por outras lentes, a arte que vai sempre dizer de uma visão de mundo, a arte que possibilita inventivas maneiras de trocar conhecimento, refletir ou aprender a interpretar a realidade por outros caminhos.

Sendo assim, as análises revelaram que as tramas e curvas pelas quais passaram os/as jovens pesquisados foram se agenciando em meio aos multipertencimentos (VELHO, 2006) da juventude, que nesta pesquisa foram percebidos a partir das narrativas que três jovens poetas rememoraram e contaram pelo caminho de *transformação* que empreenderam pela linguagem poética. Nesses trânsitos, percebemos os processos formativos dos/as jovens, as vivências da linguagem e da poesia, os modos e meios pelos quais os/as jovens usam a linguagem e as temáticas que emergem dos versos. Por entre as vivências, percepções, sensibilidades, representações, impressões e perspectivas que surgiram e se entrecruzaram nos cotidianos dos/as jovens pesquisados, aprendi nas experiências como os/as jovens poetas vão construindo os significados e sentidos de suas atuações no social pela linguagem. A relação afetiva desses/as jovens com o movimento literário e cultural desenharam formas de aproximar os/as jovens da escrita, quando estes descobrem na arte possibilidades de aprender a se expressar, ver o mundo por outras lógicas e se vincular a linguagem poética como um recanto de aprendizagens, resistência às adversidades e participação política.

Experimentando as palavras, seus pertencimentos, deslocamentos e alongamentos de sentido compartilho com você, caro leitor, minha dissertação de mestrado. Essas linhas não teci sozinha. Foram tecidas em muitos lugares e sob influência de muitas pessoas, entre encontros e trocas, entre curvas e marchas ré, entre gargalhadas e noites sem dormir. Aprendi que a escrita tem seu tempo, não adianta apressar-se. Deixei algumas palavras pelos corredores da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), acrescentei outras no mirante da rua Cobre

---

<sup>12</sup> A Frente Nacional Escola Sem Mordação foi uma iniciativa deliberada em Brasília-DF, em junho de 2016. Nesta ocasião, várias entidades e movimentos sociais presentes a um dos painéis refletiram sobre o violento ataque à liberdade de expressão e à educação de qualidade promovida por setores retrógrados da sociedade civil, por meio do Movimento Escola Sem Partido e outras agremiações da direita organizada. Foi proposto, então, que se criasse uma ampla frente, a ser composta por todos os tipos de entidades que se propusessem a debater e se mobilizar contra a aprovação dos Projetos de Lei Escola Sem Partido então existentes no Congresso Nacional, nas assembleias legislativas estaduais, nos municípios etc. Informações disponíveis em: <<http://escolasemmordaca.org.br/>> Acesso em 20/03/19

ou sentada nalguma sombra na Praça do Papa, inverti tantas outras palavras de lugar na sala de casa com uma xícara de café e um pãozinho de queijo lá da casa de mãe. Substituí e troquei palavras de lugar. Teve dias em que elas não vieram e páginas continuaram em branco. Perdi algumas tantas na preocupação cotidiana. Rabisquei, revisei e reescrevi trechos. Pesquisei centenas de sinônimos. Esbocei parágrafos inteiros mentalmente e que pela mente ficaram. Desfiz-me de significados.

Agora, num dessorsegado movimento e parafraseando Conceição Evaristo, convido o nobre leitor, a conhecer e refletir a partir de minhas “escrivivências”, que assim arranjei: no capítulo 1 narro a história de vida da pesquisa, contando os caminhos que trilhei para chegar ao objeto de investigação. No capítulo 2 traço as perspectivas metodológicas do estudo, revelando os modos de se pensar e fazer este trabalho. No capítulo 3 detalho os conceitos de culturas e culturas juvenis que guiam a proposta de pesquisa, momento em que também detalho as raízes e os ecos da cultura literária do *poetry slam*, dedicando especial atenção a contextualização do *Projeto Slam Interescolar 2017*. No capítulo 4 pauto as perspectivas de linguagem e de letramento que guiaram as reflexões, ressaltando também o porquê de novas pedagogias e letramentos nos espaços escolares, a saber a chegada de novos sujeitos e suas demandas. No capítulo 5 trago as descobertas, as pistas e os indícios presentes nas análises, compartilhando distintas e plurais experiências e vivências de jovens poetas com a linguagem. Desejo uma boa leitura por essa aventura languageira que me dispus a trilhar!

## Capítulo 1 Delineando a pesquisa: tecendo as tramas, urdindo os fios

Escrever... Escrever sobre a trajetória de um pesquisar, um percorrer, um transitar, um constante atravessar pelas possibilidades, fazeres e demandas que permeiam uma investigação. Sinto esse exercício de escrita como prazeroso, mas imensamente desafiante. Escrever sobre as paisagens que experimentei. Escrever sobre os companheiros de trajeto. Escrever as descobertas arranjadas nos encontros, nas leituras, nas trocas. Senti que compor as nuances do dissertar, por suas sutilezas, complexidades e capacidade em mobilizar aprendizagens, requer uma engenhosa e sapiente entrega, ora vibrante, ora penosa. Sinto também esse exercício de pesquisa como artesanal, em que as palavras, as reflexões e os sentidos construídos entre colaboradores, pesquisadora e pensadores precisam ser constantemente entrecruzados e entrelaçados. Explorar os melhores escritos. Costurar com esmero os fios e enlaces teóricos. Tramar, engendrar os dados. Envolver-se no ritmo da análise. Enfim, um escrever solitário sobre uma travessia composta por muitas vozes.

Comecei meu trajeto no mestrado com uma trouxinha de algumas poucas palavras. Com a trouxinha sobre os ombros iniciei a travessia rumo as questões que foram delineando-se pelo andar da vida, sem intenção de chegar a um ponto final, sempre optando pelas reticências. Muitas vezes não soube o que escrever, faltaram palavras. Para recomençar ia atrás das paisagens inspiradoras, dos trechos literários preferidos, do cheiro de mato e do verde das folhas, de abraços acolhedores e nostálgicos acordes.

É assim que ao longo das próximas páginas pretendo narrar a caminhada dos últimos dois anos. Essa vivência, como toda dinâmica de pesquisa, foi cercada por escolhas e renúncias, dissonâncias e consonâncias, tombos e reerguidas, tropeços e recomeços. O mês era março, o ano 2017, quando adentrei o prédio da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) para a primeira aula no mestrado, sem nem imaginar o quanto cresceria ali dentro, o quanto teria que me reinventar. Logo nas primeiras aulas prosperou o desejo de conhecer outras correntes de pensamento, as quais já havia esbarrado pela graduação, mas que exigiam um dedicado mergulho em leituras.

Durante os dois primeiros semestres nos debruçávamos em questionar e reconstruir o objeto de pesquisa. Esse movimento em direção ao objeto foi um tanto conflituoso, talvez pela dificuldade em escolher quais caminhos seguir diante da encruzilhada cheia de possibilidades, talvez pela solidão da caminhada, talvez pelo costume, adquirido no curso de Letras, de pesquisar livros, obras ou períodos literários. Tomada por novos e inquietantes conhecimentos, senti necessidade de uma guinada no percurso, cuja temática, até aquele momento, circundava

questões sobre o estímulo e desenvolvimento da prática escrita de alunos por meio da escrita de textos autobiográficos. Não tão distante da proposta inicial, com o mestrado em andamento, decidi rearranjar a rota e considerar os/as jovens poetas da cultura do *slam* e suas relações com a linguagem e com a poesia como tema de pesquisa.

Essa guinada foi tomando forma logo nos primeiros encontros e leituras teóricas proporcionados nas aulas da disciplina *Formação e Educação Humana*, pois versavam sobre um tema importante às ciências sociais e à educação: a superação da modernidade por uma era posterior, que por Zygmunt Bauman (2001) é chamada modernidade líquida, por Néstor Canclini (2008) e Stuart Hall (2004) é chamada pós-modernidade e que por Anthony Giddens (2002) ganhou o codinome modernidade reflexiva, e que figuram dentre tantas denominações que pensadores/as conferiram a esse momento histórico. Concebida por alguns como uma continuação da modernidade, concebida por outros como oposta a ela, o fato é que este período, marcado por constantes metamorfoses socioculturais, foi responsável também por avivar o pensamento crítico e provocar questionamentos que mudaram o modo como os sujeitos veem o mundo e como atuam sobre ele.

Autores como Hall (2004) colocam que a contemporaneidade tem sido um período perpassado por discussões em torno de questionamentos e problematizações dos conhecimentos tidos antes como hegemônicos. Essa época também acentuou significativa conscientização tanto acerca das situações de opressão, quanto acerca da fluidez das identidades culturais e das lutas emancipatórias (HALL, 2004). Consequência advinda dessa criticidade, afloraram importantes movimentos artísticos engajados nas questões sociais e culturais.

Assim, no tempo dedicado às pesquisas e leituras sobre *Metodologia de Pesquisa* fui compreendendo também que as ciências humanas fortificaram suas bases e se consolidaram ao romper e superar o paradigma dominante de racionalidade moderna, que perpetuava a superioridade das chamadas “ciências duras” ou exatas, iniciando uma reinvenção nos moldes de se fazer pesquisa: os sujeitos passaram a ser produto e também produtores da realidade e do conhecimento. Nesse emergente cenário, a concepção de uma cultura única passou a ser questionada e tornou-se insustentável, abrindo espaço para os estudos culturais e os estudos pós-coloniais, os quais me levaram a conhecer autores como Raymond Williams, Hall, Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Boaventura de Sousa Santos.

Os/as autores/as referidos desempenharam escritos que se consolidaram como ponto de partida para uma reinvenção da percepção cultural e valorização dos conhecimentos produzidos a partir de uma outra perspectiva e gramática de mundo, até então ignorada. Por isso, nas últimas décadas se intensificaram a produção de pesquisas que demonstram a legitimidade de se

conceber os sujeitos, os conflitos, as questões e influências do social e as práticas culturais como matéria para a produção de conhecimentos sobre o ser humano e suas relações na sociedade. Esses e tantos outros autores e autoras vêm propondo importantes reflexões por meio de seus dizeres, ao discutirem temáticas que, de certa forma, abordam perspectivas para uma educação pautada na pluralidade de ideias.

Todas essas leituras foram importantes para ampliar minha bagagem teórica e influenciar, ainda que indiretamente, a delimitação do objeto de pesquisa. Em meio a esse universo, ao conhecer o *poetry slam*, um movimento literário de cunho contestador e reivindicatório, considerei relevante um estudo em torno do contexto da cultura dos *slams interescolares*, percebendo as práticas e processos que os/as jovens participantes desenvolvem a partir da linguagem, da arte, da cultura e da literatura. Ao considerar a leitura e a escrita como provocadora de processos identitários, as inquietudes centraram-se em perceber seus modos de representação, sociabilidade, subjetividade e sensibilidade pelo viés do uso da linguagem.

Observando as particularidades e características do movimento literário-cultural do *poetry slam* percebi que para seguir viagem precisaria rearranjar e incluir novos/as companheiros/as na bagagem. Assim, tendo a temática definida, iniciei uma incursão pelos eixos que ancoram a pesquisa e elegi alguns autores/as para visitar de maneira mais atenta, demorada, caprichosa, os/as quais pelo caminho ampararam as reflexões sobre o objeto e alicerçaram a trama do pesquisar. Com a ajuda deles, consegui melhor delinear as rotas que me trouxeram aos alunos/as poetas do *slam* e ao desejo de perceber seus vínculos com palavras e poesias.

Como uma manifestação de teor político e cultural e que se ancora na linguagem, as atividades em torno do *slam* caracterizavam um interessante horizonte de perspectiva para pensar e construir novos caminhos para a abordagem da linguagem e da literatura. Paulo Carrano (2011), renomado estudioso brasileiro das culturas juvenis, classifica a cultura como um campo sensível à expressão de representações, símbolos ou rituais. Enquanto protagonistas de diversas e expressivas manifestações culturais, os jovens elaboram, nesses espaços, diversas e plurais identidades (MARTINS & CARRANO, 2011).

Os jovens criam espaços próprios de socialização que se transformam em territórios culturalmente expressivos e nos quais diferentes identidades são elaboradas. A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes ressignificando-

os a partir de suas práticas específicas. (MARTINS & CARRANO, 2011, p. 44-45)

A cultura dos *slams* pode ser considerada como um desses territórios, por se tratar de um dos modos de sociabilidade ligados à arte da palavra e ao sensível e que, por meio da poesia falada, passeia por ruas, praças, teatros, bares, esquinas e escolas, resgatando vivências culturais que permeiam e singularizam modos de ver e refletir sobre a organização social e cultural. Essas narrativas literárias se desenvolvem intrinsecamente ligadas às vivências dos poetas. Criado na cidade nos Estados Unidos, especificamente na cidade de Chicago em meados dos anos 80, o *poetry slam* chegou ao Brasil pelas mãos de Roberta Estrela D'alva. A poeta, atriz e *slammer* o define como “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento” (D'ALVA, 2014, p. 110).

O meu primeiro contato com o *slam* aconteceu na *internet*. Em 2015, quando ainda fazia Letras em São João del-Rei, a prática se popularizou pelo país. Uma série de vídeos em que apareciam poetas declamando poesias que versavam sobre os mais contemporâneos assuntos começaram a circular pelas redes sociais. Em 2017, já morando em Belo Horizonte, conheci a manifestação poética mais de perto. Durante aquele ano fui em diversas edições do *slam Clube da Luta* e do *slam das Manas*, modalidades do *slam* que acontecem em espaços culturais e públicos da cidade, como o *teatro espanca!*

Nesse evento cultural, me intrigava o modo como os poetas utilizavam as palavras e exploravam seus sentidos. Entre um ano de idas, observações e conversas com participantes da prática cultural, descobri a existência do *slam interescolar*, um projeto cultural permeado pela linguagem literária e que foi idealizado e realizado pelo educador Lucas Oliver nas escolas públicas de Belo Horizonte durante o segundo semestre de 2017. Foi assim que, em uma manhã fria de dezembro, estreitei laços mais intensos com os/as sujeitos que constroem comigo essa pesquisa. Sobre o céu da capital mineira caía uma intensa chuva. Naquela sexta-feira, saí de casa em direção a esse acontecimento poético que me parecia ser uma conquista da arte educação e uma potência para futuras aulas de literatura, escrita e leitura. Fui em busca de escutar e aprender com jovens poetas no Plug Minas<sup>13</sup>, momento em que alunos de escolas

---

<sup>13</sup> O PlugMinas - Centro de Formação e Experimentação Digital é um projeto da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais direcionado aos jovens que estudam ou se formaram na rede pública de ensino fundamental e médio de Belo Horizonte ou Região Metropolitana. Tem como missão construir novas formas de promoção da cidadania juvenil, tendo como alicerce o protagonismo das juventudes e ações educativas inovadoras, atuando em diálogo com o jovem na criação de oportunidades educacionais e de inclusão produtiva, bem como de aprendizagens significativas nos campos da arte, da cultura, das tecnologias digitais e da mobilização social,

públicas da capital mineira e de alguns estados do país disputavam a final do *slam interescolar* 2017. Na oportunidade fiz um registro onde uma das alunas poetas declamava seus versos:

FIGURA 1 – O *slam interescolar*



Fonte: Registro feito pela autora.

Entre versos e rimas, o *slam interescolar* foi o marco desencadeador de inquietações, descobertas e suposições. Em conversas com Lucas Oliver, o educador e idealizador do projeto, fui descobrindo que além de proporcionar a partilha, a troca e a escuta de poesias entre os/as alunos/as, o *slam interescolar* incentivava, a partir de oficinas criativas, o desenvolvimento da escrita. Com duração total de quinze horas em cada instituição escolar, o projeto aconteceu em 10 escolas públicas de BH, entre agosto e dezembro de 2017. Na dinâmica, os/as alunos/as se dedicavam em discutir temáticas contemporâneas, além de escrever e escutar textos poéticos. Ao adentrar os muros da escola e criar oportunidades de fala, escrita e escuta entre os atores sociais, vislumbrei no *slam interescolar* uma possibilidade de revelar o/a jovem aluno/a como um sujeito social que sonha, emite opiniões, pontos de vista, questiona, sugere e compartilha sentimentos, sentidos e significados sobre si, sobre o outro, sobre a escola, sobre o mundo, sobre o ser e o viver.

A cada nova rodada de poesias, os pensamentos iam recuperando involuntariamente perspectivas de pensadores que se dedicam a temática das juventudes e de seus modos de construir sociabilidades, formas de expressão e de articulação cultural. Dentre os pensadores que marcaram essas reflexões, trago para a discussão Juarez Dayrell (1996), autor que busca

---

buscando sinergia com agentes institucionais da esfera e grupos da iniciativa privada e sociedade civil organizada. Informações disponíveis em: <http://www.plugminas.mg.gov.br/>

perceber como jovens desenvolvem e articulam sua vivência sociocultural. Em seus escritos Dayrell coloca que essas vivências não podem ser ignoradas, ao contrário, precisam ser abordadas e incorporadas no processo de ensino e aprendizagem dos jovens, sugerindo que “é necessário levar em conta o aluno como um sujeito sociocultural, quando sua cultura, seus sentimentos, seu corpo, são mediadores no processo de ensino e aprendizagem” (DAYRELL, 1996, p. 157).

Longe de ser uma novidade, a relação entre aprendizagem e contexto sociocultural figuram com maior relevância desde os estudos de Paulo Freire<sup>14</sup>, quando se intensificou a perspectiva de que o conhecimento estabeleça diálogos com o universo cultural daqueles que aprendem e ensinam. Segundo Nonato, Sposito e Dayrell (2016), são nesses momentos que acontecem as relações sociais mais significativas para os/as jovens, oportunidade em que podem refletir, problematizar e interpretar suas experiências de vida, ou seja, são os caminhos do encontro que vão formando o/a jovem como sujeito:

elxs são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. É nesse processo que cada um/a delxs vai se construindo e sendo construídx como sujeito, como ser singular que se apropria do social, transformando-o em representações, aspirações e práticas, que são interpretadas e dão sentido aos seus mundos e às relações que mantêm. (NONATO et al, 2016, p. 255)

Essas relações mais contextualizadas com a realidade, entretanto, ainda não têm se fortalecido de modo dinâmico nos espaços escolares, costurando laços mais profundos nos contatos e interações feitos através dos movimentos culturais. Nessa direção, Marília Sposito (1996) alerta para a inevitabilidade de questionarmos o esvaziamento das experiências culturais oferecidas pela escola. O que faz com que as vivências proporcionadas pelos grupos culturais sejam mais significativas? As constatações de Sposito, Dayrell e Nonato revelam que o reconhecimento e a compreensão dessas práticas culturais podem ser um dos caminhos para a modificação da ação educativa, ressaltando que as culturas juvenis “nas suas diferentes expressões simbólicas, sejam consideradas e levadas em conta como parte integrante do processo formativo, tanto como conteúdo em si quanto incorporadas nas diferentes dinâmicas e técnicas educativas.” (NONATO et al, 2016, p. 259)

---

<sup>14</sup> Paulo Freire foi um premiado educador e escritor pernambucano. Suas ações de alfabetização partiam do pressuposto da conscientização dos alunos a partir de seu universo sociocultural, incentivando-os a agir em favor da própria libertação.

Cultivando liames mais estreitos com a linguagem, em especial, com a linguagem literária, a cultura do *slam* reverbera características estéticas em que o uso da escrita aparece envolto em finalidades de produção cultural e política. Ao participarem dessas atividades, que abarcam a utilização da linguagem em suas múltiplas facetas, esses/as jovens envolvem-se em práticas de letramento. Para pensar a dimensão de letramento no *slam interescolar* e nas experiências dos/as jovens *slammers*, para além da perspectiva de aquisição de habilidades como ler e escrever, considere as constatações de Brian Street (2014), um dos precursores da abordagem do letramento em sua dimensão social e cultural.

O autor propõe pensar as práticas de letramento levando em conta o “comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita” (STREET, 2014, p. 18). Ancorada em Street, tenho ido em busca de perceber como os/as participantes do *slam* utilizam e se relacionam com a linguagem, tomando como ponto de partida as narrativas e as poesias dos/as jovens poetas que participaram dessa manifestação cultural, amparada pela perspectiva de que

o estudo dos significados e usos do letramento nas vidas de pessoas específicas pode oferecer *insights* gerais sobre a organização humana e o processo social; e que os *insights* antropológicos podem contribuir para informar a instrução do letramento e a prática educacional à medida que a sociedade contemporânea se torna cada vez mais diversificada culturalmente. (STREET, 2007, p. 483-484)

Além disso, a emergência de movimentos literários e culturais como o *poetry slam* indica que os estereótipos que rondam a construção social da juventude urgem por uma superação e recriação em direção a construção de perspectivas mais condizentes com as juventudes contemporâneas, as quais há algum tempo já demonstram uma oposição aos clichês comportamentais, culturais e ideológicos a elas atribuídas. José Machado Pais (1990), sociólogo português e um dos expoentes da sociologia da juventude, ressalta que a perspectiva inadequada de que os/as jovens são todos iguais requer uma desafiante desconstrução para a sociologia das juventudes (PAIS, 1990).

A partir desse panorama, pesquisas entrelaçando processos e experiências de letramento e culturas juvenis ganham cada vez mais legitimidade, uma vez que as práticas de letramento que são propostas pela escola, muitas vezes, não levam em consideração novas formas de usar a linguagem que já fazem parte do cotidiano juvenil, perpetuando a ideia de um letramento mais tradicional. Em sua perspectiva tradicional, ou seja, atrelada apenas a ideia de aquisição de uma habilidade, o letramento pouco considera as facetas dos contextos sociais e culturais em que

elas acontecem, podendo torná-las experiências vazias para os/as jovens alunos/as. A esse respeito, Márcia Terra (2013) traz as contribuições de Pahl & Rowsell, os quais explicam que

é possível observar claramente uma grande lacuna entre os modos pelos quais estamos ensinando a leitura e a escrita na escola e o sofisticado conjunto de práticas que os estudantes usam fora da escola. Tratando a linguagem como uma mera habilidade, o currículo escolar aborda, de forma restrita, apenas uma fração mínima de habilidades que os aprendizes necessitam para fazer sentido no mundo atual (...). Quer dizer, a noção de letramento como decodificação e codificação, sem levar em conta os seus contextos de usos, desvirtua a complexa natureza da leitura e da escrita. (PAHL & ROWSELL *apud* TERRA, 2013, p. 35)

Sendo assim, enquanto uma atividade permeada pela linguagem literária e atrelada a um movimento cultural, considerei o contexto do *slam* como um expoente de usos diferenciados da leitura e da escrita. Logo nos primeiros contatos com a prática cultural e com os/as jovens poetas, com os quais mantive contato *online*, vislumbrei aquele contexto como uma alavanca em que os/as jovens revelavam “sinais de identidades que remetem ao sensível, ao corpóreo, à expressividade cultural e estética e às sociabilidades que se originam no cotidiano das relações no seu território” (NONATO et al, 2016, p. 259).

Escutando suas narrativas e experiências, fui percebendo como os participantes se apoderam das práticas de escrita e leitura para compor essa manifestação artístico cultural. Projeto amparado na inter-relação entre arte e educação, o *slam interescolar*, pretendeu estimular os/as jovens alunos/as para a escrita poética, o diálogo e a desenvoltura oral frente ao público. Todos esses atributos foram determinantes para a escolha dos/as participantes do *slam interescolar* como co-construtores da pesquisa. Outro fator relevante para a escolha foi o fato deste projeto ter sido desenvolvido em escolas públicas, com alunos/as do Ensino Médio e se constituir como um importante espaço de socialização e discussão para a juventude.

Dessa forma, a partir das leituras e do contato com os/as jovens poetas, as questões que melhor guiam a investigação podem ser explicitadas da seguinte forma: Como os/as jovens poetas significam sua relação com a escrita? O que contam sobre suas experiências e vivências com a linguagem? Quais são os impactos angariados pelo *slam* na vida desses participantes? O que escrevem em suas poesias? Interessa-me conhecer a produção literária dos/as jovens, bem como os processos e experiências de letramento que foram constituindo o cotidiano desses sujeitos com a linguagem e com a escrita.

Os questionamentos que guiam a pesquisa foram sendo melhor (re)desenhados a partir das reflexões empreendidas no contato com as referências teóricas brevemente reverberadas acima e também a partir de uma incursão pelo estado da arte em torno do tema. Convém

ressaltar, que o levantamento de produções acadêmicas que alçaram voos parecidos com o que esta pesquisa se propõe a delinear é parte do movimento inicial para que possamos alocar esta investigação ao campo epistêmico ao qual ela pertence. Conhecer as produções já estabelecidas foi também importante para perceber as lacunas em torno da temática, bem como traçar os objetivos e lançar um novo olhar sobre o objeto.

A pesquisa pela produção científica contemplou trabalhos em torno do *poetry slam* e em torno dos letramentos em sua relação com movimentos culturais e juvenis. A busca foi realizada na biblioteca eletrônica SciELO e no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre setembro de 2017 e agosto de 2018 e retornou alguns resultados para a pesquisa a partir dos descritores: “letramento social”, “linguagem”, “poetry slam”, “prática cultural”, “escrita literária”, “poesia”. As palavras-chave citadas iam sendo intercaladas e re combinadas ao longo do processo.

Tendo como guia referencial o título, o resumo e as palavras-chave, na plataforma SciELO priorizei buscas sobre artigos em torno do movimento dos *slams*. Essa busca demonstrou que apesar de ter chegado ao cenário literário brasileiro a pouco tempo, o *slam* já vem despertando interesse de alguns pesquisadores/as. Provavelmente devido à recente inserção do movimento dos *slams* no Brasil e nos espaços escolares, foram encontrados quatorze artigos sobre o tema. Contudo, os resultados revelaram uma escassez de pesquisas no campo educativo e que tivessem como enfoque específico a temática aqui delineada.

No banco da Capes, em uma busca mais aprofundada pelos temas, foram encontradas nove pesquisas, sete dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, que estreitam maiores relações teóricas, metodológicas ou temáticas com minha proposta de investigação. Os resultados indicaram trabalhos que se aproximam do contexto do *slam* ou das práticas de letramento em seu envolvimento com movimentos culturais e juvenis, mas nenhum deles se propõe a pesquisar exatamente o objeto que constituí. No quadro 1, detalhei as características das pesquisas que mais se assemelharam e melhor contribuíram para a criação de um novo olhar sobre os temas. Além disso, esse levantamento também colaborou para encontrar espaço para este estudo em meio a produção acadêmica já consolidada:

QUADRO 1 - CARACTERÍSTICAS DAS DISSERTAÇÕES QUE SE APROXIMAM DESTA PROPOSTA

<i>TÍTULO DA DISSERTAÇÃO</i>	<i>AUTOR/ANO</i>	<i>CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA</i>	<i>INFORMAÇÕES DO PPG E ÁREA DE PESQUISA</i>
Letramentos de reexistência culturas e identidades no movimento hip hop	Ana Lúcia Silva Souza - 2009	Analisou em que medida o movimento cultural hip hop poderia ser uma agência de letramentos a partir da narrativa dos sujeitos participantes.	Doutorado em Linguística Aplicada UNICAMP – Língua Materna
A poesia das ruas, nas ruas e estantes: eventos de letramentos e multiletramentos nos saraus literários da periferia de SP	Mariana Assis - 2014	Analisou alguns dos eventos de letramentos e multiletramentos que constituem esses contextos e possibilitam sua atuação estético-política.	Mestrado em Linguística Aplicada UNICAMP - Linguagem e Educação
Poética de cordel como artefato de aquisição de letramento – na voz, no corpo/performance – contextos de oralidade no município de Uauá/BA	Gabriela Santos Barbosa – 2016	Procurou compreender de que modo a poética do cordel afetou a aquisição do letramento, ao promover formação literária/escrita dos poetas cordelistas	Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos UNEB
A PALAVRAÇÃO: Atos político-performáticos no Coletivo Sarau de Periferia e Poetry Slam Clube da Luta	Rogério Meira Coelho - 2017	Realizou uma reflexão centrada na performance dos participantes de movimentos urbanos ligados à poesia oral.	Mestrado em Artes UFMG – Artes da cena
A Palavra é sua! Os jovens e os saraus marginais em Belo Horizonte	Lucas Oliveira Sepúlveda – 2017	Analisou as práticas e os processos educativos presentes em dois saraus que acontecem na capital.	Mestrado em Educação UFMG - Educação, Cultura, Movimentos Sociais e Ações Coletivas
Poesia falada: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar	Camilla Martins de Oliveira - 2017	Levantou os efeitos da poesia falada no espaço escolar, que, através de oficinas com alunos e professores provocam deslocamentos e desvios nos trajetos de escolarização.	Mestrado em Psicologia UFF
POETRY SLAM NA ESCOLA: embate de vozes entre tradição e resistência	Lidiane Viana - 2018	Observou o embate de vozes dentro da escola, e analisou como os jovens se colocam frente as oportunidades, como a atividade do <i>slam</i> , de expressarem sua voz.	Mestrado em Letras UNESP – Linguagens e Letramentos
	Julia Figueiredo	Apreendeu como o movimento dos slams se insere no conceito de Literatura Marginal, tanto pelas questões internas aos discursos,	Mestrado Filosofia USP – Estudos Culturais

Juventude e produção literária: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas	Murta de Araújo - 2018	das poesias faladas e publicadas, como por questões externas ligadas a ações sociais e conjuntas.	
Ensaaios sobre o rap e o <i>slam</i> na São Paulo contemporânea	Daniela Silva de Freitas - 2018	Analisou algumas das transformações ocorridas no período entre 1997 – ano de lançamento do álbum Sobrevivendo no Inferno, do Racionais MC's – e o momento atual, o ano de 2017, no que diz respeito à palavra cantada na cultura hip-hop em São Paulo.	Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade PUC-Rio

Fonte: Elaborado pela autora em dezembro de 2018.

Nesse processo, na medida em que me aproximava de uma prática cultural desenvolvida por jovens, senti necessidade também de aprofundar as leituras por autores/as que se aventuraram pelos estudos sobre as juventudes. Autores/as estes/as que me fizeram ter ainda mais certeza de que a escola pode funcionar como um lugar vivo, como um espaço de criação e ação, onde os/as jovens possam atuar e debater sobre os rumos da sociedade em que vivem, ou seja, a escola precisa se reconectar com o que se passa fora dela.

Marília Sposito (2000), uma dessas autoras, realizou um balanço da produção discente na pós-graduação em Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, no período de 1999 a 2006, revelando as lacunas e possibilidades para investigações futuras. A partir de suas pesquisas, a autora constata que o campo cultural se revela como um cenário de oportunidades de práticas coletivas e de interesses comuns. Sposito reconhece que diante da diversidade de práticas propostas pela juventude, ainda existem muitas que estão pouco visíveis e foram escassamente investigadas - como é o caso da cultura do *slam* – e que, embora essas formas culturais sejam “fluidas, muitas vezes efêmeras, traduzem importante marco de sociabilidade juvenil ainda pouco estudado” (SPOSITO, 2000, p. 80).

Na mesma direção, Almeida (2009), ao elaborar um estado da arte relativo às culturas juvenis na pós-graduação brasileira, destacou que os ambientes escolares ainda se mostram resistentes em considerar outros espaços e tempos em que os/as jovens atuam e exercitam processos de criação e representações culturais e elaboram peculiares modos de socialização. (ALMEIDA, 2009, p. 128). Nesse sentido, qualificamos esse estudo como importante para estabelecer um diálogo e articular-se nos debates já empreendidos por outras pesquisas sobre juventude e letramento, além de auxiliar na construção de pesquisas futuras.

Diante das delimitações expostas, esta dissertação tem como *objetivo geral* compreender como os participantes do projeto *slam interescolar* utilizam a linguagem e quais são os sentidos atribuídos pelos/as jovens a sua experiência com a linguagem. Como *objetivos específicos*, espera-se: a) perceber a trajetória, as experiências e os momentos marcantes dos alunos/as poetas com a linguagem; b) delimitar diferentes experiências languageiras de jovens participantes da cultura do *slam*; c) analisar as poesias dos/as alunos/as poetas, a fim de perceber as temáticas e vivências que afloram dos versos.

Nesse sentido, privilegio uma análise focalizada nos/as poetas participantes do *slam* e suas experiências com a linguagem, por acreditar que a partir desses/as sujeitos é que poderemos compreender as vivências proporcionadas por esse movimento cultural, assim como a trajetória dos/as jovens poetas por processos de letramento. Dessa forma, parto do entendimento de que essas experiências vividas pelos/as alunos/as poetas, ainda que se assemelhem em alguns aspectos, angariaram em suas vidas perspectivas distintas, uma vez que cada ser é único no mundo, assim como suas experiências e memórias.

Sendo assim, o fio condutor da proposta que se apresenta, transita pelos pressupostos da pesquisa qualitativa, apoiando-se em vertentes sociológicas inter-relacionadas e que privilegiam o indivíduo e suas narrativas como caminho para a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, justifico minha escolha pelos/as poetas do *slam interescolar*, os quais escrevem e significam junto comigo essas linhas, analiticamente amparadas nas sociologias da *experiência* e do *cotidiano*.

A primeira, proposta pelo sociólogo francês François Dubet (1994), contempla as duas vias constitutivas dos sujeitos e das sociedades contemporâneas: a socialização e a subjetivação. Isso porque as pautas contemporâneas colocaram em declínio a compreensão da sociedade enquanto uma totalidade homogênea e coesa. Em seu lugar surge uma ideia de sociedade pautada na valorização da subjetividade e da liberdade dos indivíduos. A vertente sociológica guia a investigação acerca das vivências e dos momentos individuais desses jovens com a linguagem, com as rimas e os versos, relacionando e percebendo como essas vivências se (re)constróem e acontecem em meio às lógicas e relações socioculturais, econômicas, políticas, entrelaçadas à subjetividade.

Na *sociologia da vida cotidiana*, o autor português José Machado Pais compreende o cotidiano como uma possibilidade de decifração do social, das rupturas e reinvenções dos modos de viver a juventude, pois “as experiências cotidianas constituem uma fonte de aprendizagem do mundo da vida [...] e podem dar pistas sobre as dinâmicas e processos sociais” (PAIS, LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 311). A sociologia proposta por Pais convida também

a perceber a vida cotidiana para além da ideia de repetição e monotonia, tendo-a como o lugar da criatividade, da invenção, como o lugar do fazer diferente. Pelas rotas do cotidiano pretende-se perceber o modo com que esses/as jovens utilizam a linguagem e escrevem poesias para expressar a reflexão que fazem de suas trajetórias, de suas aprendizagens, memórias e de seus horizontes de ver a vida. O autor português comemora a relevância que tem sido dada “às escolhas biográficas dos jovens, aos processos de individuação e subjetivação” (ibid., p. 305). Nesse sentido, a *sociologia do cotidiano* auxiliou no mapeamento das experiências com a linguagem narradas pelos participantes do *slam*, que florescem no cotidiano, na memória, no trivial e que guardam surpresas e composições poéticas inusitadas e criativas.

Frente a esse cenário, a estratégia metodológica em busca dos dados compôs-se também de entrevistas realizadas tanto com três jovens poetas da cultura do *slam interescolar* com idades entre 15 e 18 anos, quanto com o educador por trás do projeto, Lucas Oliver. Nesse sentido, o *slam* figura como o contexto da pesquisa, a qual teve como *corpus* as narrativas transcritas dos/as participantes dessa prática cultural e suas poesias. Além disso, um documento cedido por Lucas, que detalha e caracteriza o projeto, também constituiu esse *corpus*. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2018, entre julho e dezembro e tiveram cerca de duas horas de duração cada uma. Assim exposto, acredito que arte literária se caracteriza como uma manifestação com potencial humanizador (CÂNDIDO, 2004), e pode proporcionar processos de letramento significativas para os sujeitos e as relações que estabelecem cotidianamente, em um movimento de compreensão do outro, de si e do mundo.

Nesse ínterim, a perspectiva que se desenhou para essa pesquisa, acredita que a produção de conhecimento acerca da maneira como os sujeitos do *slam* se apoderam das práticas de letramento, pode contribuir para aqueles educadores que encontram na arte oportunidades de desenvolver capacidades de interpretação, criatividade, questionamento, bem como de conhecer seus alunos e aproximar o conteúdo e as atividades culturais ao universo contextual destes, criando espaços de diálogo e escuta através da arte. Além disso, penso que a arte ofereça um caminho mais significativo e reflexivo para se alcançar o imaginário, o sensível, a conscientização e a possível transformação das situações de opressão e relações de poder.

Outrossim, espera-se que a pesquisa possa coadjuvar com questões voltadas a qualificação de professores no que diz respeito aos novos estudos sobre o letramento, os quais têm defendido a consideração cultural e identitária dos sujeitos e dos contextos para se refletir acerca das abordagens da linguagem. Outra contribuição da pesquisa é inscrever os sujeitos culturais do *slam* no centro das discussões sobre cultura, escola, juventude e suas maneiras de produzir conhecimentos, saberes e arte a partir de suas vivências, que são exteriorizadas por

meio da escrita, aqui entendida como uma prática social de letramento. A pesquisa também pode contribuir para os estudos da juventude ao propor um diálogo das culturas e práticas juvenis com a cultura escolar.

Diante disso, os movimentos culturais ancorados na arte das palavras, como o *slam*, podem revelar-se como alternativas que os próprios alunos/as têm criado para ressignificar essas práticas, de modo que elas façam sentido e construam oportunidades de conhecimento sobre suas vidas, suas trajetórias, suas angústias e suas experiências. Isso porque, para Larrosa (2004), a linguagem não está relacionada a representação do real, mas sim com a sua construção do real. Por isso é que a vida acontece nas palavras e baseando-se na linguagem para a composição e sustentação das práticas culturais feitas no *slam*, vejo como ainda mais relevante um estudo que busque investigar os modos como esses/as jovens se apoderam dos letramentos e se relacionam com a linguagem. Sendo assim, no capítulo seguinte explico o trajeto metodológico percorrido pela pesquisa, detalhando os modos e meios de se pensar e fazer este estudo.

## Capítulo 2 Trajetos metodológicos: os modos de se pensar e fazer o pesquisar

Nas linhas deste capítulo delinhei as perspectivas metodológicas que nortearam a abordagem do objeto de pesquisa. Em um primeiro momento, dialogo com os itinerários e horizontes sociológicos pelos quais segui para perceber como jovens poetas, inseridos em um movimento literário cultural, se relacionam com a linguagem, com especial atenção aos sentidos e experiências plurais e multifacetadas que se desenvolvem no *slam interescolar*. Em um segundo momento, detalho os modos e meios pelos quais definimos o contexto da pesquisa e como encontramos os sujeitos pesquisados. Além disso, detalho também como criei e analisei os dados.

### 2.1 Pelos itinerários e horizontes da sociologia

As instâncias socializadoras guardam em seu íntimo um princípio educativo, uma vez que são por meio delas que internalizamos, refletimos, desenvolvemos e modificamos modos de ser e viver no mundo. Esses momentos socializadores, no contexto social da chamada pós-modernidade, têm contribuído para a construção de sociedades cada vez mais heterogêneas, fazendo com que a teoria social alerte para o protagonismo que os indivíduos vêm adquirindo nas pesquisas sociais e educacionais e na construção do conhecimento. É por isso que a centralidade desta pesquisa são os sujeitos, as experiências e memórias que carregam consigo. Sujeitos estes que demonstram possuir intrínseca relação com a prática da escrita, por estarem inseridos na cultura do *slam*, uma competição de poesia falada, em que os participantes têm até três minutos para declamarem uma poesia autoral.

Nesse sentido, esta pesquisa parte para uma análise das experiências de participantes inseridos em uma prática cultural socializadora. Isto porque me aproximei de autores como Dubet, Martuccelli e Pais, os quais elaboraram teorias sociológicas mais alinhadas com a realidade contemporânea, partindo da perspectiva da experiência individual em detrimento da ideia clássica de socialização. Com esses autores ganham ascensão discussões sobre novas vertentes na sociologia que vêm transformando o olhar dos pesquisadores no campo da educação e das ciências sociais. Por outro lado, as heranças da sociologia clássica ainda exercem influências que nos aproximam de seus princípios homogêneos e funcionalistas de explicar a tríade sujeito, sociedade e seus vínculos. Entretanto, atrelada ao declínio de sua noção clássica, a sociologia tem avançado para abordagens mais preocupadas em considerar o

indivíduo como ponto de partida para a compreensão do social, trazendo mudanças nas estruturas e teorias sociais no sentido de garantir ao indivíduo novas instâncias analíticas.

O estudioso e sociólogo peruano Martuccelli (2006) entende que essa virada epistemológica está ligada a três fatores. O primeiro deles relaciona-se a ruptura da ideia de homogeneização dos processos socializadores dos indivíduos e de suas experiências, os quais eram analisados levando-se em consideração sua posição social, abordagem que pautava os estudos iniciais de Bourdieu (MARTUCCELLI, 2006, p. 11). A concepção perdeu relevância a partir do crescente processo de globalização, evidenciado principalmente nas escolas, onde alunos/as das classes populares destacavam-se nas aulas e atividades.

O autor peruano explica que o segundo fator determinante para uma mudança das abordagens sociológicas deve-se as novas representações dos atores sociais, advindas de suas relações com os movimentos sociais e com a ascensão tanto da criticidade dos grupos minoritários, quanto da ampliação das formas de subjetivação, obrigando a sociologia a tomar novos rumos para explicar os múltiplos e complexos condicionamentos sociais da contemporaneidade. O terceiro ponto para a crise relaciona-se com a singularização das experiências sociais, em que as trajetórias não são mais lineares, mas sim plurais e heterogêneas, resultado também da consciência crítica, que fizeram com que as identidades sejam constituídas e reconfiguradas a partir de um trabalho reflexivo do sujeito sobre si mesmo. (MARTUCCELLI, 2006, p. 13)

Nesse sentido, os marcos elencados por Martuccelli (2006) foram o estopim para que nascessem aproximações e perspectivas para a construção de microssociologias para se explicar o macrossociológico. A referência inicial dessas abordagens pode ser atribuída aos estudos da Escola de Chicago. Contando com a colaboração de importantes estudiosos das teorias sociais, como Robert Park e George Mead os estudos da Escola de Chicago, iniciaram-se em 1910, com seu estopim entre os anos 60 e 70. As teorias dessa escola guardam em seu cerne importantes e inovadoras contribuições para a consolidação e evolução das abordagens sociológicas a partir de investigações empíricas.

Todos esses fatores pautam constantes metamorfoses nas abordagens sociológicas, que apesar de focalizarem o indivíduo desde as vertentes mais clássicas, são constantemente questionadas e obrigadas a repensar suas metodologias de análise, uma vez que os sujeitos, cada vez mais, afirmam suas vivências sociais como subjetivas. O processo de compreensão, dessa forma, só faz sentido se essas relações são analisadas a partir de abordagens que considerem os modos de constituição dessas subjetividades como fluidos, conflitivos e singulares, maneira

pela qual me propus a analisar os processos de socialização empreendidos pelos poetas do *slam* em suas trajetórias pela linguagem.

Diante disso, Martuccelli (2006) nos convida a pensar e analisar, por meio de uma sociologia reflexiva, o indivíduo e suas relações sociais, culturais e cotidianas. Um dos marcos importantes para a constituição do que o sociólogo chama de *sociologia dos indivíduos*, diz respeito às inúmeras possibilidades de se experienciar e arquitetar as dinâmicas sociais e culturais proporcionadas pelas mudanças sociais, fazendo com que as vivências dos sujeitos sejam cada vez mais particulares, singulares e subjetivas (MARTUCCELLI, 2006), guardando consigo elementos que propiciam explicar a vida social:

Os indivíduos, por causa de um conjunto estrutural de transformações, tendem a perceber cada vez mais a vida social a partir de suas próprias experiências pessoais. É a partir delas e através delas que eles tentam entender os fenômenos coletivos. A partir de agora, é necessário que a sociologia traduza, no nível das experiências individuais, os grandes desafios coletivos de uma sociedade (MARTUCCELLI *apud* SETTON; SPOSITO, 2013, s/p, tradução nossa).

Nessa direção, a *sociologia do indivíduo* sai da ideia de socialização e parte para a ideia de individuação (MARTUCCELLI, 2006), a fim de compreender os meandros e às adversidades que a condição contemporânea colocou para os atores. Segundo o estudioso peruano, a individuação nasce a partir da consciência de alguns sociólogos de que vivemos em sociedades em que cada vez mais lidamos com situações inéditas, as quais exigem dos indivíduos uma ininterrupta reflexividade para se orientar na vida social diante de tantos processos. A chamada segunda modernidade, de acordo com o sociólogo, não oportunizou outra escolha para as abordagens sociológicas a não ser a investigação das trajetórias individuais. Sendo assim, a noção de individuação refere-se à capacidade de se estabelecer relações entre a pluralidade e a singularidade e vice-versa, fazendo com que os pressupostos analíticos do indivíduo acompanhem "a lógica "descendente" (da sociedade ao indivíduo), complementada com uma lógica "ascendente" (indivíduo-sociedade). Ou seja, é no nível das experiências individuais que a imaginação sociológica deve ser recriada" (MARTUCCELLI, 2006, p. 20, tradução nossa).

As perspectivas de Martuccelli norteiam nossa escolha pelos sujeitos do *slam interescolar* e suas singulares experiências em torno de práticas de letramento. A pesquisa está centrada em compreender as experiências individuais dos participantes do *slam interescolar*, pois nos interessa a trajetória desses sujeitos, as quais poderão também ajudar a entender processos que se constroem durante e a partir dessa prática cultural, percebendo o que se passa

entre o individual e o social. Por isso, nas próximas páginas detalho as perspectivas sociológicas que guiaram as reflexões e ações da pesquisa, as quais dialogam com Martuccelli, no sentido de que são *sociologias do indivíduo*, a saber a *sociologia da experiência* de Dubet (2014) e a *sociologia do cotidiano*, de José Machado Pais (2009).

### 2.1.1 Sociologia da experiência

Sobre a experiência, inicialmente havia me aproximado de Larrosa (2004), para quem a experiência é aquilo que nos toca, aquilo que nos marca e permanece. Seguindo com as leituras me deparei com os cabelos brancos e o olhar sereno de François Dubet (1994), que anunciavam sua dedicada jornada ao ensinar e ao aprender. Com o professor e sociólogo francês fui entendendo aonde aquele velhinho de precisas palavras queria chegar com a sua definição de experiência. Definição essa que demandou uma série de leituras e releituras sobre suas linhas reflexivas.

Página após página, procurei compreender que a noção de experiência em Dubet abarca uma análise macro e micro social, a primeira interessada em compreender as mudanças e novas disposições sociais e a segunda voltada para apreender o modo de constituição dos sujeitos, suas ações, interações, seus interesses, sua autonomia e sensibilidade na realidade contemporânea. Ou seja, a noção de experiência social apaga a aparente equivalência entre sociedade e sujeito, revelando seu infinito jogo de negociações e embates. Para Martuccelli e Dubet a “formação dos atores sociais é dupla. De um lado, é uma socialização na qual os indivíduos interiorizam normas e modelos. De outro lado, é uma subjetivação que conduz os indivíduos a estabelecerem uma distância com sua socialização” (DUBET; MARTUCCELLI, 1997, p. 433, tradução nossa).

Em contraposição aos modos homogêneos de se conceber a ideia de sociedade, Dubet cunha o conceito de *experiência social*, assentado na ideia do indivíduo como um ator social que é movido pela experiência. Na percepção do autor francês, a definição de experiência social carrega consigo a pluralidade multifacetada das ações e relações que estabelecemos em sociedade. Na experiência quebramos o entendimento de uma sociedade coesa e harmoniosa e a percebemos como realmente é: construída por subjetividades, cercada por tensões, negociações, conflitos e em constante transição (DUBET, 1994).

Sem negar a mútua relação existente entre sujeito e sistema, o autor francês, no entanto, reforça a autonomia dos sujeitos frente às dinâmicas hegemonicamente impostas anteriormente.

Essa autonomia está atrelada a multiplicidade das experiências pessoais e sociais proporcionadas pela era contemporânea, que são mediadas por diferentes sistemas não hierárquicos e também por uma conciliação de distintas lógicas de ação, as quais vão formando a subjetividade e a capacidade crítica dos sujeitos. Nas palavras do sociólogo francês, sua sociologia da experiência

visa definir a experiência como uma combinatória de lógicas de ação que vinculam o ator a cada uma das dimensões de um sistema. O ator deve articular estas lógicas de ação diferentes e a dinâmica que resulta desta atividade constitui a subjetividade do ator e sua reflexividade (DUBET, 1994, p. 105)

Sendo assim, os sistemas, construídos socialmente, quebram a ideia de uma sociedade coesa e dá lugar a uma organização social composta por três diferentes sistemas, que se formam, segundo o sociólogo, a partir de uma comunidade, pelo mercado e pela cultura. Tais sistemas são mediados pela justaposição de três lógicas de ação, as quais corroboram as disparidades sociais, a saber a *integração*, a *estratégia*<sup>15</sup> e a *subjetivação*. Aqui, nos interessa a lógica da *subjetivação*, por dizer a respeito das escolhas subjetivas do ator e que vão edificando uma visão crítica e reflexiva do sujeito frente as questões e dispositivos de dominação e alienação. Nesse processo o sujeito vai também construindo sua experiência, na medida em que concilia as noções subjetivas com as proposições dominantes e objetivas do sistema social e com sua capacidade crítica, adotando atitudes e pontos de vistas que marcam e diferenciam a lógica da subjetivação das duas anteriores (DUBET, 1994).

Passeando pelas reflexões do sociólogo francês, me identifiquei quando ele coloca a subjetividade tanto como porta de saída para a alienação, quanto provocadora de (re)criações identitárias, por se tratar de “uma atividade social gerada pela perda da adesão à ordem do mundo” (DUBET, 1994, p.101). Nesse cenário a noção de experiência proposta pelo francês figura como um conceito mediador do estudo sobre as trajetórias de jovens poetas do *slam* pela linguagem, na medida em que procurei identificar representações, impressões, perspectivas e modos de ser e agir, sempre me atentando para a forma subjetiva com que os sujeitos significam suas vivências, relacionando-as com os aspectos sociais e culturais que envolvem os usos e as finalidades da linguagem nos meios sociais.

---

<sup>15</sup> De maneira sucinta, podemos pensar a lógica da *integração* relacionada a maneira pela qual o sujeito constitui seus vínculos de pertencimento em meio ao sistema. Dubet (1994) ressalta que nessa lógica o sistema se sobrepõe ao indivíduo, e revela, através de condutas e pensamentos, como o sujeito internalizou preceitos, normas identidades e marcas culturais de determinadas culturas. A *estratégia*, por sua vez, relaciona-se com os interesses econômicos, culturais e sociais do ator em uma sociedade concebida enquanto um mercado constantemente mediado por concorrências (DUBET, 1994).

Isso porque a experiência social, segundo o autor, acontece simultaneamente entre as proposições subjetivas dos sujeitos inseridas em um sistema social, ou seja, as experiências individuais são coladas e influenciadas pelas relações sociais. Entretanto, os novos tempos, ancorados na criticidade presente na esfera subjetiva, permite aos sujeitos certo domínio sobre suas escolhas e posicionamentos no mundo, o que torna as experiências dos sujeitos únicas e irrepetíveis. Na mesma direção, a sociologia do cotidiano privilegia as memórias e vivências cotidianas para a compreensão das culturas juvenis, como veremos na seção seguinte.

### 2.1.2 Sociologia do cotidiano

Os indivíduos vão construindo suas experiências dia após dia. Diante disso, a noção de subjetividade nos aproxima de uma sociologia do cotidiano. Isso porque ao quebrar com a ideia do cotidiano como repetição, monotonia e onde nada se passa, essa vertente sociológica ampara minha busca por experiências singulares e específicas, propondo um olhar para o cotidiano como lugar da criatividade, das memórias, da imaginação e onde se constroem formas e espaços de expressividades e lutas (PAIS, 2009). A sociologia do cotidiano, além disso, foi proposta por um autor referência nos estudos sobre as juventudes e que aponta o cotidiano como mais adequado operador analítico das práticas e dinâmicas juvenis. José Machado Pais e seus escritos foram gratos encontros pelos caminhos da pesquisa.

Entre trechos poéticos e referências a obras e artistas, o autor caracteriza o cotidiano como uma metodologia de investigação baseada na descoberta “na qual a realidade social se insinua, conjectura, indicia” (PAIS, 2009, p. 33) e onde o pesquisador se coloca como um viajante *flâneur*, interessado pela aventura e por caminhos incertos. A metáfora do *flâneur*, personagem de Baudelaire e descrito por Walter Benjamin, é resgata por Pais para justificar a postura do pesquisador do cotidiano como aquele que para se encontrar precisa, antes, se perder. O autor coloca que fazer sociologia do cotidiano “é desenvolver essa capacidade de *flâneur*, de passeante <<ocioso>>: daquele que se passeia por entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos” (ibid., p. 53).

Nessa direção, o cotidiano figura como uma possibilidade metodológica de desvelar o social a partir das memórias dos jovens poetas, uma vez que alocado na perspectiva qualitativa de pesquisa, o pesquisador trabalha com tentativas de revelar as singularidades, os pormenores e o comportamento dos sujeitos, entrelaçando-os às estruturas sociais. Aprofundando o

raciocínio, de acordo com o sociólogo português, o que se passa no cotidiano é rotina e o significado de rotina está atrelado a ideia de repetição, regularidade, monotonia, ou seja, algo marcado por ritos e normas. Por outro lado, o autor explica que a essência etimológica de rotina aponta para outros sentidos, ligados a ideia de caminho, rota, que do latim associa-se a palavra ruptura ou rotura, que, por sua vez, está ligada a rompimento, quebra:

Ora é nestas rotas – caminhos de encruzilhada entre a teoria e a ruptura – que se passeia a sociologia do quotidiano, passando a paisagem social a pente fino, procurando os significantes mais do que os significados, juntando-os como quem junta pequenas peças de sentido num sentido mais amplo: como se fosse uma sociologia passante, que se vagueia descomprometidamente pelos aspectos anódinos da vida social, percorrendo-os sem contudo neles se esgotar, aberta ao que se passa, mesmo ao que se passa quando <<nada se passa>>. (PAIS, 2009, p. 31)

Nessa direção, Pais considera o cotidiano como lugar da quebra da repetição, como lugar da criatividade. O cotidiano, principalmente dos jovens, revela-se como espaço em que criam e tramam seus modos de ser, estar e se expressar no mundo. As rotas funcionariam como trilhas de acesso as inúmeras instâncias da vida social. Sendo assim, Pais coloca que a sociologia da vida quotidiana deve interessar-se em procurar contínuos nos descontínuos pelos quais transita, como o micro e o macro. O desafio que essa corrente sociológica nos coloca “é o de revelar a vida social na textura ou na espuma da <<aparente>> rotina de todos os dias” (PAIS, 2009, p. 33), ou seja, o desafio é procurarmos as ligações e pistas entre o individual e o social “com uma dupla preocupação: a ver a sociedade a nível dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a de ver como o social se traduz na vida deles” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 307). O sociólogo português afirma a necessidade de

desenvencilhar o cotidiano de sinónimos que o amarram à banalidade, à monotonia, à repetitividade. Há que explorar o cotidiano como um campo de produção imaginária, de criatividade [...] eu proporia uma distinção entre cotidiano e cotidianidade. Na cotidianidade teríamos a rotina, no cotidiano teríamos também o que quebra a rotina, isto é, a rotura. O que com isso quero dizer é que a vida cotidiana é também um campo de resistências e lutas sociais. (ibid., p. 308)

Nessas quebras e brechas é que nascem culturas juvenis como o *slam interescolar*, espaço em que as palavras, em uma dança de sentidos, são coreografadas para questionar e reverberar as dinâmicas e práticas que dão sentido as existências juvenis. Dessa forma, classifico as contribuições de Pais (2009) como importantes para sustentar a pesquisa que se desenvolveu em meio a percepção dos usos e das linguagens que os jovens do *slam* utilizam

para significar e expressar as reflexões que empreendem sobre suas trajetórias, aprendizagens, memórias afetivas e composições literárias. Pelas rotas da sociologia do cotidiano intentamos também conhecer como os jovens concebem e percebem sua relação com as palavras. Nesse rotineiro repetir, nos deparamos com criativas rupturas e reelaborações dos modos de se vivenciar a juventude.

Diante da infinidade e particularidades que compõem as culturas juvenis, o autor ressalta que o desafio dessa corrente sociológica reside no desenvolvimento da criação do pesquisador de métodos adaptáveis e com certa flexibilidade, além de ter que lidar com o desconhecido, com as surpresas, imprevisibilidades e com o que o autor chama de um mundo de possibilidades. Assim, o pesquisador do cotidiano vai criando várias formas e conceitos para descrever a complexa realidade com que se depara, criando conceitos como relato de vida, giro biográfico, encruzilhadas de vida, *turningpoints*, dentre outros.

Envolvido desde sempre nos estudos juvenis, o sociólogo português enaltece a ascensão das escolhas biográficas dos jovens - como a que optei - para conhecer suas dinâmicas e modos de pensar. Entretanto, ele ressalta que o sucesso dessa perspectiva depende do entrecruzamento das escolhas biográficas e das estruturas sociais, uma vez que “as estruturas sociais são o tabuleiro onde se jogam as trajetórias de vida e as escolhas biográficas” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 305). Segundo Pais, ao investigar o cotidiano das relações juvenis operam-se também oportunidades para a superação das definições, crenças e representações homogeneizantes atribuídas a esses atores e as culturas juvenis. Sendo assim, os jovens precisam ser estudados a partir de seus “contextos vivenciais, quotidianos — porque é quotidianamente, isto é, no curso das suas interações, que os jovens constroem formas sociais de compreensão e entendimento que se articulam com formas específicas de consciência, de pensamento, de percepção e acção” (PAIS, 2009, p. 164).

As descobertas dessa vertente sociológica vão se dando naquilo que Pais nomeia como escavação do cotidiano - perspectiva metaforicamente inspirada no texto “escovar palavras” do poeta Manoel de Barros - brincando com aquilo que caracteriza a pesquisa pelo cotidiano, algo artesanal e que vai se desenrolando e se moldando no decorrer do pesquisar. Assumindo esse ponto de vista, pensei em uma metodologia inspirada no biográfico, no diálogo e nos sentidos construídos entre as teorias, as narrativas e poemas dos jovens *slammers* e a subjetividade e sensibilidade desta pesquisadora que vos escreve.

Uma vez envolto no estudo do comportamento humano e de suas relações sociais, uma sociologia partindo das ações cotidianas, segundo Pais, baseia-se em reflexões acerca de tensões, conflitos, momentos de crise e posicionamentos políticos e ideológicos. Portanto, o

cotidiano não se separa do social e nem mesmo das práticas e processos de socialização. Além disso, por exigir o desvelamento das minudências sociais, pesquisar o cotidiano requer um instinto também antropológico do pesquisador, que deve se atentar para as inúmeras possibilidades em que possam ser encontradas materiais para reflexão sociológica: “listas telefônicas; nas mensagens de anúncios publicitários de jornais ou outdoors; em dilemas cotidianos como o uso da gravata; na literatura de cordel; em lápides de cemitérios; em letras de música nas gírias da fala” (PAIS, 2009, p. 226). Inspirada nesse pesquisar artesanal, convidei para construir junto comigo estas linhas três jovens poetas, que entre desafios e surpresas motivaram este trajeto de investigação.

Desenhei a construção dos dados começando por ir em busca de coautores, por isso fui trilhando caminhos “em busca de interlocutores”. As observações e a presença nos encontros da prática cultural do *slam* em Belo Horizonte levaram-me aos colaboradores da pesquisa, com quem tive aquilo que chamei de “conversas biográficas”. Foram entrevistas em que os questionamentos levaram os participantes a narrarem suas vivências, revelando ligações com palavras e poesias, momento em que pude perceber seus “trânsitos pelos usos e sentidos da linguagem”. Nessas conversas, fui colhendo nas memórias pistas e indícios sobre a relação entre linguagem e vida cotidiana dos sujeitos.

Nessa direção, seguindo as perspectivas de Pais percebi, nas metáforas e em outros recursos da linguagem que afluíram nos relatos, possibilidades de percepção de visões de mundo, uma vez que “a realidade social não existe a não ser de forma interpretada, não é um objecto que possamos ver de maneira neutra ou que nos seja dado; antes é uma estrutura semiótica construída. A interpretação é sempre construção” (PAIS, 2009, p. 67) que no exercício do pesquisar se entrelaça a descobertas teóricas e empíricas para compor as tramas peculiares dos/as poetas participantes do *slam interescolar*.

Ao delimitar as perspectivas sociológicas da pesquisa abri as portas para a dita aventura. Nas próximas linhas detalho os modos que criei para se fazer a pesquisa sobre jovens escritores radicados no movimento cultural *slam*.

## 2.2 Perspectivas da pesquisa: encontrando e colhendo experiências

*O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É*

*o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão (João Guimarães Rosa, Grande Sertão: veredas).*

Uso das sábias palavras de Riobaldo<sup>16</sup> para dizer da incompletude dessas linhas, que por mais formatadas e reescritas que fossem não dariam conta de um ponto final. Essas linhas nasceram no meio do caminho, no meio de minhas procuras e, por esta localização, já sinalizam seu caráter temporário, provisório, uma ligação entre novas buscas nos devires e porvires da vida. Acontece que, digo isso porque no campo de pesquisa vivi mais de perto a sensação do incompleto. Os anos anteriores e as experiências na academia me levaram a doce ilusão da perfeição. Tive que aprender a não sofrer com a incompletude, mais ainda, para seguir, aprendi que a incompletude é justamente o que move a pesquisa. A ruptura com a ilusória perfeição foi inevitável para continuar o trajeto. Por isso, sinto que escrever e contar o que aprendi, o que afinei e desafinei pelos caminhos do mestrado me mantém na eterna rota da procura. Que vai se formando e reformando na travessia que fazemos rumo a mudança, perpassando entre as fronteiras culturais, sociais e individuais que nos desafiam a um ininterrupto fazer, desfazer, refazer e que vão conferindo sentido ao descobrir.

Na travessia também procuramos companheiros para compartilhar esses afinos e desafinos da caminhada e quando encontramos compreendemos o papel desses encontros e trocas: sensibilizar, contribuir, questionar, construir, transformar e apontar possibilidades para a continuidade da travessia, que implica, por si só, a ideia de um trilhar que não se finda, um constante atravessar, marcado pelas pausas da vírgula, ou seja, um suspiro rumo a novas buscas, pois, afinal de contas, ainda não fomos terminados. O entendimento de que estamos sempre mudando, como diz o personagem de Guimarães Rosa, pressupõe dizer que os dados criados com os quais estamos lidando revelam-se da mesma maneira incompletos e passíveis a novas interpretações. Interpretamos aqui, caro leitor, a partir de pistas, vestígios e indícios, que localizados em um tempo, espaço e contexto únicos, dizem sobre sujeitos também em construção e transição.

Nesse sentido, nas próximas linhas detalho o percurso teórico-metodológico traçado, entendendo seu delineamento como um momento determinante e decisivo para a prática social do pesquisar. Adianto que o processo de investigação se concentra em uma pesquisa qualitativa e de caráter exploratório, nas quais, segundo Flick (2009) "a subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As

---

<sup>16</sup> Personagem do livro Grande sertão: veredas, do autor João Guimarães Rosa.

reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação" (FLICK, 2009, p. 25).

Nas últimas décadas, as pesquisas em educação vêm focalizando sua atenção para os fenômenos e processos que se formam no cerne das relações humanas e que influenciam na constituição dos sujeitos. Por isso, o campo educativo se aproxima de pressupostos teórico-metodológicos como os desenvolvidos por Alberto Melucci (2005), os quais “contribuem para nos fazer avançar de uma sociologia dos sistemas para uma sociologia dos atores. E, mais, nos faz avançar de uma ideia de ator social para a ideia de sujeito” (MELUCCI, 2005, p. 9). Sustentando também uma perspectiva reflexiva nas pesquisas sociais, Melucci coloca que a emergência desse ator social reflexivo tem estreita conexão com a modificação das práticas de pesquisa, posto que “a pesquisa é uma prática de observação que coloca em relação, ação, linguagem e vida cotidiana dos sujeitos” (ibid., p. 40-41).

Sendo assim, a localização desta pesquisa no campo da educação e o desejo de singularizar e aprofundar conhecimentos acerca dos sujeitos envolvidos em uma prática cultural específica como o *slam interescolar 2017* fizeram com que a escolha pelo estudo de caso se mostrasse como a mais adequada. Os estudiosos Bogdan e Biklen (1994) conceituam o estudo de caso como uma observação detalhada de um contexto, ou indivíduo. Os autores ainda colocam que, citando Psathas (1973), os pesquisadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber “aquilo que eles experimentam, o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem” (PSATHAS, 1973 *apud* BOGDAN & BIKLEN, 1994, p. 89-92).

Para ir em busca do que experimentam, interpretam e estruturam no mundo a sua volta venho desde o início dessas linhas dialogando com a metáfora do movimento, do percorrer caminhos em direção a encontros. A metodologia é isso, um caminho que desenhamos para a busca do conhecimento. A sabedoria e estratégia para pensá-la e desenvolvê-la são importantes meios tanto para se fazer um trajeto pontual, quanto para contornar contratemplos que demandarem a escolha por rotas ou rumos outros. Assim, nas seções seguintes conto sobre como e porque escolhi determinados rumos e rotas na encruzilhada metodológica.

### 2.2.1 Primeiro momento: aproximando de lugares, contextos, pessoas e poesias

Para o alcance dos objetivos propostos escolhi organizar a pesquisa em dois momentos de campo. O primeiro deles se concentrou nas observações e na procura de colaboradores, o que nomeei de “busca por interlocutores”. Desde o final do ano de 2017, mergulhei em uma série de observações que possibilitaram construir descobertas e desvelar as idiossincrasias, embates e meandros que compõem o enredo da prática literária e cultural do *poetry slam*. As observações nesse contexto, além de propiciar o conhecimento de particularidades da cultura dos *slams*, foram ainda mais importantes por oportunizar encontros que me levaram a conhecer o movimento em sua modalidade escolar.

As andanças pelo *slam* aconteceram em Belo Horizonte entre os meses de setembro de 2017 e agosto de 2018. Durante esse tempo fui em nove encontros da prática cultural, frequentando o *slam clube da luta* e o *slam das manas*. Em um desses eventos fiz alguns registros do movimento, como esse onde capturei o momento em que o público avaliava um dos poetas da noite:

FIGURA 2 – *slam clube da luta*



Fonte: Registro feito pela autora.

Na capital mineira, já são mais de sete coletivos do encontro poético, que se reúnem uma vez ao mês para realizar as competições, promovendo cerca de oito encontros anuais. Tomando as regras como referência, cada *slam* é organizado e divulgado separadamente e geralmente acontecem em espaços públicos, teatros, praças, bares e escolas. O *slam clube da luta* ocorre sempre na última quinta-feira de cada mês. O primeiro evento que participei aconteceu em setembro de 2017, no *teatro espanca!*, local em que compareci também nos encontros de fevereiro, março, abril, julho e setembro do ano seguinte, 2018. Na ocasião também registrei essa foto do teatro espanca, que tem esse nome em homenagem a poeta portuguesa Florbela Espanca:

FIGURA 3 – teatro *espanca!*



Fonte: Registro feito pela autora.

Também fui na edição de maio de 2018, que aconteceu na faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e que teve como homenageada da noite a vereadora Marielle Franco<sup>17</sup>. No *slam das manas* estive presente em duas edições em 2018, modalidade em que só poetas mulheres podem competir e recitar suas poesias. A primeira, em abril de 2018, aconteceu no Armazém do Campo, uma cooperativa cultural de comercialização

<sup>17</sup> Marielle Franco foi uma socióloga, ativista, feminista, e defensora dos direitos humanos. Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, Anderson Gomes na cidade do Rio de Janeiro, onde cumpria seu primeiro mandato como vereadora. Sua morte causou grande comoção e mobilização social pelo mundo.

de produtos produzidos pelo MST. O segundo foi em agosto de 2018, realizado no Centro de Referência da Juventude (CRJ), espaço onde acontecem oficinas e atividades voltadas ao público jovem da capital mineira.

Foram nesses momentos de observação e em conversas com frequentadores e poetas que procurei compreender mais de perto a dinâmica cultural e identificar propostas que vinculassem a escola e a cultura do *slam*, já que a intenção de pesquisa era investigar a relação de jovens estudantes com a escrita, com a arte literária e com a linguagem, dentro e fora dos espaços escolares. Nos encontros soube da existência do *slam interescolar*, modalidade do *slam* que conheci em dezembro de 2017, em evento realizado no Plug Minas.

Naquele evento específico, acontecia o último rito do projeto naquele ano, reunindo a final estadual e a final nacional do *slam interescolar 2017*. Na parte da manhã os alunos poetas de Belo Horizonte e região foram ao Plug Minas representar suas escolas na final estadual do *slam interescolar*. Os/as três melhores poetas se classificaram para representar a capital mineira na modalidade nacional do *interescolar*, que aconteceu na parte da tarde e contou com a participação de estudantes poetas de Juiz de Fora, Ibirité, Vila Velha, Uberaba e Belo Horizonte. O evento realizado no Plug Minas foi gravado e transmitido ao vivo pelas redes sociais.

Na ocasião descobri que o *slam interescolar - MG* nasceu na capital mineira Belo Horizonte, pelas mãos do educador e poeta Lucas Oliver e aconteceu em 10 escolas públicas de Ensino Médio vinculadas ao núcleo Valores de Minas - CICALT (Centro Interescolar de Cultura, Arte, Linguagens e Tecnologias)<sup>18</sup>. Nesse contato inicial, Lucas contou-me rapidamente sobre o trabalho que vinha desenvolvendo nas escolas da cidade belorizontina desde agosto daquele ano. Segundo ele, o projeto envolvia a realização de oficinas de escrita criativa, a fim de que os alunos escrevessem poesias autorais para a participação no *slam*. Desde então, mantive contato com Lucas e revelei o desejo de acompanhar seu trabalho no ano seguinte, a intenção inicial de pesquisa era acompanhar as ações do projeto no ano de 2018. O fato de ser um projeto voltado para o desenvolvimento da escrita literária e ter como público-alvo alunos do ensino médio de escolas públicas foram os fatores que motivaram a escolha pelo contexto do *slam* para a pesquisa.

---

<sup>18</sup> O Valores de Minas - CICALT é um dos núcleos do Plug Minas e caracteriza-se enquanto uma escola livre de artes e oferece aulas de arte em cinco áreas: Artes Visuais, Circo, Dança, Música (Canto, Harmonia e Percussão) e Teatro. O objetivo principal do trabalho desenvolvido pelo Núcleo é possibilitar a formação cidadã e o crescimento pessoal, aliados ao desenvolvimento cultural e artístico de cada jovem, para que eles possam desenvolver seu próprio caminho e transformar positivamente a realidade que os rodeia. Informações disponíveis em: <<http://www.plugminas.mg.gov.br/index.php/nucleos/centro-interescolar-de-cultura-arte-linguagens-e-tecnologias-cicalt-nucleo-valores-de-minas>>

Entretanto, nos meses seguintes começaram a surgir alguns contratemplos que exigiram a composição de um novo olhar sobre o objeto de pesquisa. Em março de 2018, fui informada pelo educador e poeta Lucas que as ações do projeto naquele ano não começariam no primeiro semestre, o que comprometeria o tempo que teria para construir os dados da investigação. Foi então que busquei pensar outras possibilidades de investigar aquele acontecimento poético. Por isso, considerei realizar a pesquisa com os/as jovens poetas participantes do *slam interescolar* de 2017, com os quais já havia tido algum contato no evento que aconteceu no Plug Minas em dezembro.

Assim, comecei a trilhar um caminho em busca de interlocutores. Nessa busca, ter participado das rodas poéticas da prática cultural foi fundamental para que pudesse encontrar os/as alunos/as poetas que viriam a ser os coautores desta trajetória de experiências com a linguagem. Ao longo do evento realizado em dezembro de 2017, fui anotando as informações mais relevantes, como o nome dos participantes e as escolas a que pertenciam. Essas anotações seriam de grande importância para o mapeamento dos sujeitos da pesquisa. Como não consegui anotar informações sobre todos os/as poetas envolvidos, utilizei a gravação em vídeo, que baixei para o meu computador, para voltar ao evento e complementar as rotas do mapeamento.

A partir dos nomes, foi possível localizar no evento *online* na rede social *Facebook*, alguns dos/as alunos/as poetas que declamaram suas poesias naquele 1º de dezembro. Foi mais fácil localizar aqueles/as participantes que “confirmaram presença” ou os/as que “demonstraram interesse” em comparecer ao evento *slam interescolar*:

FIGURA 4 – Evento *slam interescolar* no Facebook


+ Belo Horizonte e Região Metropolitana  
 + Juiz de Fora + Uberaba  
 + Vitória (ES) + Sarzedo  
 + Ibirité + São Paulo

PROGRAMAÇÃO:  
 DATA: 01/12/17 - Sexta  
 HORÁRIO: 10h - Slams Escolas de BH  
 14h - 1º Slam Interescolar Nacional  
 LOCAL: PlugMinas

SEX, 1 DE DEZ DE 2017 DAS 10:00 ÀS 18:00  
**1º SLAM Interescolar Nacional 2017**  
 Plug Minas · Belo Horizonte

Tenho interesse    Comparecerei    Mais

Evento público de **Plug Minas**

Plug Minas  
 Rua Santo Agostinho, 1441 - Bairro Horto,  
 31035-480 Belo Horizonte

[Sobre](#)    Discussão

Fonte: Facebook

Nesse momento, as ferramentas de interação *online* foram fundamentais, pois além de possibilitar a localização, ainda que virtual, dos potenciais colaboradores/as, foi por meio delas que fiz o primeiro contato e o convite para a participação na pesquisa. No mapeamento *online*, identifiquei o perfil de sete participantes que estiveram no Plug Minas. Já imaginando que nem todos me responderiam, tentei contato com esses/as jovens nos meses de março, abril e maio de 2018. Três deles/as me responderam e, desde então, mantenho contato *online* com Luiza, Ivan e Karol pela da rede social *Facebook* e pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Portanto, o critério para a seleção desses sujeitos, além de ter sido a participação no *slam interescolar 2017*, foi também o desejo e a disposição em contribuir com a pesquisa, que a partir de então entraria em seu segundo momento, tempo de maior aprofundamento, como verão a seguir.

### 2.2.2. Segundo momento: traçando perfis e maneiras de escuta

Definidos os sujeitos da pesquisa e ancorada pelos itinerários e horizontes sociológicos de Dubet (1994) e Pais (2009), desenhei uma investigação partindo dos/as sujeitos participantes do *slam*, de seus escritos poéticos e de suas reflexões sobre as experiências que tiveram com os usos da linguagem. A segunda fase da pesquisa foi marcada pelo momento de *escuta* dos/as jovens poetas, atentando-me para as experiências e envolvimento com processos de letramento. Por isso, sustentamos uma perspectiva metodológica inspirada em alguns aspectos das entrevistas biográficas, por meio do que chamei de “conversas biográficas”. Essa entrevista está relacionada aos métodos da pesquisa biográfica, vertente que a escritora e pesquisadora francesa Christine Delory-Momberger é notadamente reconhecida por seus trabalhos. A autora explica-nos que a

entrevista de pesquisa biográfica procura apreender e compreender justamente a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526)

Além disso, os sociólogos com quem dialoguei, são unânimes em apontar as narrativas advindas de entrevistas como um dos momentos mais importantes para a pesquisa com sujeitos e suas impressões sobre situações vividas, na intenção de reconstruir uma determinada parte ou aspecto do ambiente sociocultural. As “conversas” aconteceram com aqueles/as poetas alunos/as que demonstraram interesse em narrar e refletir sobre as experiências que tocaram e marcaram a participação no *slam* e as motivações que os levam a criação de versos e rimas. Cabe ressaltar que optei por não denominar a entrevista como semiestruturada, chamando-a de “conversa biográfica” por dois motivos. Primeiro porque defini-la como semiestruturada traria uma ideia mecanizada de entrevista, o que não foi o caso. Segundo porque, ainda que tenha elaborado um roteiro com questões guias, as “conversas” reverberaram para além do planejado, uma vez que ao lidar com sujeitos e suas experiências estamos diante de surpresas, rotas alternativas e curvas inesperadas, que são, por isso mesmo, o grande ganho das pesquisas com sujeitos: os colaboradores ditam outros caminhos para além do roteiro.

Dessa forma, em julho de 2018 iniciei a etapa de aprofundamento da pesquisa, momento em que realizei as “conversas biográficas” com três poetas participantes e também com o idealizador do projeto, com quem foi importante conversar para compreender os detalhes, os inusitados e a experiência em torno da execução do *projeto slam interescolar 2017*. Para as

“conversas” pensei em questões que guiaram a entrevista, e que foram elaboradas de maneira que estimulasse o/a jovem a contar fatos e experiências vividas com a linguagem, proporcionando um tempo e um espaço que contribuíssem para que as memórias fossem acessadas e ressonassem os sentidos construídos. Antes das entrevistas expliquei para cada um dos sujeitos os objetivos do estudo e busquei sensibilizá-los quanto à importância de narrar e escutar suas experiências.

As “conversas biográficas” foram gravadas em áudio com a devida autorização dos/as entrevistados/as, que assinaram o termo livre de consentimento. Cabe também ressaltar que foi desejo dos sujeitos<sup>19</sup> que seus nomes verdadeiros aparecessem no decorrer da pesquisa, até mesmo pela divulgação de suas produções literárias. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para que pudessem ser feitas às análises em profundidade, por meio da Análise do Discurso. A seguir, contextualizo brevemente a maneira como se deram as entrevistas, apresentando também os/as sujeitos pesquisados.

Assim, como idealizador do projeto e pessoa que pensou, executou e acompanhou todos os passos dados pelo *slam interescolar*, uma conversa com Lucas era a chave necessária para adentrar nos detalhes do projeto. Oliver Lucas, como é conhecido nos *slams*, é poeta, arte-educador mineiro e organizador do projeto *slam interescolar* e participa do movimento desde o primeiro dia em que a prática cultural pousou em terras mineiras. Ele se dedica a trabalhar com a produção de poesias com jovens alunos do Ensino Fundamental e Médio, utilizando para isso a metodologia do *slam*. O educador graduou-se em Geografia na UFMG e, recentemente, defendeu sua dissertação de mestrado em Educação sobre os jovens e os saraus de rua de Belo Horizonte.

Ao longo de seis meses tivemos algumas conversas informais que foram muito importantes para que eu pudesse ir construindo compreensões e impressões sobre o contexto da pesquisa, ou seja, o *slam interescolar*. Nessas conversas os retalhos foram se costurando, se encaixando, mas ainda faltavam algumas peças para a composição de um tecido mais firme, enredado em maiores detalhes, o que consegui por meio da entrevista com Lucas, de caráter documental, que aconteceu no dia 05 de julho de 2018, na área de convivência da Faculdade de Educação da UFMG.

Durante a conversa, foi interessante observar, na narrativa do educador, que o projeto foi sendo idealizado em meio às experiências de Lucas com a linguagem, que diz de várias experiências formativas que teve com os coletivos culturais: “*nunca participei de sindicato, de*

---

<sup>19</sup> Por isso, ao longo do texto as falas e reflexões dos sujeitos vão vir em itálico e com recuo de 2,5 centímetros quando necessário.

*partido, sempre vim de coletivos assim mais abertos, aquela coisa do coletivo mesmo, de não ter uma cobrança, de vai quem quer*”<sup>20</sup>. A partir desses coletivos, o poeta e educador foi também ampliando sua experiência com a linguagem: “*comecei a escrever e a participar dos saraus, fazer livro independente, fazer zine, participar de várias feiras independentes de produção literária, fiz vários livros*”. Sobre as oficinas do *slam*, o educador conta que atuava como professor e ator, pois tinha que chamar a atenção dos/as alunos/as e incentivá-los a falar sobre como viam o mundo. A proposta era que nesses três primeiros dias os/as alunos/as desenvolvessem poesias para a participação no *slam*, que ocorria no quarto e último dia. Em meio a competição, o educador foi surpreendido positivamente pela criação de um espaço de diálogo e convívio com o outro e com as palavras: “*na verdade eu não tô fazendo uma oficina de poesia, eu tô criando um espaço de diálogo*”.

As entrevistas seguintes aconteceram com Luiza, Ivan e Karol, os/as jovens que desejaram colaborar e construir junto comigo essas linhas. O primeiro encontro foi com Luiza. A jovem poeta é estudante e cursa o 1º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Presidente Dutra, é negra e tem 15 anos. Luiza foi a primeira participante do *slam* que respondeu o contato *online* que empreendi para explicar a pesquisa. Assim, aproveitando o início das férias escolares, combinamos de nos encontrar no dia 20 de julho de 2018, uma sexta-feira. Luiza escolheu sua casa como local da conversa, localizada no bairro Santa Inês em Belo Horizonte, onde mora com os pais, o avô e os quatro irmãos. A estudante conta que escreve seus versos desde que participou do *slam* na escola, em agosto de 2017. Desde então já escreveu dezenas de poesias.

Luiza conta que costuma frequentar saraus e *slams* e diz se sentir bem quando “*mando minha mensagem para todos através da poesia*”. A jovem acredita que o evento foi um espaço para adquirir novos conhecimentos, novos amigos, novos pensamentos críticos e novos talentos. Para ela, a poesia “*foi o meio que encontrei para descarregar todos os sentimentos e indignações através das rimas e das palavras*”. Luiza escreve em um caderno antigo de páginas amarelas herdado da avó e se refere ao *slam* como uma oportunidade de conhecer melhor os/as colegas por meio dos seus dizeres poéticos.

A entrevista seguinte foi com Ivan e, curiosamente, aconteceu no dia em que o jovem completava seu décimo oitavo aniversário. Marcamos o encontro na Praça Floriano Peixoto, localizada na região centro-sul de Belo Horizonte, no dia 26 de julho de 2018. Era uma quinta-feira de céu azul e, em meio às árvores, o canto das aves e o barulho da cidade em sua região

---

<sup>20</sup> Nesta pesquisa as falas dos sujeitos pesquisados vão estar em itálico. Com o objetivo de não carregar a trama textual, optei por não colocar as referências ao final das falas.

hospitalar, procuramos um local mais tranquilo para a conversa. Ivan disse gostar muito daquela praça por trazer lembranças sobre infância e de momentos com amigos. O jovem poeta é estudante, tem 18 anos, é negro e cursa o 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual Henrique Diniz. O jovem mora com os pais e o irmão na Fazendinha, uma das vilas pertencentes ao Aglomerado da Serra, na capital mineira. Ivan também é *rapper* e cita os Racionais Mc's como principal referência. Além disso, o estudante atua como comunicador do programa de rádio Som e Graça, que vai ao ar pela Nossa Rádio 97.3 aos sábados. Para ele a poesia e o *rap* são uma forma de falar sobre a realidade, aprender e se descobrir.

Com o sonho de ser *rapper*, desde os primeiros minutos Ivan já demonstra sua intimidade com as palavras. Em vários momentos cita referências musicais e trechos de suas músicas para construir seus dizeres e conta que *“sempre gostei muito de escrever, fazer redação e geralmente vinha umas ideias meio doidas assim na cabeça e eu tinha que mostrar pra alguém, aí geralmente a forma que eu achava pra mostrar era através da escrita”*. O jovem poeta diz que o *slam* foi um momento muito importante por trazer de volta a vontade de escrever, prática que havia deixado de lado há algum tempo, estimulando também a criação de um canal no *Youtube* e uma página no *Instagram* para a divulgação de suas poesias e rimas.

O momento de entrevistas fechou seu ciclo com Karol, estudante juiz-forana, que veio ao *slam interescolar* em Belo Horizonte representar sua cidade e escola na final estadual dos *slams* escolares. A poeta mora em Juiz de Fora com os pais e o irmão mais novo, tem 18 anos, é branca e acabou de se formar no 3º ano do Ensino do Médio, pelo Instituto Federal de Educação de Juiz Fora, local onde ela conheceu o *slam* por meio de um projeto realizado pela Confraria dos poetas de sua cidade e desde então participa tanto dos *slams* escolares, quanto daqueles que acontecem nos espaços públicos e/ou culturais da cidade. Na oportunidade em que disputou o *slam* na capital mineira, Karol sagrou-se campeã brasileira do *slam interescolar 2017*.

A jovem conta que o pai foi o maior incentivador do seu gosto pela leitura e pela escrita, *“tinha um negócio do Folha de São Paulo lá que tava lançando mulheres na literatura, que eram 32 livros, ele me deu os 32 livros, cada um é uma mulher diferente que escreveu, e ele falou, toma aqui, lê esses livros tudo aí dessas mulheres, vai lendo aí e vai aprendendo a escrever”*. Com dois poemas publicados, Karol escreve desde os 13 anos e relata que os professores, principalmente os de Português, que teve ao longo de sua trajetória escolar, fomentaram e estimularam o desenvolvimento de seus versos. Por exigir meu deslocamento para Juiz de Fora, a entrevista com Karol demorou um pouco mais e aconteceu em 22 de dezembro de 2018, um sábado de demasiado calor no estado mineiro. Fui de ônibus e encontrei

Karol na rodoviária da cidade. Definitivamente incomodadas com o calor, decidimos por procurar um local mais fresco para a conversa: um shopping que ficava há alguns minutos dali. Ao longo da “conversa” a jovem foi contando de sua predileção por autores como Machado de Assis e Clarice Lispector. O interessante da participação de Karol foi a possibilidade de perceber um outro panorama sobre a prática cultural e suas ressonâncias, construídas no contexto de Juiz de Fora.

Por fim, além das conversas, procurei também realizar um diálogo com as poesias escritas por Luiza, Ivan e Karol, a fim de perceber possíveis traços e marcas identitárias presente nos escritos. Interessou a essa pesquisa conversar com as temáticas e questões que aparecem nas poesias dos/as jovens, por considerar um compromisso social abordar e dialogar com o que a juventude têm pensado, externado e concluído sobre suas experiências. Essa escolha, foi inspirada em Machado Pais (2009), quando o autor coloca as diversas representações artísticas juvenis, como os poemas, enquanto especiais oportunidades de aprofundamento para a pesquisa cotidiana.

Diante desse panorama, na seção seguinte descrevo como os dados construídos na fase de campo foram sistematizados e analisados.

### **2.3 Interpretando experiências e sensibilidades artísticas**

Depois de empreender a coleta de dados, o passo seguinte da pesquisa foi analisar os dados coletados ao longo do trabalho de campo. Para tanto, as pesquisas em educação vêm se apropriando de dois procedimentos de análise, a saber a análise de conteúdo e a análise do discurso. A análise de conteúdo é proposta por Laurence Bardin, estudiosa francesa que percebe a língua como um código e é muito utilizada para quantificar palavras e elementos em um texto. Nesta pesquisa, a análise de conteúdo foi utilizada para identificar e elencar possíveis categorias de análise que afloraram no conteúdo das entrevistas. Bardin (1977) orienta que os procedimentos se iniciem pela pré-análise, seguida da exploração e interpretação do conteúdo.

A Análise do Discurso, por sua vez, foi utilizada na pesquisa no sentido de propiciar uma maior capacidade de leitura e interpretação dos textos gerados na fase de campo. Sendo assim, a análise do discurso pareceu ser a alternativa mais adequada devido à natureza do objeto de estudo, ou seja, a linguagem e suas possibilidades de sentido e de uso. Para tanto, convidamos para a conversa as perspectivas de Émile Benveniste (1989), autor francês que empreende estudos em torno de uma teoria da enunciação.

Para entendermos um pouco da teoria da enunciação é preciso voltar aos primórdios da linguística, quando Ferdinand Saussure (2012), conhecido também como o pai da linguística, escolhe em seus estudos iniciais excluir a fala de suas reflexões. Em termos gerais, a linguística pode ser definida como o estudo científico da linguagem. Ainda que arcaico nos dias atuais, os conceitos de Saussure (2012) são a base para a compreensão dessa ciência. Um desses conceitos centra-se na diferenciação entre língua e fala. O autor via a língua enquanto um sistema homogêneo, coletivo e social e a fala como uma ação individual e variável. Por isso, Saussure escolheu estudar a língua separadamente da fala, justificando que seus estudos buscavam o que era essencial na língua, deixando a fala de lado por conta de suas variáveis. (SAUSSURE, 2012)

Essa exclusão da fala deu origem aos estudos enunciativos de Benveniste (1989), que se preocupa com o uso da língua, ou seja, com o processo de produção e o contexto em que a fala acontece. Para Benveniste fazer um discurso implica a inter-relação entre enunciado e enunciação. O primeiro refere-se à situação concreta de fala, ao que falamos, o segundo está ligado ao processo de produção, ou seja, a maneira como falamos. O autor explica que a situação de enunciação presume a existência daquele que fala (enunciador), daquilo que se fala (enunciado) e daquele com quem se fala (enunciatário). Em alguns casos aparece também o delocutório (aquele de quem se fala). Nessa direção, Benveniste explica que o discurso só é possível quando um sujeito se apropria da língua e a coloca em movimento. Quando isso acontece, o discurso nasce trazendo consigo as marcas e escolhas que revelam a subjetividade daquele que fala. Diante desses conceitos, Benveniste também diferencia as noções de sentido e significado. Significado figura como aquilo que foi dito e o sentido procura resgatar os implícitos do que foi dito, ou seja, os efeitos de sentido (BENVENISTE, 1989).

Dessa forma, a análise do discurso permitiu contextualizar e mapear os diferentes processos e experiências de letramento que permeiam a vida dos/as poetas. Sendo assim, a análise do material empírico construído juntamente com os/as jovens poetas por meio das “conversas biográficas”, passou por algumas etapas de análise, no sentido de estabelecer a proximidade necessária para uma apreciação mais abrangente do *corpus*. Nesse sentido, em um primeiro momento ouvi e empreendi um árduo trabalho de transcrição das entrevistas, com foco na identificação dos processos, experiências e temas presentes nas narrativas, percebendo os temas que se apresentavam com maior ênfase. Em seguida, realizei uma leitura aprofundada e cuidadosa de todo material gerado nas entrevistas e na produção literária dos/as jovens, voltando aos áudios das “conversas” para perceber, juntamente com as transcrições, o modo como expressavam suas histórias e a maneira como foram ditos os enunciados no contexto da entrevista.

Adiante, empreendi a demarcação e recorte dos trechos narrados pelos/as poetas que faziam referência aos processos, significações e às experiências de letramento nas quais os/as jovens pesquisados/as se envolveram, momento em que interpretei os modos e meios pelos quais estes significam e utilizam a linguagem. Nesse momento, busquei as rupturas, tensões e anseios nos implícitos, assim como as interligações e pertencimentos com o sociocultural nas narrativas e poesias de cada jovem. Assim, o mapeamento das experiências com a linguagem, identificados a partir da análise das entrevistas, serviram de base para a construção dos textos de análise, que se encontram no capítulo 5 desta dissertação.

Convém ressaltar, que os enunciados produzidos nas entrevistas aconteceram em circunstâncias contextuais únicas e irrepetíveis, constituídas naquele momento de interação entre a entrevistadora e os/as poetas. Como seres fluidos e em constante mudança, a participação dos envolvidos em uma outra situação contextual pode gerar outros enunciados. Estive também atenta para as expectativas e sentimentos que cada entrevista desencadeou nos envolvidos. Isso fez com que notasse, em alguns momentos, que minha subjetividade de pesquisadora se manifestou nas “conversas” com os/as jovens poetas, podendo ter angariado traços e contornos nos processos narrativos.

Portanto, nesta pesquisa a análise do discurso proporcionou certa compreensão da posição discursiva dos/as jovens poetas, com especial atenção aos sentidos construídos subjetivamente e interativamente no discurso, revelando as marcas identitárias arquitetadas no limiar das experiências. No capítulo seguinte, pretendo contextualizar as culturas juvenis e a cultura do *slam* e do *slam interescolar*, ressaltando sua relevância enquanto espaço de fala e escuta em meio às transformações culturais e identitárias. Além disso, dialogo com conceitos importantes para a construção do objeto, a saber as noções de identidades e culturas nos tempos contemporâneos.

### Capítulo 3 Culturas no plural: a juventude e as práticas culturais e literárias

Neste capítulo, em um primeiro momento, delimito o conceito de cultura que orienta este trabalho, uma vez que as crescentes transformações, pluralizações e diversidades inerentes ao campo das culturas foram responsáveis pela ampliação semântica do termo, destacando seu entrelaçamento com a noção de identidade que permeia as vidas contemporâneas. Em seguida, circunscrevo acerca das culturas e identidades juvenis, refletindo sobre como são impactadas pelas transformações sociais e ressaltando que as juventudes e as concepções em torno do ser jovem são cercadas de estereótipos que vêm sendo quebrados pelos movimentos de protagonismo juvenil, revelando o jovem como um sujeito de direitos e saberes. Por fim, lanço o olhar para as especificidades do movimento cultural *poetry slam*, contextualizando as raízes e os ecos da prática poética e detalhando o espaço criado pelo projeto *slam interescolar 2017*.

#### 3.1 Colocando um S na cultura

Tecendo linhas e formas vou construindo os laços de sentido que de retalho em retalho vão formar o tecido de um conhecimento construído pela coletividade de teorias e pelas experiências e narrativas de vidas que se encontram e se imbricam em um compromisso social: o pesquisar. No seio deste trabalho em torno das experiências languageiras de poetas participantes da cultura do *slam*, uma prática cultural ancorada na arte literária, emergem conceitos que trouxeram forte influência para o desenho destas linhas. Não há como nos desvencilhar das noções de cultura e juventude, aqui entendidos como conceitos fluidos e efêmeros, que foram e ainda vão se moldando, se reconfigurando e se metamorfoseando de acordo com o momento socio histórico e cultural dos sujeitos, com as relações de poder envolvidas e com as múltiplas identidades e representações engendradas e forjadas nos liames sociais.

A ascensão desses conceitos ocorreu devido a aceleração das transformações contemporâneas, as quais têm fragmentado as “paisagens culturais [...] que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2003, p. 9). Nesse sentido, o sujeito pós-moderno deparou-se com o declínio das normas que sustentavam essas identidades (como a igreja e a família) e assistiu à ascensão de novos grupos culturais, que vieram em busca de afirmar suas identidades

e questionar aquelas tidas como hegemônicas (HALL, 2003). A chamada crise de identidade marca o estado atual das identidades heterogêneas na contemporaneidade:

As identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento (WOODWARD *apud* SILVA, 2014, p. 25).

Em meio a esse contexto, o campo cultural tem sido marcado por disputas de significação reguladas pelas relações de poder. Portanto, ancorados em uma visão antropológica de cultura, abandonamos a concepção homogeneizante e estática atribuída anteriormente ao termo, criando vínculos com a ideia de um conceito em constante mudança. Esse terreno de permanentes transformações oportunizou a validação e visibilização de estratégias e práticas culturais delineadas por outros sujeitos, antes silenciados nos espaços de construção do conhecimento, o que têm influenciado o surgimento de novas identidades culturais:

Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, a ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural. (HALL, 2003, p. 338)

Dessa maneira, as culturas populares – relegadas por muitos anos à margem - têm traçado estratégias e engendrado meios de reconstruir representações e reivindicar espaços no cenário cultural. Nesse contexto, a vicissitude em torno dos sentidos atribuídos ao termo cultura adquiriu novos contornos a partir do pensamento do crítico literário e romancista galês Raymond Williams. Seu trabalho inaugura um novo método investigativo para se pensar a cultura em sua relevância social, inspirado no materialismo de Marx (WILLIAMS, 2011). A cultura, substantivo feminino envolto em profunda complexidade semântica, fez com que Williams se debruçasse em uma incursão pelos significados já adquiridos historicamente pelo conceito, dedicando especial atenção a maneira como essas mudanças de sentido se relacionavam com as transformações sociais, culturais e econômicas. Nesse percurso de significados, o autor explica que a cultura incorporou possibilidades de sentidos que, por vezes, atrelavam-se à tradição literária e artística e também aos padrões estéticos da elite e

já mais tarde nesse mesmo século, passou a significar todo um modo de vida, material, intelectual e espiritual [...] O desenvolvimento da palavra cultura é um registro de um número de reações importantes e permanentes a essas mudanças em nossa vida social, econômica e política e, pode ser visto, ele mesmo, como um tipo especial de mapa por meio do qual a natureza das mudanças pode ser explorada. [...] aquilo que vejo na história dessa palavra, em sua estrutura de significados, é um movimento amplo e geral no pensamento e nos sentimentos. (WILLIAMS, 2011, p. 19)

Mais adiante em suas reflexões - no caminhar dessa incursão semântica - Williams coloca que cultura passou a ser compreendida em três dimensões diferentes, a saber, enquanto um *sistema de significações* que reproduz uma ordem social, como um *modo de vida* e também relacionado as *atividades intelectuais e artísticas*, como a literatura. Entretanto, essas três dimensões eram concebidas de maneira separada. Nesse sentido, uma das importantes contribuições do autor é pensá-las de maneira conjunta, como algo que não se separa. Williams propõe que a cultura abarque todas as práticas significativas, uma vez que tanto as vivências e experiências no social, quanto as produções artísticas em qualquer tempo, trazem em si práticas, valores e significados que se construíram coletivamente nas relações humanas. Ou seja, o autor considera cultura as *práticas culturais* e as *práticas sociais*, ambas carregadas de *significações* (WILLIAMS, 2011).

Diante disso, Williams se aproximou da arte e da literatura para compreender as mudanças no conceito de cultura. Essa aproximação, segundo o crítico, foi importante para perceber como a arte pode atuar tanto na perpetuação e manutenção de significados, valores e padrões hegemônicos postos pelo gosto da classe dominante, que definia o que era ou não literatura, quanto para romper com esse pensar dominante e abrir portas para uma perspectiva de cultura mais ampla, abarcando e construindo novos significados, práticas e valores. O autor considera a arte enquanto uma produção social, isso porque em suas pesquisas investigava grupos culturais por acreditar que o artista expressa em suas obras as visões de mundo de seu grupo de pertença (WILLIAMS, 1992).

Nesse sentido, a cultura ao mesmo tempo em que ordena práticas, valores e significados, também trabalha para a desconstrução e reconstrução destes. O autor amplia o sentido do termo e suas reflexões inauguraram os estudos culturais em meados dos anos 1960 na Universidade de Birmingham (SILVA, 2014). Williams acredita em uma cultura comum no sentido de que ela está ao nosso entorno, no interior e no liame das vidas, não sendo privilégio de alguns, mas presente em todos os cotidianos e experiências, em um contínuo movimento de construção, desconstrução e reconstrução no interior dos inúmeros grupos socioculturais (WILLIAMS, 1992). As reivindicações de certos grupos localizam os estudos culturais em posição

questionadora dos conhecimentos da tradição e da cultura hegemônica, que ao longo dos anos perpetuam regras e padrões estáticos para conceber modos dinâmicos, inquietos e heterogêneos de ser dos sujeitos contemporâneos. Por isso, os estudos culturais se colocam ao lado das lutas minoritárias e emancipatórias (SILVA, 2017).

Assim, quando saiu do singular, a cultura passou a adquirir significados mais próximos da realidade, das relações, experiências, práticas sociais e das pessoas e suas vivências - deixando de ser associado como privilégio de poucos e elitizados - passando a ganhar contornos plurais, principalmente nas ciências humanas: culturas (WILLIAMS, 1992). Influenciado por Williams e Richard Hoggart, o sociólogo jamaicano Stuart Hall entende que os novos significados assumidos pelo conceito de cultura exigem que o campo cultural seja considerado como “formas de luta”, as quais constantemente se entrelaçam. Essas ideias também inspiraram o teórico brasileiro da cultura, Tomaz Tadeu da Silva, a refletir que

os estudos culturais concebem a cultura como campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. A cultura é, nessa concepção, um campo contestado de significação. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. (SILVA, 2017, p. 133-134)

Essas lutas, segundo Hall, nascem e se intensificam nos pontos de encontro ou de cruzamento entre tradições culturais antagônicas (HALL, 2003). Os conflitos e tensões advindos dessa dinâmica social da cultura, que se modifica em meio as mudanças sociais e relações de poder, orienta ações, engajamentos e intervenções rumo a valorização de saberes e contemplação de interesses de determinados grupos sociais. Dessa forma, esta torna-se

a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtém vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. (HALL, 2003, p. 255)

A noção de cultura nesse momento histórico, portanto, troca sua perspectiva estável, perene e impassível e aproxima-se de práticas e ritos engendradas na vida cotidiana, demonstrando a relação que a cultura guarda com a vida, com as experiências e com os múltiplos comportamentos dos mais distintos grupos sociais. De acordo com Hall, a cultura diz respeito também a significados compartilhados (HALL, 2016). Nesse contexto, para o jamaicano, a linguagem é "o meio pelo qual "damos sentido" às coisas, onde o significado é

produzido e intercambiado” (HALL, 2016, p.17). É na linguagem, por meio do uso de signos e símbolos, que significamos e representamos para os outros o que pensamos, o que e como sentimos e no que acreditamos. Assim, a linguagem atua como um sistema representacional permitindo que participantes de uma mesma cultura leiam o mundo de forma similar, pois “compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante.” (HALL, 2016, p. 21) Entretanto, a pluralidade de sentidos que permeiam os conceitos na contemporaneidade faz com que a convivência entre os sujeitos aconteça em meio a conflitos, uma vez que os sentidos e significados não são fixos, ao contrário “o sentido sempre possui várias camadas, [...] ele é sempre multireferencial” (HALL, 2003, p. 354).

Isso porque constituímos textos incoerentes, contraditórios de significado, por isso, estar na linguagem é estar na incerteza. Os significados são fluídos, movediços e envoltos em relações de poder, que se utilizam da linguagem para manter e regular a preponderância de práticas e saberes, ao mesmo tempo em que vem sendo articulada para o empoderamento social de grupos minoritários. A linguagem trama sentimentos identitários de pertencimento e de distanciamento. Assim, ao nos mobilizarmos em perceber as processos e práticas de letramento que permeiam e constroem o universo cultural e identitário dos/as jovens poetas participantes da cultura do *slam*, torna-se fundamental compreendê-las como identidades dinâmicas, complexas e em constante metamorfose, visão advinda dos estudos culturais. A linguagem, nesse processo, é determinante para localizar discursos e práticas culturais em contextos socio históricos e culturais, uma vez que as identidades têm assumido inúmeros contornos e possibilidades em direção a identidades não permanentes e (trans)formadas nas interações, nos diálogos e nos discursos que se aproximam, se tecem, se misturam e se contrapõem (HALL, 2016)

Diante disso, penso que é no interior da cultura que se dispõe os jogos de significado, as atribuições de valores que ditam o padrão hegemônico e orientam os processos de opressão, mas é também nesse interior que os novos movimentos sociais e culturais da juventude reivindicam lugares de memória, redefinindo fronteiras e quebrando as cercas invisíveis na busca por direitos humanos e reconhecimento de seus conhecimentos e saberes. Assim, entendo como compromisso social desvelar as singularidades e subjetividades juvenis, assim como valorizar suas experiências, principalmente aquelas que envolvam a linguagem. É pela cultura do *slam* e pelas particularidades cotidianas dos sujeitos participantes que me desafiei a investigar e considerar as diferentes linguagens e representações artísticas que despontam na vivência dos/as poetas. Nesse sentido, nas próximas páginas busco trazer as contribuições de

estudiosos da juventude para a superação dos estereótipos e valorização dos/as jovens como sujeitos de direitos.

### 3.2 Culturas e Identidades Juvenis

O sentido semântico envolvido com o ser jovem e com a juventude, assim como o sentido da cultura, é também cercado de dinamicidade. A juventude acontece em meio as fronteiras, a começar pela sua localização entre as fronteiras da emancipação e da incerteza, da transição da infância para a vida adulta e das fronteiras do padronizado para os múltiplos e distintos modos de ser jovem na contemporaneidade. Nesse cenário, é consensual entre muitos estudiosos da juventude que o termo é enveredado por complexidades e contraposições.

A juventude, de acordo com as diretrizes e perspectivas da “Política Nacional da Juventude”, é uma condição social que compreende os sujeitos com idade entre 15 e 29 anos<sup>21</sup>. Entretanto, ainda que esse parâmetro seja importante para a elaboração de políticas públicas, ele não restringe a juventude aos anos de vida, no sentido de que ser jovem nos dias atuais deve compreender a amplitude das distintas vivências dos/as jovens, os/as quais encontram-se envoltos em inúmeras identidades, pertencimentos, experiências e condições de vida (NOVAES et al., 2006). Por outro lado, a estudiosa brasileira Regina Novaes, destaca como a historicidade do termo foi ganhando contornos diferentes a depender dos contextos sociais e das relações de poder que envolvem as definições e resoluções sobre esse período da vida.

Vale lembrar que questionar a universalidade da categoria juventude significa reconhecer sua historicidade. Variam as idades cronológicas e as expectativas que as sociedades constroem sobre seus jovens. De fato, definições sobre infância, juventude e maturidade foram ganhando conteúdos, contornos sociais e jurídicos ao longo da história, no bojo de disputas econômicas e políticas. São arbitrários culturais e regras socialmente construídas que determinam quando, como e por meio de quais rituais as sociedades reconhecem as passagens entre estas fases da vida. (NOVAES, 2007, p. 1).

Por sua vez, o sociólogo português José Machado Pais alerta que há uma consciência sociológica que tem concebido a juventude como algo pré-construído, “que, em forma de mito, nos é dada como uma entidade homogênea.” (PAIS, 1990, p. 146) e é, por isso, um conceito

---

<sup>21</sup> Segundo os autores “este é um padrão internacional que tende a ser utilizado no Brasil. Nesse caso, podem ser considerados jovens os adolescentes-jovens (cidadãos e cidadãs com idade entre os 15 e 17 anos), os jovens-jovens (com idade entre os 18 e 24 anos) e os jovens-adultos (cidadãos e cidadãs que se encontram na faixa-etária dos 25 aos 29 anos)” (NOVAES et al. 2006, p. 5).

carente de reconstrução e desmistificação. Na compreensão de Pais, a teoria sociológica se vê diante da “necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude, isto é, de estabelecer rupturas com a doxa dominante” (ibid., p. 139), a fim de tentar desenvolver definições mais condizentes com o que seja ser jovem nos tempos e espaços contemporâneos. Para tanto, o autor sugere uma abordagem do termo no plural, juventudes, no sentido de pensar a juventude para além de uma fase da vida e levando-se em consideração as diversidades sociais, culturais, econômicas, geográficas, etárias, étnicas e de gênero que diferenciam os/as jovens uns dos outros e influem em seus modos de ser, estar e agir no mundo.

Aprofundando a discussão, Dayrell (2003) afirma que a compreensão do/a jovem como um sujeito de direitos perde-se na dinamicidade em torno das noções de juventude. O autor coloca em cena imagens que, segundo ele, refletem as percepções em torno da juventude. Em uma destas, ele nos posiciona frente a mais arraigada, quando a juventude é “vista na sua condição de transitoriedade, na qual o jovem é um “vir a ser”” (DAYRELL, 2003, p. 40), ou seja, tido como alguém que ainda não é. Marcando presença também nos espaços escolares, essa percepção presume uma negação, desconsideração e esvaziamento do momento vivido e, conseqüentemente, das questões e experiências que o/a jovem, por outro lado, considera fundamentais para sua formação e construção identitária.

Outra imagem da juventude é classificada por Dayrell como romântica por estar associada a ideia de um período de liberdade, experimentações, jovialidade física e a um momento propício para desvios e falhas, encarada como uma etapa de preparação para a vida adulta e social. Em contrapartida, essas imagens dividem lugar com uma percepção da juventude enquanto um momento de crise e dificuldade, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade (DAYRELL, 2003). Para além dessas noções, em uma leitura mais profunda e crítica, Abramo também recorda a juventude como envolta em estereótipos negativos que atingem principalmente a juventude pobre e negra, atrelada a manutenção e perpetuação da violência social (ABRAMO, 1997).

Apesar de tantas aproximações, Dayrell coloca como desafiador definir a juventude, uma vez que o significado do termo foi cunhado em meio a influências históricas e culturais (DAYRELL, 2003). Contudo, desvelar esses modelos da juventude é importante para nos afastarmos de concepções padronizadas e negativas e nos aproximarmos dos modos reais pelos quais os/as jovens arquitetam e significam suas experiências. Dessa maneira, o estudioso considera a juventude tanto como uma condição social quanto como um tipo de representação:

Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, entre outros aspectos. [...] Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas, sim, como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 41-42)

Na mesma direção, Regina Novaes (2007) entende a juventude como um momento de construção identitária e projeções para o futuro, levando em consideração a inevitabilidade de também compreender o termo no plural, juventudes. De acordo com Novaes, essa compreensão é motivada pelos “jovens do século XXI, que vivem em um mundo que conjuga um acelerado processo de globalização e múltiplas desigualdades sociais” (NOVAES, 2007, p. 2). Segundo a autora, as distâncias sociais configuram inúmeros modos e condições de se viver a juventude, que experienciada de forma desigual e variada é também palco para reverberação de lugares de resistência, criatividade e virtualidades. Nesse sentido, ainda que a condição juvenil contemporânea mantenha relações com a insegurança e tenha sua sociabilidade comprometida principalmente pelas questões econômicas, “existem também uma série de sentimentos e predisposições simbólicas que impulsionam resistências, evidenciam potencialidades e possibilidades de invenções sociais historicamente inéditas” (ibid., p. 2)

Essas invenções inéditas acontecem em meio as “” voltas e mais voltas” que marcam o cotidiano dos jovens de hoje e que Pais relaciona com a metáfora do ioiô, por ser circunscrita em “movimentos oscilatórios e reversíveis” (PAIS, 2006, p. 8), nos quais as juventudes produzem muitas de suas recentes sensibilidades artístico-culturais. Essa efemeridade e transitoriedade inerente as atuais estruturas sociais, fazem com que os jovens sintam “sua vida marcada por crescentes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém. [...] [como se] fizessem das suas vidas um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios”. (ibid., p. 9)

Sendo assim, no sentido de superar as percepções já atribuídas as juventudes é que nas últimas décadas as vivências juvenis, suas práticas e envolvimento culturais começaram a ser

considerados e estudados em sua pluralidade, deslocando para o âmago das pesquisas “suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação. (ABRAMO, 1997, p. 25). Acerca dessa questão, Sposito (2010) ressalta a relevância de novas dinâmicas para se investigar e compreender os/as jovens das atuais sociedades. Suas práticas, seus processos e suas culturas constituem um poderoso laboratório para que sejam pesquisados em sua diversidade. Suas linguagens, seus modos de sociabilidade, suas ações cotidianas, seus pontos de vista, suas particularidades e especificidades, sua subjetividade, são todos atributos basilares para a compreensão das atuais culturas juvenis.

As investigações sobre os enfoques culturais desses grupos “demandam perspectivas transversais capazes de reconstituir as porosidades entre essas ações coletivas e outros tempos e espaços da vida dos jovens” (SPOSITO, 2010, p. 100), além disso, a compreensão dos jovens deve levar também em consideração as contínuas mudanças oriundas da globalização e do sistema capitalista pelas quais passaram as sociedades nas últimas décadas (SPOSITO, 2010). É nesse espaço de tempo também, que as identidades jovens da era contemporânea têm sido constituídas ou recriadas. Nesse cenário, acredito que pensar as juventudes requer abandonar as visões já dadas pelo social e perceber oportunidades para explorar as diversas formas de ser jovem, levando-se em consideração as questões contextuais e socioculturais de cada um, ou seja, alcançar as juventudes em suas perspectivas de criatividade, mobilização e transformação, no sentido de reconhecer que “os e as jovens são sujeito de direitos coletivos. Sua autonomia deve ser respeitada, suas identidades, formas de agir, viver e se expressar valorizadas” (NOVAES, 2006, p. 5).

Isso porque as identidades e os pertencimentos dos jovens, possivelmente, são negociados e acionados no trânsito das mobilizações coletivas que acontecem no âmbito das culturas juvenis. Diante disso, me dediquei a compreender as experiências languageiras que perpassam a vida de jovens poetas que se reúnem para escutar e recitar poesias. Encontramos na cultura do *slam* uma das formas de conexão com os aspectos positivos que têm transformado a relação entre educação, arte e cultura. Sendo assim, o *slam* se revelou enquanto um espaço de protagonismo juvenil, atuando como ponto de encontro para partilha de visões de mundo e conflitos, interação entre conhecimentos, diálogo entre os diferentes, criações e abstrações artísticas.

Por isso, através das lentes e possibilidades imaginativas engatilhadas pelas leituras dos referidos autores, pretende-se uma investigação que revele o/a sujeito participante do *slam* entrelaçado as suas práticas cotidianas, criativas e formativas com a linguagem. Essas reflexões desaguam na crença da juventude como motor da compreensão e evolução social, aspectos que

se desenvolverão ainda mais quando a participação e o protagonismo juvenil for mais levado em consideração nos diálogos e decisões políticas e democráticas, ou seja, “quando a democracia for capaz de garantir um espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas, a separação será menos provável e movimentos juvenis poderão tornar-se importantes atores na inovação política e social da sociedade contemporânea” (MELUCCI, 1997, p. 14).

Um desses espaços tem sido cultivado por meio do movimento cultural do *poetry slam*, que reúne jovens poetas em torno da escuta e declamação de poesias autorais. Vamos conhecer mais de perto a dinâmica dessa prática cultural?

### 3.3 Contextualizando o *slam*: as raízes e os ecos

O *poetry slam* no Brasil tem seu surgimento atrelado a ascensão da literatura periférica/marginal surgida nos anos 90 no país. Essa vertente literária criou raízes em meio a intensificação de uma consciência sociocultural, que valoriza as subjetividades e problematiza os conhecimentos e vivências tidos como hegemônicos. Todas essas questões revelam aspectos de modos de ser e viver que antes eram silenciados em detrimento da manutenção das relações de poder. Contudo, somos fluidos, diferentes e estamos em constante mudança, assim como nossas identidades e pertencimentos culturais. Foi nesse ínterim que começaram a ecoar - em especial por meio da arte literária - as narrativas de grupos sociais colocados à margem, momento em que nascia um celeiro de jovens artistas que mergulharam na semântica das palavras para questionar, exaltar e registrar os sentidos produzidos por sua vida e cultura:

Trata-se, em geral, de uma literatura de auto-representação com uma dimensão política e social importante, a enunciação de realidades invisibilizadas por parte de setores sociais que historicamente têm tido um acesso mínimo à palavra escrita, em um contexto no qual a língua, sobretudo escrita, tem servido como mecanismo de dominação desde os tempos coloniais. (ARIAS, 2011, p. iii)

Entretanto, ainda que essa vertente literária tenha se fortalecido nos anos 90, as culturas periféricas já vêm construindo suas referências identitárias desde meados dos anos 60, quando Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras autoras negras a ganhar notoriedade no Brasil, recebe o leitor em seu *Quarto de despejo: diário de uma favelada*<sup>22</sup> com uma narrativa feminina marcadamente autobiográfica e lancinantemente poética. Em seus escritos, Carolina relata seu

<sup>22</sup> Título da obra da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, publicado em 1960.

cotidiano na favela do Canindé e a difícil rotina que enfrentava como catadora de lixo. O ativismo da literatura periférica ampliou-se ainda mais com a publicação de *Cadernos Negros* em 1978. Ainda hoje, mais de 40 anos após a primeira publicação, os *Cadernos* organizam e publicam, de forma independente, contos e poesias de autores negros, como da autora mineira Conceição Evaristo.

A cultura marginal/periférica também possui vínculos com a música, a partir do movimento cultural *hip-hop*, do gênero musical e poético *rap* (*Rythm and Poetry*) e do *funk*. Em meio a essas influências, algumas advindas da cultura urbana dos EUA, começaram a vigorar produções da arte periférica marcadamente estéticas, que estavam interessadas em retratar vivências que revelavam um outro ponto de vista, um outro tempo, uma outra geografia de vida, como o *rap* dos Racionais Mc's<sup>23</sup>, as rimas de Sabotage<sup>24</sup> e de tantos outros.

Nos anos 2000, a literatura marginal se expandiu com o sucesso do romance *Capão Pecado* do escritor Férrez e com a articulação de encontros poéticos para a divulgação dessa arte, que possui como forte característica a presença da oralidade. No intuito de celebrar essa vertente literária, que vem quebrando padrões estéticos, políticos e culturais e aproximando a literatura e a poesia das pessoas, começaram a surgir os saraus de periferia. O primeiro deles nasceu na cidade de São Paulo em 2001, pelas mãos do poeta e escritor Sergio Vaz.

Vaz criou uma cooperativa e o sarau Cooperiféria (Cooperativa Cultural da Periferia), que acontece semanalmente, às quartas-feiras, na região sul de São Paulo, no bar do Zé Batidão. O poeta, em uma “mesa redonda” com a temática da arte periférica, realizada em 2009 na 4ª Feira do Livro do CDC Tide Setubal, conta que resolveu criar a Cooperiféria para “comungar a palavra e a literatura sem essa coisa ‘intelectualóide’ que afasta as pessoas da poesia. Eu quis levar a literatura para o bairro, para o bar, para tomar pinga com a gente”.<sup>25</sup>

A Cooperiféria tornou-se um movimento ainda mais amplo e em 2007 idealizou a Semana de Arte Moderna da Periferia. Além disso, a cooperativa organiza inúmeros eventos que promovem a valorização e divulgação das artes, expressividades e linguagens produzidas à margem do mercado editorial. Os eventos e projetos buscam aproximar a poesia dos/as jovens, por meio de atividades culturais como feiras e mostras literárias, lançamentos de livros, publicações independentes e oficinas de escrita criativa. Em formato parecido, surgiu na capital

<sup>23</sup> Racionais MC's é um grupo brasileiro de rap, fundado em 1988. O grupo foi formado pelos mc's Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay.

<sup>24</sup> Sabotage, foi um rapper, cantor, compositor e ator brasileiro.

<sup>25</sup> As informações sobre a mesa redonda foram retiradas da seguinte reportagem: <https://fundacaotidesetubal.org.br/noticias/1158/saraus-na-periferia-resgate-da-cultura-popular> Acesso em 22/01/18.

mineira, em 2008, o Coletivo sarau de periferia, idealizado pelo educador e articulador Rogério Coelho. Recentemente, o coletivo lançou um livro em comemoração aos seus 10 anos de atividade em torno “da luta” e “da voz” da resistência poética mineira.

Foi nesse contexto, que também em 2008, Roberta Estrela D’alva<sup>26</sup>, poeta e atriz brasileira, foi a responsável por introduzir uma novidade na cena poética marginal, o *poetry slam*. O *slam* pode ser caracterizado como uma competição de poesia falada, ancorada na performance em torno das palavras e da oralidade, onde os poetas declamam poesias autorais. A celebração geralmente acontece em espaços culturais da cidade, onde o público se reúne em roda para escutar o poeta. D’alva ressalta que devido as proporções que a prática adquiriu “se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo.” (D’ALVA, 2014, p. 110).

A multiartista (2014) conta que o precursor do movimento é Mark Kelly Smith, um mestre de obras e poeta, que em 1986 criou a disputa poética, realizada pela primeira vez no bar Green Mill Jazz Club, na cidade de Chicago. Desde então, o *slam* expandiu-se pelos Estados Unidos, e pouco a pouco foi ganhando a Europa e a América Latina, firmando-se como uma instigante prática de expressão popular. D’alva (2014) relata que o contato mais profundo com o *slam* teve início quando ela foi convidada para roteirizar e estrelar um espetáculo pelo coletivo *Frente 3 de Fevereiro*<sup>27</sup>. A ideia era transformar uma entrevista do sociólogo e cineasta Noel Carvalho em uma narrativa poética<sup>28</sup> e, foi a partir de então, que a poeta se debruçou sobre referências acerca do tema, como o filme *Slam Nation* (1998), de Paul Devlin, e como o trabalho performático do MC, poeta e *slammer* Saul Williams, inspirando um pertencimento imediato e ampliando suas relações com a poesia falada.

A identificação com o *slam* foi tanta, que em 2008, Estrela D’alva foi aos EUA se encontrar com Smith e aprender um pouco mais sobre a competição. Segundo ela “Smith, em

---

<sup>26</sup> A desbravadora Roberta Estrela D’alva é uma multiartista formada pela Universidade de São Paulo, seu trabalho passeia por inúmeras vertentes artísticas. Além de *slammer*, é atriz-MC, poeta, diretora e roteirista de espetáculos teatrais, pesquisadora, escritora e apresentadora do programa Manos e Minas pela TV-Cultura, que tem como temática a cultura jovem e a cultura de rua. É também uma das idealizadoras do Coletivo Frente 3 de Fevereiro e membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, que se consolidou como a primeira companhia de teatro hip-hop do país.

<sup>27</sup> Segundo D’alva (2014) o Coletivo Frente 3 de Fevereiro, é “um coletivo transdisciplinar, formado no ano de 2014 em resposta ao assassinato do dentista negro Flávio Ferreira dos Santos no ano de 2000, que desenvolvia ações simbólicas, produção de livros, documentários e investigações colaborativas sobre o racismo na sociedade brasileira.

<sup>13</sup> O produto advindo desse contato inicial com a cultura do *poetry slam* foi o espetáculo FUTEBOL, que estreou em 6 de setembro de 2005 e devido a sua repercussão, rendeu aos envolvidos um convite para apresentá-lo no Festival Brasil em Cena, no ano seguinte. A obra pode ser assistida pelo link: <<https://www.youtube.com/watch?v=o5HDXD3OHIU>>

colaboração com outros artistas, organizava noites de performances poéticas, numa tentativa de popularização da poesia falada em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos” (D’ALVA, 2014, p. 97). Ainda explica que a gíria *slam*, na língua inglesa, refere-se as finais de campeonatos de *baseball* e *bridge*, comumente chamadas de “*grand slam*”, foi daí que Smith inspirou-se para nomear a disputa poética nas quais os/as poetas, chamados de *slammers*, têm suas performances avaliadas pela plateia (D’ALVA, 2014).

A união entre os *slams* de todo mundo é tecida pelas regras da competição, que apesar de sofrerem adaptações de contexto para contexto, têm por base três orientações básicas: as poesias devem ser autorais, declamadas em até 3 minutos e não podem ter acompanhamento musical ou de figurino. A dinâmica da prática cultural geralmente se divide em três etapas por encontro. Cerca de quinze poetas começam a disputa. Na primeira rodada todos os inscritos participam, passando para a segunda os oito melhores e para a terceira os três melhores, elegendo-se daí o vencedor ou a vencedora.

A voz e o corpo são as habilidades mais exploradas no momento de se expressar! Quem julga as apresentações dos *slammers*? A resposta a essa pergunta nos leva a uma das questões mais marcantes do “esporte da palavra”: a coletividade. O *slam* é construído na inter-relação e interação entre poeta, público e poesia, uma vez que os cinco jurados de cada batalha são escolhidos em meio ao público presente, os/as quais distribuem notas que podem ir de 0 a 10, ou seja, sem espectadores não há como acontecer o espetáculo performático e poético dos versos. Estrela D’alva também coloca como objetivos centrais do *slam* os encontros e o diálogo entre as diferenças:

Para que um *slam* aconteça é fundamental a participação coletiva e ativa de todos os presentes [...] nesse sentido, os *slams*, que inicialmente têm como mote a competição, tomam a proporção de uma celebração, que conta com um mestre de cerimônias, chamado *slammaster*, e onde a palavra é comungada entre todos, sem hierarquias. Um círculo poético onde as demandas “do agora” de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com suas vivências e experiências. (D’ALVA, 2014, p. 99-100)

O resultado desse processo de imersão da poetisa na cultura do *poetry slam* mostrou-se tão logo ela voltou ao Brasil: D’alva criou o *slam* Zona Autônoma da Palavra, ou simplesmente ZAP! *slam*. O primeiro *slam* do país acontece mensalmente nas noites paulistanas desde dezembro de 2008, especificamente em toda segunda quinta-feira do mês, em ocupações, casas culturais ou em espaços públicos no centro da cidade de São Paulo. A disseminação da prática deu margem para que em 2012 o *slammer* e ator Emerson Alcalde criasse o *slam* da

Guilhermina, na Zona Leste de São Paulo. No contexto mineiro o campeonato foi inaugurado em 2014 pelo *Slam Clube da Luta*, idealizado por Rogério Coelho. O evento ocorre toda última quinta-feira do mês, no teatro *espanca!*, região central de Belo Horizonte.

A celebração literária consolidou-se quebrando regras e padrões. Passados quase 10 anos da chegada dos *slams* ao país, segundo Estrela D'alva, a prática poética já mobiliza aproximadamente 80 *slams* espalhados pelo Brasil. A capital mineira e região metropolitana reúnem ainda os *Slam das Manas*, *Slam Avoa Amor*, *Slam Valores*, *Slam do viaduto pra cá*, *Slanternas* e *Slam trincheira*. A prática ganhou também o interior com o *Slam Ondaka* e *Slam Duamô* em Uberaba, o *Slam da Àgora* em Juiz de Fora, *Slam A rua declama* em Timóteo, o *Slam Verdade seja dita* em Vespasiano e o *Slam A rosa do povo* em Itabira.

A medida em que foi se expandindo pelo mundo, os *slammers* foram encontrando maneiras para que a troca de experiência e o encontro entre os praticantes acontecessem. Sendo assim, além das já conhecidas disputas mensais, campeonatos estaduais, nacionais e internacionais começaram a surgir e a expandir a cena do *poetry slam*. A mais importante competição da prática é a Copa do Mundo de *slam*, que ocorre anualmente em solo francês, desde 2011, na cidade de Paris. Para chegar a disputa mundial, o/a poeta-competidor/a precisa vencer a competição estadual e nacional do *slam* de seu país. Os encontros mensais de cada *slam* costumam contar com uma média de 8 a 10 seletivas ao longo do ano e cerca de 15 a 20 poetas podem se inscrever para declamar em cada um desses encontros poéticos. Em geral, as datas e os locais dos eventos são divulgados por meio de plataformas *online* como o *Facebook* e algumas performances costumam circular pelo *YouTube*.

Em Minas Gerais, o *Slam Clube da Luta* encarrega-se de organizar a seletiva estadual com os vencedores dos *slams* mineiros, valendo vaga para o *Slam Brasil*. Este, por sua vez, é organizado por Estrela D'alva em parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, em São Paulo. Todos os anos o evento elege o representante brasileiro que irá para França. Estrela D'alva, Emerson Alcalde e os mineiros João Paiva e Piê Sousa são alguns dos brasileiros que já representaram o país na competição internacional. No ano de 2018, a representante brasileira foi a *slammer* pernambucana Bell Puã, que venceu o *Slam Br* no final de 2017.

Bell é radicada no *slam das Minas* de Pernambuco, uma vertente de *slams* em que somente mulheres compõem a disputa poética. A iniciativa nasceu a partir do momento em que frequentadoras e poetas da cena do *slam* começaram a notar a diferença numérica de representantes mulheres nos campeonatos estaduais e nacionais. A ideia espalhou-se por vários estados brasileiros e o *Slam das minas* consolidou-se como um espaço de voz e acolhimento

para as poetisas. Curiosamente, na capital mineira, a vertente ganhou o nome de *Slam das Manas*.

Contudo, ainda que venha ganhando cada vez mais visibilidade e formatos no cenário artístico literário, Emerson Alcalde, representante brasileiro na Copa do Mundo de *slam* em 2014, conta, em entrevista a pesquisadora e professora da Unicamp Cynthia Neves (2017), que se surpreendeu com a disseminação, incentivo e envolvimento da mídia e da população francesa com o *slam*. Diferentemente do Brasil, em que os recursos institucionais são poucos e a divulgação é ainda tímida, ele relata que a divulgação a que assistiu na Copa do Mundo, em Paris, mostrou-se estrondosa. Segundo Alcalde, a TV francesa faz entrevistas com os poetas e a competição ganha lugar de destaque nos jornais e revistas.

No Brasil, a desvalorização da vertente marginal reflete as tensões ainda existentes entre a literatura hegemônica e a literatura periférica (DALCASTAGNÈ, 2007). Por outro lado, nos últimos anos, os poetas marginais vêm compondo obras cada vez mais originais frente aos cânones literários, sustentando com destreza a inevitabilidade de “se contrapor a representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, reafirmar a legitimidade de sua própria construção” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 18). Regina Dalcastagnè (2012), em artigo sobre o campo literário contemporâneo brasileiro, alerta que este é um espaço de disputa e exclusão e que a literatura marginal reforça a necessidade de que os estudos literários comecem a questionar a definição do que seja uma obra literária. São essas novas vozes, produzidas à margem do cânone, que têm tensionado e reivindicado um novo fazer literário, que ao mesmo tempo em que se afasta do tradicional, mostra-se cada vez mais característico e representativo:

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 13)

As colocações de Dalcastagnè (2007; 2012) são importantes no sentido visibilizarmos essas obras nos diversos cenários literários, erradicando a desnecessária reafirmação, dialogando e problematizando com a pluralidade das vertentes e movimentos literários nascidos

em cada tempo e contexto. No cenário dos *slams*, por exemplo, a ampliação acontece, pois, as vozes a se expressarem revelaram-se tantas e tão significativas, que dentro da própria dinâmica começaram a surgir formatos interessantes e inclusivos em torno do movimento. Em São Paulo, Daniel Minchoni criou em 2012 o *Menor Slam do Mundo*, com poesias de 10 segundos e hoje a ideia já se espalhou por países como México, Portugal, Argentina, França e África do Sul. No mesmo ano, e inspirado pela ideia anterior, surgiram também o *Minimenor Slam do Mundo*, com poemas de até 3 segundos e o *Nano Slam*, com poesias de apenas 1 segundo. Nesse ambiente democrático, afloraram também os chamados *Slams do Corpo*, com enfoque para a poesia surda e declamada a partir da Libras – Língua Brasileira de Sinais.<sup>29</sup>

Outra vertente que vem se destacando são os *slam escolares*, que levam a prática literária e cultural para dentro das escolas. Emerson Alcalde, ainda em entrevista concedida a pesquisadora Neves (2017), conta que em 2015 teve a ideia de levar o *slam* para as escolas estaduais paulistas, uma vez que “ficou impressionado com o envolvimento também das escolas francesas no evento [Copa do Mundo de *Slam*], pois presenciou caravanas de crianças chegando ao teatro, com cartazes, gritos de torcida, muito empolgadas para compor o espetáculo como plateia.” (NEVES, 2017, p. 97). Assim, igualmente motivado pela potência educativa dos *slams*, Oliver Lucas trouxe os encontros poéticos do “esporte da palavra” para o contexto mineiro e, em 2017, organizou e executou o *slam interescolar* de Minas Gerais e também o 1º *slam interescolar* nacional, com participação dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Certamente motivado pela natureza educativa de práticas que promovam o uso e a reflexão por meio da linguagem, como o *slam*, o educador ofereceu oficinas de escrita criativa para alunos de 10 escolas públicas da capital Belo Horizonte e região metropolitana.

Dessa forma, os *slams* podem se consolidar, uma vez que se inserem no âmbito artístico, cultural e político, como forma de construção de aprendizagens, participação sociocultural, ativismo e, conseqüentemente, como trata-se de um evento associado a processos de letramento, reflexões acerca dos usos da linguagem. A escrita criativa e poética pode ainda proporcionar acontecimentos político-pedagógicos, como (re)construção de identidades, aprendizagem e diálogo entre as culturas que permeiam o ambiente escolar e desenvolvimento de habilidades de escrita, escuta do outro e leitura/declamação de textos em público.

Ainda que tenha ligação com a competição e com a disputa, os *slams* escolares representam uma relação dialética no que diz respeito a vida em sociedade, para qual o/a jovem está sendo formado. Isso porque a sociedade capitalista também acirra cada vez mais a

---

<sup>29</sup> Informações adquiridas na página < <http://oslam.art.br/> > Acesso em 19/01/2018

competição social, seja por empregos, seja pelo poder da fala, seja pelos bens do capital. Nesse sentido, um dos principais objetivos de tornar a poesia falada um esporte dentro das escolas é aproximar os alunos da produção escrita literária, provocar reflexões e empoderamento cultural, social e político, como bem colocado por Alcalde:

O objetivo final dos slams não é ganhar a fama midiática nem dinheiro com seus eventos, mas, paradoxalmente, de se fazerem ouvir. Promover a poesia oral, falar poesias (spoken word), ler, escrever, declamar, divulgar, promover batalhas de performances poéticas, transformar os slams em linguagem, em educação. (NEVES, 2017, p. 97)

Diante das recentes ações que ligam a prática do *slam* as escolas, esta pesquisa percebeu como os/as participantes do projeto *slam interescolar* de 2017 utilizam e significam sua experiência com a linguagem. O movimento cultural e suas dinâmicas podem ser um infinito espaço para se entender os processos de construção e consolidação de letramentos não canônicos, bem como um espaço polifônico em que jovens alunos/as expressam através da arte sua subjetividade, reflexividade e experiências de vida escolar e social. Por isso, há de se considerar a arte e as sensibilidades a ela inerentes como forma de se chegar mais sensivelmente a conscientização de que tanto falava Paulo Freire. A ideia de conscientização na obra de Freire possibilita ao homem “inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação” (FREIRE, 2012, p. 28).

Dessa forma, as práticas artísticas advindas do *slam* podem ser valorizadas como um especial e infinito meio de renovar as capacidades de apreensão e percepção do mundo juvenil por meio das palavras. Diante disso, nas próximas linhas pretendo explicar o contexto, as atividades e experiências forjadas no interior do Projeto *slam interescolar*, a partir da “conversa” com o idealizador Lucas Oliver e de um documento que caracteriza e detalha a proposta.

### **3.4 O *slam interescolar* 2017**

O *slam interescolar* foi um projeto de arte educação inspirado no movimento literário cultural *poetry slam* que aconteceu com alunos e alunas do Ensino Médio em escolas públicas da cidade de Belo Horizonte, no segundo semestre do ano de 2017, entre os meses de agosto e dezembro. Figurando como uma das modalidades do *slam*, em sua versão escolar, o projeto foi além das competições e também abrangeu a realização de oficinas de escrita criativa. Idealizado

pelo educador, poeta e *slammer* Oliver Lucas, o *slam interescolar* pode ser caracterizado enquanto

uma competição de poesias faladas entre alunos da rede pública de ensino. Os *slams* são competições de poesia, que visam incentivar a leitura, a produção criativa e consciente de textos, a interpretação crítica do mundo, a escuta participativa e atenta, a performance e a fala em público, habilidades que permitirão os alunos participantes, desenvolverem-se como cidadãos democráticos e participativos na sociedade. (OLIVEIRA, 2017, Documento “Projeto Slam Interescolar”)

No intuito de compreender com mais detalhes as peculiaridades que envolveram a idealização, execução e acontecimentos em torno da iniciativa realizei uma entrevista com Oliver em julho de 2018. Além disso, as informações aqui escritas, também foram amparadas pelo documento “Projeto Slam Interescolar”, que detalha e caracteriza a ideia e que Lucas me enviou por *e-mail*. O educador, que participa da cena dos *slams* desde que o movimento se inseriu na capital mineira, graduou-se em Geografia pela UFMG e, recentemente, defendeu sua dissertação de mestrado em Educação sobre os jovens e os saraus de rua de Belo Horizonte. Durante um período de seis meses tivemos algumas conversas informais que foram muito importantes para que eu pudesse ir construindo compreensões e impressões sobre o *slam interescolar*.

Logo nas primeiras palavras fui entendendo que o projeto buscava desenvolver e estimular a escrita dos alunos do Ensino Médio das escolas belorizontinas, em específico, aquelas escolas que faziam parte do núcleo CICALT – Plug Minas. As oficinas eram essenciais no sentido de que uma das regras do *slam* é a declamação de poesias “de autoria própria dos alunos, de até três minutos de duração, e utiliza a performance como ferramenta de expressão dos textos. Os poetas são avaliados por cinco jurados escolhidos no local, entre os alunos participantes do projeto. A soma das notas das poesias define o campeão” (OLIVEIRA, 2017, Documento “Projeto Slam Interescolar”). Abaixo coloco o cartaz de divulgação do evento final do *slam interescolar*, que aconteceu em dezembro de 2017 (na ocasião os representantes de São Paulo não puderam comparecer):

FIGURA 5 – Cartaz de divulgação *slam* interescolar 2017

Fonte: < <https://www.facebook.com/events/1525095660902083/> > Acesso em 12/06/18

Ao longo da narrativa, Lucas revela indícios que a ideia do projeto foi sendo influenciada e arquitetada em meio as suas experiências com a linguagem. O professor diz que sempre gostou de ler e que ia muito para a biblioteca quando era estudante do ensino médio. Conta das influências do *rap* e de quando entrou para a universidade, local onde começou a participar de ocupações, coletivos e movimentos culturais como os saraus, *slams*, feiras literárias independentes e momento em que expandiu sua produção literária, escrevendo crônicas e poesias. Ou seja, o projeto foi nascendo e sendo influenciado pelas práticas de letramento em que o arte-educador foi se envolvendo.

Oliver vai contando um pouco sobre isso quando fala de suas experiências formativas fora da escola, nos coletivos: “nunca participei de sindicato, de partido, sempre vim de coletivos assim mais abertos, aquela coisa do coletivo mesmo, de não ter uma cobrança, de vai quem quer”. A partir desses coletivos, o poeta e *slammer* foi também ampliando sua vivência com a experimentação da linguagem: “comecei a escrever e a participar dos saraus, fazer livro

*independente, fazer zine, participar de várias feiras independentes de produção literária, fiz vários livros... a gente fazia uns livros de tecido... Eu fiz um livro que chamava "Sob a luz laranja", que era de crônicas".* Nessas andanças pelo universo da poesia, conheceu mais de perto poetas como Manoel de Barros, Cecília Meireles, Fernando Pessoa e seus heterônimos. Além disso, viajou para cidades de outros estados, como São Paulo e Rio de Janeiro para conhecer outras comunidades de *slam*. Por isso, Lucas fala dos movimentos poéticos como lugares de aprendizagem e formação. Diferenciando a dinâmica do sarau da dinâmica do *slam*, ele explica que

*o slam é muito diferente do sarau, o sarau as pessoas vão lá e pá não sei o que e falam, é mais um ambiente de descontração... o slam é competição, é arena, as pessoas tão em silêncio, eu nunca vi aquele silêncio pra recitar, aquele silêncio é muito impactante [...] eu aprendi no sarau e no slam, ninguém ensinou a gente a fazer poesia, eu aprendi tudo o que eu sei de poesia ouvindo os outros falando e eu peguei um pouquinho de cada um, tudo que eu falei aí eu peguei em algum lugar, é bricolagem total... desde pesquisar cordel do nordeste e ver vídeos de altos tiozinhos recitando e pegar métrica e pegar ideia e desde poesia... todos os tipos, eu comecei a estudar isso também, como uma forma de desenvolver metodologia de escrita.*

Essa metodologia foi começando a melhor se desenvolver nas ocupações escolares<sup>30</sup> que aconteceram em 2016, momento em que o educador ministrou oficinas criativas para que os alunos falassem sobre o importante momento que estavam vivenciando. Foi assim que em 2017, Lucas trouxe para as terras mineiras o *slam interescolar 2017*. Entre agosto e novembro, o professor percorreu 10 escolas, passando quatro dias em cada uma delas. Ele conta que o projeto está vinculado ao Valores de Minas, um núcleo educacional e artístico que oferece aulas de arte para jovens de Belo Horizonte. Lucas conta que escreveu o projeto e apresentou à secretaria de educação do estado, que apoiou a iniciativa e

*me passou uma lista de 20 escolas da regional leste e nordeste, que tavam disponíveis e falaram vai lá e tal, aí eu fui em 15 escolas em 10 rolou. Aí eu liguei nas escolas, marquei uma entrevista, fui lá, apresentei o projeto e a galera topou. Foi bem legal, as escolas foram bem abertas assim.*

<sup>30</sup> A mobilização estudantil no Brasil em 2016 correspondeu a uma série de manifestações e ocupações de escolas secundárias e universidades brasileiras no durante o segundo semestre de 2016. As mobilizações visavam barrar projetos e medidas dos governos estaduais de Geraldo Alckmin, Marconi Perillo, José Ivo Sartori, Beto Richa, Luiz Fernando Pezão e do governo do então presidente Michel Temer. Os estudantes protestaram contra os projetos de lei da "PEC do teto de gastos" a PEC 241, projeto "Escola sem Partido", o então PL 44 e da medida provisória do Novo Ensino Médio. Informação disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o\\_estudantil\\_no\\_Brasil\\_em\\_2016](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o_estudantil_no_Brasil_em_2016)> Acesso em 20/01/2019.

Depois de apresentar o projeto, o educador deixava a cargo das escolas a escolha dos/as alunos/as que iriam participar das oficinas, que podiam ser ministradas para até 30 jovens. Refletindo sobre a dinâmica das oficinas, Lucas conta que atuava como professor e ator, na intenção de mobilizar e chamar a atenção dos/as alunos/as e incentivá-los/as a falar sobre como viam o mundo. A proposta era que nos três primeiros dias os alunos e alunas escrevessem poesias para a participação no *slam*, que ocorria no quarto e último dia. Em meio a competição, o poeta e *slammer* revela que foi surpreendido positivamente pela criação de um espaço de diálogo e convívio com a diferença e com o outro: “*na verdade eu não tô fazendo uma oficina de poesia, eu tô criando um espaço de diálogo*”. Nesse cenário, o educador elencou como objetivos do projeto, as seguintes questões:

#### QUADRO 2 – OBJETIVOS DO PROJETO SLAM INTERESCOLAR

Objetivo Geral
Fomentar a leitura, a criação literária e o debate entre jovens a partir do <i>slam</i> enquanto espaço de formação criativa, crítica e reflexiva.
Objetivos Específicos
Fomentar a leitura, tanto de livros clássicos quanto contemporâneos;
Favorecer a produção de textos, a fala consciente e a escuta atenta, além de incentivar a competição em um ambiente saudável;
Formar multiplicadores de saraus, leitura e escrita;
Incentivar a criatividade, a versatilidade e a iniciativa, a partir da produção poética, da diversidade de temas e da proposição de atividades extracurriculares como saraus e <i>slams</i> ;
Valorizar os benefícios educacionais e socioemocionais da produção literária, da ética, da estética e do conteúdo.

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base no documento “Projeto Slam Interescolar 2017”

Diante disso, Lucas também reflete acerca das dimensões formativas do *slam*, percebendo o movimento poético como uma metodologia de escrita: “*eu me dispus a entender o slam como uma metodologia, falei isso aqui é muito doido, dá para aprender muita coisa.*”. Um dos pontos destacados pelo educador é o momento em que fala que o *slam interescolar* possibilitou para os/as alunos/as 3 processos “*educativos formativos que acontece com todo mundo que participa desses movimentos, que é o processo de pensar, o processo de ouvir e o processo de falar*”. A partir desses processos podemos pensar o *slam* como um espaço de escuta e formação. Nesse espaço há também potencialidade para o sujeito se reconstruir, refletir e

saber-se sujeito de direitos, reconhecer-se por meio da partilha e escuta da experiência do outro. O poeta também coloca o silêncio como algo impactante e marcante no movimento: “*eu lembro que o Juarez, meu orientador, foi no slam e aí ele falou assim, nunca vi tantos jovens em silêncio*”, essa fala de Lucas nos faz refletir sobre as dimensões do silêncio, no sentido de que há silêncios para calar e silêncios para formar ao ouvir o outro. O educador entende o *slam* como

*uma metodologia de conhecer o outro, eu brinco muito com essa questão da democracia, que eu falo ou a democracia é nada mais, nada menos que um espaço de debate que a gente tenta definir rumos ou não... sei lá, mas a gente precisa se ouvir, a gente precisa treinar se ouvir, a gente não treina isso a gente treina só... eu falo assim, uma das motivações no começo, aproveita pra falar, quem que escuta vocês? Vamos escrever!*

Sendo assim, Lucas organizou a metodologia do projeto em etapas, começando pela troca de ideias com os/as jovens, passando pela escrita, recitação e a etapa do *slam* propriamente dita. Ele conta que essa metodologia foi sendo aperfeiçoada e adaptada de acordo com a prática, em meio aos desafios e surpresas cotidianas. O educador e poeta dividiu essas etapas do projeto no que ele denominou de *Momentos*:

### QUADRO 3 – OS CINCO MOMENTOS DO SLAM INTERESCOLAR

<b>Momento I - Sobre O Que Escrever</b>
Esse Momento visa mobilizar os participantes a debater temas da atualidade importante para os jovens: família, política, educação, direitos, comunidade, meio ambiente, construção racial, religião, identidade, questões de gênero, drogas, violência, arte, cultura, etc. Esses temas serão debatidos a partir da leitura prévia de poesias clássicas e contemporâneas, de contos e crônicas que tratem destes assuntos. Os temas também poderão ser sugeridos pela Escola, de modo que se encaixe dentro de outros projetos que ocorrem no ambiente escolar. Essas discussões irão promover uma visão mais crítica da sociedade, tornando-os com maior capacidade argumentativa e capaz de fazer suas escolhas de forma mais madura e estruturada, para a produção das poesias.
<b>Momento II - Escrita Criativa e Linguagem Poética</b>
Esse Momento busca ensinar técnicas de escrita criativa para os jovens, sem métricas pré-estabelecidas, sem um tamanho definido, apenas com uma ou mais temáticas pré-definidas, escolhidas por cada um de acordo com suas experiências e realidades. Para isso, escrever a partir da perspectiva do outro, contar outras versões da história, e pensar em paralaxe, ou seja, vislumbrar mais de um ponto de vista, são formas de produzir textos mais complexos em função de ampliar os horizontes dos alunos. Também irá auxiliar na expressão e na oralidade, na construção da performance para o momento de recitar a poesia.
<b>Momento III – Sarau</b>

Esse Momento é o da troca, do diálogo entre os textos, da experiência da fala e da escuta, de ocupar o espaço com poesia. Encontro entre as ideias e celebração coletiva da produção. Serão realizados ao fim de cada encontro, de modo que a poesia produzida no dia possa ser lida e escutada por todos, possibilitando que os participantes expressem sua poesia e escute a dos colegas.
<b>Momento IV – Slams</b>
Esse Momento é dedicado a competição entre as poesias e os poetas. Os <i>slams</i> são realizados no último encontro, para que haja o desenvolvimento necessário e a produção de 3 poesias. O <i>slam</i> consiste da apresentação das poesias dos alunos para o público da escola: alunos, professores, funcionários. Nas qual os jurados são selecionados na hora, e irão dar notas de 0 a 10 para a apresentação dos alunos. A notas são dadas de acordo com a interação entre o Texto e a Performance apresentada, sendo que só a voz e o texto podem ser usados para essa apresentação. A soma das notas das apresentações definirá quem será o vencedor da Escola.
<b>Momento V – Final Slam Interescolar</b>
O último momento do projeto, é a final entre os vencedores de cada escola participante. O vencedor de cada escola, irá representa-la no evento final que contará com a presença dos alunos participantes das oficinas de todas as escolas, sendo o momento de encontro, troca e apresentação das melhores poesias, e da celebração das ideias entre os alunos da rede.

Fonte: elaborado pela pesquisadora com base no documento “Projeto Slam interescolar 2017”

Nesse cenário, a perspectiva cultural do *slam* possibilita que a poesia seja trabalhada de uma forma diferente, com uma linguagem mais livre e próxima, característica da vertente poética marginal. A dinâmica proporciona aos alunos e alunas conhecer obras e autores, além de também ser motivado a escrever e criar seus próprios versos. Lucas conta como é a dinâmica de motivar e mediar o processo da escrita, colocando-se como um professor mediador e motivador:

*no primeiro eu chego e já recito uma poesia dessas assim e elas falam nú::, que isso, isso é poesia.. aí eu começo a trabalhar, falo de poesia curta, brinco o que é poesia pra vocês? [...] aí eu vou brincando, falando que ah:: poesia não precisa rimar, não tem isso, não pensa nas regras, a poesia é a coisa mais livre que existe na linguagem [...] tem que ser o oposto do que vocês acham que é, brinca com as coisas, quanto mais você brincar, inventar, falar o que vocês pensam de verdade.*

Assim, mobilizados pelo educador, os/as jovens alunos/as iam aprendendo uns com os outros, uma vez que escreviam sobre temáticas que tocavam nas vivências da juventude: “*meninas escrevendo sobre buylling, sobre a morte da tia que sofreu abuso, é menina que escreve porque o pai foi preso, é menino falando que a polícia já deu mil pulão nele, é menina falando que não consegue emprego, é menina falando de assédio em casa*”. Diante disso, podemos pensar que a dimensão educativa do *slam* acontece devido ao seu formato de intensa

interação. Os/as alunos/as discutem, escrevem, reescrevem e partilham seus textos uns com os outros. Nessa mediação, o/a jovem tem a possibilidade de pensar sobre si e é estimulado a refletir e questionar, em um movimento de educação pela arte. O compartilhamento das poesias também caracteriza um espaço de diálogo e de convívio com o outro:

*é um espaço de diálogo, de se conhecer e conversar, é uma forma de quebrar o fascismo na minha visão... só se quebra o fascismo quando se conhece o outro, porque o fascismo é o medo do outro... então exclui e elimina ele... se eu conheço o outro acabou, minimamente eu crio uma mínima empatia ou uma antipatia completa, mas pelo menos eu conheci.*

Além disso, o pensamento crítico foi outra perspectiva trabalhada no projeto, uma vez que o educador coloca o *slam* como um lugar em que os/as jovens discutiam sobre temas contemporâneos e de relevância social: *“é uma coisa bem legal assim que eu acho, é porque eu só descobri a palavra feminismo há uns 5 anos atrás, eu já tinha formado, nem existia... e as meninas de 15 e 16 anos já estão falando disso e eu falei ó ótimo, já é uma mudança de perspectiva, elas não vão entrar com 25 anos na universidade sem saber disso... questão de gênero foi muito abordado também”*. Lucas, como um educador e ativista, demonstra profunda preocupação em levar essas temáticas para dentro da escola, as quais, por outro lado, podem ser recebidas de maneiras distintas pelos diferentes atores educacionais.

Isso porque na medida em que proporcionava um espaço de diálogo, o movimento cultural suscitava também o conflito. Lucas conta de um acontecimento em que esse conflito se deu de maneira desproporcional. Em uma das escolas que ministrava a oficina, o discurso religioso foi citado pela diretora da instituição no sentido de impedir que os alunos escrevessem e discutissem no espaço do *slam* sobre questões de gênero e sexualidade, em uma espécie de censura e imposição de ideias conservadoras:

*nessa escola eles foram vendo que os alunos tavam escrevendo... só pedrada, muito texto sobre gênero muitas meninas falando sobre homossexualidade, bissexualidade, transgênero, sobre/contra a ditadura militar... falando do golpe... falando de racismo, de professores racistas... tipo assim, textos fortes... menino pegou e falou... ô professor tenho medo de falar isso... eu falei, fala vei... [...] no segundo dia a diretora chegou e falou ó gente... eu estou muito preocupada, eu orei a noite inteira por vocês, eu perguntei pro meu pastor... ele me disse pra mim orar muito, porque vocês estão falando essas coisas de gênero... aí uma aluna, a Camila fez um texto bem feminista, falando da mulher da favela e tal... aí a diretora falou assim, mas você tem que entender que a mulher ela tem de certa forma que ter o cuidado da casa, porque ela tem que tá preparada pra saber o que o marido quer, é papel da mulher também na sociedade, faz parte.*

A partir de então, o educador conta que os alunos e alunas continuaram a fazer textos ainda mais críticos, no sentido de rebater a tentativa de silenciamento de suas vivências, demonstrando e reforçando que a escola é lugar da pluralidade de ideias e não da consideração de um pensamento único. O poeta também conta que nessa mesma escola, por conta desse episódio, teve dificuldades em terminar as aulas da oficina, que quase foi interrompida pela instituição, situação que foi felizmente contornada com a ajuda dos alunos poetas, que reivindicaram a finalização do projeto.

Diante desse contexto, podemos pensar o espaço do movimento poético como uma oportunidade para que os atores escolares se conheçam e reconheçam as visões de mundo e os distintos posicionamentos que permeiam as vivências dos participantes: *“pensando nesse espaço de diálogo, foi uma forma das profissionais da educação terem contato com o que os jovens estão aprendendo, com o que eles pensam”*. Por isso, vejo o *slam interescolar* como uma oportunidade para um encontro entre escola, arte e cultura, literatura e escrita criativa e além disso, um lugar para se conhecer os/as alunos/as e formar a sensibilidade do próprio professor, na intenção de aproximá-lo das realidades de cada estudante.

Foi nesse espaço cultural, onde os alunos e as alunas falavam sobre questões da realidade que influem e refletem em seus cotidianos, que encontramos os colaboradores da pesquisa. Nesse sentido, percebemos como importante uma aproximação entre escola e coletivos culturais e artísticos, no sentido de aprender o modo como os/as jovens se formam, constroem aprendizagens e experimentam linguagens nesses espaços. Ou seja, é pensar a maneira como esses movimentos atuam no processo formativo da juventude, uma vez que eles demonstram proporcionar uma formação que funciona a partir de uma outra forma de pensar e abordar a educação, a escuta, o diálogo, a linguagem e os modos de aprender e fazer no mundo. Sendo assim, no capítulo seguinte, exponho as noções de letramento que guiaram as reflexões da pesquisa, dizendo também dos novos sujeitos, pedagogias e letramentos que adentraram a escola nas últimas décadas.

## **Capítulo 4 Entre as curvas da linguagem: trajeto pelas perspectivas dos letramentos**

Neste capítulo busco apresentar e dialogar com a abordagem da linguagem que empreendemos ao longo da pesquisa. Em um primeiro momento, procurei ressaltar que a entrada de novos sujeitos na escola, a partir das décadas finais do século XX, evidenciam a necessidade de renovação no interior desse espaço e de suas práticas, em especial aquelas que envolvam a linguagem. Em seguida, dialogo com as proposições de Mikhail Bakhtin para dizer da perspectiva social e ideológica da linguagem nesta pesquisa. Por fim, retomo a noção tradicional da ideia de letramento, no sentido de propor um aprofundamento dessa abordagem a partir dos novos estudos do letramento, propostos por Brian Street. Esses novos estudos se debruçam a abordar os usos sociais e culturais da linguagem, indo para além da abordagem de aquisição das práticas de ler e escrever, ao perceber como os sujeitos utilizam e significam as práticas e eventos de letramento dos quais participam.

### **4.1 Por que novas pedagogias e letramentos no espaço escolar? Os novos sujeitos dizem...**

*Cês já pararam pra pensar,  
 Como que as escolas  
 Se assemelham  
 Ao sistema carcerário?  
 É só punição!  
 Detenção  
 Suspensão  
 Ocorrência [...]  
 Em dois meses de ocupação  
 Aprendi muito mais que  
 12 anos nessa prisão.  
 E olha, que tudo que eu estudei,  
 NADA caiu no ENEM,  
 Exame nacional do ensino médio,  
 De quem?  
 Ano passado,  
 Umas 5 mina da escola  
 ganharam neném,  
 E cês ainda querem  
 Falar, comparar, justificar,  
 Que só não passa no vestibular,  
 Quem não se esforçar?*

*(Trecho da poesia “Escola”,*

*Eliza Castro, Coletânea de poesias Slam Clube da Luta 2018, Livreto/Zine)*

Os versos postos na epígrafe são de Eliza, uma poeta e estudante secundarista que conheci pelo campo de pesquisa. Sua poesia nos faz pensar sobre as inúmeras realidades, anseios e demandas que permeiam o universo de jovens estudantes e como a escola, nos dias de hoje, ainda tem dificuldade de lidar com os incontáveis modos de ser da juventude. Nessa direção, com visões de mundo e vivências diversificadas, os jovens mostram-se cada vez mais engajados em representações e formas de expressão, alvitrando seu reconhecimento nos inúmeros espaços socializadores, inclusive nos ambientes educacionais. Isso porque a escola figura como a instituição social de maior relevância para as sociedades modernas, local que a partir do século XX foi se firmando como principal lugar formal para a transmissão de saberes (GALVÃO, 2007).

Esse espaço, como todas as instituições sociais, também passou por mudanças que foram construindo e moldando uma cultura escolar, suas práticas e objetivos. Por isso, é preciso “estar atento e forte” à maneira pela qual determinados processos e práticas escolares entendem e representam a cultura escolar. Muitas vezes, ao ancorar-se em dinâmicas, normas e procedimentos dominantes do currículo, essas práticas e processos correm o risco de deixar de proporcionar espaços para trocas e encontros significativos entre o/a estudante, o outro e o contexto em que essa convivência acontece. Portanto, cabe questionar, qual relação a escola estabelece entre a cultura escolar e a cultura local dos/as jovens?

O sistema educacional é uma construção histórica construída no tempo, mas também desconstruída, renovada, ao menos pautada, maquiada em cada tempo. Os currículos, a docência, o que ensinar-aprender são construções históricas. O conhecimento é uma construção-desconstrução permanente submetido a uma dúvida metódica social e política permanente. (ARROYO, 2014, p. 67)

Em meio a essas transições, a escola, em seus primeiros ritos no Brasil, era frequentada por alunos pertencentes a elite social da época. Faria Filho recorda que mesmo sendo considerada como uma instituição de frequência obrigatória na atualidade, durante um longo período o espaço escolar foi uma instituição ausente para a maior parte da população. Nesse sentido, por não ter sido oportunizada e vivida de maneira igualitária por todos, a escola possui relevância diferente para os indivíduos que compõem o corpo social (FILHO, 2011). Além disso, em meados dos anos 50, segundo a estudiosa Nora Krawczyk a escola era voltada a

"difusão de um conjunto de saberes e valores universais" (KRAWCZYK, 2014, p. 78). Contudo, a autora coloca que essa formação cidadão baseada em valores universais evidenciou tensões sociais, as quais comprovaram as implicações dos "efeitos discriminatórios da educação formal, que favorece os alunos de origem social mais elevada" (ibid., p. 78).

Nesse contexto, uma visão mais crítica em torno do acesso à educação começou a ganhar pauta a partir dos anos 60, quando, impulsionada pelos movimentos sociais e pelo empoderamento social de determinados grupos, a escola passa por um momento de expansão, trazendo novos sujeitos para dentro de seus muros e, conseqüentemente, novas culturas, novos conhecimentos, novas linguagens e formas de utilizá-las (ARROYO, 2014). Tais fatos foram o estopim para o questionamento do dualismo existente nos sistemas educacionais e para o reconhecimento da inevitabilidade de reformas nas estruturas da escola, de suas práticas e de seu currículo.

Desde então, o espaço da escola vem se empenhando em abordar premissas mais críticas e libertadoras. Entretanto, essa mudança encontrou curvas sinuosas pelo caminho, tendo sua aceleração interrompida tanto por questões políticas, como sociais e culturais. Isso porque o currículo escolar encontrava-se envolto em relações de poder e o ingresso em massa nas escolas públicas contribuiu para a diversificação desse espaço e também para a chegada de embates dentro desse ambiente, fazendo com que a escola pública, por diversos fatores, abrisse margem para a expansão das escolas privadas, enfraquecendo as perspectivas de uma educação igualitária (KRAWCZYK, 2014).

Passada essa curva, já em meados do anos 80, a retomada de reivindicações pelo direito a educação pública de qualidade foram ganhando novos contornos, uma vez que vivíamos "um período de transformações aceleradas, que trazem novas expressões das relações de poder, mudanças na maneira de produzir, nas relações de trabalho, na sociabilidade e na vida cotidiana" (KRAWCZYK, 2014, p. 80). Essas questões exigiram dos espaços escolares uma nova reflexão sobre suas proposições curriculares em direção a uma maior sintonia com a realidade. Arroyo (2014) ressalta que isso ocorre a partir do momento em que

o direito à escola, ao conhecimento adquire novas radicalidades políticas no avanço da consciência dos direitos dos setores populares e dos próprios jovens-adultos. A luta pela escola dos jovens populares, trabalhadores, filhos de trabalhadores das periferias ou dos campos confere novos significados ao direito à escola, à cidadania, à igualdade e ao conhecimento. O que ensinar e o que aprender adquirem novas exigências. (ARROYO, 2014, p. 66)

Nesse sentido, além dos movimentos sociais, mais adiante, os estudos culturais foram outra vertente que exerceram grande influência para a consolidação de rupturas curriculares que privilegiem a diversidade dos sujeitos que passaram a integrar a escola. O estudioso brasileiro Tomaz Tadeu da Silva (2017) coloca que os estudos culturais colaboraram para alicerçar ao campo da educação uma concepção antropológica de cultura. Ainda segundo o autor, as contribuições dos estudos culturais para uma renovação no currículo e nas dinâmicas escolares partiriam da equiparação entre os conhecimentos da cultura popular, da cultura escolar e da cultura de massa, além da consideração da existência de identidades fluidas e distintas no seio do espaço escolar (SILVA, 2017).

No atual contexto, permeada por pluralidades, a escola guarda um espaço de socialização enriquecedor para a construção e reconstrução das relações sociais, assim como um lugar de reflexão e interação com o outro. Nas palavras de Arroyo (2014), é a partir do outro que o autorreconhecimento se coloca em movimento, ao encontrar a diferença voltamos a atenção e crítica para nosso interior. Dessa forma, o autor lembra que a escola proporciona

a convivência com a diversidade, na qual os jovens têm a possibilidade de descobrirem-se diferentes dos outros e, principalmente, aprenderem a conviver respeitando essas diferenças. É na relação com o outro que aprendemos a reconhecer as nossas próprias limitações, a entender que não nos bastamos e que a diferença nos enriquece. Cabe ao mundo adulto criar espaços e situações por meio dos quais os jovens possam se defrontar com seus próprios limites. (ARROYO, 2014, p. 125)

Ao lidar com a temática da linguagem, penso que as reflexões acerca de transições nas práticas educativas também estabelecem profunda relação com o chamado giro linguístico<sup>31</sup>, momento em que a linguagem passou a ser um mecanismo de constituição e conhecimento dos sujeitos e a principal maneira de interagir e se relacionar com o outro. Pela linguagem se tem criado e desenvolvido espaços e situações de aprendizagem e compreensão das tensões que permeiam os encontros e conflitos interculturais. Pela linguagem também percebemos dinâmicas socioculturais que foram construindo narrativas e identidades ao longo dos tempos. Por isso, principalmente nas últimas décadas, a linguagem adquiriu papel central para as relações sociais, para o pensamento contemporâneo e, conseqüentemente, para as ciências humanas e sociais. Digo isso porque “é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui

---

<sup>31</sup> De maneira resumida, o giro linguístico aconteceu durante o século XX, quando a filosofia ocidental focou seus esforços nos vínculos existentes entre filosofia, linguagem e as relações entre os sujeitos. Nesse momento, a linguagem passou a guiar as pesquisas e explicações filosóficas, uma vez que as capacidades linguísticas dos sujeitos, seus modos argumentativos de dizer o que dizem, possibilitam oportunidades de compreensão do mundo e dos modos de ser.

sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo” (BRASIL, 2006, p. 24) e de reconstruir novas percepções socioculturais.

Diante desse contexto, já é notável a existência de um crescente movimento de mudança com intervenções que tem procurado angariar novas práticas curriculares nos espaços escolares condizentes com a pluralidade de culturas e linguagens que se encontram nas salas de aula. Dentre essas iniciativas, podemos destacar a ascensão de outras práticas de letramento na escola como o *poetry slam*, bem como a proposição de aulas com temáticas e discussões mais próximas ao contexto dos/as alunos/as. Sobre os currículos e dinâmicas, Arroyo (2014) destaca a inevitabilidade de contemplarem e transitarem pela diversidade de conhecimentos existentes:

A renovação dos currículos nas escolas tem passado por esse duplo movimento: de um lado, trazer novos conhecimentos de cada área; de outro lado, reconhecer e incorporar os conhecimentos que vêm das experiências sociais, das indagações de que são sujeitos mestres e alunos. O currículo não é um reservatório de saberes estáticos, mas um território de disputa de saberes na pluralidade epistemológica do mundo atual e na heterogeneidade de sujeitos sociais que chegam às escolas. Pensar em outros currículos exige reconhecer essa pluralidade de saberes, de conhecimentos, reconhecer a pluralidade epistemológica do nosso mundo e especificamente a pluralidade epistemológica e cultural que chega às escolas (ARROYO, 2014, p. 160).

É nesse sentido, que a linguagem tem ancorado iniciativas para uma virada educacional mais problematizadora. Por isso, vislumbramos na prática cultural do *slam interescolar* e das experiências languageiras de seus/suas participantes, potencialidades vinculadas a introdução de novas práticas de letramento na escola. A necessidade de considerar e introduzir essas novas práticas possui vínculos com as mudanças socioculturais, uma vez que os/as novos sujeitos, ao adentrarem os espaços escolares, trazem consigo novas formas de se expressar, de utilizar a linguagem, de produzir conhecimento, de vivenciar e significar o mundo.

As observações no campo de pesquisa mostraram que a poética do *slam* carrega em seus versos o desejo de mudança, a voz da autorrepresentação, as metamorfoses e os questionamentos de um ser jovem. Assim, passei a contemplar essa prática por representar uma vertente literária que evoca a enunciação de realidades invisibilizadas, de vivências na resistência e da celebração de imaginários culturais ora subjetivos, ora coletivos. Sendo assim, as práticas culturais em torno do *slam* demonstraram carregar consigo aprendizagens e ensinamentos cunhados por meio dos versos, uma possibilidade de andar com nosso tempo, motivar o diálogo democrático, construir momentos de reflexão e despertar a sensibilidade por meio da arte literária e da escrita criativa.

Por isso, acredito que a cultura literária do *slam* possibilite ações que se aproximam de uma nova prática educativa, por aproximar os/as alunos de suas vivências e usos sociais e culturais da linguagem. Diante dessa perspectiva, o letramento tem morada nas artes, nas experiências culturais e em suas formas de expressão e representação, tem morada nos modos de ser, nas relações cotidianas, nos conhecimentos (re)construídos fora da escola e também dentro dela. Assim, a arte literária, constituidora das práticas do *slam*, reafirma-se cada vez mais como uma manifestação artística com potencial humanizador e transformador (CÂNDIDO, 2004) e pode ser considerada como um meio de problematização e reflexão por meio das palavras. Diante disso, na seção seguinte explicito as perspectivas da linguagem que guiam as reflexões da pesquisa rumo a uma concepção de linguagem social e ideológica.

#### **4.2 A perspectiva social e ideológica da linguagem**

A linguagem possui intrínseca relação com a vida humana, já que é através dela que significamos o mundo e construímos os sentidos. Nas reflexões de Charaudeau (2014), a linguagem constitui-se como um fato social que carrega consigo vínculos de poder. Tais vínculos são construídos e reconstruídos em meio as relações de contato e trocas promovidos pelos sujeitos ao longo do tempo, ou seja, podemos considerar que “a linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social” (CHARAUDEAU, 2014, p. 7).

Figurando como um importante meio de expressão, de representações e visões de mundo, a linguagem tem sido, no decurso da existência humana, artifício tanto para a dominação e colonização, como para a libertação e emancipação dos indivíduos e das sociedades. A contemporaneidade evidenciou uma disputa pela palavra, ou, de maneira ainda mais profunda, uma disputa por narrativas. Na pesquisa, venho pensando o discurso como um conjunto de práticas linguísticas de um grupo, produzidas em um determinado contexto, e a narrativa enquanto um tipo particular de discurso que pode conectar mundos individuais e coletivos. Essas disputas por narrativas encontram-se intimamente ligadas a chamada crise da era moderna, a qual vem abalando e modificando perspectivas identitárias, culturais, ideológicas, educacionais, comunitárias etc:

A linguagem é profundamente determinada pelo momento histórico, pelas contradições sociais e pelos conflitos ideológicos - de classe, de gerações, de gênero, de grupos étnicos etc. Ela é produto inconsciente, semiconsciente e consciente dessas contradições. Sua função comunicativa possui também uma

importante instância de integração e de ocultação das contradições sociais. (CARBONI; MAESTRI, 2003, p. 3)

Diante das complexidades que rondam a linguagem, convém ressaltar que a pesquisa se ancora nos pressupostos colocados por Mikhail Bakhtin (2006), que enfatizam a interação como constitutiva da linguagem. Para o autor, não há linguagem sem sujeitos, da mesma forma, a ideologia desses sujeitos está inerente nas palavras que profere, por isso, a linguagem nasce no social e é por ele influenciada. Portanto, o conceito de linguagem adotado aproxima-se da ideia dos letramentos sociais, onde a linguagem é vista como um recurso vivo e versátil, maquiado de acordo com cada tempo e espaço. Devido ao seu caráter ideológico e social, segundo Bakhtin, as palavras adquirem significados quando compartilhadas socialmente em uma interação concreta: “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. [...] A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.” (BAKHTIN, 2006, p. 40).

Sendo assim, as premissas de Bakhtin demonstraram que o estudo da língua não pode partir de concepções que a considerem apenas como algo estático e neutro. A língua está ligada aos atores sociais e da mesma forma que eles, passa por um processo constante de mudanças e evoluções, as quais realizam-se por meio das interações verbais. Sobre essa questão, torna-se interessante retornar a uma das quatro propriedades definidoras das palavras, a fim de exemplificar a língua como algo mutável, que é o conceito de neutralidade:

A palavra é “neutra em relação a qualquer função ideológica, ou seja, pode assumir qualquer função ideológica, dependendo da maneira que aparece num enunciado concreto. Pode ser entendida como um “signo neutro”, não no sentido de que não tenha “carga ideológica”, mas no sentido de que, como signo, como conjunto de virtualidades disponíveis na língua, recebe carga significativa a cada momento de seu uso. (STELLA, 2017, p. 179)

Nos postulados de Bakhtin (2006), o conceito de enunciado concreto relaciona-se com uma situação concreta do uso da língua por parte de sujeitos históricos, que produzem e recebem esses enunciados em um dado contexto sociocultural. Ainda que um enunciado seja reproduzido novamente ele não será igual, uma vez que para Bakhtin, o ato de enunciação não admite repetições, é sempre novo, devido aos sentidos e significações das enunciações serem definidas pela situação social em que ocorrem (BAKHTIN, 2006). Nesse sentido, a utilização da linguagem, entendida como uma interação verbal que só acontece nas trocas, nos encontros e nos contatos estabelecidos com o outro, em um determinado tempo e espaço, tornam-se

salutares para compreender a trama enunciativa dos sujeitos participantes do *slam*. Por essa ótica, os enunciados vão sempre depender das experiências e dos contextos sociais e ideológicos em que são enunciados, uma vez que as palavras sempre estão carregadas de um “conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (BAKHTIN, 2006, p. 96).

Ainda na visão bakhtiniana, os significados são construídos na interação e no diálogo. Quando o sujeito entra no espaço da linguagem ele automaticamente aciona o outro, demonstrando que a linguagem só se concretiza na interação. A interação, por sua vez, pressupõe o discurso, entendido por Bakhtin como prática social, já que é marcado pelo ponto de vista de determinado grupo social, em uma determinada época (BAKHTIN, 2006). É nesse limiar de conflitos que as disputas por narrativas da contemporaneidade são responsáveis por manter ou modificar os sentidos ideológicos dos signos em detrimento de interesses sociais. Esses conflitos sustentam a constante mutabilidade da língua, que se presta a manter relações tanto de dominação quanto de empoderamento:

Todo uso da palavra envolve ação humana em relação a alguém, em contexto interacional específico no qual ocorre a busca pela apropriação, a batalha pelas palavras e seus sentidos, a disputa por identidades sociais. E onde também se configuram as relações dialógicas de reexistências inscritas em um processo que envolve negociação, reinvenção e subversão de relações assimétricas de poder. Por mais simples que seja um enunciado, ele sempre se dirige a alguém e carrega um posicionamento, uma ação frente à realidade em que se vive. (SOUZA, 2011, p. 55)

Outra perspectiva importante em Bakhtin para este estudo é a polifonia. O conceito surgiu a partir da análise dos romances de Dostoiévski, isso porque esses romances transpareciam uma construção feita por múltiplas vozes, em que os personagens expõem os fatos a partir de uma voz autônoma. Outrossim, da mesma forma que na música, quando polifonia sugere uma composição musical composta por diferentes melodias que vão sendo sobrepostas de maneira simultânea, na visão bakhtiniana, a polifonia é concretizada na enunciação, pois em um mesmo texto há a presença e expressão de diferentes vozes. De acordo com Bakhtin, a polifonia acontece porque aquele que produz um texto, o produz sempre em resposta ou referência a outros textos, que porventura o tocaram, influenciaram ou causaram discordância. Os discursos se mesclam no exercício dialógico da interação e, portanto, carregam consigo outros discursos, sendo que

a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra. [...] Sua significação é inseparável da situação concreta em que se realiza. Sua significação é diferente a cada vez, de acordo com a situação. [...] a significação pertence a um elemento ou conjunto de elementos na sua relação com o todo (BAKHTIN, 2006, p. 132-134).

Esses importantes conceitos bakhtinianos explorados nas linhas acima sustentam a percepção que se construiu acerca da trajetória pela linguagem e dos usos sociais que os participantes do *slam interescolar* fazem das práticas de leitura e escrita. Ancorados nessa concepção de linguagem, interessou-me mapear na trama narrativa e na produção literária dos/as participantes os aspectos socioculturais em que essas escritas artísticas são produzidas e recitadas, uma vez que elas possuem profundo vínculo com a experiência dos sujeitos no contexto social e com as intenções de produção desses interlocutores.

A linguagem, quando se revelou em sua perspectiva social e ideológica, desencadeou estudos que se debruçaram em entender os usos sociais que os sujeitos fazem da escrita e da leitura em distintos contextos sociais. Diante dessas reflexões, acredito que os letramentos têm a ver com encontros, com narrativas e com experiências. Por isso, nas próximas páginas, lanço um olhar sobre as perspectivas sociais dos letramentos, propostas por Street (2014), mas não sem antes retomar a abordagem tradicional destes.

### **4.3 O olhar dos letramentos sociais**

Os movimentos que se ancoram na prática da escrita e da oralidade como o *slam interescolar* tem lançado um novo desafio para as concepções e pesquisas em torno dos letramentos. Diferente das práticas de letramento tradicionais, que permeiam os ambientes escolares, esse espaço artístico-político revela novos sentidos e reverberações para as práticas de leitura e escrita exercidas por seus participantes. Antes de mais nada, convém ressaltar que, de maneira geral, o letramento pode ser percebido como um campo que se dedica em investigar a escrita e a oralidade, seus usos, sua funcionalidade e a sua repercussão na vida dos sujeitos. Entretanto, a expansão de estudos sobre o tema ampliou os significados atribuídos ao letramento. O que antes era tido como um fenômeno linguístico e individual, passa a ser compreendido como algo social e ideológico e, conseqüentemente, relacionado a coletividade.

Foi a partir dos novos estudos sobre o letramento (NEL), que Brian Street (2014), renomado estudioso britânico, propõe uma abordagem do letramento enquanto uma prática social. Esses recentes estudos inauguraram um novo paradigma em torno dos letramentos,

considerando a prática da escrita e da leitura como atividade social na vida dos indivíduos, em detrimento dos estudos tradicionais sobre o tema, que se preocupam em demasia com a ideia de aquisição das habilidades de ler e escrever. No atual contexto, além de perceber se os sujeitos sabem ler e escrever, é importante também entender como os sujeitos utilizam essa prática a seu favor e como se dá essa relação com a linguagem. A ampliação do conceito aconteceu porque as significações acerca do letramento se modificaram e o mesmo passou a ser considerado “enquanto um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder.” (KLEIMAN, 1995, p. 11)

A renovação de sentido em torno dos letramentos adveio da ascensão de novos eventos sociais que extrapolam determinadas práticas rígidas, gramaticais e descontextualizadas de leitura e escrita oferecidas pela escola. De acordo com Ângela Kleiman, o conceito inicial da palavra letramento começou a ser difundido a fim de diferenciar os estudos sobre o impacto social da escrita daqueles estudos voltados para a alfabetização (KLEIMAN, 1995). A estudiosa brasileira Roxane Rojo (2009) reforça essa questão colocando que “nos textos e pesquisas da década de 1980 no Brasil, alfabetismo e letramento (assim, no singular) recobriam significados muito semelhantes e próximos, sendo, por vezes, usados indiferentemente ou como sinônimos.” (ROJO, 2009, p. 98)

Magda Soares, reconhecida pesquisadora por suas importantes contribuições sobre o letramento no contexto brasileiro, considera o letramento como um estado ou uma condição dos indivíduos que são letrados em uma sociedade e que, por isso, utilizam as práticas sociais de leitura e escrita. Soares (2002) é uma das pioneiras sobre a temática e trabalha com o letramento em uma perspectiva mais prática. Para a autora, o letramento é definido como um estado ou condição, pois o sufixo –mento, que forma substantivos a partir de verbos, acrescenta a palavra o sentido de um estado resultado de uma ação, que no caso seria do verbo letrar.

Nesse sentido, o conceito de letramento da autora parte da ideia de que indivíduos que são letrados possuem a capacidade de interagir socialmente uns com os outros e com o mundo que os cerca, o que faz com que eles tenham um estado ou condição determinado e diferenciado na maneira com que se introduzem em uma sociedade. Sendo assim, Soares (2017) define o letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2017, p. 18). Entretanto, convém ressaltar que apesar de o prisma defendido por Soares, Kleiman e Street levarem em consideração as consequências e os impactos do letramento do ponto de vista social e cultural, a perspectiva proposta por Soares

enfoca o letramento a partir das competências e habilidade adquiridas pelos sujeitos, algo mais relacionado a prática, enquanto Kleiman e Street atrelam-se aos sentidos e significados que os sujeitos atribuem para suas práticas e eventos de letramento e as relações que estabelecem no social pela linguagem.

Dessa maneira, a virada de paradigma, segundo Street, se concentra em não mais entender o “efeito” do letramento sobre os sujeitos, mas sim em compreender como esses sujeitos se apoderam do letramento. Ultrapassando a ideia de codificação e decodificação de letras e números, diferentemente da alfabetização, o letramento repercute nas relações e interações sociais, uma vez que está vinculado com a maneira pela qual as inúmeras culturas e seus atores compreendem a escrita e dela fazem uso. Nesse sentido, a partir das constatações de Kleiman podemos compreender o letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Foi a partir de então que estudiosos da linguagem começaram a perceber as diferenças entre a dimensão do alfabetizar e do letrar. Essas diferenças começaram a ficar mais evidentes quando se notou que pessoas não alfabetizadas participavam de práticas e eventos de letramento e vice-versa. Tomemos como exemplo uma pessoa que não saiba ler e escrever, mas consiga identificar, em um passeio pela rua, uma propaganda de *outdoor* de determinada marca ou saiba que o sinal de trânsito, quando está vermelho indica uma parada obrigatória. No caso da marca, essa identificação pode ocorrer tanto pelo símbolo, como pelas cores ou pelo *slogan* da marca, devido a relevância social e cultural desta. Dessa forma, Rojo reforça e esclarece essas distinções colocando que

o termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramento escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98)

Ainda que esses estudos tenham avançado, a cultura escolar em torno das práticas de ler e escrever guardam profunda relação com práticas de letramento voltadas, em sua maioria, para a aquisição das habilidades de ler e escrever, contemplando ainda timidamente suas dimensões sociais, culturais e políticas. Nessa perspectiva, também são extremamente valorizados os letramentos canônicos, em detrimento de formas outras de se utilizar a escrita e a leitura, uma

vez que “a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico)” (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Entretanto, diante das novas configurações da sociedade globalizada, multicultural e tecnológica, as práticas de leitura e escrita necessitam ser consideradas em sua relação e contribuição para essas novas configurações sociais. Estudiosos vinculados a perspectiva social do letramento vêm reforçando a necessidade de que os espaços escolares entreteçam diálogos entre os letramentos dominantes e as novas práticas letradas, levantando questionamentos sobre o porquê de determinados letramentos e saberes serem dominantes. É papel também da escola estabelecer ligações entre as produções culturais canônicas e as culturas locais, em um movimento contínuo de inter-relações entre a diversidade linguística, cultural e social que ela abriga.

Roxane Rojo (2013) considera a existência de multiletramentos, devido ao fato de as práticas de letramento da contemporaneidade envolverem tanto uma multiplicidade de linguagens advindas com as novas tecnologias quanto uma pluralidade e diversidade cultural de sentido que essas práticas podem assumir. Rojo também transcende o princípio da criatividade ao propor que as atividades e conteúdos estabeleçam vínculos com o cultural e com o cotidiano, estimulando que professores saiam do senso comum e motivem os alunos a refletir sobre como mergulhar nos

mecanismos poéticos da lírica e épica, pelo caminho do rap, do samba ou do funk; à leitura do artigo de opinião e à compreensão crítica do debate político na TV, pela discussão das formas jornalísticas de persuasão de um Brasil Urgente; ou, na esteira de Oswald de Andrade, chegar à “química”, pelo “chá de erva-doce”. É o que Kalantzis e Cope (2006b) chamam de “práticas situadas” ou “aprendizagem situada”. Para tal, é preciso levar em conta a questão das culturas do alunado. (ROJO, 2013, p. 18)

Em vista disso, por se relacionarem com encontros e experiências é que as práticas de letramento vêm assumido formatos e modelos diferentes, a depender do contexto sociocultural em que os sujeitos constroem essas práticas. A intenção de Street é demonstrar que a cultura escrita, por estar em estreita relação com os indivíduos, acontece e impacta a vida de cada um desses sujeitos de maneira diferente, ou seja, interessa saber como os sujeitos do *slam interescolar* utilizam as suas habilidades de escrita em seus contextos sociais e culturais:

Recentemente, a tendência tem sido no rumo de uma consideração mais ampla do letramento como uma prática social e numa perspectiva transcultural. Dentro dessa perspectiva, uma mudança importante foi a rejeição por vários

autores da visão dominante do letramento como uma habilidade “neutra”, técnica, e a conceitualização do letramento, ao contrário, como uma prática ideológica, envolvida em relações de poder e incrustada em significados e práticas culturais específicas. (STREET, 2014, p. 17)

É nesse sentido, que a noção de letramento tem adquirido significados e funções que o associam com o social, com o cultural e com o político, fazendo com que distintas culturas ou distintos momentos históricos pressuponham distintos usos da escrita (BARTON, 1994). Essas constatações levaram Kulick e Stroud, citados por Street (2007), a se interessarem em compreender como o letramento afeta as pessoas e não o contrário, demonstrando “como os indivíduos numa sociedade recém-letrada, longe de serem passivamente transformados pelo letramento, em vez disso aplicam ativa e criativamente as habilidades de letramento para atender a seus próprios propósitos e necessidades” (KULICK e STROUD *apud* STREET, 2007, p. 475).

Sendo assim, essas discussões em torno das práticas de escrita e leitura nasceram em oposição a um modelo hegemônico de se conceber tais processos. Durante muito tempo e ainda hoje, alguns espaços escolares perpetuam modos dominantes e descontextualizados de se relacionar com a linguagem. Segundo Street, existem educadores/as que parecem tratar a língua como algo externo aos alunos e a si mesmos, adotando uma abordagem que não privilegia discussões sobre os sentidos e os usos da linguagem (STREET, 2014). Tais modelos afastaram os sujeitos da cultura escrita, o que “reduziu o número de pessoas capazes de escrever por causa da associação da escrita como (algo) sagrado e solene” (STREET, 2014, p. 123). Essas constatações acerca das práticas de letramento e de seus inúmeros modos de afetar os indivíduos em suas relações sociais e culturais e de se trabalhar as práticas letradas principalmente na escola, levaram Street a elaborar modelos que diferenciam os letramentos, a saber o letramento autônomo e o letramento ideológico, como veremos a seguir.

### **4.3 As diferentes facetas dos letramentos**

Frente a tantas implicações que rodeiam e definem o letramento, Street considerou significativo diferenciar e delinear o letramento em dois modelos, o letramento autônomo e o letramento ideológico. A partir de seus estudos, o antropólogo coloca que o modelo autônomo de letramento se refere a uma concepção da escrita como algo neutro, desvinculada de seu contexto sociocultural de produção e não influenciada por relações de poder (STREET, 2014).

Essa visão compreende “um uso mais objetivo e científico da linguagem” (STREET, 2014, p. 104) e, por isso, orienta a formação de receptores passivos e a manutenção de um modelo hegemônico de letramento. Essa hegemonia é mantida, uma vez que é esse modelo que norteia as políticas, o currículo e as práticas educacionais e transforma “a rica variedade de práticas letradas evidentes nos letramentos comunitários em uma prática única, homogeneizante” (ibid., p. 140)

Por outro lado, em oposição a essa perspectiva, Street considera o conceito de letramento ideológico, percebendo as práticas de uso da escrita como socialmente e culturalmente marcadas e imbuídas de significados contextuais específicos. O antropólogo esclarece, que o termo “ideológico” está atrelado ao sentido empregado por estudiosos dos estudos culturais, da antropologia e da sociolinguística, em que “a ideologia é o lugar de tensão entre autoridade e poder, de um lado, e resistência e criatividade individual, do outro” (ibid., p. 173). Sendo assim, o modelo ideológico “reconhece que as práticas de leitura e escrita estão sempre inseridas não só em significados culturais, mas em alegações ideológicas sobre o que conta como “letramento” e nas relações de poder a ele associados” (ibid., p. 13). A premissa essencial do letramento ideológico é que as experiências e a identidade cultural dos indivíduos têm intrínseca relação com a maneira como esses sujeitos utilizam a escrita.

Outro ponto relevante, é que além das dicotomias já apontadas, entre os dois aspectos do letramento há uma discordância em relação a modalidade oral. O modelo autônomo tende a considerar a escrita como algo superior ao discurso oral, devido as complexas convenções linguísticas proporcionarem um alto nível de raciocínio e cognição. Essa noção de superioridade sustentou, durante muito tempo, uma “grande divisão” entre a oralidade e o letramento (STREET, 2014). Street argumenta que essa separação entre letramento e oralidade possui raízes na manutenção dos letramentos dominantes, perpetuando nos espaços escolares um distanciamento entre a linguagem, os sujeitos e o mundo, ao desvincular o letramento do contexto social e apresentá-lo como uma competência neutra. O modelo ideológico, por outro lado, demonstrou que os usuários se valem de estratégias discursivas específicas para elaborarem tanto a escrita quanto a fala, explicitando uma relação de associação e continuidade entre as duas modalidades e não de separação (STREET, 2014).

Essa inter-relação entre escrita e oralidade mostra-se fundamental para algumas culturas literárias, como o lirismo, as rapsódias e a cultura do *slam*, do cordel e do *rap*, uma vez que é através da forma como o artista coloca as palavras no ar, por meio da voz, que se constroem os jogos sonoros de sentido e significado. Paul Zumthor (1997), autor que se dedicou ao estudo e a produção de conhecimento acerca da voz, é quem nos fala sobre a oralidade, principalmente

sobre a oralidade poética, característica marcante do *slam interescolar*. Para isso, o autor aproximou-se da poesia oral, uma vez que foram essas inúmeras formas de poesia sonora que desencadearam um estudo científico da voz: “a voz ultrapassa a palavra. Ela é aquilo que designa o sujeito a partir da linguagem. A voz não traz a linguagem: a linguagem nela transita sem deixar traço” (ZUMTHOR, 1997, p. 13).

Nesse sentido, é na oralidade que as palavras podem ser ressignificadas a partir da forma como são proferidas, sofrendo alteração e adaptações a depender das intenções e contextos, guiada por aquilo que Zumthor (2007) nomeia como função poética. A performance é também um conceito relevante na visão do autor. Esta é estabelecida pela relação entre intérprete, ouvinte e contexto no momento da recepção do ato de comunicação poética, que pode assumir características de teatralidade. O intérprete, na medida em que executa sua performance captura o ouvinte por meio do ritmo, entonação, gestos, ações, pausas, olhares etc.

Segundo Zumthor (2007) há uma relação de alteridade na leitura em voz alta, na medida em que a voz, que é endereçada ao outro, também retorna para o intérprete, que escuta a si próprio. É nesse sentido, que o autor entende a valorização de uma poética da oralidade como uma das maneiras de desestruturar a comunicação extremamente grafocêntrica da sociedade tecnológica contemporânea e resgatar a importância da oralidade. O estudioso sugere uma poética geral da oralidade, ancorada em especificidades do momento poético, ou seja, do momento performático em que o texto, o contexto, o corpo e a voz podem juntos formar uma comunicação teatralizada da linguagem, em que a presença corporal desempenha um papel fundamental:

além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz o proclama emanação do nosso ser. [...] a performance é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença. (ZUMTHOR, 1997, p. 157)

Nos estudos de Paul Zumthor a oralidade é singular por permitir a criação de sentidos que vão além da expressão escrita, possibilitando um jogo de sonoridades nas práticas orais, com especial destaque para a poesia oral (ZUMTHOR, 1997). Entretanto, essa discussão demonstra como as práticas de linguagem oral e escrita compõem uma relação de associação, uma vez que revelam que a união destas pode potencializar expressões e orientar a construção de sentidos. Nessa direção, Street (2014), preocupou-se em entender como as práticas orais e

escritas não se dissociam, ao contrário, podem se completar. Por isso, essa nova concepção do letramento, como algo social, torna-se fundamental para a compreensão da maneira como diferentes grupos sociais outorgam valores seja para a modalidade escrita, seja para a modalidade oral (STREET, 2014).

Sendo assim, a explanação teórica de Street parte de conceitos como *práticas de letramento e eventos de letramento*, pois esses conceitos tornam-se salutares “para descrever a especificidade dos letramentos em lugares e tempos particulares” (STREET, 2014, p. 18). Inter-relacionados, as práticas e os eventos de letramento são conceitos que tecem orientações para pesquisas interessadas em entender os usos, significados e consequências das práticas de leitura e escrita para diferentes grupos sociais. Nesse sentido, os eventos de letramento remetem as situações passíveis de observação de uso da linguagem, enquanto a ideia de práticas de letramento “distancia-se do contexto imediato em que os eventos ocorrem, para situá-los e interpretá-los em contextos institucionais e culturais a partir dos quais os participantes atribuem significados à escrita e à leitura, e aos eventos de que participam.” (STREET; CASTANHEIRA, s/d).

É com base nesses argumentos que uma pesquisa em torno dos sujeitos participantes do *slam interescolar* estaria ancorada em uma noção intercultural e ideológica do letramento. O estudo de práticas culturais de uso da escrita e da oralidade, como no *slam*, são fundamentais para elucidar possibilidades mais sensíveis e abordagens mais dialógicas para conhecer os/as estudantes e proporcionar reflexões sobre a linguagem e as questões de poder que estão envolvidas em sua dinâmica. O evento poético estaria atrelado a um modelo ideológico de letramento por possibilitar um espaço mais plural, isso porque a abordagem escolar dos letramentos pode atuar tanto para a manutenção das práticas hegemônicas de uso da linguagem, como para o reconhecimento de práticas ora marginalizadas/silenciadas.

Frente a diversidade de práticas letradas exercidas pelos diversos grupos sociais e culturais, ressalta-se os espaços escolares como mediadores de um equilíbrio entre tais práticas, uma vez que a herança de letramentos hegemônicos apagou discursos e formas de ser. Tais perspectivas não combinam com o atual contexto escolar, caracterizado pela diversidade cultural e social, que urge por ações mais sensíveis aos alunos e suas aprendizagens. A arte da palavra, celebrada no *slam* como um uso social da escrita e da fala, pode atentar os educadores para as questões culturais dos/as jovens, bem como contribuir para uma transformação curricular, tornando-o mais sensível culturalmente.

Diante de tantas reflexões, no capítulo seguinte busquei tecer, com base no emaranhado narrativo de Ivan, Karol e Luiza, tramas que reverberam como esses sujeitos foram se

construindo pela linguagem, ou seja, como a sociedade forma os sujeitos e como os sujeitos se formam subjetivamente no social. Ainda que atravessados por experiências languageiras, estas se mostraram de modos distintos na visível heterogeneidade das vivências dos/as três poetas, envoltas em peculiaridades e trajetórias singulares. No capítulo seguinte, nos guiamos pelas asas poéticas dos/as jovens.

## Capítulo 5 As experiências e os processos linguageiros

Uma vez lembro de ouvir tocar na vitrola de casa o cantador do sertão dizendo que *o poeta inicia sua prece / ponteando em cordas e lamentos / escrevendo seus novos mandamentos / na fronteira de um mundo alucinado*<sup>32</sup>. E assim, cruzando as fronteiras postas pelas encruzilhadas da vida fui aprendendo, nas curvas, desvios e meandros cotidianos, um tanto com os escritos e obras de artistas como ele. Nesse ritmo, percebi que quando transito pelos itinerários da arte o mundo faz mais sentido. Por isso, penso ser esse o caminho para uma formação crítica mais sensível, mais conectada com a realidade plural e multifacetada dos tempos contemporâneos, mais em sintonia com a velocidade das transformações, mais atenta às desigualdades entre os contextos sociais e mais empenhada em modificá-las.

Assim, o transitar pelas encruzilhadas pressupõe o encontro, um trançar de caminhos que vai nos formando, no constante fazer, desfazer e refazer cotidiano. Na pesquisa considere oportuno seguir aprendendo com as palavras dos/as poetas, rumando descobrir em meio a suas preces e lamentos, visões e vivências de mundo singulares, forjadas nos percursos que marcam os intensos processos em que se constroem e reconstroem pela linguagem. Pelos trânsitos do existir, decidi me demorar por três peculiares existências – Luiza, Ivan, Karol – jovens que estabelecem com as palavras uma coreografia ritmada que vai sendo feita e refeita entre as lógicas que regem o seio social e as subjetividades de cada mente pensante.

De um lado dessa triangulação de vozes, de palavras e existências, encontrei versos de revolucionária vivacidade com Karol: *Se for pra correr / que seja ditado pelas batidas do meu coração / E não pela ditadura de opressão / Que oprimiu pensadores, mas não reprimiu revolução*, uma jovem juiz-forana de 18 anos e cacheados cabelos vermelhos. Outros de positiva energia melódica com Ivan: *Que os livros peguem fogo / Dentro do meu coração / Que as páginas que li / Se transformem em ação / Que sejam combustível / Para a revolução / E que a leitura seja a arma / Pra mudar essa nação*, um tranquilo e sereno rimador de palavras, que com 18 anos já coloca seus versos no mundo pelos microfones da rádio. E tantos mais que ecoam empoderadas liberdades poéticas com Luiza: *Noites longas e intensas / Me perco em versos, músicas, letras, palavras imensas / Tantos sonhos em mente / Uma vida inteira pela frente / Como eu poderia imaginar, que aquelas simples poesias / Me trariam tantas alegrias*, uma jovem de espírito revolucionário na euforia consciente de seus 15 anos.

---

<sup>32</sup> Trecho da música “Canção Agalopada” do cantor paraibano Zé Ramalho.

Escolhi, pois, passear pelo mapa linguageiro de cada um deles por meio das narrativas gestadas nas “conversas biográficas”. Durante os encontros com esses/as três poetas percebi os movimentos, os deslocamentos provocados pelos encontros, os fluxos, as mudanças, os acenos para as referências que inspiram, a organização e mobilização pela linguagem e a arte enquanto provocadora de questionamentos identitários. Me aproximei da roda-viva das experiências linguageiras, da forma dinâmica com que utilizam as palavras, de como meneiam seus sentidos, como incrementam suas possibilidades. Transitei pelas rotas da linguagem, pelos percalços, desvios e zigzagues imprevistos no roteiro. Percebi o processo de formação de cada um, captando as práticas e eventos de letramento que envolveram esse trajeto. Percebi, enfim, como a sociedade projeta esses indivíduos, mas como também eles se projetam nela.

E de pensar, caro leitor, que encontrar os sujeitos da pesquisa foi uma questão durante um período. Uma certa insegurança sobre achar ou não interlocutores/as, colaboradores/as que quisessem narrar suas experiências e processos com a linguagem. Nos meses de busca notei que o encontro com esses sujeitos exigiria perspicácia, paciência e poderia até mesmo depender da sorte. Agora, com os laços já arraigados, me perco e me encontro nas dobraduras e curvas narrativas de sujeitos que conjuntamente comigo foram rememorando e reconstruindo momentos cotidianos marcantes com a linguagem e que transcorreram em distintos períodos e contextos de suas vidas. Relembrando esses instantes, recordei também um verso do jovem Ivan que me fez devanear sobre as convicções, os anseios e as inconformidades que me levaram aos gratos encontros que a pesquisa me presenteou ao longo da jornada.

*Boa segunda-feira  
Boa semana também  
Dê o melhor de si  
Se incline para o bem  
Já comece no pique  
Não se abale por nada  
Olhe para e si e reflita  
O motivo da jornada*

*~Évans*

A insegurança de antes foi logo se transformando em sentimentos de inquietude, responsabilidade e gratidão diante da multiplicidade e singularidade de riquezas narradas ao longo das entrevistas. Em meio a esses trânsitos revisei minha trajetória, procurei por vivências, explorei cotidianos e agora me permito o desafio de conectar histórias, percursos, memórias, acontecimentos que se desenrolaram nos encontros da vida.

Assim sendo, as narrativas biográficas desses/as três jovens me conduziram a explorar nesse capítulo quatro grandes operadores analíticos: a) os processos formativos pelos quais os/as jovens poetas foram se formando. Isso porque, ao longo das três narrativas, foi possível perceber uma dimensão temporal, em que os/as poetas rememoram os primeiros contatos com a linguagem (passado), refletem acerca das relações atuais e dos sentimentos de ser poeta (presente), projetam perspectivas pessoais e profissionais a partir da linguagem (futuro). Foi em meio a esses trânsitos que percebemos as relações na família, nas instituições, nos movimentos sociais e culturais, nos encontros com pessoas e oportunidades pelo caminho linguageiro; b) a vivência da linguagem e da poesia. Ao refletirem sobre os caminhos que percorrem pelas palavras os/as jovens dizem de seus pontos de vista e suas experiências de vida, demonstrando como foram se percebendo e se construindo como sujeitos no mundo; c) modos e meios pelos quais se relacionam com a linguagem. Karol, Ivan e Luiza narraram também suas técnicas de escrita, as inspirações, as leituras que fazem, a relação com as tecnologias, as referências artísticas, dentre outras questões; d) as temáticas que emergem dos versos. Na subjetividade poética dos/as poetas encontramos temas que refletem os pertencimentos identitários e as diferentes crenças e percepções dos/as colaboradores/as.

Em meio ao trajeto onde encontrei os entrelaçamentos entre os/as jovens poetas, a linguagem e as experiências sociais em torno dela, os/as estudantes indicaram também rotas e paisagens distintas ao longo dessas relações e encontros, marcadas por semelhanças e disparidades. A seguir, conto brevemente as especificidades das vivências juvenis que serão detalhadas ao longo do capítulo:

Ivan aprendeu pela sonoridade das rimas a reconhecer no rádio o *rap* e a representatividade negra característica do estilo musical. Na família e na instituição religiosa ampliou suas conexões com a linguagem, se aventurando pelas palavras no dicionário e pelos recursos da rima. No fluxo da vivência juvenil, deixou a escrita de lado por um tempo, voltando a criar vínculos mais fortes com a prática quando a arte e o movimento cultural do *slam* adentraram a escola. Nesse momento, o jovem questiona a maneira como a linguagem é abordada nesse espaço e rompe com as atividades de cópia, ancorando-se na linguagem livre para desenvolver habilidades como o *freestyle*, ou seja, as rimas improvisadas, além de estreitar seus vínculos com a dimensão religiosa, espaço em que utiliza as rimas para fazer pregações e influenciar outras pessoas. Na igreja também amplia as experiências linguageiras, fazendo parcerias e estreitando sua relação com as mídias, como a rádio. No ambiente da rádio desenvolve sua comunicabilidade e vai angariando perspectivas de futuro profissional. O jovem costuma escrever acerca de suas percepções sobre a arte e sobre sua relação com as palavras e

com a fé. Escreve também versos motivacionais e sobre fatos cotidianos de jovens negros, como o preconceito e os constrangimentos. Suas referências artísticas vão desde os Racionais Mc's, até artistas que cantam *rap* gospel, como pregador Luo.

Luiza, por sua vez, teve pouco incentivo da família para o contato com as palavras na infância, ganhando brinquedos eletrônicos no lugar dos livros. Quando encontra o movimento cultural do *slam*, descobre-se a partir da experiência do outro e das temáticas declamadas nos versos. O espaço político e cultural do movimento mobilizara mudanças profundas na jovem, que vislumbrou na literatura um apoio para resistir às adversidades. Luiza faz leituras sobre o feminismo e rememora por outro olhar violências sofridas na infância. Além disso, pondera os conflitos com a sexualidade e fortalece sua identidade de mulher e negra. Usa os versos para influenciar outros/as estudantes e mobilizar e compartilhar o que vem aprendendo. A produção literária da jovem tem tons de ativismo político, ela escreve sobre a vivência das mulheres, sobre as desigualdades sociais, questionando também os constrangimentos que cercam as vidas negras e Lgbts.

Karol, no que lhe concerne, teve incentivo do pai para a leitura mesmo antes de nascer, ainda na barriga da mãe. Se espelha em artistas mulheres e diz que sempre gostou de escrever. Fazia rimas no canto dos cadernos e começou a escrever poesia como uma espécie de terapia para externar os conflitos internos. Leitora de clássicos como Machado de Assis e Clarice Lispector, conta das atividades de escrita na escola com entusiasmo, mas questiona a maneira distante com que a literatura é abordada nas aulas, por isso, acredita nos poetas locais como incentivadores da leitura e da escrita. Nos coletivos culturais da cidade amplia suas experiências languageiras, fazendo parcerias e estreitando laços com mais artistas mulheres. Envolve em um ativismo que questiona até mesmo o vocabulário que inferioriza as mulheres, a jovem escreve sobre as lutas feministas, problematiza o padrão de beleza e a sexualidade feminina nos versos.

É nesse cenário que tentamos perceber como a sociedade forma os indivíduos e como os indivíduos se formam nas subjetivas experiências e memórias do cotidiano, uma vez que “a juventude é vivenciada em diferentes contextos históricos, e a história não se repete. [...] Nesse sentido, a juventude é como um espelho retrovisor que reflete e revela a sociedade de desigualdades e diferenças sociais” (NOVAES, 2006, p. 119) e culturais. Procurei o que traziam na bagagem e encontrei indícios de como a linguagem pode ser aproximada dos/as jovens, quando apresentada como uma oportunidade de fala sobre suas questões, sensibilidades, conflitos e emoções. E sobre como as instituições e movimentos influem, sensibilizam e estimulam de uma outra forma os processos com a linguagem.

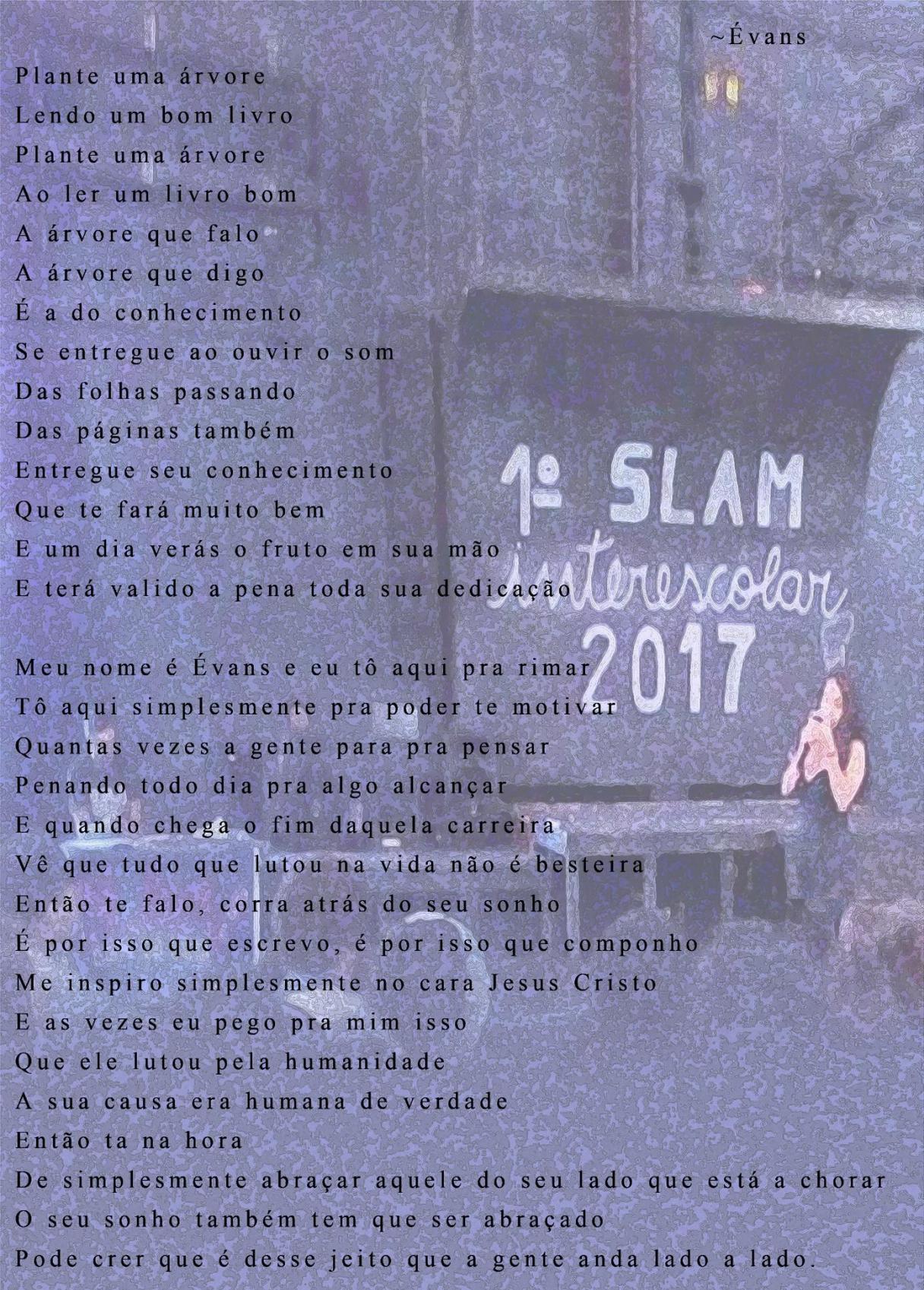
Sendo assim, nesse capítulo contemplo as composições e delineamentos com que os/as três jovens foram se constituindo como sujeitos. A partir de indivíduos (MARTUCCELLI, 2006) que demonstraram estreita relação com a linguagem e com o movimento cultural do *poetry slam* em sua modalidade escolar, buscamos suas experiências sociais (DUBET, 1994) em meio às memórias de acontecimentos e de fatos cotidianos que foram narrando. Experiências cotidianas aqui entendidas como aqueles momentos de ruptura, ou seja, momentos em que o cotidiano na vida dos/as jovens foi um momento de ruptura, um lugar da criatividade, da descoberta, do conflito e do encontro com si (PAIS, 2009). A partir das pinceladas iniciais, convido-o, caro leitor, a conhecer essas três histórias e se aventurar em suas ressonâncias subjetivas e sociais, que detalharei nas páginas que seguem.

### **5.1 Ivan: nos trilhos da música, da fé, da rádio e dos versos no improviso**

Começo narrando os despertares do encontro com Ivan. Numa tarde ensolarada de quinta-feira conversamos por cerca de 2 horas na praça Floriano Peixoto sobre suas memórias e sobre os trânsitos que o levaram a vivência com a poesia e com a linguagem. Com evidente perspicácia comunicativa, o jovem ia narrando suas experiências ao mesmo tempo em que citava suas referências e poesias para exemplificar seus dizeres. Naquela oportunidade, o papo que levamos e o contraste do barulho da cidade com o canto dos pássaros e o balançar das folhas inspiraram o jovem a mandar seu improviso por meio do pensamento rápido, o chamado *freestyle*. A técnica de composição é uma das muitas habilidades de Ivan, que compôs a seguinte mensagem poética na ocasião da entrevista<sup>33</sup>:

---

<sup>33</sup> As poesias da vertente literária que figura no *slam* costumam ser extensas, por esse motivo e para dar destaque as obras de Ivan, Luiza e Karol criei uma imagem de fundo, com uma das fotos que tirei dos momentos da prática cultural, para apresentar os textos.

The background is a dark, textured wall, possibly stone or concrete. In the upper right, there's a small, glowing yellow light fixture. Below it, a dark sign is affixed to the wall. The sign has white text that reads "1º SLAM interescolar 2017". To the right of the sign, there is a small, stylized figure of a person, possibly a poet or performer, in a reddish-brown color. The overall lighting is dim, with the sign and the light fixture providing the main sources of illumination.

~Évans

Plante uma árvore  
Lendo um bom livro  
Plante uma árvore  
Ao ler um livro bom  
A árvore que falo  
A árvore que digo  
É a do conhecimento  
Se entregue ao ouvir o som  
Das folhas passando  
Das páginas também  
Entregue seu conhecimento  
Que te fará muito bem  
E um dia verás o fruto em sua mão  
E terá valido a pena toda sua dedicação

Meu nome é Évans e eu tô aqui pra rimar  
Tô aqui simplesmente pra poder te motivar  
Quantas vezes a gente para pra pensar  
Penando todo dia pra algo alcançar  
E quando chega o fim daquela carreira  
Vê que tudo que lutou na vida não é besteira  
Então te falo, corra atrás do seu sonho  
É por isso que escrevo, é por isso que componho  
Me inspiro simplesmente no cara Jesus Cristo  
E as vezes eu pego pra mim isso  
Que ele lutou pela humanidade  
A sua causa era humana de verdade  
Então ta na hora  
De simplesmente abraçar aquele do seu lado que está a chorar  
O seu sonho também tem que ser abraçado  
Pode crer que é desse jeito que a gente anda lado a lado.

A poesia improvisada, além de revelar uma das técnicas que Ivan utiliza para escrever seus versos, revela também fortes perspectivas identitárias do jovem, como a religião e o *rap*. A mensagem traz uma característica marcante dos versos do poeta, a motivação e reflete as ressonâncias da “conversa” que empreendemos antes da composição, em que a arte, os livros e as poesias apareceram como motores da mudança na fala do jovem.

Ivan nasceu e cresceu na capital mineira Belo Horizonte e sua infância foi marcada pelo contato com as bandas de *rap* que conhecia através do rádio e por idas à praça Floriano Peixoto brincar com os amigos. Estudante do 3º ano do Ensino Médio na E.E. Henrique Diniz, também trabalha como Jovem Aprendiz em uma empresa de engenharia e aos sábados participa como articulador e locutor no programa Som e Graça, que vai ao ar pela Nossa Rádio, 97.3 FM. A ocupação de comunicador, como vamos ver mais a frente, aconteceu e se consolidou na medida em que Ivan foi expandindo suas habilidades com a linguagem e compartilhando com seus pares as rimas e versos que escreve. Além disso, o estudante conta que está se preparando para o Enem e que pretende tentar ingressar no curso de Jornalismo na UFMG.

O jovem tem 18 anos, é negro e mora com os pais e o irmão mais novo na Fazendinha, uma das vilas que fazem parte do Aglomerado da Serra, a maior favela de Minas Gerais, que fica localizada na região centro-sul da capital. A mãe é auxiliar em mecanografia em uma escola da rede pública de ensino e cursa Pedagogia na Faculdade Futura. O pai é bombeiro hidráulico e estudou até a quarta série. Recentemente, decidiu retornar aos estudos na modalidade de educação para jovens e adultos (EJA). O irmão de Ivan também estuda na E. E. Henrique Diniz, instituição escolar que Ivan frequenta desde o 7º ano. Antes, o jovem conta que fez o primário e parte do ensino fundamental na Escola Municipal Vila Fazendinha.

Desde nosso primeiro contato, na edição final do *slam interescolar 2017*, realizada no Plug Minas em dezembro de 2017, as rimas, o modo de falar e se expressar do jovem poeta me despertaram curiosidade. Assim, iniciamos um diálogo pela rede social *Facebook* em maio de 2018. Enviei uma mensagem falando sobre a pesquisa e sobre o interesse em conversar acerca de suas poesias, a participação no *slam* e suas vivências pela linguagem. Um pouco desconfiado, Ivan perguntou como seria essa entrevista. Expliquei mais um pouco sobre a proposta e, após alguns minutos, ele respondeu que aceitaria conversar e compartilhar comigo suas experiências, dizendo que a entrevista poderia ser uma forma de ajudar a divulgar seus “trampos”. A partir daí, seguimos a conversa pelo chat do *Facebook* e fui percebendo ainda mais sua habilidade com as palavras. Nessas conversas aproveitei para criar uma relação de confiança e cumplicidade, necessárias para a proposta biográfica que escolhi. Falávamos sobre poesias, sobre o seu trabalho como comunicador na rádio e também sobre a juventude e o seu

potencial para mobilizar mudanças e reflexões na sociedade. Ivan me enviou alguns de seus poemas e combinamos o encontro para as semanas seguintes. O primeiro verso que me enviou, dizia exatamente sobre a juventude:

*Muitos acham loucura  
Mas eu creio que não  
Ainda acredito  
Em minha geração*

Nesses versos senti um tom de cansaço, talvez pela constante reafirmação que precisam estabelecer frente aos estereótipos juvenis (DAYRELL, 2003; PAIS, 1990). Por outro lado, senti também um forte tom de esperança e confiança pairando sobre seus pensamentos: o de que mora na juventude uma outra perspectiva de ser e estar no mundo. Nos momentos ao lado de Ivan aprendi sobre como as palavras podem ser leves, sobre sua expressividade polissemicamente despojada, descomplicada, melodiosa e ao mesmo tempo profunda e marcadamente verossímil de trabalhar as palavras, seus sentidos, nuances, possibilidades.

A narrativa do jovem poeta me conduziu aos processos formativos os quais vivenciei ao longo da vida e que o levaram a descobrir e se identificar com o processo da escrita. A escolha pela escuta do relato do jovem Ivan acerca desses processos formativos em direção à prática escrita desnudou e mostrou-nos “seus pontos de vista e suas experiências criativas, que já vêm ampliando seu campo de possibilidades, modificando trajetórias individuais e, com a arte e a cultura, reinventando vínculos e formas de agregação social” (NOVAES, 2006, p. 120).

Com foco especial aos modos e meios pelos quais o jovem foi se construindo na linguagem e sendo igualmente construído por ela, fui tentando compreender, a partir de suas experiências socializadoras (DUBET, 1994) a maneira pela qual Ivan e os encontros únicos e particulares que teve pela vida fizeram com que o jovem se constituísse enquanto um sujeito que escreve sobre sua realidade. Com as sociologias da experiência e do cotidiano mirei a singularidade das vivências do jovem poeta, buscando desvelar tanto a maneira como o social é por ele assimilado e reinventado, quanto a maneira como a sociedade e suas dinâmicas se projeta nos indivíduos (DUBET, 1994; PAIS, 2006).

Ao longo da entrevista, Ivan relatava as experiências languageiras que marcaram seus vínculos nos principais espaços socializadores pelos quais circula, como a família, a igreja, a escola e nos movimentos culturais do *rap* e do *slam*. Buscava as rotas e pistas engendradas pelas “voltas e mais voltas” (PAIS, 2006, p. 9) que vem caracterizando os tempos das vivências juvenis contemporâneas. Isso porque, diferentemente dos tempos passados, onde os trajetos e

destinos eram limitados, agora, os cotidianos juvenis assemelham-se a “jardins labirínticos” (ibid., p. 10), onde as possibilidades da trajetória são múltiplas e fluidas e onde os/as jovens vivem assemelhando-se a “pássaros migratórios” (ibid., p. 9). Meus movimentos de pesquisadora, foram então rumo às memórias, espaços, ações e processos que vem formando sua singular existência com e pela linguagem e nas próximas páginas conto sobre as lembranças iniciais do jovem com as palavras, sobre os espaços onde a escrita floresceu, sobre as técnicas e macetes de escrita, assim como sobre suas perspectivas de futuro pela linguagem.

### **As primeiras lembranças com as palavras: entre o *rap*, a família e a igreja**

Os primeiros trânsitos pela linguagem de que Ivan têm lembrança aconteceram no cotidiano da família. Por incentivo e exemplo do pai, o jovem guarda memórias das práticas de letramento mais significativas e que foram fundamentais para desencadear seu processo formativo. Nesse sentido, Ivan conta sobre como descobriu o *rap* aos sete anos de idade, episódio que vai marcar suas primeiras práticas de letramento e delinear a partir destas, outras práticas, alavancando sua relação com os dispositivos midiáticos, a começar pelo rádio. Esse contato guiou o jovem em direção as músicas dos Racionais Mc’s e também de *rappers* ligados a vertente gospel do *rap*, como Pregador Luo<sup>34</sup> e a banda Ao Cubo<sup>35</sup>, artistas que se consolidariam como suas principais referências. As experiências que vão sendo narradas mostram a consonância com o pensamento de Ana Maria Galvão, quando esta coloca que “ao lado da escola, diversas outras instâncias também contribuem para que as pessoas utilizem com maior frequência e propriedade a leitura e a escrita: o trabalho, o sindicato, o partido, a igreja, a biblioteca do bairro” (GALVÃO, 2003, p. 150), assim como o ambiente familiar e os dispositivos e as mídias digitais.

*Eu tava ouvindo rádio aí na época era Pregador Luo que tava tocando, aí tipo assim (...) meu pai tava lá ouvindo aquelas músicas sertanejas dele, até hoje ainda lembro daquelas músicas todas na minha cabeça (risos), embora não gostasse tinha que ouvir... aí tipo na hora que tocou uma vez (o rap) eu falei assim nossa, véi... que negócio loco mano, tenho que ouvir esse negócio e eu tenho que decorar e vi que era uma coisa muito loca porque falava da realidade (...) aí no outro dia eu falei assim, nó... amanhã eu vou ligar nessa mesma rádio, nesse mesmo horário que deve que vai tocar de novo né, eu não sabia como é que funcionava a rádio na época.*

<sup>34</sup> Pregador Luo, é um rapper, produtor musical e compositor brasileiro.

<sup>35</sup> Ao Cubo é um grupo brasileiro de *rap*.

Ao começar a se interessar pelo *rap*, Ivan automaticamente passou a também se interessar pelo rádio e a compreender, aos poucos, seu funcionamento e sua forma de alicerçar interações com o ouvinte através da oralidade. Ainda que intrigado com o modo de ser de uma rádio, por meio desse episódio foi possível começar a “desvendar as sensibilidades performativas” (PAIS, 2006, p. 13), que fizeram com que com que o jovem se conectasse com a linguagem e com a arte. O jovem poeta percebeu que a partir daquele recurso tecnológico poderia conhecer outros *raps*, outras bandas e se consolidar enquanto um momento de aprendizagem. Seguiu ouvindo para encontrar o que queria:

*aí eu falei assim, ô pai coloca a rádio aí... aí eu fiquei lá esperando, esperando, esperando aí eu fui lá e vi que não tocou e foi aquela semana inteira daquele jeito, esperando tocar... mas foi bom, que nisso aí eu conheci outros raps também... com essa questão de parar e ouvir o rádio... tinham outros raps rolando, aí aquele negócio ali foi me contagiando, falei assim nó véi que negócio loco mano, tenho que entender mais disso.*

O estudante conta que gosta muito de falar e que se identificou com o *rap* porque era um estilo musical que abordava a realidade, ou seja, Ivan viu no *rap* uma oportunidade para desaguar informações, sentimentos, acontecimentos. Por permear diversas situações da vida e angariar distintos sentimentos, Dayrell explica que a música “constitui um agente de socialização para os jovens, à medida que produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo.” (DAYRELL, 2001, p. 21). Nesse contexto, Ivan cita os Racionais Mc’s como principal referência porque “os caras chegaram e falaram o que é você ser negro no Brasil”. A partir daí, podemos pensar o *rap* enquanto um importante lugar de fala e expressividade juvenil.

*Eu sempre falei muito né (risos)... aí tipo assim no rap o cara tem a oportunidade de pegar e falar, falar, falar... ainda mais nas músicas mais antigas, as atuais até que tem menos tempo assim, mas as mais antigas eram tipo 6 minutos, 7 minutos de música e rápido, então o cara tinha tempo pra desaguar informação.*

Sobre o estilo musical, Pais coloca que “o rap cultiva uma sensibilidade justiceira, ao denunciar situações de injustiça, para anunciar outros futuros” (PAIS, 2006, p. 13). Diante de tantas informações, sentidos e palavras, aliados ao som, ao ritmo e a batida do *rap*, Ivan foi percorrendo outras importantes práticas formativas pela linguagem. O despertar que veio pela sonoridade, avançou para as palavras quando Ivan se deu conta de que existiam “aquele tanto de informação, aquele tanto de palavra que eu não conhecia... aí eu pensei assim nó, **eu vou**

*ter que pegar um dicionário pra entender isso aí*”, prosseguindo para os sentidos e significados quando o jovem fez o movimento em direção ao dicionário.

As palavras e os sentidos no *rap* “são recuperadas de uma semiótica de rua, transgressiva por natureza. Palavras que são voz da consciência, que se vestem de queixumes, que se revestem de revolta” (ibid., p. 13), que também se revestem de memórias e que refletem visões peculiares de mundo. Nesse sentido, pesquisar e percorrer significados no dicionário representaram para Ivan a expansão das possibilidades de pertencimento. Isso porque a partir do *rap* o jovem descobriu um novo mundo se abrindo, onde ele estava se reconhecendo e criando laços identitários e culturais. Mais além, é possível notar que o envolvimento com a vertente musical foi responsável também por desenvolver certo senso crítico no jovem, que começou a compreender que o *rap* tinha um objetivo e uma intenção: *“mostrar as coisas que estão acontecendo de fato e tentar ajudar principalmente a juventude, tem um objetivo a música, não é aquela música simplesmente pra ganhar dinheiro ou pra fazer o povo pular, pra fazer o povo curtir, tem um fundamento.”*

Incentivado pelo pai, que lhe presenteava com cds de música e sintonizava as frequências do rádio, Ivan seguiu ampliando suas referências no *rap* e cultivando seu processo em direção a escrita. Além de apresentar o filho ao rádio, o pai também despertou no jovem a ligação com a igreja, outro espaço essencial para o desenvolvimento de suas práticas de letramento. Nesse momento de descoberta, Ivan diz de intervenções que ampliaram sua compreensão acerca das funções e aplicabilidades da linguagem oral em sua função comunicativa, influenciado pelas músicas, pela interação com a rádio e pela linguagem religiosa presente na igreja e nas pregações. Essa relação com a oralidade foi se expandindo com o exemplo do pai, quando

*ele começou ir pra igreja e virou obreiro. Meu pai sempre teve essa questão que me influenciou muito, que é de ser pelos excluídos né, ele fazia muita pregação nos presídios e tem muito relato de preso que começou a ter novas perspectivas com isso (...) e isso foi me influenciando, me contagiando.*

A dimensão religiosa aparece de maneira muito forte durante toda a narrativa do jovem. Na instituição evangélica, a família começou a se envolver com trabalhos voluntários, quase sempre relacionados a escuta e ao diálogo com outras pessoas. Isso porque Ivan relata que passaram a frequentar o espaço religioso quando a família enfrentava momentos difíceis associados a problemas de saúde e também precisava de apoio. A mãe do jovem, da mesma maneira, partilha momentos dedicados à escuta:

*Minha mãe trabalha com mecanografia em uma escola e ela relatava tantas vezes que criança não chegava contando história da vida dela e ela ouvia essa criança, aí ela tem uma nova perspectiva em um lugar simples, cotidiano... por isso que eu falo assim todo mundo tem um pouco de artista, o artista ele faz isso... independente do lugar que você tá, você pode ajudar alguém, você pode influenciar alguém.*

A fala de Ivan mostra consonância com as descobertas da estudiosa Ana Maria Galvão (2003), que em estudo realizado recentemente, coloca que os hábitos e as práticas em torno da linguagem dos pais exercem intensa atuação no modo com que os filhos se relacionam com as práticas de leitura e escrita. Em mais de uma oportunidade o jovem cita o pai como referência em relação à linguagem, mas ele não necessariamente é apresentado como um leitor de livros. O pai faz pregações para outras pessoas, apresenta a música, compra cd's de *rap* e a mãe cita a escuta e a partilha de sensibilidades como partes de seu cotidiano, ou seja, os pais, a sua maneira proporcionam ao filho exemplos e momentos que mostram a linguagem em movimento em diferentes espaços e de diferentes maneiras.

Segundo Galvão (2003), os resultados da pesquisa mostram que “quanto mais cedo a criança é exposta a uma diversidade de materiais de leitura em seus contextos de usos, mais provavelmente se tornará um adulto com maior capacidade de também usar a leitura e a escrita em seu cotidiano” (GALVÃO, 2003, p. 149). Por outro lado, a autora ressalta que é na escola que o acesso e contato com a leitura e a escrita são mais presentes. Ainda assim as oportunidades e dinâmicas de contato nesse espaço só fazem sentido para os/as alunos/as quando o letramento é “pensado em contextos específicos e não de maneira abstrata e universal” (ibid., p. 150), na tentativa de estabelecer relações mais reais entre aqueles eventos e práticas letramentos espontâneos da vida cotidiana com aqueles planejados para o ensino. Nesse sentido, o relato do jovem Ivan demonstra que sua incursão inicial pelas palavras se dera em diferentes instâncias socializadoras, tais como na igreja, na família e nos dispositivos midiáticos, as quais marcaram o jovem de distintas maneiras.

Neste cenário de inúmeras tramas entrecruzadas, a saber a dimensão da religião, da influência familiar e do *rap* é que vão colocando a linguagem na vida do jovem enquanto um lugar de conectar, escutar e cooperar com os outros. Assim, refletindo sobre quando começou a escrever, Ivan conta que grafou os primeiros versos fazendo paródias de músicas: “*desde os 12 anos eu pegava música assim e fazia parodia da música tipo zoando mesmo, brincando... escrevendo às vezes pra zoar mesmo*”. A escrita se consolidou na vida do jovem quando ele começou a improvisar rimas e a escrever versos, momento em que a brincadeira foi tornando-

se mais presente e ganhando perspectivas mais amplas, principalmente na igreja, espaço que Ivan frequenta desde 2012, participando do grupo de jovens e dos cultos:

*sempre gostei muito de escrever, fazer redação e geralmente vinha umas ideias meio doidas assim na cabeça e eu tinha que mostrar pra alguém, aí geralmente a forma que eu achava pra mostrar era através da escrita né... nem sempre falando a pessoa ouve... essa questão pra mim de escrever sempre teve muito perto assim, eu não gosto de copiar, detesto copiar, mas eu gosto de escrever.*

No trecho acima temos uma interessante colocação do jovem, que quando diz da linguagem em sua perspectiva de criação e autonomia, esta aparece como algo prazeroso a se estudar. Contudo, quando a linguagem figura com fins de reprodução, sua perspectiva viva sai de cena, entrando o desinteresse. A fala de Ivan chama atenção para a perspectiva de letramento que ele traz como referência, que se refere ao modelo ideológico proposto por Street (2014), no sentido de que quando vinculada a práticas sociais e culturais como no estilo musical do *rap*, as experiências de letramento surgem com maior sentido para os sujeitos. Sendo assim, Ivan diz que a dimensão da linguagem foi ganhando contornos mais sérios e com funções mais delineadas quando, inspirado no *rap* gospel e no envolvimento com as histórias bíblicas, foi grafando e falando pregações por meio das rimas. A partir deste recurso estilístico, Ivan notou que poderia mudar pensamentos, atitudes, conduzir reflexões e até mesmo impulsionar ações com a arte de rimar:

*acho que quando eu comecei a falar de Jesus através de rima foi quando um colega meu, ele tinha 15 anos e começou a fumar véi e com isso os avós dele começaram a ficar muito chateados com ele, porque tipo assim, ele foi fumando e se acabando, começou a mexer com coisas mais pesadas e coisa e tal, aí um belo dia eu tava voltando pra casa e trombei com ele no caminho e aí eu fui lá e comecei a rimar, falando de tudo que ele tava vivendo assim, aí ele parou, olhou pra mim assim e o olho dele começou a encher de água e eu mandando, eu falei assim... nó vei preciso compartilhar isso com mais gente... tentar mudar a vida de alguém.*

Diante disso, a cultura oral do *rap* e das rimas foram constituindo-se enquanto uma via socializadora, já que por meio da música o jovem estabeleceu ou fortaleceu vínculos de amizade com antigos amigos, assim como com pessoas da comunidade e da igreja, a fim de mobilizar reflexões e difundir as singularidades em que acredita. A noção de cooperação, motivação e escuta sensível guiam Ivan na sua prática escrita. É possível perceber na narrativa do jovem poeta que as atitudes dos pais e o envolvimento com o espaço religioso vão ajudando a amplificar o seu elo com as palavras.

*Tipo assim, eu gosto de pagar muito essa questão de linguagem, de escrever mesmo, falar pras pessoas... no grupo de jovens, uma coisa que envolve muito linguagem... o meu ministério é responsável por abordar as pessoas, eu gosto de parar, sentar, conversar com as pessoas, dizer pras pessoas o que eu tenho pra falar... as vezes eu tô passando assim, até mesmo onde eu moro assim... que é um lugar que você tá rodeado de pessoas que precisam... já teve caso de eu estar passando em algum lugar e tinha um cara no rádio avisando que tava subindo a polícia e eu parar pro cara e começar a falar de Jesus e mandando rima ali e o cara nó que doido... e o cara começar a falar da vida dele, desabafar.*

Apesar de ter descoberto todas essas potencialidades da escrita, Ivan conta que durante um tempo deixou as rimas e os versos de lado. Esse fato aconteceu quando o jovem entrou para o ensino fundamental, momento em que, segundo ele, a linguagem não era apresentada com tanto sentido, pois estava quase sempre atrelada a atividades de cópia e reprodução e não de criação. Nesse momento, Ivan nos localiza entre suas experiências de jovem e de aluno, revelando indícios de que fora da escola a experiência de criatividade e vivacidade que tinha com a arte e a linguagem, principalmente a partir do *rap*, vai se esvaindo quando ele adentra a escola e lá a arte lhe é apresentada em uma abordagem de reprodução.

Isso nos faz refletir sobre o que levou um aluno com tantas referências positivas em torno da linguagem a se afastar da prática escrita. É interessante notar que, ao narrar as práticas de letramento que mais lhe marcaram, em poucos momentos o jovem cita o espaço da escola como agenciador dessas vivências e aprendizagens. Pode ser que se essas relações tivessem sido mais fortes também no espaço da escola, em articulação com a família, a instituição religiosa e a música, talvez o jovem não tivesse rompido com a prática do escrever. Assim, são as vivências de Ivan em outras instâncias socializadoras que permitiram a criação de laços mais estreitos com as palavras, os quais só seriam revividos em toda sua potencialidade com a chegada do *slam*. Por isso, no tópico seguinte veremos como a escrita renasce na vida do jovem.

### **Quando a escrita renasce**

Ivan narra que a retomada da escrita vai ocorrer no momento em que o *slam interescolar* adentra os muros da escola. As reflexões que o estudante vai empreendendo, revelam que uma das importantes atuações do movimento cultural ao surgir na escola, foi possibilitar a criação de um espaço que o reconectaria com o hábito da escrita e ampliaria suas reflexões sobre as

funções que a linguagem pode adquirir, mobilizar, proporcionar e traria até mesmo perspectivas e planos para o futuro profissional.

*Me ajudou a me encontrar... voltar a me encontrar, porque tipo assim, tava até meio confuso com o que eu ia fazer da minha vida e isso me deu um norte não só artístico, mas profissional também, porque eu vejo que eu gosto da área da comunicação, curto muito a área da comunicação...*

Ao compartilhar suas vivências e impressões em torno do movimento cultural, o jovem conta sobre vários aspectos e momentos em que ampliou suas perspectivas. Ivan viu o *slam* como um lugar em que o uso da linguagem fazia sentido, caracterizando o movimento como um espaço para escrever, para exercitar a escuta de outras poesias e outras visões de mundo e com isso conhecer e se aproximar dos colegas.

*Algo que faça sentido, o slam mesmo foi isso pra mim, eu me senti inspirado a escrever e quando eu vi o pessoal, por exemplo, chegando e mandando um monte da realidade da vida deles, porque eu não posso falar o que eu tô inconformado também... o que eu vejo, não concordo... então, eu fui mandando, fui vendo, voltei a pegar pra escrever, vamos dizer assim, de forma mais inspirada mesmo.*

Ivan conta que os/as jovens colegas escreviam sobre o que se passava em seus mundos, desabafavam acontecimentos, relatavam vivências familiares. Nesse sentido, o movimento cultural e literário do *slam* atuou enquanto um articulador das interações entre os/as alunos/as, que passaram a se encontrar para fazer rimas, para trocar ideias e a conhecer o que se passa no imaginário e na realidade dos colegas. A narrativa do jovem vai dimensionando o espaço criado pelo projeto como um agenciador de processos formativos e nos direciona a pensar sobre a relevância das pedagogias e dinâmicas gestadas no interior dos movimentos culturais. Segundo Arroyo, as experiências educativas nos movimentos sociais e culturais “tiveram grande sensibilidade para captar a presença dos sujeitos” (ARROYO, 2003, p. 38):

*Você vê ali aquele tanto de gente empenhada na mesma coisa né, o que você gosta, algo que não costuma acontecer dentro das escolas, tinha que acontecer mais e ali escrevendo, escrevendo e você vendo naquele espaço muita gente desabafando coisa que acontecia, gente soltando as vezes sofrimento que teve dentro de casa ou então a falta que o pai fez, que a mãe fez ou algo do tipo, você vê muita gente botando pra fora aquilo que tava reprimido (...) o pessoal escrevendo, desabafando, falando sobre a vida ali.*

As possibilidades de fala e escuta abertas pelo *slam* nos ambientes escolares mostra que esse espaço cultural, pretende reconhecer, problematizar e abordar o florescimento de diferentes

identidades culturais. Estrela D'alva (2014), artista responsável por trazer o *poetry slam* para o Brasil, ressalta que devido as proporções que a prática adquiriu “se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo” (D'ALVA, 2014, p. 110). Diante disso, percebe-se que na esteira dos movimentos culturais juvenis, são também gestadas formas outras de aprender e ensinar. Formas essas que aparecem nas reflexões de Ivan, como os processos de aprendizagem em grupo e o aprender com a experiência do outro. Esses processos são fundamentais para a apreensão da identidade individual, que segundo Pais (2006) só é possível a partir do reconhecimento do outro:

Muito do que está fora de nós pertence à essência do eu que se revela no outro [...] O “eu” perde-se no “outro”, num desencontro no que se encontra a identidade nas teias da socialidade, pois esta é um palco de transferências: de emoções, de saberes, de sensibilidades. [...] A procura de contato é também uma busca de si, uma vez que as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, embora surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas. (PAIS, 2006, p. 18)

Nesse cenário, no interior do movimento cultural, além de retomar práticas antes adormecidas em seu cotidiano, o jovem foi conhecendo um pouco mais de si, suscitando habilidades, vontades e perspectivas de futuro que ainda não haviam sido despertadas pela escola, o que justifica a importância de repensarmos a cultura como um território da pedagogia (ARROYO, 2003). Isso porque a cultura “tem sido agregadora a ponto de motivar organizações, movimentos e formas de resistência diversas. A cultura tem motivado comportamentos e condutas resistentes.” (ARROYO, 2003, p. 40), ao mediar aprendizagens mais próximas e preocupadas em considerar as dissonantes realidades.

Refletindo sobre suas experiências escolares, o jovem ressalta as poucas oportunidades que ele e os colegas tinham para se expressar e falar sobre o que acontecia em suas vidas. Quando questionado acerca das dinâmicas e atividades que envolviam a prática escrita na escola Ivan permanece em um período de silêncio, seguido da repetição da pergunta, como se perguntando onde estavam aquelas lembranças. Por fim, me respondeu “*atividade de escrita dentro da escola, que complicado em... não tô lembrando muito, porque tipo assim, a escola hoje em dia o padrão é feito muito pra copiar né... copiar, copiar, copiar, copiar, copiar, copiar.... não tem tanta oportunidade de se expressar*”.

Essa ausência de oportunidades de expor seus pensamentos, exercitar a linguagem e suas mobilidades de uso, vão contribuindo para um contato menos profundo com as palavras, que Ivan vai transgredindo por conta própria, guiado pelos encontros outros da vida. Adiante,

o jovem poeta diz da falta de incentivo a criatividade e a autonomia dos estudantes, que em alguns momentos ainda lidam com abordagens envoltas em homogeneizações. Ele entende que determinadas ações e normas do ambiente escolar são guiados por questões políticas e sociais, que aos poucos vão sendo rompidas por iniciativas como o *slam interescolar*.

*Assim eu não lembro não, foram mais cópias e até porque eu escrevia aquilo, mas não me sentia envolvido... era tipo assim, copiar, copiar, copiar... mas não é isso que o sistema quer né... a partir do momento que você começa a interpretar, como é que é... gente esqueci um verso meu, porque eu falei muito disso no slam. é... "problema é se o pobre querer se expressar, pois pode ir contra o sistema, nunca crie, copie e não crie dilemas"... a questão é essa, não crie nada, simplesmente copie, não tenha dilema nenhum, não tenha pergunta, enfim só cópia, cópia, cópia... aqui tá o que você tem que ser na sua vida... sai do terceiro ano você vai ter que fazer Enem, fazer uma faculdade.*

A repetição e monotonia do copiar provocaram no jovem sentimentos de transgressão, quando, na negação do copiar, atua em direção a questionamentos e reflexões sobre o modo arcaico com que são levados a pensar e sobre o modo como ainda se tem dificuldade em enxergar a vasta gama de afinidades e pertencimentos das juventudes contemporâneas. Nesse contexto, é pertinente narrar um episódio em que o relato do jovem poeta destaca os evidentes distanciamentos entre as práticas, propostas e expectativas que a escola oferece em contrapartida as afinidades, interesses e habilidades que ele investe e se envolve nos outros espaços em que a trama da vida também é tecida. Ivan conta que inicialmente não havia sido convidado para as oficinas de escrita, e que ficou sabendo mais detalhes sobre a iniciativa através de duas colegas, ambas já conhecidas pelos/as professores/as por gostarem de escrever:

*elas nem sabiam que eu fazia poesia, nem sabia que eu escrevia e eu tinha parado um tempo, eu parei e inclusive o slam foi uma coisa que me motivou a voltar, porque eu tinha parado, mas eu tinha parado assim há muito tempo. (...) quando começou o slam na escola, aí o que aconteceu, eu tava de boa, tava num espaço da escola que é tipo um auditório, tava lá tendo uma aula, aí do nada aparece a vice-diretora e a coordenadora e chamou duas meninas e falou assim, nossa vocês fazem poesia, coisa e tal, vamo lá.*

Esse fato chama a atenção para a necessidade de uma maior aproximação entre professor/a e aluno/a, no sentido de melhor mapear e perceber os *multipertencimentos* com que os sujeitos contemporâneos chegam à escola (VELHO, 2006). Nas colocações de Gilberto Velho, contemplar a juventude no plural é premissa básica para compreender os modos diversos e complexos onde “a construção (de suas) identidades é um processo que decorre no tempo, é

dinâmico, transforma-se e se dá em múltiplos contextos socioculturais e níveis de realidade” (VELHO, 2006, p. 193). Por iniciativa própria e muito provavelmente movido pela oportunidade de contato com os estímulos culturais e literários que via pela frente, Ivan conta que no dia seguinte procurou as colegas e perguntou se poderia participar da atividade. Diante da resposta positiva, ele relata que foi e *“entrei no meio da turma, misturei... aí o Lucas chegava, geralmente ele apresentava uma poesia dele e falava pra gente escrever... falei vou escrever também, só que tipo assim, quando eu começava a escrever era meio difícil parar (risos)... aí dava três, cinco páginas escrevendo.”*

Sua afinidade com rimas e poemas, muito provavelmente, não foi notada na escola porque os multifacetados usos que os/as jovens fazem da linguagem nos contatos socializadores fora da escola quase não são exploradas dentro desse espaço. O próprio jovem diz da falta de atividades como o *slam*, as quais podem contribuir para que a linguagem seja experimentada de outras maneiras na escola. Assim, analisando suas experiências escolares, Ivan diz ter vivido nesse espaço uma relação transitante entre o amor e o ódio. Por um lado, foi onde fez amigos, por outro foi onde sofreu *bullying*. Ao longo da narrativa, o jovem compartilhou também o modo como percebe a função desse ambiente:

*a escola creio que ela tem um papel muito importante na vida do aluno, que seria mostrar pra ele, não só dentro do meio escolar ali como viver, mas fora do meio escolar também... tem vida por trás daquilo ali, a sua vida não é simplesmente chegar na escola... você vai passar algum tempo ali e em outros lugares também.*

Nesse cenário potente, mas por vezes contraditório, Ivan narra um outro episódio recente e curioso em sua trajetória escolar. Ele e os colegas tiveram uma aula de artes em que foram estimulados a criar desenhos iguais aos de artistas reconhecidos: *“as vezes a professora chegava, mostrava um monte de desenho e falava pra fazer igual... eu falava, o que vou fazer com isso? aquilo ia passar, ia voar, nem ia lembrar daquilo mais”*. Rompendo com a ideia da cópia, o jovem conta que nessa aula começou a escrever sobre a arte e seus conceitos, reunindo ideias e perspectivas em torno de sua visão sobre a arte. Ele conta que a inspiração veio ao se questionar *“o que é a arte pra mim?”*:

## A arte e seus conceitos

~Évans

A arte e seus conceitos  
Quebrando meu preconceito  
Da cidade ou do gueto  
Vinda do Branco ou preto;

Toda raça se expressa  
E escrever me desestressa  
Crio letras e palavras  
Como agora criei essa

A escrita me acalma  
Escrevo o que vem da alma  
Sendo ela representada  
A arte ela é grata

Mas muito cara se entrega  
E o talento não rega  
achando que ele não presta  
E o tempo voa e não espera  
Talento pra desenhar  
Talento pra escrever  
Talento para moldar  
Persevere e irás crescer

Mas desvalorizado  
De lado ele é deixado  
E o que era inspirado  
Passa a ser alienado

Tem cara que tem talento  
Pra sem lamento estudar  
Rápido como vento  
No topo irá chegar

Outros se descobrindo  
Rindo e se divertindo  
Mas nunca dormindo  
Trampano vão progredindo

E o rap pra nós é arte  
Batida e letra faz parte  
Com ideologia não pare  
Não se entregue ao descarte

Quero um som de qualidade  
Carregado de verdade  
Feito com sinceridade  
Viva a comunidade

Não penso no meu caderno  
Mofando em uma caixa  
Muito menos minhas folhas  
Mofando com minhas palavras

É por isso que invisto  
De rimar não desisto  
Pois tem gente que precisa  
E eu também preciso disso

Tem muita mensagem aqui  
Esperando para sair  
Feita pra fazer sorrir  
O que pensou em desistir

Pro que pensou em se matar  
Pro moleque não parar  
Ou voltar simplesmente  
Contente para estudar

Creio que a arte é feita  
Arma perfeita pra libertar  
Sentimento que nos peita  
Querendo nos derrubar.

Na cadenciada trama poética, o jovem revela suas perspectivas em torno da linguagem, reitera sua identificação com o *rap* e dita os caminhos em que acredita que a arte pode tocar e modificar ações e vidas. Além disso, na poesia Ivan faz referência as rupturas artísticas, colocando a arte como lugar da liberdade e seus versos como lugar da motivação. A arte aparece como um artesanato cotidiano, onde quem estuda é também um artista. Assim, ao longo da narrativa rítmica e melodiosa fica nítida a sua identificação e desenvoltura com as palavras e a facilidade em fazer rimas. Por que essa habilidade ficou invisibilizada na escola? Ao que parece, os movimentos e dinâmicas atreladas a culturas como o *slam* evidenciam que o processo da escrita e da leitura experienciados na escola não se assemelha ao processo vivo e dinâmico com que eles vivenciam culturalmente e socialmente essas práticas nos movimentos culturais. Em contato com outras dimensões do letramento nos âmbitos culturais, percebe-se a tendência de uma abordagem mais criativa e lúdica de se explorar e desenvolver práticas de letramento.

Mesmo estando na escola em contato com a linguagem diariamente e se identificando com a prática da escrita em diversos espaços socializadores, frente a ausência de estímulos que fizessem sentido, Ivan deixou de desenvolver essa habilidade, interessando-se por outras rotas e questões no seu tempo de “pássaro migratório” (PAIS, 2006). A relação com a escrita só veio a ser despertada novamente quando cultura e arte se encontraram na escola por meio do *slam*. Quando arte e cultura adentram a escola ele recupera as ligações com a escrita e com as vicissitudes da linguagem. Isso pode ser explicado quando Arroyo (2003) coloca que os movimentos sociais e culturais têm um outro modo de apresentar e conhecer as realidades, na medida em que

mostram um modo próprio dos sujeitos sociais se conhecerem, de lidar com sua memória coletiva, com seus direitos. Neste sentido nos advertem que o conhecimento socialmente construído é muito mais diversificado do que as áreas curriculares pensam. Os movimentos nos colocam o difícil diálogo entre os conhecimentos socialmente construídos sobre dimensões do viver humano muito mais conflituosa do que as áreas do conhecimento e os currículos por vezes supõem. Nos advertem que a diversidade de sujeitos sociais, de protagonistas da construção da história, da cidade, do campo, tem formas diversas de conhecer a cidade, o campo e a história da qual participam. (ARROYO, 2003, p. 43)

Nesse sentido, o autor sugere uma reconexão e consideração em relação à pluralidade de modos e formas de aprendizagem com que os sujeitos têm chegado na escola. Cabe nos questionar, com que pedagogias outras esses sujeitos se formam fora do ambiente escolar? No seio dos movimentos sociais e culturais encontram-se perspectivas de conscientização em torno de lutas contemporâneas, em relação ao gênero, a classe, raça, orientação sexual. O jovem conta

que sente na pele as violências silenciosas e os embaraços estruturais aos quais os negros estão sujeitos em nossa sociedade, demonstrando ter consciência desses constrangimentos. Entretanto, na narrativa do jovem, percebi uma certa dificuldade e contradição ao falar sobre a diversidade, talvez influenciado pela questão religiosa ou até mesmo pelas leituras que ainda não se permitiu encontrar e fazer pelo caminho. Isso porque, quando Ivan diz dessas lutas minoritárias, sobressai em sua fala indícios de um pensamento próximo a dimensão bíblica, momento em que o jovem evoca o discurso da democracia racial, ressaltando que somos todos iguais por sermos seres humanos, não questionando se a sociedade vem realmente tratando todos como iguais.

Diante disso, é preciso considerar que cada um dos sujeitos encontram-se inseridos em dinâmicas e processos múltiplos de formação que permeiam a malha social e que influem na constituição de suas crenças, valores e significados. Assim, ao questionar o entendimento da cultura enquanto um todo homogêneo e pacífico e reconhecer sua complexidade conflitiva, seu emaranhado de existências, de outros saberes e significados, os movimentos culturais “mostram a cultura como uma ferramenta para entender não tanto a reprodução de valores, condutas homogêneas, de velhos protótipos humanos, mas como elemento perturbador de condutas, de velhos modelos de inclusão e integração social” (ARROYO, 2003, p. 40).

Dessa forma, a experiência do jovem na cultura do *slam interescolar* é marcada por uma outra maneira de escrever e experimentar a linguagem. Por outro lado, é interessante também observar que essa experiência aconteceu dentro da escola e foi motivada por uma abertura de diálogo entre cultura e espaço escolar. Isso mostra que quando cultura e escola se encontraram, juventude e arte também se encontraram, mobilizando processos identitários e aprendizagens. Ou seja, o espaço da escola, por mais tradicional que seja, foi um lugar que ao se conectar com o movimento cultural, permitiu o contato de inúmeros/as jovens com a poesia falada e com a cultura literária do *slam*.

Essas constatações permitem vislumbrar e reviver novos horizontes para a abordagem dos letramentos, indicando caminhos para sair da palidez e apresentar a linguagem como ela realmente é: variável, multifacetada, viva e em constante movimento. O contexto cultural em que se deram as experiências do jovem, mostram que a escola pode ter um papel importante de apresentar, difundir e até mesmo guiar melhor os/as jovens pelos percursos de usos e intencionalidades que a linguagem pode performar, principalmente ancorando-se na linguagem artística e estética contemporâneas. Arte esta que diz da realidade antes escondida, que diz de cotidianos inusitados, que usa da repetição para falar da ciclicidade da vida, que usa da

oralidade para aproximar, que manuseia a multimodalidade para com mais recursos se expressar.

Além disso, ainda que suas memórias afetivas em relação aos letramentos não estejam diretamente relacionadas aos conhecimentos e disciplinas com que teve contato na escola, Ivan cita relações vivenciadas no ambiente escolar que proporcionaram outras formas de ampliar, por exemplo, sua experiência com a música:

*uma professora minha tinha um pen drive, aí eu falava que não gostava muito de música e coisa e tal, aí eu comprei um pen drive de 2 giba bytes, aí tava com esse pen drive e coloquei 2 giba bytes só de rap cara, eu ainda nem tinha computador em casa e essa professora foi lá e colocou pra mim 2 gb só de rap, acho que tinha umas 200 músicas naquele pen drive... nossa eu ouvia voltava, ouvia voltava, voltava de novo, não cansava.*

O relato do jovem sinaliza que os contatos, as interações, os trânsitos identitários e os laços afetivos vivenciados na escola costumam marcar mais os/as alunos/as do que qualquer outro componente pensado nos currículos (SOUZA, 2001, p. 95). Sua fala me afetou no sentido de me fazer revisitar memórias afetivas sobre vários professores/as que também me incentivaram a ser uma educadora e a ir em busca de conhecimentos para mediar e aflorar criatividade, novos modos de sentir e se expressar no mundo. Nesse sentido,

o que é questionado não é a “escola”, mas o que valorizar nessa educação, as formas de nos relacionar dentro dela, os usos possíveis das aprendizagens. A escola é como um espaço em que circulam letramento múltiplos e heterogêneos, tanto quanto a multiplicidade de culturas, encarnada nas histórias de vida dos diferentes sujeitos que ela recebe (SOUZA apud Rojo, 2009; Bunzen, 2009; Vóvio, 2007; Kleiman 2006a, 2011, p. 96)

Assim, percebemos que o *slam* promove um processo formativo com os sujeitos a partir do momento em que participar significa o encontro, significa conhecer outras pessoas, significa ter espaço de conversa e partilha, significa a experiência da escrita. Ou seja, ao participar do *slam* os/as alunos/as são envolvidos em um processo da socialização em torno de práticas que os unem, revelando como a cultura e as práticas culturais podem ser mediadoras das relações e, por outro lado, um espaço em que também acontecem relações de conflito e diálogo que decorrem do encontro entre distintas perspectivas de mundo:

*por mais que, no caso, no final foi uma competição que teve quem ganhou, mas, todo mundo que participou ali ganhou alguma coisa, porque você via as outras experiências das pessoas, aí a gente acabou se conhecendo também ali. A gente*

*não tinha contato na escola, a gente passou a ter, depois disso menino trombava comigo no meio do corredor e começava a rimar comigo.*

Dessa forma, o encontro entre a cultura do *slam* e a cultura escolar denota a necessária aproximação desta com as dinâmicas e conhecimentos que permeiam os movimentos culturais. É preciso nos questionar, com que outras pedagogias esses sujeitos nos chegam? Quais caminhos formativos vieram construindo suas vidas? O jovem Ivan, que já demonstrava ter uma forte relação com o *rap*, inclusive em sua dimensão religiosa, estilo musical marcadamente político e reivindicatório, reviveu no contexto literário poético do *slam interescolar* as experiências que o ligaram a música e aos versos anteriormente.

Sendo assim, o deslocamento que fez rumo às oficinas criativas do projeto indica uma sobreposição de sua subjetividade em relação às outras lógicas do sistema (DUBET, 1994), apontando a autonomia do sujeito em direção as escolhas que vão permanentemente construindo e reconstruindo suas identidades e vínculos de pertencimento. Por isso, o jovem entende o movimento cultural do *slam* como um espaço aberto as inúmeras lutas identitárias e onde se encontram distintas visões e conflitos que marcam as complexas existências contemporâneas.

*Cara, acho importante demais o slam, você escuta a voz daqueles que não eram ouvidos né... quando você chega ali e o camarada pega e se expressa, ele se sente alguém importante... até o slam eu tava meio que no anonimato, as pessoas vinham, conheciam coisa e tal, mas do nada você passa a ser referência pra alguém saca... a gente vê quantos poetas nasceram nessa competição e no slam você sempre representa uma causa, sempre representa uma luta com aquilo ali... é importante pra você entender algo como missão.*

Além disso, foi no interior do movimento cultural que Ivan foi se interessando e se aproximando de outras práticas e eventos de letramento que o ajudaram a desenvolver sua escrita. Nesse momento, o jovem se deu conta de que teria que pesquisar e estudar acerca de técnicas estilísticas, assim como aprender novas maneiras de criar e escrever seus versos. Para tanto, o jovem decidiu que tinha que entender o que estava fazendo.

### ***“Quero entender o que tô fazendo”*: construindo sentidos e formas para a escrita**

Nesse ritmo, a experiência da escrita no *slam* foi florescendo o interesse de Ivan por técnicas de escrita: *“e uma outra coisa que proporcionou também foi, tipo assim, quando eu fui*

*pegar pra escrever eu falei assim, nó eu quero entender o que tô fazendo*”. Nesse momento, os processos formativos do jovem pela linguagem vão ganhando novos contornos, quando este sentiu necessidade de entender as especificidades da linguagem poética do *rap* e da poesia falada. O jovem conscientizou-se sobre ter que estudar para desenvolver suas habilidades com as rimas e criar poemas com recursos ainda mais sofisticados, ligados ao som e ao ritmo. Além desses recursos, o *rap* também se caracteriza por utilizar uma linguagem permeada por traços da oralidade e temáticas cotidianas, que se juntam para “sustentar práticas de letramentos situadas e marcadas pela resistência e pela subversão. Isso não se deve não apenas aos temas abordados, mas também ao estilo e a forma que as produções assumem” (SOUZA, 2011, p. 118):

*aí eu comecei a pegar pra estudar mais estrutura de verso também, tipo assim, a poesia quando tem mais rima intercalada, o final da rima rima com o início da outra rima, quando todos os versos rimam ou só dois versos rimam, dois do início, dois do final... eu comecei a falar assim no véi eu quero aprender isso e isso foi uma das coisas que eu usei no slam também, a maioria dos versos que eu fui lá e mandei era diversificado nas rimas e isso fazia a semântica ficar legal, o som, a sonoridade fica muito boa...*

Os textos de Ivan carregam influências da sonoridade e da estética presente no *rap*. A posição estratégica das rimas, a escolha detalhista das palavras, a maneira melodiosa com que as declama vieram mais bem elaboradas com os estudos. Sua narrativa poética marca uma dimensão de poesias que não são escritas no seu modo tradicional apenas, mas são criadas entre as palavras e o ritmo, entre a escrita e a performance, entre a voz e o improviso. Tanto que nas oficinas do *slam interescolar* o jovem poeta conta que

*ia escrevendo, escrevendo, escrevendo... e naquilo ali, quando os cara viram o tamanho das poesia, falou assim, mas isso aí não é só poesia não, você tá fazendo um rap, porque eu já mandava com ritmo quando eu ia recitar, tipo assim, eu não conseguia ler simplesmente, já vinha com um ritmo na minha cabeça, aí nisso eu fui pegando, pegando, escrevendo, escrevendo, escrevendo...*

Nesse sentido, Ana Lúcia Souza, em pesquisa realizada com jovens ativistas do movimento *hip-hop*, observou que no *rap* as palavras são o que movem as ações dos sujeitos, que por meio da linguagem arquitetam e modificam pertencimentos identitários (SOUZA, 2011). Sendo assim, ao mobilizar e angariar diferentes possibilidades de construção de sentidos por meio da oralização, o *rap*

é um dos gêneros no qual podemos observar a brincadeira com a linguagem que sustenta um dizer que é autônomo, contestador, contra hegemônico e promotor de um conhecimento mobilizador. Mesmo quando um rap é lido, a sonoridade está presente de forma tão fundamental que é possível “ouvi-lo”. (SOUZA, 2011, p. 119.)

Diante disso, Ivan fala também sobre a importância da expressão do artista, a forma como as palavras são ditas, a ênfase, a pausa, a ironia, recursos que ganham mais vida na oralidade. Para exemplificar, o jovem poeta, mais uma vez, faz uso de suas rimas, ressaltando que podem ser muito diferentes e adquirir distintos sentidos a depender do modo como são ditas. No primeiro momento ele as apresenta de forma lida e sem ritmo, no segundo a poesia é recitada de maneira melodiosa e ritmada, com ênfase em algumas palavras e com pausas em outras.

*A caneta é como uma bala,  
se cala rapaz é o que eles querem,  
preferem jornais  
de notícias banais  
e a vida dura que seguem*

A produção literária do jovem é marcada pelo trabalho com a sonoridade, com a oralidade, com a melodia, com a preocupação em relação a semântica dos versos e também com os sentidos da performance e do envolvimento com o público. Essa proximidade com a oralidade sinaliza uma forte característica das linguagens juvenis, marca que se estende também para as poesias da vertente marginal, que criam pela oralidade certa aproximação entre poeta, poesia e público. Na fala, os sentidos da palavra ganham contornos e mudanças a partir do modo como foi dita, o que para Ivan proporciona a criação de uma sensibilidade entre artista e público:

*faz o público sentir o que você tá sentindo entende?! e eu achei isso muito interessante porque não é só no escrever que a pessoa vai sentir, mas no seu falar, na sua voz, na sua expressão (...) então essa questão da expressão, o cara que vai trabalhar com música, com arte, escrever, ele vai ter que ser como se fosse o ator... o ator ele tem que passar expressão no que ele tá fazendo... eu tô até tentando trabalhar mais isso, expressão, voz, entonação.*

Sobre o desenvolvimento de sua expressividade, Ivan conta que fica na frente do espelho treinando e se imaginando em um show de *rap*, mostrando que um dos passos da aprendizagem do artista transita pelo treino e pela persistência. A relação com o *rap*, também foi levando Ivan a retomar a antiga habilidade com as rimas feitas na hora. O jovem explica que no *freestyle* o rapper manda as rimas improvisadas, na medida em que as palavras vão vindo, podendo ou não

ser acompanhado da batida feita pelo Dj. Segundo Ivan, a técnica do *freestyle* trabalha o pensamento rápido e a capacidade de articular rimas e referências

*you joga a batida e vai rimando em cima, a batida pode variar... as batidas são bytes por bitmaker, aí o dj geralmente vai pegar e jogar uma sequência de batidas que pode variar e mudar ou não... mas é tipo assim, quatro batidas, aí manda mais, quatro batidas, mais uma... aí eu vou pegar esse ritmo pra poder fazer e você vai rimando ali em cima... você pode pegar também uma batida que já foi feita, tem muito bit livre aí na internet que os caras disponibilizam e aí você manda sua letra em cima, vai mandando referência e vai saindo, vai fluindo... até um tempo atrás eu não sabia porque o pessoal acha tão surpreendente rimar e aí fui ver que era difícil mesmo (...) quanto mais referência melhor, quanto mais conteúdo você tiver melhor.*

Assim, a partir desse momento de participação em um movimento literário cultural, Ivan vai relatando as descobertas e novidades que o evento angariou para sua vida. Nesse sentido, para o jovem, ser poeta é uma maneira de se expressar e representar sua visão de mundo:

*acho muito doido ser poeta (risos), porque é uma maneira de se expressar... tem uma letra minha que eu falo "seja médico ou seja pedreiro, todo brasileiro tem um pouco de artista, mas a maioria só liga pra aquele que tá na capa da revista"... tipo assim, todo mundo pode ter uma maneira de fazer arte e se expressar e essa é a minha.*

A vertente literária marginal presente no *slam* e no *rap* estão na contramão da arte mercadológica e, por isso, nos últimos anos vemos prosperar uma série de publicações, propostas artísticas e feiras independentes, que vêm agenciando outros modos de criação, distribuição e divulgação de suas produções. Esses artistas contemporâneos caracterizam-se por abordarem em suas obras as temáticas, os engajamentos e as lutas que defendem (VIEIRA, 2015). Em uma de suas poesias, Ivan escreve sobre a vivência de um jovem morador de favela, que diante da falta de oportunidades e das dificuldades acaba entrando para o mundo do crime. A trama poética foi intitulada de “marginal em construção”:

## Marginal em construção

~Évans

No chão caído  
Em cima de um fuzil  
De qual lado veio o tiro?  
Ninguém sabe ninguém viu  
Mas minha vida nem sempre foi assim  
Vou te contar desde o início  
Passo a passo até o fim

Dentro da escola  
Muleque conceituado  
Nunca pelos professores  
Mas pelos reprovados  
Para o que era errado  
meu grupo era inteligente  
E os nerds da minha sala  
Nunca gostaram da gente  
Se a questão é matar aula  
Tratava como missão  
Sempre ia na frente  
Eu tinha disposição  
Seja embaixo do sol  
Ou se tava chovendo  
Se a escola tava chata  
Qualquer muro era pequeno  
Ed física  
Matéria favorita  
Não era atoa  
Que eu fazia 3 por dia  
Ocorrência  
Advertência  
Suspensão  
Consequências  
Sobrenome negligência  
O final tu já pensa

Refrão  
Ninguém  
Nasce um vilão  
Todo ser humano  
Está em construção

Tudo quebrado  
Maus salários  
Não é minha quebrada  
Tu tá enganado  
Nela alguns  
Já foram formados  
É a famosa  
Escola do estado  
Um prof daora  
Pra nós dava aula  
Naquele tempo  
Até que eu estudava  
Ele saiu  
A um tempo atrás  
Mal pago não queria  
Dar aula mais  
E com o tempo  
Eu fui revoltando  
Pois já tinha  
Mais coisas rolando  
Meu pai foi embora  
Minha mãe tá alcoólatra  
Amigos na droga  
De mim quero embora  
Querem que eu seja quieto  
Podem esquecer  
Vou mesmo é zoar  
Ninguém quer me entender  
Muitas vezes tirado  
Por não ter nada de marca  
Só presta quem tem isso

É o que a tv me fala  
É pra completar  
Meu irmão adoeceu  
Como já diz o ditado  
O problema é todo meu  
Passei a ir na escola  
Dia sim dia não  
Vendia bala no sinal  
Pra ajudar com meu irmão

## Refrão

Mas aquela vida  
Era difícil demais  
Trabalhar o dia todo  
Pra ganhar poucos reais  
Até que a algo  
Despertou meu interesse  
Era só bater no rádio  
Se a polícia aparecesse  
Eu aceitei  
Ali que afundei  
Sim eu já sei que errei  
Na vida do crime  
Foi dois tapa pra crescer  
Em questão  
De alguns meses  
Eu portava uma pt  
Muleque ligeiro  
Extinto fenomenal  
Acostumado a correr  
O dia inteiro no sinal  
Na fundação casa  
Várias passagens  
Aquilo pra mim  
Foi uma faculdade  
Da maioridade  
Esperava a redução  
Era minha oportunidade  
De ter pós graduação

Ninguém  
Nasce um vilão  
Todo ser humano  
Está em construção

5 anos se passaram  
Eu já nem me reconheço  
Só maldade no olhar  
Do crime esse foi o preço  
Longe da escola  
Agora tenho um caderno  
É pa,pa,pum  
Mandar um pro inferno  
Dizem que o melhor  
É vim me matar  
Mas o governo não faz nada  
Pras condição melhorar  
A escolha foi minha  
Culpa nisso quem mais que tem?  
Mas quando precisei  
Não encontrei ninguém  
Até os moleque crente  
Direto de mim passava  
Não sei se era preconceito  
Mas de ajuda eu precisava  
Os home invadiu  
O asfalto aplaudiu  
Em minha direção  
Tiros de fuzil  
Que ironia  
O meu não me defendeu  
Agora agonizando clamo por Deus  
Será que Jesus pode me salvar  
Não sei meu olho  
começa a fechar.

A poética de Ivan vai abordando inúmeras temáticas que permeiam os estereótipos da juventude pobre e negra. O jovem conta que para construir esses versos teve que realizar um trabalho de ator, para imaginar as vivências sociais e culturais que retrata na poesia. Ao longo dos versos, o jovem vai delineando situações que desestimulam e interferem nas vivências juvenis dentro e fora do espaço escolar, tais como a falta de conteúdos que chamem mais atenção que a aula de educação física, a falta de relacionamento com os colegas e o abandono e descaso que levaram um professor referência a desistir de dar aulas.

Além disso, dificuldades econômicas e problemas na estrutura familiar também são temas que figuram na letra de “marginal em construção” como desencadeadores das situações de desigualdade. Por outro lado, me parece que o refrão da música-poema sugere alternativas para o que o jovem retrata, destacando que as vidas à margem podem desviar dos estereótipos na medida em que está em construção, ou seja, o que significa ser marginal? A perspectiva de algumas poesias do jovem Ivan pode ser considerada enquanto uma poesia de resistência, ou seja, uma arte que contraria a lógica hegemonicamente imposta e informa ao mundo um pensamento diferente do que se encontra corriqueiramente colocado.

Nesse sentido, contagiado pela experiência proporcionada pela *slam*, projeto em que foi o vencedor na E.E. Henrique Diniz, Ivan vai refinando seus processos identitários com as palavras. Pensando na carreira de rapper criou o pseudônimo Évans e esse processo de criação envolveu outras práticas de letramento, como a pesquisa etimológica por nomes, significados e derivações do seu nome. Nessa pesquisa, Ivan conta que descobriu que Evan significava Ivan em gaulês: “*tipo assim, Ivan é derivado de João né e Ivan é um nome grego, Evan já é derivado de João só que pra gaulês*”. O processo continuou até Ivan se identificar com Évans, ele explica que o S veio de seu sobrenome Santos e o acento porque “*eu não consigo enxergar Évans sem acento... aí eu fui lá e joguei e falei pronto, vai ser isso aí, ninguém vai ter um nome igual esse não (risos)*”.

A criação do nome artístico é um dos indícios de que o jovem cultiva perspectivas de futuro em torno da carreira de Mc. Isso porque, além de angariar inúmeros conhecimentos, a participação no *slam interescolar* fez com que o jovem encontrasse parcerias para a escrita e para a gravação de músicas e também ampliasse os meios de divulgação de seus versos, acontecimentos que detalho nas próximas páginas.

### Perspectivas de futuro: entre parcerias e as linguagens tecnológicas

Depois de participar do *slam* o jovem estreitou ainda mais seus vínculos com a linguagem, principalmente na igreja, espaço em que os encontros angariam oportunidades importantes para as perspectivas de futuro do poeta. Ivan começou a se destacar na instituição a partir de suas rimas improvisadas que iam falando sobre Jesus e seus ensinamentos. Foi convidado pelo pastor para mandar um *freestyle* no culto, além de, em uma outra oportunidade, ter substituído um dos pastores em uma cerimônia voltada aos jovens frequentadores da instituição religiosa, momentos em que pôde trabalhar ainda mais sua habilidade comunicativa.

No ambiente da igreja faz seus primeiros contatos para parcerias e foi também convidado para participar como comunicador na rádio da instituição, onde os colegas incentivam Ivan a seguir a carreira de radialista e comunicador:

*eu também fui convidado pra poder participar de um programa de rádio lá na minha igreja com meu pastor... o pessoal lá da nossa radio dá maior força e tal, falam assim, você pode mexer com carreira de locução, você tem voz, gosta de falar e tal... eu gosto muito dessa área de comunicação, eu acho que é uma coisa ligada ao que eu quero fazer no futuro...*

As parcerias vão mostrando o caráter coletivo em que as práticas de escrita e as práticas artísticas acontecem. Ivan diz que a partir dos encontros na rádio conheceu o Dj Cícero, com quem fez a vinheta do programa Som e Graça. Além disso, o jovem conta que escreveu e gravou duas músicas com um amigo, que produz e edita as melodias. Na rádio, também em conjunto com outros profissionais, inovou e criou um espaço mais voltado para os jovens por meio da seleção de músicas mais animadas e de seu *rap* gospel.

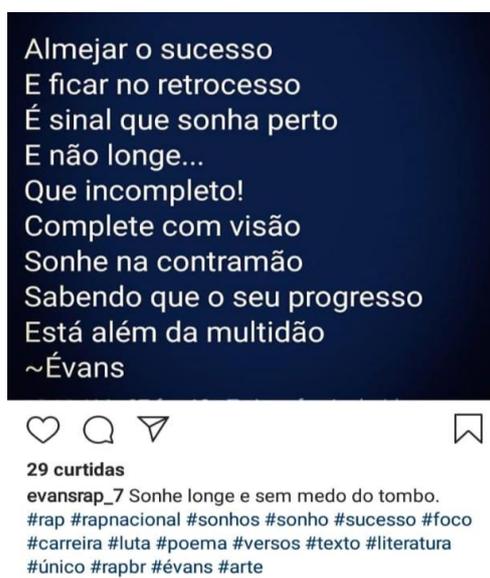
*Eu criei a vinheta da rádio, aí gravamos, já tem uns dois meses que tá no ar, ela sai na abertura do programa... e o som e graça é recente também, tem uns 4 meses e foi um espaço que foi aberto pro jovem né... pro jovem poder ligar, pedir umas músicas mais animadas, mais agitadas... é um gospel jovem, um espaço pro jovem e até os tiozím que ouve falam, nossa depois que os jovens entraram lá ficou mais animado né e eu vejo que com isso a gente tem conseguido muita admiração das pessoas mais velhas também.*

Nesse sentido, percebemos a linguagem enquanto criadora e continuadora de vínculos, enquanto um artefato de partilha de ideias profissionais, expansão e aperfeiçoamento de habilidades em meio aos processos formativos e socializadores que por meio dela podem ser articulados e enredados. Essas experiências foram deixando mais marcadas e nítidas as

preferências do jovem poeta em relação a sua carreira profissional, já que anteriormente pensava em fazer direito, mas rejeitava a ideia de vestir terno e gravata. Agora, o jovem diz travar um conflito identitário em torno da profissão. Isso porque as vezes de comunicador foram aproximando Ivan dos cursos de Comunicação, Jornalismo e Letras, ou seja, inúmeras possibilidades se abriam. Na ocasião, Ivan me confidenciou que pensava em fazer o curso de Letras em uma segunda oportunidade, a fim de complementar sua formação jornalística e artística e aperfeiçoar o domínio das palavras, da sintaxe e da semântica.

O contato com a rádio, em conjunto com a variada gama de dispositivos midiáticos com que a juventude dos últimos anos tem utilizado para se comunicar, informar e se expressar, levaram Ivan ao desejo de criar perfis em redes sociais voltadas à divulgação de suas poesias e rimas. O jovem conta que montou “*um canal no Youtube e uma página no Instagram e no Facebook também pra poder ajudar a divulgar e tal*”. Nos perfis criados, desenvolveu uma espécie de quadros para sua página, como o “palavra rimada” para mandar o *freestyle* e o “poetizando” para divulgar seus versos. Nesses ambientes virtuais o jovem interage com seus seguidores, por meio de vídeos e postagens, os quais podem sugerir temas e conteúdo para as rimas, além de também divulgar poesias de outros autores: “*quero fazer mais um freestyle semana sim, semana não, falando sobre algum assunto que está rolando e vou fazer também o palavra rimada e outro que vai ser o poetizando, que eu vou colocar uma poesia minha.*”. As postagens do jovem nas redes acontecem quase diariamente e tratam-se de postagens sempre voltadas às rimas, principalmente em sua página no Instagram:

FIGURA 6 – Poema ~Evans



Fonte: Instagram Ivan

As perspectivas de Ivan giram em torno da área da comunicação e da linguagem, uma vez que se relaciona principalmente com as linguagens e os recursos tecnológicos, os quais vêm ditando as frentes da comunicação e da publicidade a partir da expansão das novas tecnologias (TICs). Nesse sentido, os jovens encontram-se inseridos no que Roxane Rojo (2009) denominou de multiletramentos. Segundo Rojo, o conceito de multiletramentos está atrelado a dois tipos específicos de multiplicidades presentes nas sociedades contemporâneas, a saber, a multiplicidade de culturas das populações e a multiplicidade semiótica com que construímos os textos pelos quais nos informamos e nos comunicamos, ou seja, a perspectiva dos multiletramentos preocupa-se também com as questões sociais e culturais envoltas na linguagem, além de abarcar a multiplicidade linguística com que empreendemos a comunicação nos tempos atuais.

Por outro lado, nesse cenário, Ivan revela que escreve seus poemas tanto no celular, quanto no papel, seja por segurança, seja pela falta de papel e caneta na mão quando uma ideia surge, evidenciando que ainda que as práticas de leitura e escrita sejam cada vez mais realizadas nos dispositivos e nas ferramentas tecnológicas disponíveis, os sujeitos continuam também utilizando os antigos modos e meios de empreender práticas de leitura e escrita. Isso porque o jovem declara sua preferência pela caneta para rabiscar as ideias: *“eu prefiro quando eu tô usando uma caneta, é bem melhor, a caneta tem algo diferente... tô pra descobrir ainda o que tem por trás da caneta (risos)”*.

Mais adiante, ao falar sobre os sentimentos de um poeta, o jovem compartilha o desejo de contribuir com as pessoas ao relatar a realidade e através da arte trazer novos cenários e expectativas: *“eu penso como eu me sinto escrevendo sobre as coisas?... eu me sinto fazendo o seguinte, eu tô relatando a vida e o que a gente pode fazer pra melhorar essa vida que a gente tá vivendo.”* Para o jovem, a linguagem *“tem o poder de levar a mensagem né, aquilo que você tem pra dizer pra outra pessoa... a linguagem é importante nesse sentido, pra se expressar.”* Ele expande suas reflexões, ressaltando que

*a gente vive num caminho que não tem manual de instruções e várias pessoas passaram por processos de depressão ou já foram usuárias de drogas, enfim, só que não deixaram nada escrito ou relatado pros outros que vão vim e que as vezes tão passando pela mesma coisa... então acho isso muito importante.*

O jovem conta que suas influências e inspirações para a escrita vão sendo arquitetadas nos encontros com diferentes artes e espaços socializadores. Dentre essas inspirações, Ivan cita

os ensinamentos de Jesus como principal referência, além dos artistas e bandas relacionadas ao *rap*. Outro aspecto influenciador de seus escritos vem das leituras. Ivan se diz ser um leitor de livros voltados para o mistério ou relacionados à Filosofia e Psicologia, enquanto suas leituras cotidianas passeiam pelos sites de notícias *online*. Nesse sentido, até mesmo nos autores citados pelo jovem, percebe-se a influência da dimensão religiosa:

*eu curto muito umas leituras mais filosóficas, Augusto Cury... leio muito Agatha Christie também... gosto de pegar muitos livros assim... eu gosto de livros voltados pra área da psicologia, livro voltado pra área de mistério... eu leio muitas notícias também, porque elas estão em todos os lugares né... eu li recentemente as 48 leis do poder, Maquiavel também tenho costume de ler... esses livros assim que vão falar mais de filosofia e modos de ver a vida... muita coisa que pego desses caras assim eu gosto de adaptar pra minha vida, então curto muito esses livros e isso tem me inspirado em algumas poesias.*

Sendo assim, neste retrato manuscrito em que se inscrevem inúmeras tramas e contatos socioculturais pela linguagem é onde Ivan nos conduz por significativos processos formativos. Na infância familiar o contato com a música desvela um campo de possibilidades que o permitem continuar sua experiência com a linguagem. Assim, transita pelos significados das palavras no dicionário. Estuda as técnicas de fazer rima. Estreita a identificação com o *rap* e com a poesia. Escreve, declama e vence o *slam interescolar*. Questiona os modos de ser da linguagem no ambiente escolar. Mostra habilidades e conhecimentos de composição como o *freestyle*. Faz parcerias. Projeta expectativas de futuro nas palavras. Enfim, as ressonâncias da narrativa levaram a identificar a relevância de se conhecer as pedagogias alternativas com que os jovens nos chegam, a fim de também melhor intervir e refinar as pedagogias com que necessitam sair da escola.

Portanto, a partir dos diferentes espaços e práticas de socialização, Ivan narra, na perspectiva do tempo, sua experiência com a linguagem, entrelaçando passado, presente e futuro. Ao contar suas vivências peculiares pelas rotas da linguagem, ele informa ao mundo autênticos e singulares modos de individuação, que amalgamados, revelam a dimensão formativa das experiências socializadoras. Dessa forma, a seguir, apresento-lhes as singularidades languageiras da jovem Karol.

## 5.2 Karol: Resistindo às adversidades pelos trânsitos entre as letras e o ativismo poético

Karol, a regente do universo que pretendemos explorar, no que diz respeito a sua trajetória pela linguagem, é notadamente um ser artístico e político inquieto. Logo nas primeiras linhas é possível perceber que sua produção literária se alinha com aquilo que Cândido (2004) chama de literatura social, ou seja, quando a artista "tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica (CÂNDIDO, 2004, p. 181) e, no caso de Karol, marcadamente irônica. Os versos refletem suas pertencas, suas leituras literárias e as lutas identitárias pelas quais milita.

Escolhi Karol porque, além de ter sido uma das jovens que prontamente manifestaram o desejo de participar da pesquisa, ela possui uma vivência dupla no movimento cultural do *slam*: participa tanto dos *slams* escolares, quanto daqueles que acontecem e ocupam os espaços públicos e culturais da cidade em que vive, Juiz de Fora. A jovem sagrou-se campeã nacional do *slam interescolar 2017* em dezembro no Plug Minas, momento em que conheci suas poesias fortes e intensas. Karol participou apenas do momento V do *slam interescolar*, não tendo participado das oficinas como Ivan e Luiza. Com a conquista, a jovem *slammer* ganhou o direito de ir à França, juntamente com Erick, o organizador do *slam interescolar* em Juiz de Fora, para assistir a Copa do Mundo de *Slam*, viagem que acabou não se concretizando por conta dos recursos insuficientes que o governo disponibilizou.

A jovem poeta tem 18 anos, é branca e mora com os pais e o irmão mais novo na cidade do interior mineiro. Recém-formada no Ensino Médio pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), campus Juiz de Fora, a jovem conta que pretende tentar a faculdade de Jornalismo na UFJF, área que gostaria de atuar com a produção de áudio e vídeo. Antes de entrar para o IFMG, Karol estudou em escolas municipais da cidade, espaços onde teve especiais oportunidades de contato com a leitura e a escrita.

No momento da entrevista, a jovem poeta conta que havia começado no seu primeiro emprego há alguns dias, como atendente de um *call center*. Os pais da estudante trabalham na rodoviária da cidade, o pai como bilheteiro em uma companhia viária e a mãe como vendedora em uma das lojas do terminal. Além disso, Karol conta que o pai sempre foi muito dedicado às leituras, hábito pelo qual nutre muita admiração. Ele cursou todo o Ensino Médio e a mãe frequentou a escola até a sexta série. Ao longo da nossa "conversa", fui percebendo o processo formativo em direção aos seus vínculos de pertencimento. O caminho foi se construindo nos conflitos e nas trocas empreendidas com diversos atores, em distintos espaços de socialização, dentre os quais focalizamos aqueles oportunizados pela linguagem e próximos da arte literária

e da prática escrita. Pela trama narrativa da poeta fomos percebendo as lembranças dos momentos mais relevantes e das questões que constituem e atravessam sua singular vivência no mundo.

Sua identidade de mulher bissexual marca intensamente o processo de criação e participação artística, cultural e política que a jovem mantém com os versos que declama no movimento cultural do *slam*. A produção literária que vem construindo aborda questões como padrão de beleza, sexualidade feminina, amor, desigualdade social e o direito às manifestações populares, revelando posicionamentos e pertencimentos de uma engajada ativista pelas palavras dos movimentos feminista e Lgbt. Nessa lembrança, descobri que Karol começou a escrever poesias como uma forma de externar e desaguar seus conflitos, já demonstrando o caráter político presente em seus versos e reflexões, como veremos com o andar destas linhas.

Assim, sabendo que as identidades socioculturais não são fixas, é interessante e possível perceber aspectos que vão formando as identidades dos/as jovens, sejam elas com finalidades políticas ou não. Cabe lembrar, que nos aproximamos daquela definição de identidade proposta por Hall, ou seja, identidade como algo aberto, provisório, transitante e em eterna mutação, que vai se construindo na interpelação e interação entre indivíduo e contexto social. O autor ressalta que pertencemos não mais a uma identidade, mas a várias, que se misturam e se imbricam na dança entre o eu, o outro e o contexto sociocultural (HALL, 2004). Dessa forma, na narrativa de Karol percebemos as andanças iniciais pelas palavras, onde leitura e escrita figuram com fins terapêuticos. Em seguida, a jovem narra as experiências linguageiras que teve na escola para em seguida dizer dos encontros e aproximações identitárias que foi arquitetando nesse processo, finalizando com as técnicas de escrita e os caminhos que vêm percorrendo entre o ser poeta e o ser ativista.

### **Primeiras andanças: leitura e escrita como arte terapia**

As primeiras lembranças de Karol com a linguagem tem a ver com as imagens. Era por meio delas que a jovem ia guardando na memória o que diziam as histórias infantis que o pai lia para ela. Por volta dos quatro anos de idade, os desenhos foram uma alternativa frente ao pouco tempo que os pais tinham para ler histórias com a garota. Assim, os desenhos, as figuras e formas coloridas que via nos livros infantis abriram as portas para seu processo de conhecimento e aprendizagem das palavras e da leitura.

*Eu comecei a me interessar assim por esse lado da leitura, de coisa escrita assim com quatro anos de idade, como meus pais não tinham muito tempo pra ler pra mim, meu pai lia pra mim uma vez a história e eu decorava através da imagem e aí eu lembrava das histórias por causa das imagens, aí com o passar do tempo eu comecei a decorar letra, porque era a mesma coisa, um desenho... e aí eu aprendi a ler praticamente sozinha com quatro anos.*

A apreensão do mundo pelas imagens citada pela jovem, evidencia como, ao longo do tempo e das evoluções tecnológicas, os textos multimodais, ou seja, aqueles que combinam distintos modos de representação, como as linguagens verbal e não verbal, gráficas, imagéticas e até sonoras, vem alterando e abrindo novas contingências sobre a maneira como utilizamos a linguagem para nos comunicar, agir, aprender, transmitir e se expressar na sociedade. Assim, os desenhos do livro, as placas e sinais de trânsito, os gestos corporais do cotidiano e da linguagem brasileira de sinais, os aplicativos dos smartphones, os programas da tv, os sinais gráficos dos mapas, a navegação pelos sites da *internet*, são todas questões que envolvem diferentes usos e interpretações da linguagem na contemporaneidade.

Nesse cenário, é interessante observar como a associação entre diferentes linguagens proporcionam novas lógicas para a construção e aprendizagem de sentidos. Além de ouvir as palavras que o pai ia lendo, as necessidades da jovem exigiram e propiciaram a conexão com outras maneiras de compreender, agir e interagir com e por meio de outras linguagens. Linguagens essas que permeiam, marcam e ditam novos rumos para os processos de construção de sentido das novas gerações, que além de livros, interagem também cotidianamente com tablets, celulares, computadores etc. Assim, a experiência de Karol mostra que com a ajuda das imagens a jovem foi estreitando seus laços com as palavras e, a partir de um presente que ganhou do tio aos seis anos, alvoreceu a chegada da escrita: “*e aí com seis eu ganhei um diário do meu tio e comecei a escrever coisas da minha vida*”. Escrevendo, compreendeu que poderia criar novas histórias a partir de suas vivências, que trariam também a descoberta das rimas. Com o recurso estilístico aprendeu a brincar com a sonoridade das palavras e suas diferentes possibilidades de efeitos de sentido:

*só que minha vida é muito chata, você não tá entendendo (risos), é um negócio muito monótono, aí eu comecei a escrever em cima da minha vida coisas que eu queria que tivesse acontecido, mas que não tavam acontecendo e foi com isso que eu comecei a perceber que as palavras rimavam e aí eu escrevia rimando, mas eu não sabia nem que aquilo era poesia não, fui descobrir que aquilo era poesia a partir do meus treze anos de idade... então já tinha várias coisinhas escritas lá rimadas nos meus cadernos, mesmo sem saber o nome disso.*

Ainda que coloque a monotonia como algo desfavorável, foi essa falta do inusitado que conduziu a jovem para a invenção e imaginação de novos rumos a partir do que lhe acontecia no cotidiano. Na monotonia percebeu e desenvolveu a liberdade para criar e recriar. Por mais contraditório que isso pareça, não podemos esquecer que estar na linguagem é tanto estar na contradição, quanto estar em condições de ir tornando nossas contradições cada vez mais lógicas e o âmbito familiar vem confirmando o desvelamento dessas possibilidades. Isso porque, corroborando algumas questões discutidas ao longo do trabalho, as influências familiares foram também o ponto de contato e aprendizagem que aparecem para fazer alusão às primeiras práticas e eventos de letramento de Karol, assim como foi com Ivan. Além do diário que ganhou do tio, as figuras do pai e da mãe aparecem como grandes arquétipos e incentivadores das experiências languageiras da filha.

*E tipo, na minha família, minha mãe gosta muito de ler. Ela adora aqueles romance Julie, que são umas coletâneas das antigas que vendem em bancas de jornal e aí ela lia aquilo, ela adora romance, hoje em dia ela assiste novela mexicana no sbt, mas ela gostava muito de ler e meu pai também é muito focado com a leitura e ele sempre acha muito bonito quem lê, a beleza pra ele... ele acha bonito quem lê!*

A admiração do pai pelo hábito da leitura é descrita como algo rotineiro e que marcava a interação entre pai e filha desde o princípio. Karol conta que quando ainda estava na barriga da mãe, do lado de cá, o pai ia lendo livros e tecendo os primeiros contatos e ressonâncias com a linguagem na caminhada da filha. Um tempo depois, foi ele também quem comprou uma coletânea de livros com títulos de escritoras mulheres para influenciar e instigar a jovem pelos caminhos da leitura e da escrita. Nesse sentido, o espaço familiar é demarcado como um espaço onde iniciou-se também sua formação identitária, alinhadas com as proposições feministas. As incitações fizeram com que a jovem designasse o pai como uma das figuras responsáveis pela sua educação e conscientização sociocultural.

*Eu leio muito, muito mesmo... eu leio muito e eu gosto de ler pessoas, autores nacionais e autoras mulheres... é incrível pra mim... eu tenho uma ajuda muito grande do meu pai, meu pai é o meu maior fã, ele é o que mais me incentiva, ele é o amor da minha vida, ele é o meu universo, e aí tinha um negócio do Folha de São Paulo lá que tava lançando mulheres na literatura, que eram 32 livros, ele me deu os 32 livros, cada um é uma mulher diferente que escreveu, e ele falou tipo, toma aqui, lê esses livros tudo aí das mulheres, vai lendo aí e vai aprendendo a escrever.*

Para além dos escritos no diário e as rimas escritas despretensiosamente nos cadernos, a poesia veio em um momento tenso da vida de Karol, a adolescência. Em um de seus voos de pássaro migratório pelos “jardins labirínticos” (PAIS, 2006), recebeu como conselho da terapeuta de que deveria encontrar uma forma de externar os sentimentos e nisso encontrou na escrita um pouso seguro para transbordar, manifestar e florescer seus pensamentos e opiniões:

*aí eu comecei a escrever poesia mesmo com treze anos de idade, foi quando eu tive... passei por uma época bem conturbada da vida e aí minha psicóloga virou pra mim e falou assim, olha um jeito bom de você fazer isso é você externando o que você tá sentindo, vai fazer luta, vai fazer muaythai e eu tô tipo, que isso... ah vou é escrever aqui uns negócio, que eu escrevo umas parada aqui, só vou escrever aqui e foi assim, eu comecei a escrever as poesias e eu escrevi a minha primeira poesia... que tipo é marcante na minha vida que foi a 38.*

38

Karol Ferraz

The background of the page is a photograph of a dark sign for a slam poetry event. The sign features the text '1º SLAM Interescolar 2017' in white, with 'Interescolar' written in a cursive font. A small illustration of a person is visible on the right side of the sign.

Eu não caibo em um 38.  
Nem em um 40.  
42.  
44.  
Eu não caibo em número algum  
O meu defeito foi vir com um código de barras  
Que não é reconhecido pelo leitor  
“Só três números a menos”  
Ah faça-me um favor,  
Que mal lhe faz o meu tamanho, senhor?  
Se eles sempre nos exigem mais, mais e mais  
E quando somos mais, eles querem menos  
Nas escolas nos ensinam a contar,  
Em que parte da vida ensinam a nos amar?  
Mas o padrão eles deixam estabelecido:  
Por dentro você pode apodrecer  
Se por fora for belo de se ver  
Sim, belo  
O adjetivo formado por letras e definido por números  
Números esses que não abrigam inúmeros  
Inúmeros que acreditam  
Que a felicidade está na menor parte da balança  
E o defeito se encontra em mim,  
Que não quis fazer parte dessa dança?  
Tragam uma porção grande de mudança!  
Porque o meu corpo não é escravo dos olhos de ninguém.  
Eu não sou pra ser medida  
Sou pra ser compreendida  
E se não me entendeu,  
Foi porque não leu as dobras do meu corpo.

Em “38”, Karol conta de conflitos que vivencia no cotidiano, questiona padrões e estereótipos de beleza, proclama suas lutas e com as palavras desvanece o que incomoda e acomoda, ou seja, 38 traz questões importantes que constituem a identidade da jovem. No momento de adversidade, Karol conta que encontrou na literatura uma forma de expressão para externar, colocar para fora sua visão de mundo e o que estava sentindo. Por isso, “38” revela a escrita poética como uma arte em que se pode imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico.

Os aspectos levantados por Karol me transportaram para minha adolescência, onde o contato com a literatura foi igualmente determinante para o encontro com experiências próximas a minha e que foram essenciais para ir compondo os fragmentos identitários que hoje me constituem e me movem. Essas questões relatadas por Karol, levaram-me também aos estudos de Michèle Petit (2009, 2013), estudiosa francesa que se dedica a desenvolver pesquisas em torno da leitura e dos impactos que ela angaria na vida de jovens e adultos praticantes assíduos da leitura. Nas constatações de Petit, pensadora que conheci a partir da pesquisa de Daniel Almeida (2017) sobre a poesia de resistência nas escolas, assim como ele, vislumbro que os estudos da autora em torno da leitura literária alcançam também o âmbito da escrita, na medida em que as duas práticas influem reflexividades, tocam e afetam as experiências estéticas de cada um.

Sendo assim, ao perceber os impactos da leitura e da escrita na vida dos sujeitos, Petit (2009), considerou o contato com a literatura uma ação de resistência e questionamento. O estudo foi realizado levando-se em consideração as experiências relatadas por leitores que participaram de leituras em grupo, realizadas em combinação com atividades da psicoterapia. As leituras eram feitas em bibliotecas, clubes de leituras ou escolas, privilegiando distintos contextos socioculturais. A autora revelou a literatura não apenas com a função de formar e informar, percebendo, para além disso sua relação com o reestabelecimento de danos ou questões psíquicas e sociais, na medida em que a literatura nos permite “suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia” (PETIT, 2009, p. 109).

Para Petit, a leitura e a escrita são espaços psíquicos que podem “ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição de sujeito” (PETIT, 2013, p. 43). Isso porque esses sujeitos “são ativos, desenvolvem toda uma atividade psíquica, se apropriam do que leem, interpretam o texto, deslizam entre as linhas seus desejos, suas fantasias, suas angústias.” (ibid., p. 44). A autora ainda coloca que a leitura mexe com a liberdade principalmente nos momentos de crise intensa, uma vez que para ela vivemos em um cenário imerso em uma crise

generalizada, frente a aceleração das transformações e o aumento da desigualdade. Observando momentos e contextos em que essa crise aparece de maneira mais intensa, como é o caso dos/as jovens e dos/as moradores/as de periferia, Petit percebeu que a leitura e a escrita podem ser artifícios de resistência às adversidades, quando essas atividades criam momentos de identificação diante das crises, podendo contribuir para a (re)construção de si. (PETIT, 2009).

Essa reconstrução viria da empatia, alteridade e reconhecimento do outro proporcionados pela literatura, quando esta viabiliza o encontro com experiências parecidas com aquelas vividas pelo leitor. A autora ressalta que o processo de identificação e recomposição do sujeito pela leitura, ainda que aconteça em qualquer parte da vida, tende a ser mais frequente na juventude, como é o caso de Karol, já que é nessa época que a jovem se vê em um mundo inquietante, complexo e adverso (PETIT, 2013). Nessa direção, Petit afirma que os jovens “estão em busca de palavras que permitam domesticar seus medos e respostas às questões que os atormentam, exploram em diferentes direções” (PETIT, 2013, p. 44). Nessa busca, encontram em um relato, em um poema ou em um romance pontos de identificação com sua própria história, fazendo com que compreendam que os “desejos ou temores que acreditavam serem os únicos a conhecer, foram experimentados por outros” (ibid., p. 44).

Dessa forma, as reflexões da estudiosa francesa e as vivências de Karol levam-me a pensar a literatura como uma arte importante para que os sujeitos elaborem subjetividades, construam identidades singulares, inacabadas e em eterno movimento, aprendam com a experiência do outro a empatia e se abram para novas sociabilidades e círculos de pertencimento (PETIT, 2009). Sendo assim, as proposições de Petit indicam a rota certa pela qual a metodologia de leitura e escrita proporcionadas pelo *slam interescolar* vem percorrendo, ao repensar e inovar na escola o trabalho com a escrita e com a leitura de textos literários.

Nesse cenário, durante sua narrativa, Karol e seus versos vão dando indícios em torno das resistências que transfigura em arte, citando as referências e as pautas pelas quais vem lutando e inspirando a construção de seus poemas, ou seja, suas leituras, escritas e os engajamento identitários que investe se encontram e se entrelaçam para formar sua expressividade. Essa consciência artística vai ganhando tons mais coloridos quando a jovem expande seus vínculos com a prática escrita, tanto na vida, quanto na escola.

### A escrita na vida e na escola

Se espelhando em autoras mulheres a partir do incentivo do pai, foi na escola que Karol ampliou suas referências artísticas, identificando-se com autores e autoras engajados em escritas sensíveis e políticas ou que carreguem a representatividade literária de um grupo. Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Machado de Assis figuram como autores que representam pautas com as quais ela também se identifica, como o movimento Lgbt e o movimento feminista:

*meus autores favoritos são mesmo a Clarice Lispector, o Caio Fernando Abreu ele é incrível e ele tem um posicionamento como autor Lgbt, ele tem um posicionamento muito massa sobre isso e é bom ler ele exatamente por isso, até porque ele escreveu na época da ditadura, então ele é um cara que tem muito pra dizer pra gente, tá revirando no tumulto agora provavelmente, tadinho... e o próprio Machado de Assis, que apesar de ser um autor que hoje em dia é muito associado a elitista, a elite, ele também é uma representatividade né, e ele escreve muito bem, meu Deus... eu sou apaixonada por Dom Casmurro.*

Quando fala de uma nova perspectiva em torno de Machado de Assis, Karol nos faz lembrar que foi recentemente que o autor começou a ser associado a uma representatividade negra. Com a ascensão da noção de representatividade, o lugar de fala de um dos maiores autores brasileiros vem sendo ressignificado. Refletindo também sobre as experiências em torno da prática escrita no ambiente escolar, assim como na narrativa de Ivan, a ação do copiar figurou na fala da jovem.

Isso porque, apesar de ter começado a ler praticamente sozinha, Karol relata ter tido dificuldade com a escrita: “*eu não conseguia escrever, tipo, eu sabia o que eu tinha que escrever, mas eu não tinha muito manejo daquilo*”. A cópia, na vivência da jovem aparece de duas maneiras. Primeiro como uma ação punitiva familiar e escolar ao ter que escrever palavras por folhas e mais folhas: “*elas passavam um ditado e aí você tinha que ficar escrevendo aquelas palavras inúmeras vezes pra você poder aprender e meu pai me fazia escrever uma página inteira pra cada palavra e ele nunca foi uma pessoa tipo cruel e brava, mas ele ficava assim não, vamo mais um pouquinho*”. Segundo como uma ação contextualizada a sua dificuldade de escrever e com um objetivo específico, que foi aprender a grafia das palavras e a reconhecer a sonoridade das sílabas, “*mas isso é muito bom porque hoje em dia se eu errar alguma palavra que eu escrevi ou é porque eu tô muito doida ou é porque eu descuidei na hora de escrever mesmo*”.

Karol demonstra ter uma lembrança afetiva muito positiva da escola onde cursou o ensino fundamental. Tempo e espaço em que desenvolveu seu gosto pela leitura: *“a gente tinha uma biblioteca e na biblioteca os professores sempre incentivavam a pegar livro, tinha um prêmio pra quem pegasse mais livro por ano e era maravilhoso porque eu sempre ganhava (risos)”*. No que diz respeito as práticas de letramento dessa época escolar, a jovem conta que elas envolviam as ações de refletir e sintetizar a leitura por meio de um resumo da obra. Foi no ensino fundamental também que Karol diz da prática da escrita como algo muito presente no cotidiano da escola em que estudava, momento em que foi experimentando outras formas linguísticas, bem como os gêneros textuais. Nessa escola viveu os primeiros momentos de escritora nos concursos de escrita, espaço onde compartilhou os primeiros escritos:

*a escola sempre tava em programas tipo que eles faziam concurso de redação e aí escola fazia o concurso de redação com a gente e escrever redação era maravilhoso também e tipo... as aulas de literatura era muito voltado pra produção literária, você produzia aquilo que você lia, se você lia alguma coisa, você tinha que fazer uma produção parecida com aquilo que você leu e aí eu fui pegando gosto por isso... e a professora adorava colocar a gente pra ler o que tinha escrito, isso foi na escola municipal.*

Além do contato com a leitura e escrita literária, outra relevante experiência que amparou a vivência escolar de Karol e alavancou sua identidade de leitora e poeta, foi o incentivo dos professores e professoras que encontrou pelo caminho, bem como as oportunidades por eles/as criadas de experimentar a linguagem:

*a Cássia foi minha professora de português que ficou comigo por três anos e foi na época que eu já tava mais focada na escrita e ela era maravilhosa, ela tipo me incentivou pra caramba... o apoio que você tem dos seus professores nessa época é muito importante, principalmente na época de ensino fundamental, porque é uma época assim da sua vida que você tá iniciando tudo, acho que o maior perrengue que você passa na sua vida é no ensino fundamental, chega o ensino médio e te mostra que você tava engando, mas tá tudo bem (risos)...*

Não se pode desconsiderar também as lembranças escolares da jovem, as quais remetem a uma relação contraditória, onde por um lado passou por episódios de *bullying*, mas de outro conheceu pessoas e professores/as que marcaram e moveram seus passos pela linguagem. Em meio aos contraditos com a escola, Karol fala de uma experiência privilegiada com a linguagem no ambiente escolar, relembrando momentos vividos tanto no ensino fundamental, quando estudou em uma escola municipal de Juiz de Fora, quanto no ensino médio, já no Instituto

Federal. Em uma dessas oportunidades, a referida professora Cássia, em uma situação curiosa, chegou a duvidar que o texto escrito por Karol fosse mesmo dela:

*na primeira vez que ela mandou a gente escrever um texto, que era pra ser um romance policial e ela leu meu texto, ela falou assim, não foi você que escreveu isso e eu falei fui eu Cássia, e ela você pegou isso da internet, impossível, você não escreveu isso ela, escrevi sim Cássia, aí ela você é um gênio, você não devia nem tá aqui, você devia já tá escrevendo pra publicar livro e aquilo nossa, me deu um incentivo que eu saí de lá, pô, nojenta... eu tinha uns 13 anos, saí de lá nojenta...*

Se notarmos na narrativa da jovem, essa desconfiança, pode ser pensada levando-se em consideração o contato entre professora e aluna, que pelo descrito, era inicial. Por outro lado, percebe-se uma separação entre linguagem e criatividade no ambiente escolar e quando estas aparecem juntas carregam consigo a desconfiança e também certa estranheza, evidenciando como a linguagem na escola, em alguns momentos, é descolada de sua abordagem e possibilidade criativa. Nesse sentido, podemos pensar também na descrença em relação a habilidade de escrita dos alunos e das alunas, uma vez que muitos deles/as demonstram dificuldade em produzir textos, provavelmente pelas poucas oportunidades que tiveram de escrever, refletir sobre e reescrever seus textos. Isso porque, independente do gênero, a habilidade de escrita requer prática e acompanhamento.

Entretanto, as memórias afetivas mudaram de perspectivas quando Karol retorna sua atenção para o Instituto Federal. Lá os estímulos voltados para a escrita poética não continuaram tão intensos quando a jovem migrou para cursar o ensino médio. Ela conta que o ensino técnico, apesar de mais completo e oportunizar um emprego mais facilmente, não é interessante para todos os alunos/as por exigir uma dedicação extrema por conta da variada oferta de disciplinas e elevada carga horária: *“eu só não aconselho ensino técnico integrado pra todo mundo, porque não é uma coisa que tipo agrega na sua vida, é tipo, muita matéria, muita coisa, muito corrido e às vezes você quer dar atenção pra outra coisa e não pode.”*

De maneira geral, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia são instituições de ensino voltadas as modalidades superior, básica e profissional. Encontram-se espalhados pelo país, contando com forte inclusão tecnológica ao processo de ensino. O ensino médio nessas instituições, além das disciplinas básicas, também é voltado para a formação técnica, momento em que o aluno escolhe o curso técnico que deseja ingressar. Entre as opções ofertadas no campus de Juiz de Fora figuram os cursos de Design de móveis, Edificações, Eletromecânica, Eletrônica, Informática, Mecânica e Metalurgia, dentre os quais Karol optou

por Metalurgia. Nos institutos federais de educação, os alunos e as alunas são também incentivados a se aventurar pelo universo da pesquisa e da linguagem multimodal de uma maneira mais intensa. É interessante notar que as memórias mais marcantes da jovem sempre envolvem atividades de criação e invenção em torno das formas com que experimentou a linguagem.

*No primeiro ano eu tive um professor que ele adorava fazer um sarau, era um sarau por bimestre, aí a gente reunia as turmas que ele dava aula... a gente se reunia no anfiteatro e apresentava as poesias, músicas. Já no meu segundo ano foi mais teórico mesmo, no terceiro ano minha professora era louca, ela queria fazer tudo diferente e aí ela fez a gente fazer um vídeo meio que tipo, como se a gente tivesse num filme de algum livro, de alguma história. Aí peguei um texto da Clarice Lispector que é muito maravilhoso, que é “Se eu fosse eu” aí eu trabalhei em cima daquilo o que era legal e aí depois ela mandou a gente fazer um HQ, ela queria que a gente fosse artista.*

Por outro lado, foi no instituto que a criatividade foi estimulada em torno de outras linguagens e expressividades. Karol conta do engajamento para fazer os trabalhos e atividades propostas pelos professores e das oportunidades de experienciar a linguagem e as relações de intertextualidade que ela proporciona em outras modalidades, como nas produções audiovisuais. Os institutos federais são ambientes que contam com uma ampla variedade de recursos tecnológicos, possibilitando o acesso, a invenção e criação de textos multimodais e produções audiovisuais, além de contar com um corpo docente qualificado. Lá a jovem conta ter feito trabalhos de pesquisa e parcerias com colegas e outras artes, que ajudaram a expandir os efeitos de sentido de seus textos.

Os trabalhos e as atividades escolares foram mostrando para Karol outras possibilidades com a linguagem, como a criação em parceria e a construção de textos que mesclavam várias linguagens. Nesses momentos a bagagem literária de Karol era transformada em criatividade para a elaboração das ideias e escrita dos textos. A jovem conta sobre um trabalho de conscientização sobre a homofobia, onde exercitou sua capacidade de relacionar e criar textos multimodais. Nesse trabalho, que também envolveu um exercício de pesquisa, o contato com a produção audiovisual começou a despertar na jovem poeta perspectivas e reflexões sobre o futuro profissional:

*e teve o meu trabalho do primeiro ano que era pra fazer um trabalho sobre relação de intertextualidade que eu peguei os meus autores favoritos, peguei Caio Fernando Abreu que era “terça-feira gorda” com Clarice Lispector, que*

*era alguma coisa de carnaval, não lembro direito, só sei que eu peguei as duas obras pra poder fazer um conto e falava sobre... Algum conto sobre carnaval, ela falava sobre usar máscaras, é um conto dela que tá no livro “Felicidade Clandestina” e aí a gente juntou os dois pra poder falar sobre homofobia, sobre como as pessoas tem que usar máscaras às vezes pra poder não incomodar as outras pessoas sendo que elas só querem ser elas mesmas. E o vídeo ficou maravilhoso... a gente trabalhou em cima do texto e pro vídeo encontramos vários casais e eles contando da trajetória deles, como eles se conheceram, como é que foi se apaixonar, nossa, tinha uns casais incríveis... Eu me dedico muito pra fazer trabalho, ainda mais se for produção de áudio e vídeo, produção de áudio e vídeo, então tá bom, vamo lá... eu acho que foi por isso que desisti da letras e fui pra jornalismo, quero mexer com áudio e vídeo, eu me encontrei nesse curso.*

As experiências de Karol pela linguagem direcionam a jovem para a aproximação com perspectivas de futuro, com o diferente e com as lutas minoritárias com as quais vinha se identificando e inspirando seus escritos. Nessa época de ensino médio, apesar de dedicar-se mais a outras produções em torno da linguagem, ainda assim, Karol não parou de escrever poesias e ia tecendo seus versos silenciosamente, só para si. Isso vai mudar e ganhar novos rumos quando o *slam* entra na escola, ou seja, quando cultura e arte se encontram na escola, juventude e arte entram em cena e também se encontram. Foi assim que a jovem diz ter conhecido o *slam*, em uma demonstração feita pela Confraria dos poetas de Juiz de Fora<sup>36</sup> na escola onde estudava, o IFMG.

*Apesar de escrever desde muito cedo eu nunca tinha lido pra ninguém o que eu tinha escrito, ninguém nunca tinha lido, a única pessoa que conhecia meus textos era a psicóloga, o que é bem triste... mas aí eu conheci o slam através de um evento que teve na escola... o pessoal da confraria dos poetas, que é a organização de poetas aqui de Juiz de Fora mais ativa foi até o Instituto Federal e aí eles fizeram uma demonstração de slam com alguns outros poetas aqui da escola e eu falei caramba eu encontrei uma coisa que eu faço e que eu sei fazer... e aí no final eu falei com o Eric, que é o organizador... cara eu também escrevo.*

A coragem da jovem foi determinante para o início de novas experiências abertas pelo movimento cultural e literário. O contato com Eric Meireles, organizador dos *slams* na cidade, levou a jovem a declamar pela primeira vez suas poesias em público nas rodas poéticas juiz-

---

<sup>36</sup> A Confraria dos Poetas nasceu em 2004, na cidade de Juiz de Fora, da necessidade de um grupo de poetas que buscavam uma maneira de interagir com o mundo, mesmo que aos berros, com os papéis e canetas em punhos. Com raça e coragem! Poetas que idealizam levar a poesia a diversos grupos e de diversas formas. Informação disponível em < <http://confrarios.blogspot.com/> > Acesso em 03/03/19.

foranas e também a disputar a primeira batalha de poesias, momentos marcados por conflitos, emoções e ímpetos de criatividade.

*fui tremendo, suando, chorando, e aí tipo, na hora que terminei todo mundo começou a aplaudir e aí os poetas que eu admirava já, pessoas maravilhosas, começaram a falar vai pra batalha, vai pra batalha e eu fiquei muito assustada, mas quando vi já tava assinando meu nome pra participar da batalha e eu terminei em terceiro lugar na primeira batalha, fazendo uma poesia 10 minutos antes de ir pra segunda rodada... coisa mais inusitada que eu fiz na vida, eu tava muito inspirada no dia.*

Em Juiz de Fora, os *slams* adentraram as escolas por iniciativa da confraria dos poetas da cidade. A confraria, além de organizar o *Slam Poético da Ágora* e a *Batalha da Ágora*, que acontece nos espaços públicos ou culturais do município interiorano, percorrem também as escolas para realizar recitações poéticas para os/as estudantes com a participação dos poetas locais, a partir do projeto “poesia nas escolas”. A identificação de Karol com a prática cultural foi ainda mais verdadeira por encontrar poetas que vivem e produzem na cidade, angariando uma aproximação entre obra literária, poeta e público. No sentido de dar continuidade ao contato com o movimento cultural, logo em seguida, a jovem começou a participar da Batalha da Ágora. Karol conta que a Batalha é o *slam* escolar da cidade, onde só poetas estudantes podem participar: “*aqui em Juiz de Fora, organizado pela Ágora, existe a batalha poética e o slam poético, a batalha poética é só pra estudante, até o ensino médio, é um slam escolar chamado batalha da ágora.*”

Dessa batalha saíram os/as três poetas que representaram a cidade no *slam interescolar* nacional em Belo Horizonte, oportunidade em que conheci seus versos e força poética. Naquela tarde me afetaram suas poesias marcadamente questionadoras dos padrões e constrangimentos que rodeiam o cotidiano das mulheres. Nos versos, além dos questionamentos, a jovem dizia ironicamente de rotas de saída para a opressão feminina, poemas que a sagraram campeã nacional do *slam interescolar 2017*. O encantamento com o *slam* fez com que a jovem se dedicasse cada vez mais a sua produção poética autoral, pré-requisito para disputar a competição. Inserida no movimento também fora do ambiente escolar, Karol demonstra uma relação afetiva com o *slam*, ambiente em que percorreu as curvas em direção a uma identidade poeta e onde alargou seus vínculos com a linguagem: “*uma vez o Eric falou que a gente só é poeta quando a gente declama nossas poesias, quando alguém sabe que elas existem... se ninguém sabe que elas existem, você não é poeta, você é uma pessoa que escreve... eu acho que eu me tornei poeta na primeira vez que eu declamei 38.*”

As aprendizagens e o contato com o movimento cultural foram conduzindo a jovem para se inserir e mobilizar outras práticas e eventos de letramento, a partir da articulação cultural. Isso porque a jovem poeta passou a ser figura conhecida no *Slam da Ágora* e percebendo a potencialidade daquele espaço em que ela explorava sua subjetividade, se conectou com duas amigas, Sarah e Vitória, que criaram dentro do Instituto Federal o *slam contracorrente*. Karol conta que o “contracorrente” foi criado para que os/as estudantes do IFMG-JF pudessem falar e escutar com liberdade narrativas e histórias que angariassem reflexões críticas acerca do espaço da escola, sobre as questões cotidianas dos/as jovens, sobre como veem o mundo, ou seja, elas queriam criar um espaço de liberdade em torno de uma política dos afetos juvenil.

Espaços de liberdade presumem uma democracia, em que os pontos de vista podem ser colocados, discutidos e questionados. Entretanto, enquanto um espaço também de crítica, muitas vezes essas iniciativas incomodam e atraem ações de censura. Nesse sentido, o caráter político e reivindicatório do *slam contracorrente* incomodaram a direção da instituição. Em uma posição controversa, a direção do Instituto, ao mesmo tempo em que comemora o espaço de expressividade, por outro lado, sugere que o teor das críticas seja mais moderado. Em tom irônico, a jovem conta que a direção

*não gosta do slam, mas usa pra se recandidatar, porque dizem que é expressividade, mas na moral não gosta, tanto que fizeram censura, mandaram a gente parar de usar caixa de som na porta da escola, mandaram a gente não falar tão mal da escola ali no hall de entrada porque tá todo mundo passando....*

Diante disso, o questionar da juventude pode estar relacionado a tomada de consciência acerca das temáticas contemporâneas, que vêm modificando o olhar em torno do questionamento de estereótipos de gênero, desigualdades sociais e a pautar representatividades. A jovem conta que, apesar de ter se formado, o *slam contracorrente* é uma prática coletiva e colaborativa que terá continuidade com outros alunos e alunas. Nesse sentido, percebe-se que a cultura, quando entrelaçada com a arte, mobiliza identidades poéticas marcadamente políticas. Essa politização pela arte, vem sendo uma prerrogativa das juventudes brasileiras, que começaram, principalmente, a partir dos movimentos tropicalistas nos anos 60 e dos caras-pintadas nos anos 90, a utilizar uma arte política para problematizar, transformar e inspirar a juventude contemporânea em direção a mudança por meio de expressividades artísticas. É nesse espaço de politização que a jovem vai ampliando seus pertencimentos identitários.

## Os encontros e aproximações identitários pela linguagem artística

Na narrativa de Karol é perceptível a influência e admiração que tem pelos artistas locais que conheceu no *slam*, os quais, além de influenciar, foram também responsáveis por aproximar a jovem de outros coletivos, que ampliariam seus vínculos de sociabilidade e as possibilidades de criação poéticas e artísticas. Foi no *slam* também que estreitou laços ainda mais significativos com artistas mulheres locais, que transitavam entre as artes do *rap* e dos desenhos. Nesses trânsitos, fez parcerias com outras artes, mesclando a escrita e a imagem e que juntas criaram outras possibilidades de expressão.

*Dentro do slam eu entrei em contato com pessoas que tentam formar coletivos, que nem aqui em JF tem um coletivo que tá tentando ser formado, tem o coletivo Las manas Gang que é de artistas mulheres aqui de Juiz de Fora e entra com rap também, é uma galera muito maneira, tem o pessoal do grafite também que tá ali no meio envolvido... dentro de onde eu estudo, tem uma menina que ela é incrível e agora ela tá entrando também pra cena, ela faz desenhos de mulheres negras, ela só desenha mulheres negras, muito massa.*

Antes mesmo de participar do *slam*, as poesias que Karol escrevia já continham um teor marcadamente ativista e político em torno de aspectos e vivências cotidianas das mulheres e dos/as jovens. Percebe-se que o contato com os artistas locais e com o conteúdo presente nas produções artísticas da cultura do *slam* alavancaram o processo criativo e a conscientização política da jovem. A relação que Karol promove com os coletivos e movimentos culturais também é composta pelas aprendizagens mobilizadas pelos versos, que se materializam em um encantamento com a particularidade da escrita de cada poeta.

*cada pessoa tem uma forma de escrever muito diferente, e você encontra tantas realidades que são distintas da sua que às vezes você para pra pensar e vê que tipo, poxa eu não tô fudida tão assim, tem gente que tá pior... você aprende o respeito, você aprende a compreensão... tem uma poeta daqui de Juiz de Fora, que é a Laura Conceição, que ela tem uma frase que é muito boa, ela fala “slam é mais sobre ouvir do que sobre falar, porque você passa só 3 minutos declamando e o resto todinho escutando as outras poesias” e é muito isso, é muito ouvir, você ouve o que a outra pessoa tem a dizer e você tipo entende a realidade dela, é o espaço de fala dela, é o seu momento de tá ali escutando o que ela tem a dizer...*

Em tempos marcados pela polaridade política, onde quem vence é aquele que fala mais alto, movimentos que envolvem o trabalho de escuta como o *slam* vêm dominando a cena cultural. A escuta de outras realidades faz parte do movimento de descoberta e reconstrução

identitária, na medida em que aprendo e me constituo com a experiência do outro na sociedade. (HALL, 2004). Nesse sentido, acredito que a linguagem poética não pode ficar apenas dentro dos livros, tem que ecoar, transitar, suscitar o diálogo e tocar aqueles que buscam na expressividade, seja falando e/ou escutando, uma forma de criar melhores espaços para se viver.

Ampliando ainda mais suas referências e leituras sobre os movimentos culturais e sociais com que se identifica, a jovem diz não se lembrar quando descobriu que o que pensava e escrevia em seus poemas tinha um nome. Dessa forma, as influências identitárias que constituem a jovem vão ditando versos que marcam sua vivência de mulher bissexual e revelam um alinhamento com as perspectivas dos movimentos feministas. Esses contatos vão conduzindo Karol a uma escrita política e a se engajar ainda mais na luta das mulheres:

*eu não sei bem quando eu descobri que o que eu pensava tinha nome... porque na maior parte do tempo eu só fazia mesmo e eu tinha aquele pensamento ali aí depois que fui saber que ah, existe uma corrente de pensamento chamada feminismo e eu luto por essa causa, tem essa corrente aqui, que fala sobre a luta Lgbt e eu leio muito sobre esses temas... e a luta feminista é essa, tipo lutar a favor da legalização do aborto porque uma mulher não é só útero, mulher não é só pra procriar, você luta contra sexualização da mulher, porque a mulher não é só bunda e peito... e eu tento entender e ler muito sobre identidade de gênero, porque apesar de eu ser cis eu entendo que há outras realidades diferentes da minha e elas não se veem no mesmo privilégio que eu que é ser cis gênero, então eu preciso tentar compreender o que elas sentem também, porque poxa, elas tem alguma coisa ali pra me passar, eu precisar respeitar e aprender com elas... e quero fazer faculdade de jornalismo, fazer umas matérias sobre isso, quero trabalhar com produção de áudio e vídeo.*

Ou seja, ainda que inconscientemente, os movimentos sociais e culturais dizem de questões tão próximas ao sujeito que o empoderam em suas ações e tomadas de decisão. Nesse cenário, Arroyo (2003) reforça que os movimentos socioculturais se apropriam de uma outra lógica para abordar as questões que atingem os sujeitos, fazendo com que nesses movimentos, o sujeito se perceba como alguém cujo a ação vai causar uma transformação e que também é afetado e atravessado pela ação do outro. Por outro lado, os movimentos revelam a cultura como um campo de tensão e trazem, portanto, uma noção de cultura enquanto um elemento que perturba, questiona e rompe com os velhos modelos sociais. (ARROYO, 2003) Ainda mais, eles

mostram que a teia social e educativa é bem mais complexa do que as concepções integradoras supunham. Inclusive as concepções integradoras e universalistas de educação básica. Ao explicitarem as tensões no campo da

cultura, esses coletivos interrogam de um lado o peso da cultura nos processos formadores, nas motivações da ação humana e sobretudo interrogam concepções demasiado homogeneizadoras de educação-integração-racionalização, construção do sujeito universal, questões que tocam fundo nos parâmetros do pensar e agir pedagógico (ARROYO, 2003, p. 40).

Diante disso, os movimentos nos levam a reconhecer o campo cultural enquanto um espaço de notória importância formativa e compreensiva das questões sociais, culturais, educativas, políticas. (ARROYO, 2003). A narrativa de Karol revela, por exemplo, que os movimentos feministas vêm, pouco a pouco, modificando o modo como as mulheres e a sociedade tem questionado, pensado, agido e articulado suas ações no mundo. Esses movimentos vêm também mobilizando a conscientização em torno de direitos iguais entre os gêneros, frente ao privilégio estrutural masculino que vigora ao longo dos anos. Os feminismos, nesse sentido, abrem também discussões fundamentais em relação a violência contra as mulheres e a criação de políticas públicas mais condizentes com o ser mulher brasileira.

Sendo assim, a aproximação entre escola e movimentos culturais demonstra a relevância de se conhecer os sujeitos, os processos e experiências socioculturais que os constituem. Não só as poesias, mas as reflexões da jovem sobre suas vivências cotidianas de mulher e suas leituras revelam seus posicionamentos e pertencimentos. Diante disso, voltamos ao projeto de lei “escola sem partido” e questionamos: Como não abordar as temáticas de gênero, política e sexualidade na escola se elas sustentam e ditam importantes aspectos da vida social? Acreditamos que projetos como esse afastam ainda mais os/as estudantes da realidade que os cerca, dificultando sua compreensão enquanto um sujeito social que vai se formando na interação que estabelece com o diferente, com o contexto e consigo mesmo.

Nesse cenário, os movimentos sociais e culturais vêm cumprindo sua função de formação humana de maneira mais próxima dos sujeitos, na medida em que partem de um referencial que os move a transformar suas existências, ou seja, nesses contextos a cultura figura como uma “caixa de ferramentas de que nos apropriamos e munimos para enfrentar-nos com o mundo. Cultura que pode nos aprisionar em identidades fechadas, mas que pode abrir identidades para fora” (ARROYO, 2003, p. 41). Identidades essas que provocam inspirações temáticas e criações artísticas que refletem como o social se mostra na subjetividade poética, como nos revelam os versos da jovem Karol.

### As inspirações e temáticas poéticas

Questionada sobre o que a inspira escrever, Karol conta que só escreve sobre questões que a deixam triste ou indignada. Ela conta que vai tramando os versos com base nas vivências das mulheres que tem por perto: “*o que tem nas minhas poesias é muito de vivência minha, mas eu pego de reclamações das minhas amigas em roda de conversa*”. Podemos pensar a prática da escrita na vida de Karol como uma prática de resistência, uma vez que pelos versos a jovem externa as vivências adversas que passou pelo trajeto. Por isso, a poeta conta que

*gosto de escrever muito sobre padrão de beleza, que é um negócio que eu nunca me encaixei, não me encaixo, nunca vou me encaixar... gosto muito de falar sobre feminismo e eu gosto muito de falar sobre a sexualidade feminina, como isso não é muito explorado e como as pessoas acham que isso é uma coisa terrível de se falar.*

Ao se debruçar sobre uma temática envolta em tabus como a sexualidade feminina, a tentativa de Karol é trazer a voz das mulheres para desmistificar e lançar um novo olhar sobre o que é ser e se sentir mulher em uma sociedade onde o pensamento machista ainda é estrutural:

## Sexo frágil

Karol Ferraz

Pode bater de frente  
 Mas bate com força  
 Porque se eu não cair,  
 Subo em cima de você  
 E se eu achar que tá alto demais  
 Te faço ajoelhar pra eu descer  
 Tô pagando pra ver quem cala  
 A mulher que aponta o dedo na sua cara  
 E rebate a sua fala de que tudo é "mimimi"  
 Com a verdade de que existe mina bem mais braba que muito macho por aí  
 E cala a boca porque vai ter que me ouvir  
 Só vejo fragilidade nessa sexualidade  
 Que cê adora exhibir  
 Engole teu ego inflado ao ouvir um não  
 Todo mundo sabe que quando abaixa as calças só tem decepção  
 Até mesmo quando tem tamanho, não tem ação  
 Meu próprio dedo me traz mais satisfação  
 Ficou assustado, né?  
 É que se nesse mar do tabu da sexualidade mulher não dá pé,  
 Morro afogada mas falo o que eu quiser  
 Se não tá pra peixe, imagina pra quem é piranha na boca do povo  
 Mas só na fala  
 Que é o que mais fode  
 Porque nem me fode, mas me faz sair como rodada  
 Garanto que se pudesse brincar nesse gira-gira, jamais parava  
 E não é que eu tô me achando não  
 Eu já me achei  
 Só pra não te dar o prazer de pensar que sabe onde me encontrar  
 Já tive várias pedras no meu sapato  
 Não vão ser as do caminho que vão me derrubar  
 Fica tranquilo porque por onde ando eu não vou me perder  
 Ando com as Amélia de hoje em dia  
 E elas fazem parte do meu rolê  
 Quando ouvem a história do "mulher de verdade", elas mandam se foder  
 Os boyzinho pira a cabeça  
 E elas cortam a cabeça de quem acha que mulher é objeto de prazer  
 Só observando os cara que não tem moral nem pra pagar uma oral  
 E quando quer que eu me cale me manda chupar um pau  
 Mas se eu te mando lamber buceta  
 Tu faz careta  
 Porque mulher boa é aquela que te respeita  
 E respeito te falta ao falar das mana  
 Toma cuidado porque a raiva que de mim emana  
 Não ascende com você me chamando de sapatão  
 Mas não me faça descer do meu salto  
 E subir nas tamancas com essa sua mania de levantar a mão  
 Porque pra cada Newton que você tem de força  
 Eu tenho uma Maria da Penha que pune sua ação  
 É só não me afrontar que eu fico numa boa  
 Tenta se lembrar que no meu reino pinto não é coroa  
 É pra colocar moral assim como Maria Bonita já fazia  
 Ainda não tô podendo colocar mulher em um altar, mas tô colocando em poesia.

Seus versos inquietam e fazem perceber que parte da desigualdade entre os gêneros se sustenta na linguagem. Ao tocar e abordar as narrativas que ela e as mulheres com quem convive no seu entorno criam, a jovem transgide o discurso, ou seja, rompe com aquele discurso sociocultural em torno da mulher, construído e mantido especialmente na linguagem e o converte em narrativas subjetivas, que mostram uma forma particular, singular e política de perceber, problematizar e atribuir outros sentidos a existência e a sexualidade feminina. Nessa direção, a peculiar expressividade estética e política presente nos versos de Karol e de inúmeros poetas da cultura do *slam*, os caracteriza como uma arte contra hegemônica. Isso porque Chantall Mouffe (1993, 2007a, 2007b), estudiosa e filósofa belga, tece ao longo de seus estudos importantes associações entre a arte e a política.

Trabalhando conceitos que se aproximam e caracterizam as obras da jovem, Mouffe coloca que o contexto político nascido na modernidade tem como principal característica um princípio democrático, período em que o político foi responsável por construir e significar as relações sociais e momento em que as identidades se tornaram abertas para constituir-se e reconstituir-se na interação com o outro e com o cenário sociocultural. Se apoiando nesse contexto de democracia, a autora desenvolve suas reflexões em torno de uma filosofia política da arte (MOUFFE, 1993).

Nesse sentido, Mouffe diferencia as noções presentes em torno do político e da política. O primeiro conceito estaria relacionado com a instabilidade e com o conflito, é no político onde acontece uma diversidade de disputas sociais, os antagonismos e onde se evidencia a luta por direitos sociais. A política, por sua vez, seria o cenário em que construímos as práticas, inclusive as artísticas, as instituições e os discursos para se pensar e externar as demandas dos sujeitos. Entretanto, a autora coloca que esse cenário da política trabalha para manter e reproduzir práticas hegemônicas, que nos últimos tempos vêm sendo contestadas, evidenciando que as instâncias da política “sempre estão em condições potencialmente conflitivas, porque estão permeados e atravessados pela dimensão do «político»” (MOUFFE, 2007b, p. 26, tradução nossa).

Contudo, na medida em que o político está sempre presente no entorno das ações e relações políticas, dentre as quais as expressões artísticas figuram, não há como existir uma arte que não seja política. Sendo assim, Mouffe acredita que há uma perspectiva estética no político, da mesma forma que há uma perspectiva política na arte, que faz com que esta desempenhe papel importante para a criação e representação de práticas contra hegemônicas. Uma das reflexões aí postas pela autora, é de que

as práticas artísticas e culturais são absolutamente fundamentais como um dos níveis em que as identificações e formas de identidade são constituídas. Não se pode distinguir entre arte política e arte não-política, porque todas as formas de práticas artísticas ou contribuem para a reprodução de determinado senso comum - e, nesse sentido, são políticas -, ou contribuem para sua desconstrução ou crítica. Todas as formas artísticas têm uma dimensão política. (MOUFFE, 2007b, p. 26, tradução nossa)

Por outro lado, para que as práticas artísticas consigam êxito com suas intervenções contra hegemônicas, é preciso antes refletir acerca de outras importantes contribuições de Mouffe em torno do que ela chama de *democracia radical*. Nela a autora coloca a necessidade de reconhecimento do antagonismo e do dissenso para que a democracia funcione, no sentido de possibilitar aos diferentes pontos de vista oportunidades para se manifestarem e se desentenderem (MOUFFE, 1993). A autora explica que esse antagonismo é muitas vezes negado frente ao liberalismo, que insiste na possibilidade de um consenso social, o que sabemos, torna-se impossível frente a disparidade das crenças, valores, desejos e subjetividades tão distintas que se formam nos tempos contemporâneos. Diante dessa disputa, no sentido de transformar esse antagonismo naquilo que nomeia de uma política agonística, Mouffe (2007a, 2007b) sugere o espaço do "pluralismo agonístico", em que as divisões sociais e o conflito sejam legitimados, no sentido de se considerar a pluralidade de interesses enquanto constitutiva e decisiva para o desenrolar das relações sociais.

É nesse sentido, que as práticas culturais e artísticas que Karol e os poetas do *slam* constroem por meio das palavras podem ser entendidas como uma arte contra hegemônica. Assim, ao representar sua expressividade subjetiva por meio de uma arte crítica, poetas como Karol “podem contribuir para o questionamento da hegemonia dominante” (MOUFFE, 2007a, p. 4, tradução nossa). Mouffe explica que, de acordo com a abordagem agonística, a arte crítica caracteriza-se por fomentar o dissenso, que torna visível o que o consenso hegemônico tenta fazer desaparecer. Por meio da arte crítica aparecem outras vozes, que nas possibilidades da expressão artística política, se faz contra hegemônica ao romper com a imagem de sociedade tranquila posta pelo capitalismo (ibid., p. 5).

Sendo assim, trabalhando em torno de uma linguagem de estética enérgica e provocativa, podemos entender a arte de Karol enquanto uma poética política e crítica. Nesse sentido, a jovem justifica essa estética livre tanto para naturalizar e aproximar a obra da compreensão do receptor, quanto para construir uma narrativa poética contra hegemônica em relação a linguagem dominante

*e é por isso que nas minhas poesias vai ter palavrão sim, eu vou falar buceta o tempo todo, porque poxa, a gente fala caralho o tempo todo e a gente nem associa isso ao órgão sexual masculino, porque que a gente não vai falar buceta?... não entendo, porque que as pessoas vão ficar te olhando feio por isso, e aí eu gosto muito de falar disso porque precisa ser explorado, porque as vezes a mulher não sente o prazer, o prazer é totalmente voltado pro homem, e elas precisam falar disso, as pessoas precisam saber disso e nem que seja... que seja na linguagem chula sabe... porque é pras pessoas entenderem, acho que é isso que é o slam, você entender o que a pessoa tá falando.*

Diante disso, ao longo dos versos, vamos percebendo como o social se reflete em Karol, com especial atenção para a lógica da subjetividade (DUBET, 1994), onde percorreu caminhos rumo às rupturas sociais. Para embasar o seu caminhar pelos limiares da linguagem e a estética dos versos marginais, percebe-se que além de escrever, a jovem vem refletindo sobre a prática e sobre os recursos estilísticos com os quais trabalha para criar e significar sua arte e, a partir disso, vai se envolvendo em outras práticas de letramento, como a criação de termos e raciocínios para explicar suas ações. Ela conta do termo privilégio informacional:

*é um privilégio informacional, você tem o privilégio da informação e aquele privilégio da informação as vezes não chega até você se você falar com uma linguagem que as pessoas não vão entender, é que nem, por exemplo, o movimento negro... eu acho que o movimento negro ele tem uma força muito grande por conta do rap, porque o rap vai até o gueto, o rap fala na voz do gueto e o slam é essa mesma ideia, é pra falar na voz do gueto, se você quer falar de comunismo, você quer falar contra o capitalismo fala na voz deles, não coloca uma palavra que eles não vão entender, fala do jeito deles, você vai xingar, xinga, tá tudo bem você xingar, só fala o que precisa ser dito.*

O que é colocado por Karol nas linhas acima é uma premissa que vem marcando e modificando o modo de fazer poesia. O gênero poético contemporâneo caracteriza-se enquanto uma arte próxima da oralidade e que retrata os avessos das vivências cotidianas. A repetição e a rima são recursos muito utilizados, a primeira para remeter ideia de ciclicidade dos tempos contemporâneos e a segunda para trazer os sentidos proporcionados pela sonoridade. Sobre a poesia falada e a estética predominante nas obras declamadas no movimento do *slam*, Neves destaca que elas adquirem um “teor crítico e engajado, exigindo reflexão e politização do seu público- ouvinte” (NEVES, 2017, p. 104). O convite à reflexão é feito com requintes de proximidade vocabular e reivindicações socioculturais.

Ao dizer de suas técnicas de escrita, a jovem diz também das estratégias e da estética de seus versos, que vão sendo construídos e arquitetados livremente:

*eu vou bolando uns projetos, tipo são projetos de poesia, porque pra poder fazer poesia geralmente eu faço um esqueleto dela e aí eu pego um tema central e vou puxando ideias e aí dessas ideias vão rimando ideias e aí depois eu junto tudo num texto só... é por isso que minha poesia não tem métrica, minha poesia ela não é separada bonitinha, não tem nada, ela é um texto reto... vem na hora assim e eu vou escrevendo e do jeito que vier sai e às vezes eu troco alguma coisa de lugar pra fazer mais sentido.*

A jovem também se aproxima de técnicas da oralidade para escrever. Ao declamar, conta que vai percebendo a sonoridade das palavras e combinando seus sentidos. É ao jogar as palavras no mundo, que Karol diz melhor perceber suas significações, aproximando-se, dessa forma, de influências do *rap*, do próprio *slam* e das literaturas orais para criar e recriar seus versos.

*As minhas poesias vão sendo escritas e eu vou declamando elas, aí tipo elas tem um pedaço escrito, alguns versos e eu declamo eles pra ver o que que acontece, e aí as vezes quando eu declamo elas eu fico assim, ainda tá faltando isso e isso e isso... aí eu só sei que a poesia tá fechada mesmo quando eu falo assim, pronto isso daqui eu já falei tudo que eu precisava sobre essa temática... não vou querer mudar nada (risos).*

Além dos já citados, um outro importante recurso explorado pela jovem para a escrita de seus poemas são as paródias musicais. Ao longo de sua produção literária, percebi mais de uma paródia, inspiradas em artistas como Cazusa e Chico Buarque. Em uma delas, Karol brinca com a canção “Brasil” de Cazusa, repaginando a letra já originalmente política para o contexto em que foi escrita, a saber durante o processo de impeachment da presidenta democraticamente eleita Dilma Rousseff, acontecimento que levou Michel Temer a assumir a presidência da república em 2016, por meio do que consideramos um golpe de estado.

## legítimo descontentamento

Karol Ferraz

Brasil  
 Mostra a sua cara  
 Quero ver quem paga  
 Pra gente ficar assim  
 Ilegitíssimo senhor Presidente  
 O povo não é seu oponente  
 Ou ao menos não deveria ser  
 É que a gente se acostumou tanto a acertar bandido  
 Que acabamos atingindo você  
 E você fez por merecer  
 Fez crescer os produtos da sociedade  
 Aqueles que não tem como estudar  
 Não tem onde morar, nem do que se alimentar  
 Só encontram por aí o que o senso comum chama de mal da nação  
 E eles chamam de esquecimento ou até mesmo dos problemas a solução  
 Você, Sr.ilegítimo, os chama de marginal  
 E marginal de deputado do palácio central  
 Oh pátria amada, idolatrada, salve, salve  
 Que a mim nunca salvou  
 Pelos filhos desse solo chora mais uma mãe que ouviu o tiro de fuzil  
 Dos seus risonhos lindos campos estão arrancando as flores  
 Despedaçando-as em dores,  
 Cores de uma violência que de tão frequente se tornou banal  
 Nas estáticas mais um números pras vitimas de violência domiciliar  
 Mas pra mim foi mais uma santa  
 A qual ninguém vai dobrar os joelhos em frente ao altar  
 Queria ver era o Sr.Golpista escutar  
 Os gritos de quem acorda cedo pra ter um teto  
 Mas pra morar  
 Na luta de cada dia  
 Vamos pedindo a Deus por mais sabedoria pra quem deveria governar  
 Que o povo acorde dessa agonia  
 Levantando a voz pra poder se salvar do destino traçado  
 Ppor quem nem ao menos sabe o que é precisar se aposentar  
 Brasil, qual é o seu negócio?  
 Qual o nome do seu sócio?  
 Confia em mim  
 Porque eu já não confio mais em você.

A escrita que começou nos diários e cadernos também evoluiu com os novos meios e tecnologias em que hoje é possível ler e escrever. Karol diz que costuma escrever no celular, fato que vem caracterizando sua relação com a tecnologia como uma tragicomédia. A jovem conta que além de ter perdido algumas poesias por conta de formatações inesperadas no aparelho, em uma ocasião

*eu tava escrevendo uma (poesia) e aí um cara passou, lindo e maravilhoso por mim no ônibus e tirou o celular da minha mão e saiu correndo. A minha primeira reação foi tipo pensar, puts a minha poesia, nem pensei no celular e eu comecei a gritar com ele, eu corri atrás dele só que o pessoal do ônibus não deixou eu ir muito longe.*

Por outro, é por meio das tecnologias que Karol diz se informar e pesquisar sobre os assuntos que mais lhe interessam. Conta da relação com a *internet* como uma via de duas mãos, na primeira usa a tecnologia para adquirir conhecimento, se manter informada e pesquisar sobre outras culturas ou aspectos que lhe atraem, por outra é onde perde tempo com coisas que ela classifica como inúteis, como os dramas novelescos coreanos e chineses. Além disso, ao observar o *Facebook* de Karol, percebe-se a sua predileção por memes, um recente gênero textual que domina grande parte dos conteúdos que circulam na plataforma. A relação da jovem com as tecnologias vai mostrando outras formas de se relacionar com a leitura e com a escrita, revelando, por isso, novas práticas e eventos de letramento pelos quais Karol transita.

*No cotidiano eu não leio nada em específico, meu celular é programado pra me enviar notícias do Google, aí ele é associado com coisas que eu pesquiso frequentemente, com os meus portais favoritos, que é o navegando na história, aí sempre que tem uma notícia nova no Google ela cai direto pra mim e aí eu leio, tô sempre lendo curiosidade histórica, adoro curiosidade histórica que é uns negócio muito doido que acontecia.*

A *internet* proporcionou também que Karol conhecesse aspectos da cultura e das artes asiáticas, como os animes. Outro ponto interessante foi a forma com que a jovem se aproximou da realidade das mulheres nesses países, percebendo que as perspectivas feministas ainda estão engatinhando por lá. Segundo a jovem poeta, o padrão de beleza nessas sociedades é algo extremamente cruel com a saúde mental das jovens, uma vez que ainda experimentam, sem muito questionar, um modelo pré-estabelecido de ser mulher.

*Na internet você consegue conhecer outras culturas, você conhece formas de pensar, por exemplo, nesses lugares (países asiáticos), o machismo é um negócio que é muito aceito... e é agora com o passar do tempo que elas tão tentando desconstruir isso, mas elas ainda acham super legal o homem que sai puxando pela mão.*

Ou seja, os pertencimentos identitários da jovem guiam também sua busca por conhecimentos, procurando compreender em que medida os meandros culturais e sociais da desigualdade de gênero, por exemplo, são concebidos e como afetam a vida das mulheres em outros contextos geográficos. Esses trânsitos vão mostrando que as várias identidades com as quais Karol dialoga abrem caminhos para outras descobertas, da mesma maneira que se fecha para outras, por entre os trânsitos do ser poeta e ser ativista.

### **Caminhos e escolhas nas trilhas do ser poeta e do ser ativista**

As andanças pela linguagem em meio as inúmeras práticas e eventos de letramento, levaram Karol a refletir acerca das facetas e intenções que a linguagem pode assumir. A jovem foi percebendo que no campo das relações sociais a linguagem poética não é lugar da pacificação, ao contrário, é lugar do questionamento, da aproximação com o outro, do reconhecimento e localização de si a partir da experiência narrada por este outro, da criatividade política e, ainda mais, é lugar do encorajamento da autonomia de outras mulheres:

*acho que eu consegui me encontrar sendo poeta e ser eu, uma pessoa que tá ali na frente de tudo, que fala tudo, que consegue externar tudo que ela quer, é a minha idealização, eu me tornei minha idealização sendo poeta... e o fato de eu empoderar outras mulheres me deixa feliz.*

Nesse sentido, o histórico com a linguagem, a inserção no *slam* e o contato mais profundo com o movimento dos poetas juiz-foranos, fizeram com que Karol se envolvesse com projetos que tem por objetivo levar a poesia para as escolas. A jovem usa seus versos e sua experiência com as palavras para incentivar outros alunos e alunas a escreverem e lerem poesias ou textos literários, juntamente com aqueles artistas que tempos antes também haviam inspirado a jovem poeta em se aventurar ainda mais pela linguagem poética. Ela conta que

*pra poder levar as poesias na escola a confraria tem um projeto muito bacana que é o poesia nas escolas, onde grupos de poetas vão até a escola, conversam*

*com os coordenadores e perguntam se podem realizar uma roda de poesia ali e aí dessa roda a gente se apresenta pra poder tentar incentivar outros alunos da escola a escreverem também..*

Nessas oportunidades, ela relata certo ceticismo por parte de alguns professores e professoras, os quais são positivamente surpreendidos com a descoberta de diversos artistas entre os/as estudantes durante o projeto: *“as vezes os professores viram pra gente e falam assim, não tem ninguém aqui que escreve e aí a gente sai com sete, oito poetas de lá de dentro, pessoas incríveis e que nem sabiam que eram tão incríveis assim, descobriram ali no momento, na adrenalina”*. A narrativa de Karol reforça a maneira mecanizada e sem vida com que muitas vezes a linguagem é concebida nas aulas, mas, por outro lado, evidencia que quando a arte e cultura entram na escola, traz consigo um movimento de desassossego, mudança, criatividade, identificação. No momento em que os alunos e as alunas entram em contato com a linguagem em suas potencialidades criativas, a linguagem renasce, daí em diante mais multifacetada.

Enquanto uma multiplicadora de práticas e eventos de letramento que também vivenciou na escola um contato mais envolvente com a poesia, a jovem desenvolveu uma visão crítica em relação ao ensino e a abordagem de literatura nas aulas: *“a forma que eles empurram pras crianças torna isso muito maçante pra elas, não é uma coisa que é acessível”*. Nesse sentido, Karol acredita, levando em conta sua própria experiência, que aproximar jovens e literatura requer uma aproximação entre os/as alunos/as e os poetas locais, como naquela oportunidade que despertou seu interesse pelas palavras.

*poxa, você quer falar de poesia, quer falar dos grandes autores, traz um poeta do seu local ali, bota ele lá pra declamar... a pessoa, a criança ali se vê totalmente envolvida, porque ela teve contato direto com uma pessoa que faz poesia, pra ela se tornou uma coisa viva, não é uma coisa que pessoa morta escreveu e você tá ali num tabuleiro de ouija pra poder se comunicar (risos)..*

Em meio a esses contatos, a jovem poeta conta também de momentos que marcaram sua atuação como articuladora cultural, quando sentiu a linguagem em sua função inspiradora, motivadora, onde as combinações de sentido poderiam mobilizar ou desencadear outras ações nos sujeitos, seja para transformar, seja para intervir nos espaços socializadores, nos movimentos culturais, nas escolas etc. Isso porque, depois de fazer uma apresentação em uma escola, a jovem foi reconhecida por uma aluna, que conhecia e interagiu com Karol pelas redes sociais e *“aconteceu de eu recitar na escola dela e ela veio correndo me abraçar, ela tava chorando e falou que se descobriu poeta por causa de mim, que ela viu que eu escrevia e se identificou com o que eu escrevia. Ela queria fazer igual”*.

Em outra oportunidade, em que também multiplicava os processos de letramento que a aproximaram das palavras, a jovem diz de uma lembrança afetiva na escola em que cursou o ensino fundamental. Na ocasião, Karol conta que declamou seus poemas para os/as alunos/as e para os/as professores/as que um dia a incentivaram e estimularam seus caminhos pelas letras. Nesse momento, a jovem poeta relata sobre o sentimento maravilhoso que foi poder influenciar jovens que estudam no mesmo local onde ela um dia foi também construindo seus passos:

*aí eu voltei na escola do meu bairro, que eu estudei dos meus 5 até os 14 anos e tipo foi maravilhoso, meus professores todos cheios de orgulho de mim e as crianças que tavam lá estudando, falando caramba ela já estudou aqui e eles queriam tirar foto, eles queriam autógrafo, queriam que eu assinasse blusa, foi maravilhoso.*

Por outro lado, na medida em que suas histórias e experiências a conectavam com outros mundos, diferentes do seu, a jovem experimentou também o conflito. Karol conta que em outro momento de apresentação e diálogo sobre suas poesias, dessa vez com alunos do ensino EJA, recitou a poesia “sexo frágil”, que contém palavrões. Na oportunidade, uma das educadoras não se identificou com a estética dos versos, ainda mais, partiu para o conflito da maneira menos adequada:

*teve uma vez que eu fui numa escola, era ensino EJA e eu recitei sexo frágil e sexo frágil tem palavrão... uma professora da escola veio gritando no meio de todo mundo apontando o dedo pra mim e falando que aquilo não era arte, que o que eu tava fazendo era putaria e que ela não admitia aquilo na escola dela e tipo era EJA, educação de jovens e adultos, todo mundo era grande, é claro que eu não vou chegar pra uma criança de 5 anos de idade e começar a falar esse tipo de coisa, eu tenho noção.*

O fato foi logo apaziguado pelas outras educadoras que convidaram e receberam os poetas para a apresentação. Entretanto, o acontecimento demonstra a crescente polarização em torno das visões de mundo de cada um e com o avanço de uma onda conservadora, até mesmo dentro das escolas. Penso que no lugar da acusação e do embate, os atores sociais, assim como sugeriu Mouffe (1993), se relacionem dentro de uma democracia radical, onde possamos, no diálogo, nos manifestar e discordar uns dos outros sem necessariamente exaltar os ânimos. Apesar do ocorrido, a jovem conta que os/as alunos/as interagiram com seus versos, já que se assemelhavam com um estilo musical que eles muito gostavam, o rap: “depois do episódio da professora a diretora veio e pediu desculpa pelo que ela tinha feito e disse que tava tudo bem,

*que os alunos tinham gostado e tal, que eles tinham ficado quietos e prestado atenção pra me ouvir, foi muito massa.”*

O engajamento em torno da linguagem poética e as experiências angariadas por meio das intervenções artísticas, levaram Karol a também se envolver com movimentos políticos, como a União da Juventude Socialista (UJS) e o movimento intitulado “Ele não”. Este último, caracterizou-se enquanto manifestações populares organizadas pelas redes sociais por mulheres de todo país contra a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da república e que aconteceram em 29 de setembro de 2018 em inúmeras cidades do Brasil e do mundo. O “Ele não” foi a maior manifestação política das eleições daquele ano, levando milhões de pessoas às ruas. A motivação dos protestos diz respeito ao histórico de declarações misóginas e antidemocráticas que o político coleciona em seu currículo.

A participação nesses movimentos, em um momento de acentuada polarização política no país, fez com que a jovem vivesse um momento de desencaixe entre o ser ativista e o ser poeta. Karol conta, que naquele ano, diante do contexto político, optou e considerou mais relevante participar dos movimentos políticos do que competir para representar a cidade no *slam interescolar 2018*: *“pra poder competir no interescolar esse ano o representante do instituto federal era eu, só que eu não fui pra seletiva nem municipal e nem pra estadual porque eu tava protestando com os ele não da vida”*. Uma das principais preocupações da jovem era em relação ao sucateamento que as escolas públicas e as universidades federais poderiam vir a sofrer diante de um governo de extrema-direita. Essa vivência também foi cenário para uma das poesias de Karol:

## Não me calo

Karol Ferraz

Pai, não afaste de mim esse cálice de vinho tinto de sangue  
 Porque ele é precioso demais pra ser derramado em vão  
 E que se for pra correr, que seja ditado pelas batidas do meu coração  
 E não pela ditadura de opressão  
 Que oprimiu pensadores, mas não reprimiu revolução  
 Como é possível acordar calado?  
 Se em todo brasileiro existe a resistência de um exilado  
 A resistência de um torturado, a resistência de um condenado a morte  
 Por eles meu grito soa cada vez mais forte  
 Por eles o meu grito será escutado  
 Porque existe gente do meu lado  
 E do meu lado nada me atordoada  
 Nem mesmo o gás que atiram atoa  
 Atolados de explicações  
 Sobre a violência das manifestações  
 E o engraçado  
 É que não é estudante que vai pra lá armado  
 E pra contrariar mais um soldado  
 Sou mais patriota com um lápis na mão  
 Do que você dentro do camburão  
 Levando atrás mais um filho desta nação  
 Que infelizmente não nasceu em berço de ouro  
 Mas sim de escravidão  
 Tragando a dor, engolindo a labuta  
 Labuta largada pra enfrentar a luta  
 Chamado de vagabundo mas ao menos no peito não resta culpa  
 De que protestou por uma pátria mais justa  
 De nada nos salva ser filhos da santa  
 Muito menos ser filho da outra  
 Nossa realidade entregamos ao robo  
 Pelas mentiras espalhadas pela Rede Globo  
 Se somos o lobo do homem  
 Eles são o lobo do lobo  
 Apoiaram uma vez a ditadura, e se precisar, apoiam de novo  
 E vocês ainda acreditam nos que batem panela pelo povo?  
 Foi um golpe forte pra nos fazer temer  
 Mas foram eles que tremeram  
 Ao nos ver reeeguer  
 Sem coragem de bater de frente, usaram escudos  
 Eles tentam nos tornarem mudos,  
 E nós gritamos pra ensurdecer.

1º SLAM  
 Interescolar  
 2017

Em “não me calo” Karol também faz referência a outra canção muito conhecida pelo teor político e de crítica social, “Cálice” de Chico Buarque e Gilberto Gil, escrita em 1973 e censurada pela ditadura, vindo a ser lançada somente em 1978. A jovem ironiza e brinca com a letra da música, além de relacionar os tempos ditatoriais com o cenário atual, onde em muitas manifestações presenciamos repressão policial e uso excessivo da força contra quem quer apenas ecoar aos quatro ventos suas demandas, demonstrar sua união em torno de reivindicações sociais ou caminhar juntos rumo a tempos melhores.

Sendo assim, diante de um processo eleitoral marcado por disputas narrativas e pelas manipulações discursivas que permearam a retórica das eleições e diante de todas as vivências que teve em meio as palavras, Karol fez uma reflexão que considero em grande parte lúcida acerca da linguagem e sua funcionalidade:

*eu acho que a maior arma que a gente inventou foi a linguagem, a maior arma... é ela que inicia uma guerra é ela que termina uma guerra, a linguagem, é o instrumento que a gente tem, é com ela que a gente consegue fazer revoluções, é com ela que a gente consegue mudar aquilo que desagrada a gente e me vendo como poeta, eu me vejo como uma responsável pela repercussão da minha ideia e responsável também por motivar outras pessoas a também botarem as ideias delas pra fora, porque se a gente juntar todo mundo pra poder falar junto assim, a gente consegue fazer uma bagunça legal, a gente consegue mexer com as estruturas do sistema.*

Notamos na narrativa que a comparação da linguagem com uma arma pode estar relacionada, justamente, com os impactos do último processo eleitoral e da intensa dicotomia instaurada desde então. Por outro lado, as lutas socioculturais vêm atrelando-se cada vez mais a linguagem artística para lançar no mundo um canto, um grito de revolução contra a opressão. Assim, pelos versos e pelas palavras fomos colhendo no cotidiano da jovem as pistas que completariam um caminho de experiências languageiras.

Karol aprende nas imagens as letras. Transborda quando encontra oportunidades de escrita na escola. Transita pelas histórias. Pela rima cria novos mundo e externa seus conflitos. Descobre seus autores favoritos. Experimenta outras formas linguísticas para construir os trabalhos da escola. Critica as atitudes do espaço escolar quanto à abordagem da literatura e da poesia. Desenvolve um jeito seu para escrever os versos. Na linguagem se relaciona politicamente com as instituições e práticas socioculturais, ações que vão revelando a maneira como o social, entrelaçado com o subjetivo, vão guiando Karol rumo aos movimentos culturais, literários e políticos. Conhece o *slam* e desenvolve seus escritos, amplia conhecimentos e

pertencimentos identitários, mobiliza outras pessoas a se expressarem e refletirem sobre o que os cerca.

Nos versos críticos revela a ruptura com o conservadorismo e o vínculo com a liberdade. Os trânsitos entre o ser ativista e o ser poeta se encaixam quando a jovem se utiliza de poéticos sentidos para informar às outras vidas pensamentos e modos de ser que não correspondem com o que é dado como dominante. Pelo contrário, revelam as ações e reflexões subjetivas que a jovem foi elaborando ao longo das singulares experiências que teve no seio social. É assim que na sequência delineio as curvas e vivências languageiras que a jovem Luiza também veio construindo ao longo dos anos.

### 5.3 Luiza: descobrindo pertencimentos pelas palavras: o reconhecimento de si e da poesia

Assim que coloquei os pés para fora da casa de Luiza, senti que nosso encontro era extremamente necessário, tinha que acontecer. Em muitos momentos me vi ali, na narrativa da jovem, envolta em suas questões, mas com uma única certeza, ser quem ela era. A narrativa de Luiza é marcada pela descoberta da escrita através do movimento cultural do *slam* e também da percepção de pertencimentos identitários até então adormecidos, que ressonaram a partir do encontro com novos conhecimentos e visões de mundo. Nesse sentido, reforçamos a necessidade de ir em busca das pistas e rastros cotidianos que possibilitam perceber sociologicamente as experiências particulares e singulares com que os indivíduos vão arquitetando subjetivamente seus mundos em meio aos atravessamentos sociais (DUBET, 1994).

É nesse sentido que nos debruçamos em torno das experiências languageiras de Luiza. A jovem de 15 anos nasceu e vive na cidade de Belo Horizonte, onde teve uma infância marcada pelos aparelhos eletrônicos ganhados da avó e pela ausência dos livros. A jovem cursa o 1º ano do Ensino Médio na E. E. Presidente Dutra. No ambiente escolar participa ativamente do grêmio estudantil, propondo atividades culturais e artísticas para adentrar a escola. Ao mesmo tempo em que se diz uma pessoa engraçada, a jovem diz também do sentimento de indignação que move suas ações e poesias, por conta das desigualdades e dos constrangimentos sociais que ela, mulher negra, já sofreu ou presenciou: *“eu tenho em mim, até pelas coisas que eu passei na vida, um sentimento de indignação, quando eu vejo coisas ruins acontecendo, eu falo, tenho que fazer algo, não posso ficar parada olhando”*.

Luiza mora com os pais, os quatro irmãos e o avô em uma casa no bairro Santa Inês, que fica na região leste da capital Belo Horizonte. A mãe é formada em Contabilidade pelo Senac e espera ser chamada para assumir um cargo na Copasa, que conseguiu por meio de aprovação em concurso público. O pai cursou até o quinto ano do ensino fundamental, trabalha como porteiro e também na área da construção civil. Ao longo da narrativa a jovem nos guia por uma história de descoberta de seus multipertencimentos (VELHO, 2006), caracterizando o *slam* como um espaço em que ela se apropriou de sua realidade, ao mesmo em que foi se percebendo enquanto um ser artístico e político que poderia mobilizar mudanças.

O encontro com a jovem muito me tocou, pois questionei mais uma vez o meu privilégio de mulher branca e também revisei as flechas sociais que marcam meu corpo enquanto mulher e lésbica. Na narrativa da jovem fui percebendo a sua constituição identitária no contato com a

expressividade artística dos movimentos culturais e nos conflitos com os antigos pertencimentos, que foram sendo questionados na medida em que os trânsitos pela linguagem artística foram se intensificando.

### **O que marcou os primeiros trânsitos?**

As experiências com a linguagem das quais Luiza inicialmente têm lembrança remetem a momentos de leitura na igreja, instituição onde, quando criança, lia trechos da bíblia nos encontros religiosos que a família frequentava. Entretanto, durante a narrativa da jovem, percebemos a fase da infância como uma época em que as relações com a linguagem não eram rememoradas com tanta empolgação e que as experiências nessa etapa da vida pouco apareceram. A narrativa ganha tons de empolgação quando Luiza relata o encontro com a cultura e com a arte, proporcionados pela chegada do *slam interescolar* na escola, como veremos ao longo de seu trajeto pelas palavras.

Refletindo sobre as experiências languageiras no espaço socializador da família, a jovem chega à conclusão de que se tivesse sido incentivada a se aventurar pelas palavras mais cedo, talvez gostasse mais dos livros. Isso porque, Luiza conta que no âmbito familiar teve pouco incentivo para a leitura. Mesmo não entendendo como isso aconteceu, ela se define como uma poeta que não gosta de ler, mas reconhece a importância dessa prática para os processos educativos e formativos:

*acho que a leitura também é capaz de mudar o mundo, é através da leitura que temos muitos conhecimentos, mas eu sou uma poeta que eu não gosto muito de ler e eu fico assim, porque você não gosta de ler Luiza, mas tipo, leitura acho que você tem que ser acostumada desde pequena e eu não fui acostumada, minha mãe nunca chegou pra mim e falou, vai ler um livro.*

Por outro lado, a jovem poeta relata que a mãe era bastante empenhada na escola e com o apoio do avô de Luiza era incentivada a seguir os estudos e a fazer faculdade. Contudo, uma mudança de planos no meio do caminho fez com que a mãe da jovem tivesse que se afastar de seu processo formativo por conta do relacionamento conturbado que tinha com a mãe, avó de Luiza. Com a intenção de sair da casa dos pais, a mãe da jovem casou-se ainda muito nova com o primeiro marido, pai das duas irmãs mais velhas de Luiza, de quem engravidou e acabou interrompendo o sonho de cursar uma faculdade. A não continuidade nos estudos e os afazeres de mãe e esposa revelam índices que podem ter influenciado no pouco incentivo à leitura que

Luiza e os irmãos vivenciaram em casa. A estudante conta que não costumava ganhar livros da família, no lugar deles, era apresentada com celulares e outros objetos eletrônicos: *“quando eu tinha 7 anos minha avó me deu um celular daqueles pequenos, depois minha mãe me deu outro, foi modernizando e eu fui trocando, então tipo, celular sempre teve na minha mão, mas não tinha um livro”*.

Nesse sentido, no decurso das últimas gerações, percebemos a predominância de outros modos e meios pelos quais os jovens se relacionam e interagem pela linguagem. Vivemos uma época em que as crianças cada vez menos são entretidas com as contações de histórias, que deram lugar aos textos multimodais que aparecem na tela dos *tablets* e *smartphones*. Segundo Magda Soares (2002), essas são características que modificam as formas de usar e interagir pela linguagem e que exigem outros tipos de habilidades de letramento, distintos dos modos e habilidades necessários para ler e escrever no papel.

Isso porque, de acordo com os estudiosos brasileiros Juliana Reis e Rodrigo Jesus (2014), a cultura digital e a relação dos jovens com as novas tecnologias da comunicação e informação, as chamadas TIC's, alargaram as possibilidades de interagir e produzir as expressividades das culturas juvenis, uma vez que "em diferentes plataformas e redes sociais, os jovens vão criando comunidades, (re)afirmando seus grupos de identidade e amizades." (REIS & JESUS, 2014, p. 24). Diante disso, ao angariar novas formas de socialização no mundo, é fundamental que os atores educativos compreendam como os/as jovens se relacionam com esses dispositivos. O que fazem na internet? Quais são as narrativas e expressões construídas pelos jovens na rede? Além de também compreender como significam esse espaço de interação e como ele pode ser utilizado enquanto um espaço formativo, já que os/as jovens leem e escrevem e interagem cotidianamente na *web*.

Nessa época, além da relação com os dispositivos eletrônicos, Luiza recorda-se também da identificação que começou a ter pelo *rap*, estilo musical que segundo ela retrata a realidade: *“melhor coisa que posso fazer da vida é escutar rap, porque me motiva, porque o rap faz a gente pensar”*. Ao trazer a memória o *rap* como um dos primeiros elos com a linguagem artística, a jovem também cita a forma como o pai vê o estilo musical:

*se eu falar que envolve rap ele pensa que é coisa de bandido. Outro dia eu tava escutando e ele falou uai, agora você tá ouvindo música de malandro? Eu falei pai, não é música de malandro, é uma música que retrata coisas reais, porque a maioria dos raps falam da vida real.*

O pai da jovem demonstra indícios de que costuma não contribuir muito para a ampliação de suas experiências com a linguagem. A visão que cultiva sobre o *rap* demonstra que infelizmente esse estilo musical remete a estereótipos que ainda hoje precisam ser rompidos e reafirmados. A arte marginal, por retratar a realidade e tocar em temas como a desigualdade social, os constrangimentos e as vivências que sujeitos pertencentes aos grupos minoritários enfrentam pelo caminho, precisa enfrentar também o peso da deslegitimação de suas ideias. As narrativas de Ivan e Luiza, em especial, e de tantas outras pesquisas que se debruçaram em torno de sujeitos envolvidos com o *rap* e o *hip-hop* refutam essa visão sobre o estilo musical, mostrando que esse contato pode alavancar as experiências com a linguagem, além de formar artistas, articuladores e multiplicadores socioculturais.

A jovem classifica com tristeza a visão de mundo do pai como machista e exemplifica de várias maneiras esse comportamento: “*meu pai honra o machismo com todas as forças*”. Não a deixa sair de casa sozinha depois das 18 horas da noite, diferentemente do irmão. Além disso, reprova os namoros e os estilos musicais que ela costuma escutar. Por outro lado, é na família que ela encontra inspiração para ir em busca de direitos iguais entre os gêneros. Os episódios de submissão ao machismo estrutural vão ajudando a jovem a construir seus pontos de vista políticos, criando vínculos e consciência acerca da luta das mulheres, ainda que inconscientemente no início. A inspiração de Luiza vem das atitudes recentes de sua mãe, que voltou a estudar e se formou em Contabilidade, alavancando sua autonomia e independência financeira.

*Minha mãe formou com quarenta e tantos, a mais velha da turma, ela correu atrás... depois que eu nasci que ela falou assim, eu tenho que voltar a estudar, tenho que trabalhar, ela queria sair da barra do meu pai, porque era ele que sustentava tudo né... aí ela voltou a estudar. Eu quero ser inteligente igual minha mãe, porque ela correu atrás e tipo passou em um concurso recentemente de contabilidade da Copasa e eu fiquei muito orgulhosa. Minha mãe é guerreira mesmo, não depende do meu pai pra nada.*

A partir do exemplo da mãe, a jovem foi percebendo a importância da educação e do conhecimento para as mulheres, por ser o caminho por onde elas conseguem romper regras e construir novas trajetórias. Assim como a mãe Luiza foi ampliando sua consciência sobre a leitura, ponderando a importância de mudar seus hábitos e criar gosto pela leitura, tanto pela questão do conhecimento em si, quanto pelos caminhos futuros que pretende seguir. Essa consciência foi crescendo na medida em que a jovem foi ampliando as experiências com a linguagem na vida e na escola: “*eu quero muito aprender a gostar de ler, porque se eu fizer*

*direito ou jornalismo eu vou ter que gostar, porque vou ler aqueles livrão... então tipo um obstáculo pra mim é leitura, mas agora que eu vejo a importância da leitura eu tô tentando mudar isso*". Nessas andanças, as inspirações e a consciência educativa vão se alavancando na medida em que a jovem empreende encontros mobilizadores com a arte poética na vida e na escola.

### **O andar das inspirações languageiras na vida e na escola**

As vivências que foram guiando Luiza pelos trajetos da linguagem em direção a prática da escrita aconteceram na escola, mas não necessariamente nas aulas cotidianas. Na verdade, nas lembranças iniciais da jovem a escola pouco aparece como uma incentivadora das práticas e processos de leitura e escrita. Para além disso, a poeta demonstra extrema dedicação com os estudos e diz da escola com tom de afeto, por ser *“um espaço de muitas opiniões, ideias, conhecimento e onde fazemos amizades”*. Rememorando acerca das atividades de escrita que teve ao longo de sua vida escolar, Luiza diz se lembrar de algumas redações, mas nenhuma que tenha sido muito significativa. Além disso, diz recordar-se também das atividades de leitura e literatura como maçantes e distantes, momentos em que as poesias eram permeadas por regras e palavras difíceis.

A estudante também conta que os livros propostos para leitura tinham uma linguagem muito complicada e que não se sentiu atraída para dar continuidade, mas o fez porque teria uma prova sobre o livro. O título em questão era *“Admirável Mundo Novo”*, um romance de ficção científica lançado em 1932 pelo escritor inglês Aldous Huxley, um livro futurístico, em que, resumidamente, a sociedade é controlada por um governo autoritário, que molda e doutrina o comportamento das pessoas. O enredo do livro é importante para trabalhar a criticidade e a reflexão dos/as alunos/as em relação aos moldes, condicionamentos e controles sociais aos quais estamos sujeitos.

Por outro lado, ainda que a escola não percorra os caminhos mais curtos para aproximar os/as jovens das palavras, convém observar que ela abre as portas para projetos e ideias que apresentem uma interessante encruzilhada, com novas rotas possíveis. É assim que o trajeto da jovem vai trilhar outras paisagens em direção a descoberta de um talento. Em agosto de 2017, a vice-diretora da escola de Luiza passou nas salas convidando os alunos e as alunas interessadas em participar de um projeto de incentivo a escrita literária. A jovem diz recordar-se bem daquele momento, tanto que *“a professora de português ainda falou assim, eu lembro*

*disso até hoje... ela falou, será que tem algum poeta aí na turma e ainda não se descobriu... aí eu falei assim, coloca meu nome aí, coloca aí que eu vou tentar esse trem (risos)”, reforçando a abertura da escola para atividades culturais como o slam, ou seja, que proponham o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita a partir de outras lógicas de ação, com as quais ela não consegue dar conta.*

Na semana seguinte, ao conhecer as práticas artísticas que permeiam o movimento cultural do *slam*, Luiza conta que descobriu sua relação com a escrita: “*eu não sabia o que era slam e nem fazer poesia eu sabia, foi através do slam que eu comecei a fazer, fiz minha primeira poesia e depois não parei mais*”. A jovem ainda conta que semanas antes de conhecer a prática cultural até havia tentado escrever uma música, mas não tinha dado muito certo e que a aparição do *slam* foi como um sinal, uma sorte, um encontro que abriria outros mundos e saberes.

*Na verdade, umas duas semanas antes do slam... eu falei assim, vou tentar escrever alguma coisa, porque antes eu já escrevia texto, redação, mas não era poesia... aí eu fui na onda de tentar escrever música, mas não deu muito certo... depois veio o Oliver e falou que podia transformar música em poesia, que eram nossas ideias e tal, uma coisa livre.*

No seio do movimento cultural começaram a se abrir outras possibilidades pela linguagem, ainda não exploradas pela jovem. Ao que parece, o contato com a cultura e com a arte angariaram uma espécie de percepção mais sensível em relação as atividades relacionadas a leitura e a escrita: “*antes do slam eu não fazia a mínima ideia de que eu sabia rimar, então depois do slam percebi que sabia rimar*”. Uma das primeiras mudanças foi perceber a as palavras de uma maneira diferente na escola. Quando a jovem narrava os acontecimentos com a linguagem no espaço escolar pós-*slam*, eles eram relatados de forma mais viva e com sentido para Luiza, por permitir a descoberta de outras habilidades, antes adormecidas, como a facilidade em fazer rimas.

A jovem conta que uma das primeiras poesias que fez foi com a intenção de brincar com as palavras e libertar os versos: “*a primeira poesia que fiz foi pra libertar os versos pra ter coragem e também pras pessoas que sabem escrever terem coragem e falar pra todo mundo*”. Nesses versos Luiza aborda sua relação com as palavras, além de inserir tons de crítica social ao trazer o tema da desigualdade social. São nas noites de verão que a jovem escreve para aliviar:

## Liberte seus versos

Luiza Rosa

Noites longas e intensas  
 Me perco em versos, músicas, letras, palavras imensas  
 Tantos sonhos em mente  
 Uma vida inteira pela frente

São tantas confusões dentro dos corações  
 Mas é comum pra quem vive em um mundo de ilusões  
 Ah... e agora quem poderá nos defender  
 Esquece ninguém vai lhe entender  
 Eles nunca vão ouvir o que você tem pra dizer

Sempre foi assim,  
 Eu me enchia de versos  
 No meu universo sem fim  
 Eu só queria mesmo demonstrar  
 Tudo aquilo que eu escrevia sem parar  
 Talvez seria só pra me aliviar

Como eu poderia imaginar, que aquelas simples poesias  
 Me traria tantas alegrias  
 Mesmo com esse meu jeito  
 Essa minha vida com muitos defeitos  
 Será que ainda há esperança  
 Nesse meu ego com tanto desejo de vingança

Seria fácil jogar tudo por água abaixo  
 E deixar que todas minhas misturas de sentimentos  
 Morressem com meus sonhos intensos

Apenas acreditar, seria a resposta  
 Ou será que tentar me ajudaria nessa aposta  
 Acho que não, nesse mundo de ilusão  
 Apenas os ricos têm a razão

Mas cansei, seria agora a minha vez?  
 A vez de falar, em uma sociedade onde ninguém liga pra sua opinião  
 Seria a vez de demonstrar que não quero sua atenção  
 Só quero mostrar todos os versos que escrevia nas noites de verão

Provar que tudo aquilo não eram coisas da minha imaginação  
 E sim tudo que acontece nesse mundão  
 Triste realidade onde só tem político sem noção

Hipocrisia é querer um mundo melhor um dia  
 Mas só fica parado criticando tudo que o outro fazia  
 Então se liga meu irmão  
 Sempre faça as coisas com disposição  
 E o mais importante  
 Nunca deixe de falar o que está no seu coração.

1º SLAM  
 Interescolar  
 2017



Na narrativa da jovem percebemos que quando a cultura e a arte adentraram a escola, juventude e linguagem artística se descobrem e se atraem nesse espaço, como já fora destacado nas histórias de Ivan e Karol. Segundo Luiza, a partir do contato com o *slam* começaram a ter mais atividades de escrita na escola, que antes não tinham. É interessante perceber que as memórias da estudante, quando narradas, mostram-se mais intensas e significativas quando ela diz do que lhe aconteceu após o vínculo com o movimento cultural. Foram as experiências com a palavra livre, longe das amarras, das regras, fórmulas e palavras complexas, características de alguns estilos literários, que levaram a jovem a se interessar mais pelas letras, sendo estimulada a partir da aproximação com uma estética literária cotidiana e que aborda temáticas socioculturais, como aquelas que também aparecem no *rap*, estilo com o qual Luiza já tecia vínculos de pertencimento.

*As poesias marginais do slam não são aquelas poesias que eu tô estudando em literatura esse ano, tô estudando o Classicismo, que mostra aqueles poetas que usam umas palavras difíceis e que tem que tá essa linha com essa e essa linha com essa, tem regras e tal, não pode essa palavra com essa, o tamanho tem que ser assim, não pode essa rima com essa, ou seja, cheia de regra... tipo, as matérias de Português envolvem muito isso e as poesias marginais que tão no slam não tem nada a ver com isso, sai na hora e manda uma rima e é por isso que eu falo muito que envolve o rap, porque o rap não tem essas regras, é uma vertente assim sem regras, tipo assim, o nosso mundo, do nosso jeito.*

Essa reflexão de Luiza revela como, muitas vezes, determinadas vertentes literárias são relacionadas pelos jovens a algo difícil, distante e inacessível de se ler e escrever. Essa compreensão da literatura como algo complexo pode ter nascido frente aos exemplos que privilegiam a literatura canônica e que durante muito tempo figurava sozinha nas escolas e livros didáticos, fato este que vem sendo mudado nas últimas décadas, com a introdução de outras vertentes literárias na escola. Por outro lado, essa reflexão da jovem mostra os caminhos por onde essa ruptura e mudança de paradigma pode acontecer, a saber a partir da estética marginal, vertente literária em que a linguagem utilizada vem com uma nova roupagem, longe das regras e aberta a liberdade criativa e subjetiva de cada um. O contato com a linguagem poética também ajudou Luiza a escrever melhor outros gêneros textuais, como as redações dissertativas:

*Eu tive que ter muita ideia pra fazer uma poesia, envolve muitos pensamentos, aí agora eu tô estudando redação em português e é muito mais fácil pra mim escrever depois do slam. Desenvolveu minha escrita, como eu tenho que ter muita ideia pra fazer poesia, se eu pego pra fazer uma redação eu já tenho um*

*tanto de coisa em mente, então tipo o slam estimula a escrita e acaba ajudando nas matérias escola também.*

O *slam* também angariou outras possibilidades para a jovem, aproximando Luiza do hábito de ler. Para além das temáticas contemporâneas, a jovem conta que a prática cultural também despertou seu interesse pela leitura, principalmente a leitura sobre assuntos políticos. Esse interesse foi crescendo e sendo mantido a partir do contato com os textos de análise política que um professor de Sociologia de Luiza publica nas redes sociais:

*eu gosto muito de ler os textão críticos que eu vejo no Facebook, o meu professor de sociologia faz vários, ele é cientista político e eu leio todos os textos, ele explica tudo que acontece no Brasil e eu acho muito interessante, porque tipo, se você me der um livro, igual o livro que a professora de português pediu pra esse mês, nossa, um livro super chato, não vou entender.*

Ao longo da narrativa o professor de Sociologia aparece como um grande inspirador, não somente para Luiza, mas para a turma como um todo. A jovem diz que além de aproximar o conteúdo da realidade deles, o referido professor também estabelece uma relação de proximidade e confiança com os/as estudantes por gostar de *rap*, falar gírias, além de conciliar o conteúdo com os interesses e com a realidade dos/as jovens:

*ele gosta de rap, não vai de social, vai todo de bermuda, tênis, blusa largona, tem umas blusas que tem pichação... ele chega na sala, fala gíria, chega falando e aí meu camarada e com isso aproxima todo mundo pra perto dele... muito legal. Sociologia já é uma matéria maravilhosa, então a matéria dele pode até ser chata as vezes, mas o jeito dele aproxima, ele consegue ser legal e colocar autoridade ao mesmo tempo, ele consegue respeito e admiração.*

Ao se aproximar das linguagens com que os jovens se identificam, até mesmo a linguagem da moda, certamente por também ser jovem, Luiza conta que o professor sociólogo foi criando vínculos de identificação e pertencimento com os/as alunos/as, que não o viam como alguém distante, superior, mas sim como alguém amigável e que faz a mediação entre o conhecimento e a realidade, se colocando como um sujeito sócio histórico e cultural nesse processo, onde parece que também aprende com os/as jovens, em uma relação de troca. Essa narrativa leva também a reflexão em torno das relações, no sentido de que elas podem ser repensadas, em especial as relações entre professores/as e alunos/as. É perceptível como a não hierarquização e a aproximação entre aqueles que fazem parte do processo educativo

estabelecem relações de confiança, que se expandem para o interesse nas aulas e pela conquista da autoridade no ambiente.

Por outro lado, esse professor também foi citado por Luiza como um exemplo a ser seguido em contrapartida a outros modos de ser professor/a, com os quais ela também teve experiências, mas não tão positivas. A jovem conta de um outro professor, antigo na escola e conhecido por usar de certo autoritarismo para controlar os corpos e as atitudes dos alunos em sala: *“no primeiro dia ele já fala, eu sou chato, eu sou muito chato, vocês não vão me aguentar e ele já fala assim não pode comer nada na minha aula e é daqueles que fala fica calado, sentadinho, retinho”*. Nesse sentido, a narrativa de Luiza mostra indícios de duas facetas da relação entre professores/as e estudantes e indica de onde devem partir as perspectivas mais relevantes com o ser professor/a. O primeiro professor citado pela jovem, além disso, é também um professor que compartilha com os alunos sua história de vida e que, igualmente, escuta o que os/as estudantes têm a dizer, uma vez que parece valorizar o conhecimento que o/a aluno/a já carrega e traz consigo:

*Ele acredita na gente, até naquele menino que não faz nada, não leva nem caderno pra escola, mas ele fala, esse aí vai ser alguém na vida e ele me contou que ele sempre gostou muito de rap e o rap fez ele acordar pra vida. [...] Só sei que tipo assim, ele, é um professor que aproxima, fala de desigualdade social eu fico lá debatendo na aula... então rola uma aproximação, tem uma diferença muito grande na relação com ele e com o outro professor.*

A identificação da jovem com os/as professores/as também se reflete nos versos. Na época em que conversamos, por conta do atraso dos salários dos/as docentes da rede pública de Minas Gerais a escola de Luiza passava por uma greve. Os/as educadores/as reivindicavam o pagamento em dia de seus salários, que além de estarem atrasados ainda são pagos em parcelas ao longo do mês: *“não tem condições, tem que fazer greve mesmo, parar o país, eu super apoio essas iniciativas de greve, mesmo atrapalhando. Jamais vou tirar a razão de nenhum professor, porque é uma profissão muito difícil”*. Em “O grito da educação” a jovem diz um pouco de como vê o espaço educativo, das dificuldades diárias enfrentadas pelos professores/as e se coloca ao lado deles na luta por melhores condições de trabalho.

## O grito da educação

Luiza Rosa

O sol nasce e mais um dia começa  
 As horas passam rápido pra quem tem pressa  
 Segunda-feira geral é obrigado a pegar busão lotado  
 Trânsito congestionado  
 Mas é a única saída pra quem não tem nenhum centavo

E o que não falta é trabalhador  
 O problema é achar emprego  
 Porque tá todo mundo pedindo arrego  
 Comendo nas mãos do governo

É tudo um jogo de enganação  
 Até hoje não realizaram as promessas da campanha de eleição  
 Por isso a luta continua  
 A voz do povo vai pra rua

Depois das 18 é manifestação  
 Vamos ter que lotar a praça da estação  
 Eles vão ter que desconfiar  
 O professor vale muito mais do que o Neymar

O que é menos valorizado é a educação  
 Pois todos nós sabemos que o que derruba a elite  
 É um aluno de mente aberta e um livro na mão

Desviam o dinheiro da merenda  
 E depois falam que não tem por falta de renda  
 O estudo é precário e o professor tem baixo salário  
 Isso faz a desigualdade aumentar cada vez mais  
 Nós não somos todos iguais

É um país de privilégio  
 As matérias que estavam no enem não me  
 Ensinaram no ensino médio

Há vários e vários anos eles roubam fortunas  
 Mas se o povo tiver estudo  
 Eles não passam nas urnas  
 Querendo ou não a luta continua,  
 Até termos uma boa educação  
 Ela é o segredo da nossa revolução  
 Depois disso golpistas não passarão.

1º SLAM  
 interescolar  
 2017



Dentre esses enfrentamentos a jovem destaca nos versos as longas horas que professores/as e trabalhadores em geral passam no transporte público. Diz da falta de empregos. Questiona as autoridades políticas do país, que permanecem sendo lembradas pelas promessas de eleição e pelos desvios de verba. Além disso, sobrepõe os/as professores/as aos “ídolos” nacionais. Diz da educação dos mais pobres como algo que assusta à elite do país, principalmente quando a consciência proporcionada pela educação vira manifestação na Praça da Estação. Ou seja, nos versos a poeta vai revelando suas vivências, dizendo dos lugares que passou e reivindicando melhores condições de estudo.

Para além dos versos, Luiza diz do espaço do *slam* como muito positivo para que os/as jovens cresçam e entrem em contato com novos conceitos, novos saberes. A jovem destaca que o contato com outras temáticas, outras pessoas e outras artes, fizeram com que ela amadurecesse suas perspectivas e visões de mundo e se vinculasse com outros gatilhos sensíveis ao reconhecimento de si.

*O slam ajudou a formar também uma nova mulher, vamos dizer assim, ganhei novos conceitos, você se torna alguém melhor... porque traz assuntos que envolvem o país e tudo mais e também te faz uma pessoa melhor porque o slam envolve assuntos como preconceito racial, feminismo, homofobia e isso faz você crescer, pensar, nossa se eu fizer isso estou sendo racista sem perceber. Acho que o slam pros jovens traz muita maturidade, faz a pessoa crescer... isso aconteceu comigo, mesmo se for só pra ouvir, que experiência massa!*

As histórias compartilhadas com as quais Luiza teve no contato no *slam* nos faz retomar as proposições de Arroyo, quando ele se debruça a perceber os modos e as maneiras com que os movimentos culturais tocam nas temáticas e mobilizam os sujeitos a pensar e agir a partir de lentes mais próximas das demandas subjetivas que nascem no social. Segundo o autor, existem olhares diversos nos movimentos, na medida em que apontam racionalidades, modos de ser e orientações culturais outras que se colocam em conflito com as regras e preceitos dominantes. Quando em contato com a formação nos movimentos os atores sociais “reinterpretam normas, valores, lógicas, saberes, padrões culturais. Criam novos significados. Tensões que estão no cerne das sociedades contemporâneas onde a construção de identidades de grupos se defronta com a impositiva identidade social global” (ARROYO, 2003, p. 41). Na percepção da jovem poeta, a arte presente principalmente nos movimentos culturais permite o questionamento de valores, significados, de crenças e hábitos.

*Os problemas sociais que a arte tenta mudar e fazer um mundo melhor vem chegando aos poucos, através do slam, de uma batalha de rap, através de um grafite, através de um professor e vai mudando o jeito de pensar das pessoas [...] eu acredito que é a arte que vai mudar o mundo, que faz a gente querer lutar e eu quero tá viva pra ver isso e é através dessa arte cultural que vamos reivindicando nossos direitos e criando novos valores também... acho que igual antigamente, que o meio de criação era através do machismo, que foi alimentado isso e trazendo até nossa geração... eu acho que a nossa geração que vai mudar isso, basta a gente querer e questionar que daqui pra frente os meios de criação vão ser através dessa arte.*

Para Luiza, a vertente artística presente nesses movimentos culturais é então uma forma de ir criando novas lógicas de ser e estar no mundo. A jovem diz que a arte move mundos, certezas e perspectivas culturais. Isso porque Luiza encontrou na arte das palavras caminhos para o reconhecimento de si ao vincular-se a outras formas de ser e pensar a partir dos novos mundos que se abriram.

### **Mundos que se abriram: o reconhecimento de si**

No *slam* cada poeta inicia sua prece tocando em temáticas que de certa maneira foram surgindo das percepções subjetivas e edificadas nas relações sociais. Nesse sentido, Luiza vai narrando os novos mundos que se abriram em meio aos meandros do movimento cultural: “o *slam* foi a melhor coisa que podia ter me acontecido, porque abriu tanto a minha mente pra tantos outros caminhos”. A jovem conta emocionada sobre um momento marcante que viveu no movimento cultural:

*uma coisa que aconteceu no slam e me marcou muito, foi quando uma menina que tava participando falou de uma coisa que aconteceu com ela na infância e era um abuso e eu fiquei tipo assim, cara, não dá pra imaginar isso, ela é muito forte, ela conseguiu contar isso através da poesia. E eu imaginei o tanto que ela deveria tá aliviada ali e todo mundo entendeu como um momento de superação, porque deve ser muito difícil superar uma coisa dessa. O que o slam faz com as pessoas... deu coragem pra ela pegar esse sentimento e transformar em palavras, com rima ainda e conseguiu fazer uma coisa incrível com aquilo... isso pra mim resume o que é o slam, que é transformar o mal em bem e se a gente fosse pegar assunto polêmicos, transforma aqueles assuntos que são ruins em coisas boas, que passam uma lição.*

O contato com a experiência do outro foi levando Luiza ao encontro de movimentos sociais como o feminismo e nesse processo foi reconhecendo seus pertencimentos identitários

e questionando algumas de suas crenças, a partir de questões e reflexões angariadas pela arte partilhada. A jovem diz do *slam* como um espaço educativo e de compartilhamento de experiências pela palavra, onde ela encontrou tanto pessoas que passavam por conflitos e vivências parecidas, quanto pessoas com vivências completamente diferentes, mas que segundo ela, sempre passavam uma mensagem reflexiva.

*Acho que o slam vai me ajudar ainda mais porque conviver com pessoas, conhecer... o pessoal que participa do slam passaram as mesmas coisas que eu passo hoje em dia e vão saber me falar, me aconselhar, refletir, até mesmo através das poesias em si... as vezes eu tô bem lá ouvindo uma poesia e fala o que eu devo fazer ou... você aprende muito sabe, pra mim o slam foi uma escola... que traz lições, maturidade... fico pensando, como fiquei tanto tempo longe do slam.*

Em meio as distintas experiências que encontrou no *slam*, a jovem conta da oportunidade que teve de fazer uma nova leitura de acontecimentos que marcaram sua vida, agora por outra perspectiva. A partir das narrativas e sensibilidades que iam sendo relatadas por meio da arte poética, ao perceber o outro, Luiza ia também se percebendo e reconstruindo suas interpretações sobre suas vivências. Nesse sentido, os feminismos representam um lugar de rupturas, onde as mulheres passaram a questionar e a repensar suas vivências. Uso feminismos, no plural, uma vez que como alertam Ana Alice Costa e Cecília Sardenberg (2008), em estudos sobre o tema no contexto brasileiro:

é preciso lembrar que, pese sua universalidade, a subordinação da mulher não se manifesta da mesma forma, ou no mesmo grau de intensidade, em sociedades, épocas ou classes sociais diferentes. E tampouco é vivenciada, ou percebida, da mesma maneira ou grau de intensidade, mesmo por mulheres em condições histórico-sociais semelhantes. Como uma impressão digital, a vida de cada mulher é sempre única e traz sua própria marca. Contudo, seu esboço geral é traçado por circunstâncias muito mais globalizantes e historicamente determinadas, assim como têm sido os níveis de autoconsciência feminina e as lutas pela liberação da mulher ao longo da História (COSTA & SARDENBERG, 2008, p. 24).

Ou seja, o feminismo é o lugar onde foram pensadas as conquistas pelas quais as mulheres lutaram ao longo dos anos, como o direito ao voto, o direito de concorrer a cargos políticos e a entrada no mercado de trabalho, mas é também o lugar onde se devem ser pensadas as várias maneiras, demandas e as diferentes experiências de ser mulher. Isso porque o ser mulher vai depender de questões como raça, local de moradia, vivências familiares, artísticas, participação em processos socializadores, construção de ativismos e identidades. Além disso,

esse movimento vem ajudando também a combater os episódios de violências que as mulheres sofrem apenas por serem mulheres, estimulando a criação de leis mais rígidas para os crimes contra a mulher, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Femicídio.

Costa & Sardenberg (2008) entendem o feminismo como “a expressão máxima de consciência crítica feminina” (ibid., p. 24), iniciada no século XVII, na França e na Inglaterra e que melhor delineou-se somente nas últimas décadas, ampliando a luta por emancipação e autonomia da mulher: “*tipo assim, o feminismo me faz querer ser uma mulher forte pra poder mostrar só porque eu sou mulher eu não posso ser alguém, só porque eu sou mulher não significa que eu tenho que ficar varrendo o chão e nem fazer faxina*”. É nesse sentido que a educação encontra contribuições no feminismo, na medida em que o movimento traz possibilidade para rompermos barreiras simbólicas e questionarmos as relações desiguais e opressivas.

A partir da experiência no *slam* e das leituras que foi fazendo na *internet* acerca das questões colocadas pelo feminismo, Luiza conta que se sentiu encorajada a revelar para a família sobre algo que vinha influenciando negativamente seus passos: um abuso que viveu na infância. A jovem encontrou pela frente a comoção e o acolhimento da família, que com o apoio de uma terapeuta ajudaram Luiza a refletir acerca das experiências negativas que havia vivido, se fortalecer e seguir em frente. Os versos e rimas, nesse momento, também foram ponto de apoio, pois foi por meio deles que a poeta diz ter externado seus conflitos, corroborando a perspectiva terapêutica da literatura colocada por Petit (2009, 2013).

*A escrita ajudou também no me sentimental... porque eu sou uma pessoa também que gosta de guardar muito as coisas pra mim mesma... aí, quando eu conheci o slam eu percebi que eu podia colocar isso em forma de palavras e depois falar pra todo mundo... eu falo de uma história que envolve um certo sentimento que pode ser meu, mas ninguém sabe que é meu... então me ajuda também a aliviar as coisas e eu gosto muito de falar as coisas do dia a dia também e me ajudou a formar também uma nova mulher, vamos dizer assim..*

Nesse sentido, iniciativas como o *slam* são interessantes por abrir espaços de fala, onde a juventude possa externar seus conflitos, seus modos de amar, de se expressar, de reivindicar, de se indignar. A arte quando entra na escola nos faz pensar até mesmo sobre as violências que os jovens passam e que muitas vezes trazem sofrimento e angústias que influem no processo formativo. Luiza, além de reinterpretar fatos que vivenciou, ancorou-se na arte para externar, pensar e escrever sobre o mundo a sua volta, como nos versos de “Voz Feminina”:

## Voz feminina

Luiza Rosa

Ela acorda cedo e trabalha o dia inteiro  
 No serviço faz de tudo pra ganhar pouco dinheiro  
 Cuida dos filhos, da casa e faz comida  
 Quase nunca tem tempo, pois a semana é corrida  
 É uma verdadeira guerreira e não tem medo da vida  
 Sempre continua de pé, mesmo estando ferida  
 Mas no final do dia é taxada de puta  
 O homem que ofendia não olhava a luta  
 E é sempre assim  
 Aguentava de boca fechada  
 Não tinha direito de falar nada  
 Desde a época medieval até o século atual  
 Mulher considerada a minoria  
 Afinal ninguém ligava para o que ela sentia  
 E até hoje não ligam,  
 pois o pouco de liberdade que temos  
 É graças às mulheres que não temeram  
 Para que muitas tivessem voz  
 Muitas morreram através de manifestações que aconteceram  
 Mesmo depois de tudo ainda somos maltratadas no mundo  
 É que a cada 10 minutos alguma é abusada  
 E depois machão tem coragem de falar que feminista é chata  
 É que pra sociedade machista  
 Mulher trabalhar é anormal  
 Acham que somos feitas somente para usar avental  
 Mulher você pode ser o que quiser  
 Não merece ser tratada como uma qualquer  
 Feminismo é liberdade  
 É encontrar sua felicidade  
 Machistas que se cuidem porque a luta vai continuar  
 Se não tiver espaço nos vamos ocupar  
 Fazer o que né  
 Nós somos as bruxas  
 que vocês não conseguiram queimar.

Em sua “voz feminina” a jovem diz sobre o que quer para a vida das mulheres, menos julgamentos. Diz da luta e sacrifício de muitas para que hoje pudéssemos dizer e ser escutadas. Diz dos alarmantes números de violência contra a mulher. Diz dos estereótipos que estamos condicionadas a seguir desde que nascemos. Diz da libertação e consciência proporcionada pelo movimento e anuncia que as mudanças estão apenas no começo. Aliada a aproximação com a luta das mulheres por equidade de direitos entre os gêneros, outro encontro transformador que Luiza teve no espaço do *slam* foi acerca das questões em torno das vivências Lgbts. A jovem conta que como veio de uma família religiosa, se pautava no discurso bíblico de que o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo era algo que não deveria acontecer.

*Encontros assim que vieram na minha vida, de novos pensamentos foi sobre questões, assuntos voltados à homossexualidade porque eu conheci várias, várias, várias pessoas que são ou gays ou lésbicas e eu me envolvi também nesses assuntos [...] e tipo eu posso até dizer que depois do slam abriu muito a minha mente pras questões do preconceito... eu vim de uma criação que cresci na igreja e esse foi um dos encontros de dois pensamentos diferentes que me fizeram crescer.*

A partir do movimento cultural e da arte a jovem poeta questiona e rompe com seus velhos pensamentos, se distanciando do discurso bíblico, percebendo e se aproximando de outros pertencimentos identitários. Isso porque Luiza conta que iniciou um conflito interno em torno de sua sexualidade. Assunto que aparece na narrativa envolto em contraditos e indefinições, uma vez que a jovem diz se sentir atraída por meninas, mas demonstra não ter certeza de nada ainda. Conta que está se descobrindo. Nesse momento, vi muito de mim em Luiza, porque fui construindo meus pertencimentos e me livrando das amarras sociais em torno de minha identidade homossexual a partir da arte literária, por meio de obras que retratavam vivências próximas as minhas. Além disso, rememorei também os momentos de angústia que ainda permeiam as vivências Lgbts e sobre as quais Luiza diz estar passando, como a aceitação dos pais e o medo de não ser levada a sério.

*Foi através da arte e do slam que eu consegui ter esses novos pensamentos... eu sempre gostei de futebol, de vídeo game e gostava de brincar com os brinquedos do meu irmão, eu sempre fui mais puxada pro lado dos meninos, mas eu não fazia a mínima ideia, o que eu sou? O que eu sou sabe... aí vem o slam e eu me descobri literalmente... eu me descobri mas não posso contar pra ninguém da minha família ainda, eu contei pra uma amiga só, que também é e me entende, mas eu ainda não tô preparada pra falar, chegar e falar ó gente eu gosto de meninas e tal... então eu prefiro esperar mesmo, porque tem um tempo certo.*

Diante desses relatos, que corroboram a juventude como uma fase também de conflitos em torno de temáticas pouco abordadas na escola ou tratadas de maneira inadequada, tais como as desigualdades entre os gêneros, as questões relacionadas a descoberta da sexualidade e eventuais abusos e assédios, tratam-se de acontecimentos que interferem na ordem social e que estão postas na realidade e que, por isso mesmo merecem ser pautadas nos espaços de diálogo da escola. Isso porque são temáticas comprometidas com o desenvolvimento de uma nova ordem social, pautada em diferentes visões de mundo. A educação, quando focada na equidade entre os gêneros, evitando o estímulo de comportamentos desiguais entre meninos e meninas, tais como a repreensão da sexualidade feminina e estímulo da masculina, separação de brincadeiras para meninos e de brincadeiras para meninas, dentre outras questões, possibilitam a formação de sujeitos com maior sensibilidade para transformar as situações opressivas em relações de igualdade.

A abordagem e mudança dessas questões podem vir, muitas vezes, pela arte presente nos movimentos culturais. Nesse sentido, diante das palavras de Luiza, lembrei leituras onde Jacques Rancière (2012) tecia importantes considerações acerca dos sentidos formativos proporcionados pela arte. Segundo o autor e filósofo francês, a arte possibilita a constituição de novas realidades, na medida em que oportuniza outros modos de convívio que vinculam os sujeitos a pertencimentos e significados que constroem formas de ver o mundo que antes não se via (RANCIÈRE, 2012). Suas reflexões dialogam em torno de temas como a política, a estética e a arte, cunhando o conceito de “partilha da sensível”. Para Rancière (2009) a “patilha do sensível” seria um espaço de ruptura com a ordem social e do encontro dos modos individuais, plurais e discordantes com que os sujeitos constroem o mundo (RANCIÈRE, 2009).

Nessa direção, o autor reflete em torno de uma política da arte que poderia possibilitar uma quebra na visão consensual com que trabalhamos nossa percepção sensível, considerando a potencialidade do dissenso, assim como pensa Mouffe (2007a). Ou seja, de acordo com Rancière arte e política atuam na reconfiguração dos trânsitos sensíveis dos sujeitos:

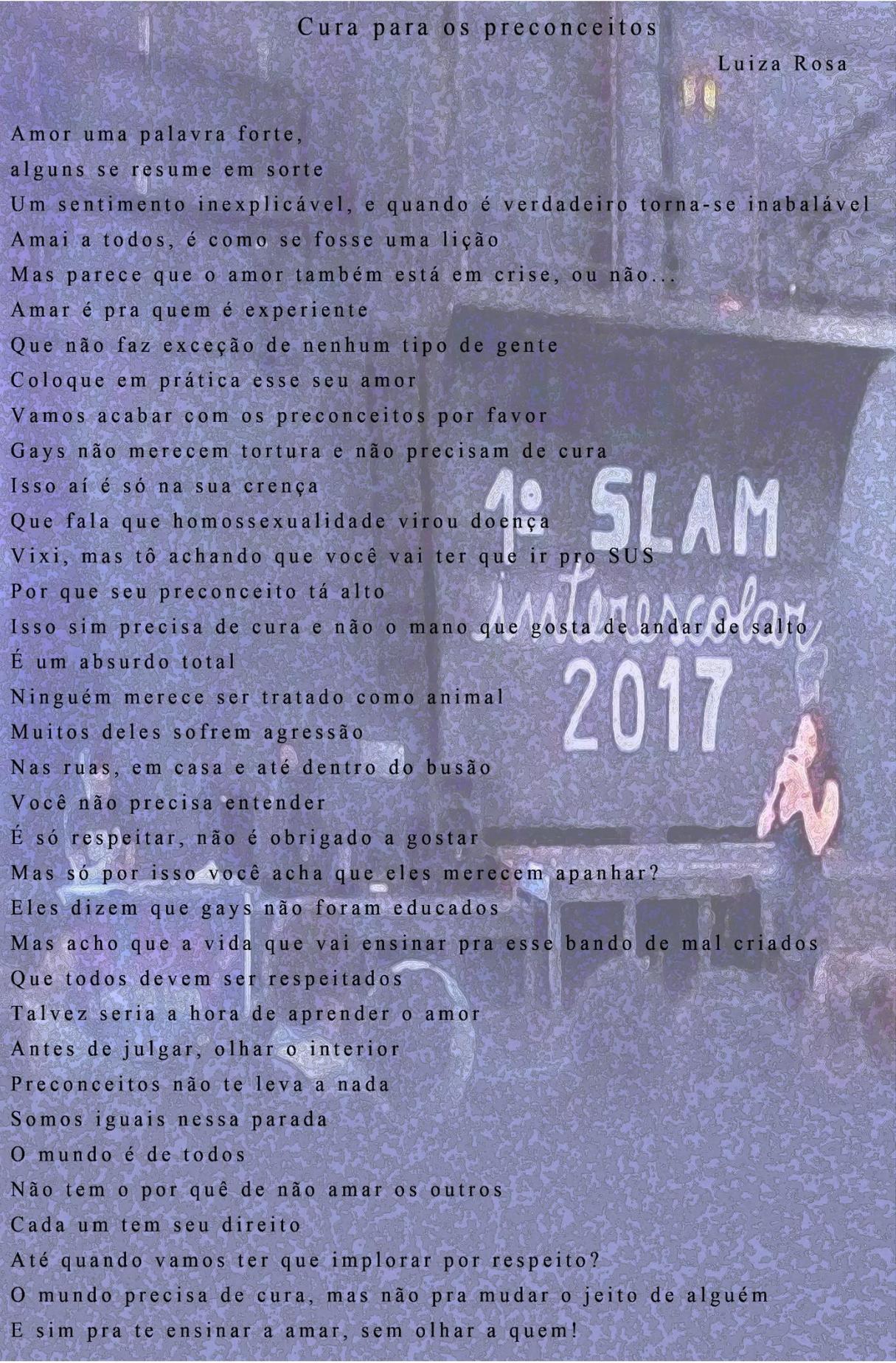
Arte e política têm a ver uma com a outra como formas de dissenso, operações de reconfiguração da experiência comum do sensível. Há uma estética da política no sentido de que os atos de subjetivação política redefinem o que é visível, o que se pode dizer dele e que sujeitos são capazes de fazê-lo. Há uma política da estética no sentido de que as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam capacidades novas, em ruptura com a antiga configuração do possível. Há, assim, uma política da arte que precede as políticas dos artistas, uma política da arte como recorte singular dos objetos da experiência comum, que funciona por si

mesma, independentemente dos desejos que os artistas possam ter de servir esta ou aquela causa (RANCIÈRE, 2012, p. 63).

Isso porque a arte é uma possibilidade de ruptura e reconstrução da experiência comum do sensível, uma vez que pelo regime estético das artes colocado por Rancière, os sujeitos podem relacionar-se e atribuir distintos sentidos e significados à arte, dependendo da forma como cada um se coloca frente às expressividades por meio de sua experiência sensível, ou seja, cada um sente, recebe e significa de uma forma os objetos e fatos a sua volta. Assim sendo, a arte interferiria diretamente no que o autor chama de partilha do sensível, que é organizada pela política e pela estética, interferindo também na potencialidade de reconfiguração das relações sociais, das identidades e do imaginário coletivo a partir da escuta daqueles que durante muito tempo não foram escutados (RANCIÈRE, 2012). No sentido de se fazer ouvida, Luiza tece versos questionando os preconceitos:

## Cura para os preconceitos

Luiza Rosa



Amor uma palavra forte,  
alguns se resume em sorte  
Um sentimento inexplicável, e quando é verdadeiro torna-se inabalável  
Amai a todos, é como se fosse uma lição  
Mas parece que o amor também está em crise, ou não...  
Amar é pra quem é experiente  
Que não faz exceção de nenhum tipo de gente  
Coloque em prática esse seu amor  
Vamos acabar com os preconceitos por favor  
Gays não merecem tortura e não precisam de cura  
Isso aí é só na sua crença  
Que fala que homossexualidade virou doença  
Vixi, mas tô achando que você vai ter que ir pro SUS  
Por que seu preconceito tá alto  
Isso sim precisa de cura e não o mano que gosta de andar de salto  
É um absurdo total  
Ninguém merece ser tratado como animal  
Muitos deles sofrem agressão  
Nas ruas, em casa e até dentro do ônibus  
Você não precisa entender  
É só respeitar, não é obrigado a gostar  
Mas só por isso você acha que eles merecem apanhar?  
Eles dizem que gays não foram educados  
Mas acho que a vida que vai ensinar pra esse bando de mal criados  
Que todos devem ser respeitados  
Talvez seria a hora de aprender o amor  
Antes de julgar, olhar o interior  
Preconceitos não te leva a nada  
Somos iguais nessa parada  
O mundo é de todos  
Não tem o por quê de não amar os outros  
Cada um tem seu direito  
Até quando vamos ter que implorar por respeito?  
O mundo precisa de cura, mas não pra mudar o jeito de alguém  
E sim pra te ensinar a amar, sem olhar a quem!

Na “cura para os preconceitos” Luiza aborda vivências de sujeitos Lgbts e toca em uma das questões mais preocupantes, as mortes e agressões que esses sujeitos sofrem cotidianamente. Sabe-se que o Brasil é o país que mais mata Lgbts no mundo e os tabus em torno da sexualidade ainda dificultam a aceitação social, apesar dos avanços dos últimos anos. A jovem também traz uma das polêmicas em torno da homossexualidade, as discussões em torno de um tratamento de cura gay, possibilidade que foi prontamente rebatida por parte da sociedade com um movimento homônimo ao título da poesia da jovem, “cura para os preconceitos”. Nos versos de indignação, saltam também os trechos que vão sugerindo novos jeitos de ver o diverso e o diferente, pela ótica do respeito.

Em meio a esses trânsitos, Luiza conta que começou a escrever em um caderno antigo, que herdou da avó: *“vai fazer quase um ano esse caderno, encontrei nas coisas da minha avó, uma relíquia... achei ele em branco, mas é super antigão, tem até umas folhas amarelas”*. A jovem conta que já são quase 30 poesias desde que iniciou o caderno, logo após participar do *slam*. Luiza escreve as ideias e os versos em uma folha normal e depois transcreve caprichosamente para as páginas amareladas do caderno que ornamentou com frases do poeta marginal e criador da Cooperiféria, Sérgio Vaz: *“a Cristine, que é vice-diretora meu deu um tanto de fotos com frases do Sérgio Vaz, aí eu coloquei essa na capa, foi a que mais me inspirou mesmo, aí eu enfeitei”*, inscrevendo sua identidade e seus pertencimentos de poeta naquelas folhas.

O engajamento com as poesias, habilidade que se desenrolou no seio do movimento cultural do *slam*, também angariou para a vida de Luiza perspectivas e sonhos futuros. Ela diz do desejo de fazer algum curso voltado para a área da linguagem, além de revelar a vontade de escrever e lançar um livro, ou até mesmo em ser uma delegada que escreve poesias e combate o machismo. Ainda sem pressa em definir o futuro, o que ficou claro é que Luiza quer ser poeta, antes de mais nada

*porque abriu tanto a minha mente pra tantos outros caminhos, até mesmo, vamos dizer, no profissional, porque eu posso pensar em, por exemplo, fazer faculdade de letras ou algo que envolve a escrita [...] porque antes eu ficava pensando, o que vou ser da minha vida... essa pressão de ter que escolher o que você quer ser é muito ruim... eu tava pensando em ser delegada, mas eu não sei ainda, mas eu pensei assim, será que delegada faz poesia? Se fizer eu vou! Eu não vou largar minha poesia, penso até em lançar um livro, o dia que eu terminar esse caderno todo aqui, eu vou fazer um livro.*

No intuito de aperfeiçoar suas poesias e seus conhecimentos a jovem conta que foi para a *internet* pesquisar mais sobre o *slam* e sobre outros poetas que frequentam a cena. Nesse sentido, percebe-se que Luiza foi se envolvendo em outras práticas e eventos de letramento, percorrendo rotas de desvelamento e compreensão dos usos e funcionamento da linguagem, especialmente a poética. A jovem conta que pesquisa sinônimos, palavras que rimam umas com as outras e que se aprofundou na compreensão da dinâmica das rimas fortes e fracas:

*as primeiras poesias que fiz era meio, como é que eu falo, tem as rimas fortes e as rimas fracas, tinha umas palavras mais comuns, mas aí com o tempo eu fui tipo ouvindo poesias de outras pessoas, eu fui vendo poesias na internet, eu conheci o slam resistência, conheci o slam clube da luta, o slam valores, comecei a seguir as páginas no facebook, em várias redes sociais, vi gente falando e nisso eu conheci palavras que podiam rimar com outras e isso foi me dando ideias e comecei... aí você vai melhorando com o tempo e eu quero melhorar cada vez mais pra poder completar esse caderno e espero ter que comprar outro, até ter uma coleção deles (risos).*

A partir de então a jovem foi se reconhecendo como poeta e internalizando as responsabilidades e possibilidades envolvidas na atuação do artista. Nesses trânsitos pela linguagem, assim como se viu tocada, transformada e mobilizada pelos versos poéticos, Luiza foi compreendendo uma das funções sociais da arte contemporânea, que é interpelar as hegemonias socioculturais e provocar elucubrações e ponderações que rompem as estruturas padrões.

*Foi um tempo mesmo pra falar eu sou poeta, no início eu achava que era besteira, mas aí eu comecei a levar a sério e falei assim eu posso investir nisso aqui, não foi só uma poesia que saiu de dentro de mim, das minhas ideias, isso aqui é uma arte que muda vida de pessoas. Então é um tempo até você se descobrir poeta e tem uma responsabilidade envolvida ali no que você tá falando... me considero poeta, eu mando um verso que rima com outro e mando uma mensagem legal.*

Para desenvolver suas habilidades de poeta, Luiza cita o *rap* como uma inspiração que juntamente com o *slam* vão influenciando e ajudando a criar poesias que mudam a vida das pessoas, fazem questionar, mostram outras paisagens de vida. Segundo ela, é no *rap* que tem referências de mulheres que se empoderaram por meio da música. Comparando as músicas do estilo musical com uma aula, a jovem reforça sua identificação com as expressões artísticas e estéticas marginais, onde figuram realidades e contingências outras:

*e nisso veio o slam, que faz a gente pensar também, questionar a cultura e o rap, pra mim uma letra de rap é uma aula e na maioria das vezes são caras que não estudou muito, mas que tem um conhecimento assim absurdo, chega e fala, o rap trata da realidade e eu gosto de arte que fala a verdade, que incomoda e é isso que eu quero, incomodar, questionar... se não for pra incomodar porque que eu tô aqui? Eu acho que Deus fez certinho, me colocou no Brasil e o Brasil é todo desigual, então eu quero incomodar.*

Ciente da importância da arte e de atividades culturais que envolvam a linguagem para o desenvolvimento de conhecimentos e o contato com outras temáticas, a jovem decidiu entrar para o grêmio estudantil da escola, ampliando ainda mais suas experiências languageiras. Dentro desse espaço a poeta conta que fazia intermediações entre o desejo dos/as alunos/as e a direção da instituição, assim como propunha atividades e dinâmicas culturais para adentrar a escola. Por outro lado, Luiza questiona a pouca representatividade do aluno na escola e conta que, na tentativa de ser escutada, se colocou como articuladora cultural no grêmio evidenciando esse espaço como uma importante possibilidade de participação juvenil e diálogo entre os atores educacionais.

*Eu tenho cara de ser do grêmio (risos), porque eu gosto muito dessas coisas que envolve... que dá voz pro aluno dentro da escola, porque o que mais a gente escuta dos alunos na escola é que a escola não deixa a gente participar de nada, a escola não escuta a gente, só a escola que manda e o grêmio tá aí pra isso, alunos que vão trabalhar junto com a escola e que representa a voz dos outros alunos, ou seja, se algum aluno que é meu amigo não participa do grêmio, mas se chegar pra mim e falar eu quero que tenho isso na escola, eu vou falar, vamo fazer isso? Aí a gente fala com a direção, a direção aprova e trazemos pra escola... então o grêmio é a voz do aluno na escola e como eu participei do slam, qualquer evento que for legal e que traz um ensino educativo pros alunos e ajuda a gente até mesmo nas matérias normais, então eu vou ajudar a trazer mesmo, como artista, tô atrás da arte.*

Nesse contexto, a jovem iniciou uma atuação diferente pela linguagem, aquela capaz de transformar e angariar reflexões e questionamentos em outras pessoas. Pelas palavras, a poeta busca um afeto político.

### **Ativista pelas palavras**

As vinculações com a linguagem e com a arte levaram Luiza a se tornar uma ativista pelas palavras, na medida em que se dedica a temáticas e a ações que carregam reflexão e

possibilidades de ruptura. Os temas que permeiam e singularizam sua percepção de mundo aparecem com muita força ao longo da narrativa por se tratarem de assuntos que permitiram a jovem transgredir e romper com que era posto como dominante pelas suas vivências socioculturais até então.

*Eu gosto mesmo de falar sobre feminismo, machismo, homofobia, racismo, esses assuntos de agora, porque todo mundo precisa ouvir, precisam me ouvir... Feminismo porquê? Porque eu acho muito desigual e eu tenho uma indignação com isso, porque não tem uma explicação pra mulher ser vista como inferior, não tem porque ganhar menos porque é mulher, não tem porque a mulher passar por isso... Mulher? Não pode sair depois das 6 porque é mulher, qual é a diferença? Temos que ter direitos iguais!*

Luiza classifica os movimentos de luta feminista, negra e Lgbt como assuntos de agora por tocarem em temáticas que apesar de figurarem na sociedade a algum tempo, somente nas últimas décadas vêm ganhando maior visibilidade a partir da ascensão de narrativas que se propõe a articular uma releitura da história, ressaltando modos de vida e demanda sociais antes deixadas de lado. A jovem também demonstra consciência em torno da origem cultural do machismo e propõe para isso o florescimento do feminismo, pois sabe que a erradicação do pensamento machista, embora muito difícil, não é a melhor saída para um ambiente democrático.

*Esse é um assunto que eu acho que todo mundo tem que ouvir pra poder aprender, porque a sociedade é machista... não tem essa de que o tempo é outro, porque não é outro não, isso é uma coisa que vai demorar séculos pra acabar, acho que nem se morrer todo mundo que é antigo acaba assim, porque sempre sobra um pra passar pra família dele, é cultural, passa de geração pra geração. Então tipo o feminismo tem que crescer.*

A jovem poeta atribui o avanço dos debates em torno dos movimentos feministas ao crescimento da consciência e representatividade de outras mulheres que agem e mudam a ordem social. Mulheres como ela que escrevem, declamam e fazem outras refletirem. Foi essa representatividade que veio colocando em pauta as questões das mulheres, as quais vêm ocupando o mercado de trabalho, as universidades, os cargos políticos e os cargos de chefia. Ou seja, as mulheres, cada vez mais, estão adentrando os espaços de poder:

*e ele (movimento feminista) só vai crescer se tiver mulheres como eu que fala através da poesia, se tiver mulher como minha mãe, que não desistiu de estudar mesmo depois de velha, se tiver mulher como você que é professora, se tiver*

*mulher como a Dilma que tava sendo presidenta de um país inteiro machista, eu acho que tem que falar mesmo porque tem muita mulher que acha que ela não é nada porque a sociedade falou e se eu chegar no slam e tiver mulheres assim e eu falar uma poesia feminista, elas vão ver que podem ser quem elas quiserem... então tem que ser falado, é essencial...*

Isso porque, as vivências de mulher negra são também tema muito forte nas poesias da jovem. Por meio dos versos ela vai refletindo acerca dos constrangimentos que a mulher negra passa na sociedade, as quais tem que lidar, dentre tantas outras questões, com a posição de comparação e inferiorização da estética negra em detrimento do padrão branco. Luiza também questiona a falta de representatividade negra nos telejornais, por exemplo, trazendo uma outra perspectiva de feminismo, o feminismo negro. Questões como essas aparecem na “poesia baseada em fatos reais”, obra em que Luiza escolheu retratar experiências a partir da ótica do questionamento e da ironização do racismo velado, da falsa representatividade que aparece na mídia e dos estereótipos ainda arraigados no social.

Poesia baseada em fatos reais

Luiza Rosa

Sobre uma frase que vem sendo dita  
Somos todos iguais  
Então por favor retire os seus comentários das redes sociais  
Cansei dos seus preconceitos raciais  
Essa juventude está precisando escutar racionais  
E a mídia precisa aprender a valorizar os marginais

Estou cansada das suas piadas sem graça  
De você me julgando só por causa da minha raça  
É incrível como está a sociedade nos dias atuais  
Onde eles acham que a quantidade de melanina é o que te define mais  
Chega de nos tratar como anormais  
É hipocrisia demais

Desculpa, mas eu não me encaixo na sua beleza padrão  
Não sou loira, não sou branca e não tenho corpão  
E isso não me faz ser menos que alguém  
Das suas zuações eu virei refém  
É simplesmente ridículo

Nas novelas homem negro é sempre pobre bandido  
Enquanto o branco é o rico  
O que todo mundo acha bonito  
E a preta é só a empregada ou talvez a dona de casa  
Então pare não venha me falar que não é racista

Cansei das suas mentiras  
Cansei de nunca poder falar nada  
De sempre ser a desempregada  
Cansei de ser a preta favelada  
E de toda essa lista  
Cansei principalmente do seu "eu não sou racista"

Diante de tão fortes versos, trago para o debate uma importante pensadora brasileira que nos últimos anos vem empreendendo relevantes contribuições para as teorias feministas. Djamilia Ribeiro (2018), autora de títulos como “*O que é lugar de fala?*” e “*Quem tem medo do feminismo negro?*”, vem abordando, de maneira extremamente didática, as questões envoltas no feminismo negro. A autora coloca que as mulheres negras, por estarem em último lugar na pirâmide de privilégios sociais vêm sendo invisibilizadas, assim como suas lutas, o que dificulta a inserção dessas mulheres nos espaços de poder e nos debates políticos (RIBEIRO, 2018).

Para que essas questões sociais avancem, Ribeiro (2018) discorre acerca do conceito de interseccionalidade para se pensar o conjunto de opressões que permeiam as estruturas sociais. Segundo a autora, pensar a partir dessa perspectiva, é compreender que não pode haver prioridade de uma opressão sobre as outras, uma vez que as lutas feministas, assim como as outras pautas que oprimem as mulheres, como o racismo e o patriarcalismo, devem andar lado a lado, no sentido de que ao atuarem juntas, podem angariar rupturas nas estruturas que mantêm todas essas desigualdades que atualmente assolam de maneira mais constrangedora as mulheres negras (RIBERO, 2018).

Por defender suas pautas por meio das palavras, a jovem Luiza começou a se destacar na escola, onde passou a ser conhecida como a “Luiza do *slam*”. Além das perspectivas identitárias, o movimento também angariou para a vida da jovem poeta oportunidades de mobilizar outros/as jovens a partir de suas palavras e, conseqüentemente, a se envolver em outras práticas e eventos de letramento. A poeta conta que as atividades culturais têm aumentado na escola, principalmente com sua atuação no grêmio estudantil. Além disso, o trabalho de Luiza com os versos é verdadeiramente reconhecido pela instituição, que a convida para participar e se apresentar em feiras literárias e eventos de incentivo à leitura.

Em uma dessas oportunidades Luiza foi convidada para ir a uma escola, da rede particular de ensino, para declamar seus versos para outros/as estudantes, de realidades distintas da sua. A jovem diz do sentimento de partilha que teve com a experiência, uma oportunidade de mobilizar e influenciar outras ações no mundo: “*Algum dia eles vão pensar, o que que é aquilo que aquela menina falou? O que é esse negócio de feminismo que ela falou? Aí por exemplo uma menina que tava lá vai e pesquisa depois e cresce com aquilo, conhecimento e tal.*”

Às vezes de mobilizadora cultural por intermédio da linguagem poética fizeram com que Luiza percebesse as palavras enquanto um artefato que poderia materializar o seu jeito de intervir positivamente na vida das pessoas. A jovem assumiu com vigor a função de gerar

questionamento e curiosidade, pensando os versos poéticos como o seu modo de fazer revolução:

*se eu falo essa poesia com 10 pessoas me ouvindo, 10 pessoas estão contagiadas pela minha poética (risos) e essas 10 pessoas ainda vão sair transmitindo por aí, porque vão ficar com isso na cabeça... Então eu sou revolucionária e vou continuar sendo, por isso mesmo eu coloquei aqui ó (aponta para a capa do caderno de poesias), na capa “revolucionário é todo aquele que quer mudar o mundo e tem coragem de começar por si mesmo”... Eu tô começando por mim mesma e meu começo é isso aqui ó (mostra o caderno de poesias).*

É interessante notar que as influências que foram formando a jovem fizeram com que ela se sentisse responsável por também mobilizar e angariar outras formas de pensar e agir para outros sujeitos: “*eu fico feliz de poder tá falando pras outras pessoas, de fazer parte dessa tal revolução que todo mundo quer fazer*”. Como a revolução também começa por nós mesmos, de acordo com a frase que inspira a estudante a seguir com os versos, foi também por meio da escrita que Luiza ganhou a oportunidade de expandir seus conhecimentos. Ela foi a ganhadora de um concurso na escola, realizado por alunos/as da UFMG. O prêmio foi um curso de Inglês no Cenex, o Centro de Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, instituição que oferece cursos de diversos idiomas e também aplica provas de proficiência em línguas, episódio que revela os caminhos da escrita como proporcionadores de oportunidades e experiências únicas.

Nesse cenário, no seio do movimento cultural do *slam*, Luiza revelou indícios de que foi aprendendo sobre outras possibilidades dos usos e de sentidos que as palavras podem adquirir quando a percebemos de forma mais viva, criativa e como um artefato que possibilita a conexão entre as pessoas e o conhecimento. Refletindo acerca da importância das palavras, a jovem diz da linguagem como potencial para que as experiências sejam faladas e escutadas. Isso permite pensar a linguagem em sua perspectiva de angariar mudanças, mobilizar outros pensamentos e ações no subjetivo que se refletem de alguma maneira no social. Luiza conta que

*antes eu não valorizava a linguagem como um meio de comunicação com os outros, esse negócio de chegar e falar pra todo mundo a minha ideia, a minha proposta, o meu jeito de pensar, minha opinião, porque quando se pensa em linguagem, tem dois lados, sempre alguém que vai concordar e alguém que vai discordar, mas a linguagem traz também o tal do debate e eu amo debater.*

A jovem poeta traz para narrativa as dicotomias que nascem das interações e relações sociais possibilitadas pela linguagem. Reconhecendo a necessidade e inevitabilidade da existência de opiniões diferentes, assim como colocado por Mouffe e Rancière para a conquista da democracia, Luiza vê no dissenso a oportunidade de conhecer outros modos de pensar a vida. Entretanto, a jovem revela indícios de preocupação com o avanço da extrema-direita no Brasil, o que considera uma ameaça às conquistas feministas, negras e Lgbts. Por outro lado, ainda que se encontre mais alinhada com as proposições colocadas pela esquerda política brasileira, lado em que se concentram grande parte daqueles inseridos nos movimentos e lutas sociais, Luiza compreende a necessidade do respeito, da mesma maneira que pede respeito por sua opinião ao declamar seus versos.

*então mesmo que seja uma opinião que eu não concorde eu tenho que ouvir e é isso que faz as coisas mudarem, é isso que faz o mundo girar, porque o mundo não é feito de uma opinião só e se fosse assim seria muito chato, não ia ter porque lutar, não ia ter porque fazer poesia marginal, então a linguagem é isso, a mistura de opiniões, é os debates que envolvem muitos assuntos, a linguagem tá na minha vida em todos os momentos e eu acho que através da linguagem eu vou formar muitas opiniões, porque eu quero muito ser uma influenciadora com a minha poesia.*

Assim, Luiza narra seus cenários e contextos languageiros, desde as leituras na igreja às letras de *rap*. Vai lidando com a linguagem pelos suportes eletrônicos. Diz que os livros e as linguagens figuradas são desafios que herdou da infância. Nos encontros da vida, com professores/as, movimentos sociais e culturais e a expressão poética, experimenta novos usos, reconhece as potencialidades e coloca em prática habilidades esquecidas na estante. Rima. Estuda as rimas fortes e as fracas. Busca em outras poesias inspirações para as suas. Descobre-se mulher preta e forte nos trânsitos e conflitos que as palavras provocam. Descobre-se ainda em descoberta. Na linguagem se constrói mulher política. Diz que vem para falar sua verdade. Ativista pelas palavras, espera reconfigurar uns e reconstruir outras perspectivas de vida, assim como foi consigo. Pelas palavras diz que está *“lutando por mim e por um tanto de gente que é igual a mim, eu sou as três coisas, mas tem muita gente que é negro, tem muita gente que é lésbica, tem gente que é mulher, não posso parar de lutar, eu tenho por quê e por quem lutar e meu jeito de lutar é através da poesia.”*

Na trama narrativa da jovem Luiza fomos nos aproximando de suas relações, curvas, rotas e itinerários pela linguagem, apreendendo suas paradas estratégicas, os encontros determinantes, as costuras com que foi se construindo e se sustentando no mundo pelas

palavras. Na caminhada, reconhecemos a individuação (MARTUCCELLI, 2006) de cada um como o percurso onde encontramos os processos socializadores. Os quais, localizados em um contexto, espaço e tempo específicos, se combinam e se imbricam para a formação dos indivíduos de forma única, particular e conflituosa. Percebemos como as experiências individuais vão mostrando as metamorfoses sociais, ao elucidar as rupturas, enquadrar os questionamentos, visibilizar outras formas de pensar. No narrar-se encontramos os constantes movimentos e diálogos que vão construindo e reconstruindo os multipertencimentos (VELHO, 2006) dos/as jovens, que envoltos em contradições não perdem a oportunidade de se aventurar em voos de pássaro migratório (PAIS, 2006) no interior das tramas socializadoras proporcionadas pelo sociocultural.

Diante disso, penso que o interessante de trabalhar com relatos e narrativas de sujeitos é ir percebendo as particularidades, os diferentes caminhos pelos quais se demoraram. Perceber que apesar de diferentes, de certa maneira, percorreram rotas que andaram lado a lado, na medida em que se conectaram com questões, inspirações e influências artísticas parecidas. Perceber que ainda que próximas, as experiências que tramam em meio aos processos de socialização e de letramento mostram-se únicas, singulares, particulares, ao mesmo tempo em que revelam os enredos do social nas experiências formativas com a linguagem de cada poeta (DUBET, 1994).

Nesse sentido, atentando para as inúmeras lógicas de ação que constituem a experiência social de cada um dos três poetas, seguimos as pistas cotidianas, as criações engendradas nas quebras e curvas criativas que cada um deles foi desenvolvendo em seu percurso formativo com as palavras. Percebendo as distâncias e aproximações estilísticas, identitárias e de experimentação dos recursos da linguagem poética. Percebendo as técnicas e habilidades mobilizadas na escrita. A expressividade identitária de cada um, o diálogo com a bagagem vivida que os constituem e que da mesma maneira constituem seus versos e posicionamentos diante da vida. Percebendo os engajamentos e estímulos que os moveram a pensar, propor e atuar em atividades e movimentos em que arte e linguagem se combinam para difundir narrativas que afetam e que possibilitam espaços de liberdade e sensibilidade para contar e escutar suas histórias com poder político e formativo.

## CONSIDERAÇÕES:

Terreno do temporário, distante de um fim, almejando porvires

Não há como escrever finais para travessias que estão em constante percurso, seguindo o trajeto da eterna incompletude que nos movimenta. Assim, penso que as considerações nunca se findam de modo que cada fim é um novo recomeço. Por isso, teço aqui considerações temporárias dentre as infinitas possíveis no interior desse espaço de tempo que foi o mestrar. Andando pelas letras, grafando palavras e interpretando os efeitos de sentido, retomo uma fala de Larrosa que delinea bem os desafios dessas linhas, quanto este diz que a linguagem não reflete o real, para além disso, tem a função de criá-lo. Ancorada neste artefato milenar que engendra as ações e tensões no social, permite as relações, enseja a criatividade artística, mantém os vínculos e nos lança ao outro, esta pesquisa buscou colocar em cena distintas e singulares experiências languageiras de três jovens poetas participantes do movimento literário cultural *slam interescolar*.

No intuito de compreender como os/as jovens poetas participantes dessa cultura literária utilizam e significam sua relação com a linguagem partindo de suas narrativas e poesias, me aproximando de suas práticas e eventos de letramento. Nesse sentido, fui percebendo as relações e processos em que esses/as poetas se formaram, os momentos marcantes com as palavras e as ressonâncias que o movimento cultural angariou em suas vidas. No interior das narrativas, notei indícios de que os encontros e as dinâmicas socializadoras em diversos espaços e instituições foram trazendo distintas experiências e processos formativos de letramento. Processos esses que permitiram aos jovens pesquisados colocarem-se como autores de sua própria história ao ressignificarem os usos e sentidos da linguagem, já que foram conhecendo outras visões de mundo, reconhecendo a si mesmos, guiando conflitos, resistindo às adversidades, gestando modos de representação, aperfeiçoando técnicas de escrita, articulando versos políticos e mobilizando ações por meio da poesia.

Nesse cenário, notamos que os movimentos culturais como o *slam interescolar* confirmaram-se enquanto ambientes em que a juventude cria suas formas de sociabilidade por meio da partilha e da expressividade artística e onde o artifício da linguagem atua como um meio de *transformação* e movimento. Diante disso, as experiências languageiras de Luiza, Ivan e Karol demonstram que os processos de aprendizagem, letramento e formação acontecem de maneira mais significativa quando se aproximam da realidade, trazendo a linguagem como o lugar da liberdade, da fala, da escuta, do diálogo e da criatividade.

As colocações de Bakhtin apoiaram as reflexões, já que ao longo do trajeto compreendemos a linguagem como algo intrínseco à vida e vinculado as nossas experiências culturais. Nesse sentido, tanto as narrativas, quanto as poesias dos/as jovens poetas indicaram pertencimentos identitários e práticas de letramento que ofereceram *insights* sobre a organização humana, sobre os processos sociais e sobre as práticas educacionais, que se encontram cada vez mais interpeladas, questionadas e alteradas pelas diferenças culturais que permeia as sociedades contemporâneas. Assim, nos trilhos dos letramentos e no seio do movimento cultural, os jovens compartilham vivências, estabelecem vínculos, detalham seus processos formativos, mobilizam conhecimentos e ações, definem momentos que marcaram, declamam seus versos na intenção de levar outro alguém a reflexão, reconhecendo-se como sujeitos articuladores, sensibilizadores e provocadores de subjetivas liberdades e autonomias.

Além disso, apreendemos indícios de que os processos, as práticas e os eventos de letramento que permeiam a vida dos/as jovens poetas pesquisados acontecem cotidianamente nos encontros e relações que estes estabelecem na teia social. Nesse ínterim, reparamos o processo da escrita como algo envolto em contradições e diversidades, que estão presentes na *individuação* e na *lógica subjetiva* de cada um. A análise revelou como as experiências e vivências cotidianas com a linguagem aconteceram de maneiras dissonantes nas relações com as diferentes instituições com que Karol, Ivan e Luíza estabeleceram encontros ao longo de seus percursos formativos pela linguagem e os diferentes usos que fazem das palavras. Ivan traz uma relação muito alinhada com suas experiências religiosas, com o *rap* e a rádio, Luiza descobriu pela linguagem literária sua identidade enquanto poeta, mulher e negra. Karol teve uma trajetória escolar mais próxima da leitura e da escrita e desde a infância foi estimulada a ler, elaborando pelos versos um interessante ativismo poético.

Um dos relevantes achados da pesquisa foi perceber como se dão os processos formativos pela linguagem. Exploramos esses processos formativos imbricados na relação entre arte e juventude, cultura e letramento, mostrando como os movimentos culturais podem expandir, intensificar e avivar as expressividades e atuações da juventude. Por isso, seguimos o percurso de Luiza, Karol e Ivan buscando perceber quais as pedagogias eles já tinham em sua bagagem, entrelaçando-as com as pedagogias formativas que eles adquiriram, tais como a pedagogia da escuta, a pedagogia da sensibilidade, de sentir e aprender com o outro na patilha do sensível, pedagogias estas que figuraram com unanimidade nas narrativas dos/as três jovens poetas.

Apesar de não homogêneas, as trajetórias oscilaram em um percurso com rotas que ora se aproximavam, ora se cruzavam, ora se afastavam. A família mostrou-se como uma instância

determinante para as primeiras relações com as palavras, principalmente nas narrativas de Ivan e Karol. Ambos trazem uma memória afetiva muito forte do ambiente familiar quando narram as experiências iniciais e contam da influência, incentivo e exemplo dos pais. Na fala de Karol, isso aparece relacionado ao gosto pela leitura e a aprendizagem das letras pelas imagens, e com o pai fazendo leituras para ela antes mesmo da jovem nascer. Ivan traz a relação com a rádio atrelado ao costume do pai de pregar a linguagem religiosa. Com Luiza, por outro lado, a família não aparece tanto como agenciadora de experiências significativas com a linguagem, fazendo com que a jovem iniciasse um contato mais profundo com as palavras no movimento cultural do *slam*. Ivan e Luiza também dizem da instituição religiosa em seu processo formativo como um lugar de práticas e eventos de letramento, como a leitura da bíblia. Na narrativa de Ivan esse aspecto aparece com mais intensidade, na medida em que através da igreja o jovem amplia suas experiências com a linguagem ao começar a participar da rádio da instituição e a fazer pregações por meio das rimas.

Nas três narrativas a música aparece em consonância. O estilo musical *rap* surge como uma linguagem artística que vai formando o senso crítico de todos eles, que dizem do *rap* como algo que aborda a realidade e as vivências das minorias. Outro ponto em comum é o entrelaçamento dos três jovens com as mídias. Ivan se destaca por participar da rádio e desenvolver suas habilidades comunicacionais, além de compartilhar seus versos nas redes sociais. Karol entende as mídias como espaço de conhecimento de outras culturas e cita o celular como um dispositivo onde escreve seus versos. Luiza, se relaciona com as tecnologias bem antes dos livros, espaço onde faz leituras e amplia sua criticidade.

Convém também destacar que a vivência da linguagem no espaço escolar é algo que aparece nas três narrativas, de maneira bastante diversa. Karol conta de experiências positivas com práticas e eventos de leitura e escrita nas escolas em que frequentou. Lembra de concursos e detalha atividades em que desenvolveu suas habilidades com as palavras. Ivan, por sua vez, diz não se lembrar de atividades de escrita na escola antes do *slam*, citando a ação de copiar como algo desestimulante e sem sentido, o que vai mudar quando o *slam* adentra a escola. Luiza revela indícios de que as atividades de escrita e leitura na escola ficaram mais interessantes depois da passagem do movimento cultural pela instituição escolar. O que antes não chamava tanto a atenção da jovem, passou a saltar olhos quando a linguagem veio livre das amarras canônicas, revelando Luiza como articuladora de atividades culturais na escola por meio do grêmio estudantil. Além disso, todos eles dizem ter sido influenciados positivamente por professores/as no caminhar pela linguagem.

Notamos que ainda que a escola revele indícios de uma abordagem da linguagem com pouca vida, ela abre as portas para atividades como o *slam*, oportunizando que a linguagem seja trabalhada de outras maneiras nesse ambiente. Nas falas de Ivan e Luiza a escola aparece como um lugar onde o aluno possui poucos lugares de fala, demonstrando que as decisões nesses espaços não são tomadas da maneira mais democrática. Entretanto, quando a linguagem apareceu atrelada às atividades que envolveram a arte e a cultura, as potencialidades de desenvolvimento, mobilização e articulação dos sujeitos no mundo foram ampliadas. Nesse sentido, notamos como os movimentos culturais podem expandir as relações entre juventude, arte, linguagem e escola e como isso acaba motivando a escola a expandir as atividades culturais nesse espaço.

Foi perceptível também que quando letramento e juventude se encontram, a escrita não aparece apenas em seu modo tradicional, mas vem acompanhada do ritmo, da musicalidade, da performance, da relação com as novas tecnologias e instituições. Isto posto, se não ouvirmos os/as jovens sobre suas experiências com a linguagem e sobre como percebem seus usos e funcionalidades em sua realidade, a abordagem escolar da linguagem demorará para alcançar a maneira viva e dinâmica com que os/as jovens se relacionam com as palavras nas vivências fora do ambiente escolar, como nos coletivos, nos movimentos, na família, nas ruas.

Diante dessas reflexões, percebemos que as histórias desses/as jovens nos dão pistas importantes para que possamos pensar uma escola capaz de transformar uma abordagem pálida da linguagem, aproximando arte, cultura, letramento e criatividade, trazendo uma abordagem mais vívida deste artefato milenar. A partir destas linhas pretendo dar visibilidade aos processos e práticas de letramento que abarquem e valorizem os/as jovens como sujeitos de saberes, culturas e de direitos. Estas reflexões também podem vir a contribuir para a realização de práticas mais contextualizadas e articuladas com as distintas realidades cotidianas, no sentido de que as falas juvenis sobre o olhar que lançam para a linguagem, mostram que são atravessados, afetados e reconfigurados quando na linguagem criativa.

Isso porque o processo da escrita se realiza de forma distinta em cada um deles: Ivan começa inspirado pelas rimas do *rap*, perdendo interesse quando adentra o ensino fundamental e se reconectando com a prática quando conhece o *slam*. Karol começa a escrever nas beiradas do caderno e vai expandindo e desenvolvendo sua habilidade escrita em meio as atividades escolares e leituras de livros literários escritos por mulheres. No interior do movimento cultural transborda seus versos de um intenso ativismo poético. Luiza se abre para a escrita quando conhece o *slam*, espaço onde além disso, descobre também outras perspectivas e pertencimentos identitários de mulher e negra. Os jovens também se colocam como articuladores e

mobilizadores pela linguagem. Ivan procura pregar a palavra bíblica e influenciar boas ações, Karol diz almejar o empoderamento das mulheres a partir de seus versos feministas, Luiza representa causas e mobiliza outros jovens a partir das palavras. Nesse sentido, a poesia marginal figura enquanto experiência estética que carrega consigo aprendizagens, por se tratar de uma expressão cultural e uma forma de produção de conhecimentos, experienciada e vivida no interior das práticas culturais proporcionadas pela cultura do *slam*.

É comum na narrativa dos três jovens a compreensão da linguagem como um artifício que mobiliza mudanças e amplia as possibilidades de aprendizagem e onde também constroem, desconstroem e reconstróem seus pertencimentos identitários a partir de suas vivências com a linguagem poética. No seio do movimento, o jovem Ivan confirmou sua facilidade em rimar, questionou a abordagem da linguagem na escola e partiu em busca de mais conhecimentos sobre o funcionamento do recurso das rimas, ampliando suas perspectivas de futuro na área comunicativa. Luiza descobriu os versos e se descobriu nos movimentos sociais e culturais, onde revisitou com um olhar mais crítico as violências contra a mulher. Em Luiza há também o reconhecimento de si, os conflitos com a sexualidade e a mobilização do outro pela arte literária. Karol, por sua vez, usa dos versos para enfrentar e colocar para fora as adversidades que a levaram a escrever, empoderando outras mulheres a refletirem sobre suas vivências.

Sendo assim, espaços de fala e escuta ancorados na arte se tornam espaços de resistência para as juventudes ligadas as minorias, configurando-se como importantes lugares de formação a partir de uma outra perspectiva de mundo, mais próxima das demandas dos sujeitos. Desassossegados por projetos como o “escola sem partido”, os/as jovens mostram rupturas dentro das próprias escolas, demonstrando e reafirmando a necessidade de espaços em que eles possam dizer dos aspectos que permeiam a vida, reivindicando espaços de construção de uma consciência crítica e social. Diante disso, outro importante achado da pesquisa foi perceber como a cultura politiza os sujeitos, como a arte envolve esses sujeitos e como isso é importante, uma vez que o lugar da arte e da educação são lugares de fala, de pedagogia, de formação para esses sujeitos, onde pensam até mesmo sobre as violências que sofrem as juventudes.

Desse modo, a partir dos saberes cotidianos que permeiam as poesias declamadas no espaço do *slam*, e dado seu caráter formativo, pretendo que essas linhas contribuam para o campo educativo, na medida em que alarguem as possibilidades de abordagem da linguagem na escola. É indispensável que esse espaço de formação busque outras maneiras de pensar o mundo, de mediar e motivar o conhecimento, primando também pela valorização dos saberes com que os alunos nos chegam e articulação desses saberes com tantos outros, em um entrelaçamento entre os saberes cotidianos e sua dimensão libertadora, no intuito de que os

jovens saiam desse espaço como sujeitos críticos, mais colaborativos, sensíveis às diferenças e atuantes rumo a evolução sociocultural.

Nas andanças em meio a tempos, espaços e vivências com a linguagem percebemos, na dimensão da individuação, como é que a sociedade produz os sujeitos e como os sujeitos se produzem na sociedade, nas roturas e entrelaçamentos onde vão (re)construindo e tramando sua subjetividade nas rotas do social. No caminho encontramos espaços de resistência, onde a arte literária atua na ruptura à ordem dominante do mundo, vislumbrando lugares socioculturais em que além de perceber e sentir a vida, os/as jovens possam refletir, problematizar e pensar pela linguagem sobre os aspectos e conflitos e sobre os usos que fazemos desta, percebendo de quais formas ela nos afeta e mobiliza *transformações*.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N° 6.
- ALMEIDA, Elmir de. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In: SPOSITO, Marília (Org.). **O estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social** (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. v. 1, 274 p.; v. 2, 262 p.
- ARIAS, Alejandro Reyes. **Vozes dos Porões: A Literatura Periférica do Brasil**. Tese (Doutorado em Filosofia e Línguas e Literaturas Hispânicas). University of California, Berkeley, 2011.
- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- ARROYO, Miguel. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.
- ARROYO, Miguel G. Repensar o ensino médio: por quê? In: DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, C. (Orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ASSIS, Mariana Santos de. **A poesia das ruas, nas ruas e estantes: eventos de letramentos e multiletramentos nos saraus literários da periferia de São Paulo**. 2012. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª Edição – 2006 – HUCITEC.
- BARBOSA; Gabriela dos Santos. **A poética de cordel como artefato de aquisição de letramento – na voz, no corpo/performance – contextos de oralidade no município de Uauá/Ba**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado da Bahia. Juazeiro.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Cambridge/USA: Blackwell, 1994.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral. Vol. I**. Campinas: Pontes, 1989.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BOGDAN, Roberto, C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora, 1994.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para sair e entrar na modernidade**. 4. ed. – São Paulo: Editora da USP, 2015.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre. Azul, 2004, p. 169-191.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. **A Linguagem Escravizada: Língua, História e Poder**. REA, ano 2, n<sup>o</sup> 22, março 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Ana A. Alcantara; SARDENBERG, Cecília M. Bacellar. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana A. Alcantara; SARDENBERG, Cecília M. Bacellar. (orgs) **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas**. Salvador: UFBA, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@1 - Número 2*, 2012. Disponível em <<http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>> Acesso em 13/01/2018.

\_\_\_\_\_. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro 2007.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. 1. Ed. – São Paulo: Perspectiva, 2014.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J. (Orgs). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em belo horizonte. Faculdade de Educação. USP. **(Tese de Doutorado)**. 2001.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set /Out /Nov /Dez 2003 N<sup>o</sup> 24.

DELORY-MOMBERGER, CHRISTINE. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**. v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. A socialização e a formação escolar. **Lua Nova** n<sup>o</sup> 40/41. 1997.

\_\_\_\_\_. En la escuela. sociología de la experiencia escolar. **Editorial Losada**, S.A. Buenos Aires, 1997.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FILHO, Luciano Mendes de Faria. Representações da escola e do alfabetismo no século XIX. In: GALVÃO, A. M.O.; BATISTA, A. A. G.; (Orgs). **Leitura: práticas, impressos e letramentos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 151- 174.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Joice Elias Costa. – 3<sup>a</sup> ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. Ed. Especial. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. et al. **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

GALVÃO, Ana Maria de O. Leitura: algo que se transmite entre gerações? In: RIBEIRO, Vera Masagão (org). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001**. - São Paulo: Global, 2003.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte. Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, S.P: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

KLEIMAN, Angela. Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Linguagem e letramento em foco (Linguagem nas séries iniciais). Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010. Ministério da educação.

KRAWCZYK, Nora. Uma roda de conversa sobre os desafios do Ensino Médio. In: DAYRELL, J; CARRANO, P; MAIA, C. (Orgs). **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre narrativa e identidade. In: Abrahão, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MARTINS, Carlos Henrique dos S; CARRANO, Paulo Cesar R. **A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar**. Educação, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

MARTUCCELLI, Danilo. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Persona y Sociedad / Universidad Alberto Hurtado**. Vol. XXIV / N° 3 / 2010 / 9-29.

\_\_\_\_\_. **Leciones de sociologia del individuo**. Transcrição do curso realizado na Pontificia Universidad Católica del Peru em setembro de 2006.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N° 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N° 6.

\_\_\_\_\_. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MOUFFE, Chantal. Artistic Activism and Agonistic Spaces. **ART&RESEARCH: A Journal of Ideas, Contexts and Methods**. Volume 1. No. 2. Summer 2007a.

\_\_\_\_\_. **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Museu d'Art Contemporani de Barcelona. Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona: Bellaterra, Spain. 2007b.

\_\_\_\_\_. **The Return of the Political**. Verso, 1993.

NEVES, C. A. B. **Slams - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.

NONATO, Poliana Symaira; ALMEIDA, Jorddana Rocha de.; FARIA, Ivan; GEBBER, Saulo; DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia das juventudes. In: DAYRELL, Juarez (Org). **Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. IN: **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. ALMEIDA, Maria Isabel M. de; EUGENIO, Fernanda. (orgs.) - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

NOVAES, Regina C. Reyes; CARA, Daniel T.; SILVA, Danilo M. da; PAPA, Fernanda de C. (orgs) - São Paulo: **Conselho Nacional de Juventude**; Fundação Friedrich Ebert, 2006.

PAHL, K.; ROWSELL, J. 2005. (Ed.). Literacy and education: Understanding the New Literacy Studies in the classroom. London: Paul Chapman Publishing. In: TERRA, Márcia R. **Letramento & letramentos: uma perspectiva sócio-cultural dos usos da escrita**. D.E.L.T.A., 29:1, 2013.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1. °, 2. °), 139-165.

\_\_\_\_\_. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Orgs). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., - 2006.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da vida quotidiana: teorias, métodos e estudos de caso**. 5ª ed. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2009.

PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C. de; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.

PAIS, José Machado; SOUZA, Marcela F. da Paz de. Cotidiano, cultura e juventude: olhares intercruzados. Entrevista com José Machado Pais. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016, p. 219-235.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila Boldrini - São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Trad. de Celina Olga de Souza - São Paulo: Editora 34, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível**. São Paulo: Editora 34, 2009.

\_\_\_\_\_. **O espectador emancipado**. Trad. Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

REIS, Juliana B. dos; JESUS, Rodrigo E. de. Culturas juvenis e tecnologias. IN: CORREA, Lícínia M.; ALVES, Maria Z.; MAIA, Carla, Linhares. (orgs). **Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2014.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROJO, Roxane. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. (Orgs). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1 ed. – São Paulo: Parábola, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 34ed. São Paulo: Cultriz, 2012.

SEPÚLVEDA, Lucas Oliveira. **A PALAVRA É SUA!** Os Jovens e os Saraus Marginais em Belo Horizonte. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2017.

SETTON, Maria da Graça J; SPOSITO, Marília Pontes. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martuccelli. **Educ. Pesqui.** vol.39 no.1 São Paulo jan./mar. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. E. ed.; 9. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. Ed – Belo Horizonte: autêntica editora, 2017.

\_\_\_\_\_. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. IN: **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez, 2002.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência**: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2000 N° 13.

\_\_\_\_\_. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, J. (Orgs). **Múltiplos olhares sobre Educação e Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

\_\_\_\_\_. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.36, n. especial, p. 095-106, 2010.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth. (Orgs). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. Ed. São Paulo: Contexto, 2017.

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. 1. Ed – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Filol. linguíst. port., n. 8, p. 465-488, 2006.

STREET, Brian.; CASTANHEIRA, Maria. Lúcia. Práticas e eventos de letramento. **Glossário Ceale**. Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/praticas-e-eventos-de-letramento>> Acesso em 21/06;18.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade. IN: **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. ALMEIDA, Maria Isabel M. de; EUGENIO, Fernanda. (orgs.) - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VIANA, Lidiane. **Poetry slam na escola**: embate de vozes entre tradição e resistência. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Assis.

VIEIRA, Aline Deyques. **O clarim dos marginalizados**: temas sobre a literatura marginal/periférica. 1 ed. Curitiba: Appris, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: RJ, Vozes, 2011

\_\_\_\_\_. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. Editora Hucitec. São Paulo. 1997.

\_\_\_\_\_. **Performance, recepção, leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.